

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

CONSTRUINDO UMA NOVA PATERNIDADE ?

As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife-PE.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco para a obtenção do grau de mestre, sob orientação do Prof. Dr. Russell Parry Scott.

Marion Teodósio de Quadros

-1996-

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Russell Parry Scott cuja orientação foi imprescindível para a realização desta dissertação. Suas críticas minuciosas e suas análises sugestivas estiveram sempre presentes e foram essenciais para aprofundamento das questões que envolveram todas as etapas deste trabalho.

À professora Salete Cavalcanti cujas sugestões contribuíram de maneira fundamental para a elaboração do projeto de dissertação. Seu interesse e apoio constantes, extensivos a todos os seus alunos, somavam para elevação do nível de qualidade dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos. As questões levantadas na disciplina Seminários de Dissertação me acompanharam durante todo o percurso de feitura desta tese.

À professora Gisélia Franco Potengy que proporcionou a continuidade da minha trajetória acadêmica enquanto bolsista da pesquisa coordenada por ela neste mestrado e cujo incentivo dado ao ingresso nesta pós-graduação foi decisivo para a minha preparação para o exame de seleção. Também foram valiosas para a elaboração dessa dissertação as discussões que travamos na disciplina que ela organizou sob o título "Antropologia Política: Feminismo".

Ao corpo docente da pós graduação em Antropologia, especialmente aos professores Roberto Motta e Danielle Rocha Pitta, pela contribuição efetiva ao desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação em Antropologia.

Aos professores Antônio Roazzi e Judith Hoffnagel pelas sugestões dadas na banca de leitura desta dissertação.

Aos professores Brigitte Foursastié, Philippe Joron e Conceição Lafayette pelas sugestões dadas na elaboração do projeto de dissertação.

A Bete, Regina, Dora, Sóstenes e todos os funcionários de administração e serviços que organizam a infra-estrutura necessária ao andamento deste mestrado.

A Poliana, Ângela e Cecília da Oficina de Letras, pela presteza e competência nas transcrições das entrevistas.

Ao professor Davi (Departamento de Engenharia Mecânica) pela colaboração na fase de impressão.

A Moab Acioli, Clélia Moreira, Roberta Campos e Lúcia Baracho, que compreenderam meu afastamento temporário da pesquisa que estávamos desenvolvendo para a dedicação exclusiva à elaboração da primeira versão desta dissertação.

Ao grupo de estudos sobre Gênero que proporcionou um aprofundamento na temática através de discussões riquíssimas posto que permeadas pelas temáticas das pesquisas que estavam sendo desenvolvidas pelas suas integrantes.

Aos meus contemporâneos do Mestrado em Antropologia, companheiros de tantas dúvidas e descobertas, especialmente a Jô, Beta Assis, Fátima, Rosalira, Andréa Zazar, Fernando Amorim, Grázia Cardoso, Kátia Araújo, Zuleica Dantas, Adriano Campelo.

A Lady Selma que, além de partilhar de dúvidas e descobertas no Mestrado, foi colega de pesquisa, parceira na redação de trabalho e vem acompanhando de perto a redação final desta dissertação com uma constante disponibilidade e críticas construtivas.

A Odete Vasconcelos, amiga de todas as horas, pela solidariedade, disponibilidade, críticas e ajuda substancial na fase final de redação da primeira versão.

Ao amigo Erlyck do Egito, pela disponibilidade e ajuda em vários momentos da pesquisa, inclusive pelo uso de seu computador na fase inicial.

A Bizeh, Júnior, Cornélia, Fernando, Liana Bastos, amigos que compartilharam dessa etapa de minha vida e me incentivaram com seu carinho e sinceridade.

Aos meus irmãos, Eduardo, Naíde e Isabel; a vovó Bernadete, tia Helga, Dani, Zé Geraldo que ficaram ainda mais privados de minha companhia.

A Éverton do Egito, pelas horas extras de trabalho, pela responsabilidade quase total com o trabalho doméstico na fase final de elaboração desta dissertação, pelo incentivo e apoio.

Ao meu pai Ney, de alguma forma presente nos momentos mais importantes, cuja ajuda na computação e discussão na fase de redação contribuíram para a elaboração desta dissertação.

À minha mãe Marta e minha avó Naíde pelo apoio total que têm me dado ao longo de minha vida profissional, sem o qual não seria possível a conclusão deste mestrado.

Em memória, aos meus avós Bianor Teodósio e Napoleão Quadros cujas lembranças e ensinamentos são fundamentais para a minha caminhada.

À escola em que realizei parte substancial do trabalho de campo, especialmente as professoras que realizaram a distribuição e recolhimento dos questionários, pela presteza e consideração com que todos me recebiam.

Aos pais e mães da escola, especialmente aos informantes, que me permitiram conhecer um pouco suas vidas e aprender com as suas experiências. Sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

Aos pais que realizaram os pré-testes.

Este trabalho contou com o apoio da CAPES que me concedeu uma bolsa de mestrado no período de março de 1992 a agosto de 1994.

Morgana fala...

"O mundo das fadas afasta-se cada vez mais daquele em que Cristo predomina. Nada tenho contra o Cristo, apenas contra os seus sacerdotes, que chamam a grande Deusa de Demônio e negam o seu poder no mundo. Alegam que, no máximo, esse seu poder foi de Satã. Ou vestem-na com o manto azul da Senhora de Nazaré - que realmente foi poderosa, ao seu modo - que, dizem, foi sempre virgem. Mas como pode uma virgem saber das mágoas e labutas da humanidade?... Por isso, contarei esta história.

Um dia os padres a contarão, tal como a conhecem. Talvez entre as duas se possa perceber alguns lampejos da verdade. O que os sacerdotes não sabem, com o seu Deus único e a sua verdade única, é que não existe história totalmente verdadeira. A verdade tem muitas faces e assemelha-se à velha estrada que conduz a Avalon: o lugar para onde o

caminho nos levará depende da nossa própria vontade e de nossos pensamentos..."

*Marion Zimmer Bradley
As Brumas de Avalon*

SUMÁRIO

	Pág.:
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE FIGURAS	
RESUMO	
INTRODUÇÃO.....	1
CAP. I - GÊNERO, PRÁTICAS COTIDIANAS E PROJETOS.....	15
CAP. II - METODOLOGIA.....	28
ESCOLHA METODOLÓGICA.....	28
CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	31
A OPERACIONALIZAÇÃO DOS DADOS.....	36
INSTRUMENTOS, TÉCNICAS E PROCESSO DE COLETA DE DADOS.....	39
ANÁLISE DOS DADOS.....	47
CAP. III - INICIANDO A BIOGRAFIA.....	50
CONTEXTUALIZANDO A AMOSTRA.....	51
PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL DA FAMÍLIA DE ORIGEM.....	56
COTIDIANO NA FAMÍLIA DE ORIGEM.....	61
CAP. IV - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E VIDA AFETIVA.....	82
VIDA PROFISSIONAL, NAMORO, CASAMENTO E FILHOS.....	83

SEPARAÇÃO E FIDELIDADE.....	95
CAP. V - O COTIDIANO NA FAMÍLIA DE PROcriAÇÃO.....	106
AQUISIÇÃO DE RENDA E ATRIBUIÇÕES COM AS DESPESAS.....	107
ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE CRIAÇÃO DOS FILHOS.....	117
ORIENTAÇÃO, ESCOLHA E EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES.....	136
CAP. VI - GÊNERO, PATERNIDADE E MATERNIDADE.....	146
GÊNERO NO COTIDIANO.....	147
PATERNIDADE E MATERNIDADE NA FAMÍLIA DE PROcriAÇÃO.....	158
REPRODUÇÃO SOCIAL E NOVA PATERNIDADE.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	183
ANEXOS.....	196
ANEXO 1: QUESTIONÁRIO	
ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA	

LISTA DE TABELAS

	Pág.:
TABELA 1: Profissão de 60 pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.....	33
TABELA 2: Situação residencial de 26 pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, quanto ao número de parentes coabitantes.....	51
TABELA 3: Número de filhos por casal residente na mesma unidade doméstica, em um grupo de 25 casais que têm filhos em uma escola alternativa do Recife..	52
TABELA 4: Faixa etária de pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.....	53
TABELA 5: Características da amostra de pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, em relação ao grau de instrução.....	53
TABELA 6: Características da amostra de pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, em relação a renda mensal.....	54
TABELA 7: Arranjo residencial dos pais entrevistados quanto ao parentesco de pessoas residentes.....	54
TABELA 8: Prole das famílias de origem de oito pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.....	59
TABELA 9: Profissão paterna nas famílias de origem de pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.....	60
TABELA 10: Motivação para o casamento e nascimento do primeiro filho de pais de alunos de uma escola alternativa de Recife, PE.....	86
TABELA 11: Nível de escolaridade e profissão de pais de alunos de uma escola	

alternativa do Recife, PE.....	88
TABELA 12: Existência ou não de planejamento familiar e motivos que levaram ao nascimento do primogênito de casais, pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.....	90
TABELA 13: Tempo gasto fora do lar pelos casais, pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, e faixa salarial recebida para o exercício de trabalho profissional.....	112
TABELA 14: Distribuição (média) da população de pais, mães e empregadas de famílias dos alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, segundo a frequência na orientação e execução das atividades domésticas (cozinhar, arrumar a casa e lavar a roupa).....	137
TABELA 15: Distribuição (média) da população de pais, mães e empregadas de famílias dos alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, segundo a frequência na orientação (vestuário, alimentação e estudo) e execução (dar banho, trocar a roupa, preparar as refeições, transportar para a escola, lazer, colocar para dormir) das atividades relacionada à criação dos filhos....	139

LISTA DE FIGURAS

	Pág.:
FIGURA 1 : Tempo gasto fora de casa pelo pai para o exercício de trabalho remunerado	108
FIGURA 2:Tempo gasto fora de casa pela mãe para o exercício de trabalho remunerado	108
FIGURA 3: Distribuição (%) das responsabilidades no lar, entre marido, esposa, marido e/ou esposa e outros, quanto ao ônus (o) e execução (e) das tarefas de pagamento, segundo o tipo de despesa (aluguel ou prestação do imóvel, escola, contas de água e luz).....	110
FIGURA 4: Distribuição (%) das responsabilidades no lar, entre marido, esposa, marido e/ou esposa e outros, quanto ao ônus (o) e execução (e) das tarefas de compra, segundo o tipo de despesa (utensílios, roupas de cama, mesa e banho, vestuário das crianças).....	111
FIGURA 5: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício de atividades domésticas (cozinhar, orientar o que cozinhar, arrumar a casa, orientar a arrumação, lavar a roupa e orientar a lavagem), na percepção dos pais menos participativos.....	120
FIGURA 6: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício de atividades domésticas (cozinhar, orientar o que cozinhar, arrumar a casa, orientar a arrumação, lavar a roupa e orientar a lavagem), na percepção dos pais mais participativos.....	120
FIGURA 7: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício de atividades de higiene e alimentação das crianças (dar o banho, trocar a roupa, orientar a roupa que a criança deve vestir, preparar as refeições da criança, orientar o que a criança deve comer), na percepção dos pais menos participativos.....	121

FIGURA 8: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a frequência do exercício de atividades de higiene e alimentação das crianças (dar o banho, trocar a roupa, orientar a roupa que a criança deve vestir, preparar as refeições da criança, orientar o que a criança deve comer), na percepção dos pais mais participativos.....	121
FIGURA 9: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a frequência do exercício de atividades que propiciam maior proximidade intelectual e emocional com as crianças (transportar para a escola, orientar os estudos, lazer e colocar para dormir), na percepção dos pais menos participativos.....	122
FIGURA 10: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a frequência do exercício de atividades que propiciam maior proximidade intelectual e emocional com as crianças (transportar para a escola, orientar os estudos, lazer e colocar para dormir), na percepção dos pais mais participativos.....	122
FIGURA 11: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades domésticas, em uma população de pais menos participativos.....	138
FIGURA 12: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades domésticas, em uma população de pais mais participativos.....	138
FIGURA 13: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades relacionadas à criação dos filhos, em uma população de pais menos participativos.....	140
FIGURA 14: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades relacionadas a criação dos filhos, em uma população de pais mais participativos.....	140
FIGURA 15: Distribuição (%) entre 24 pais, 21 mães e 16 empregadas da atividade de transportar a criança para a escola, segundo a frequência da dedicação nas famílias.....	141
FIGURA 16: Distribuição (%) entre 25 pais, 22 mães e 18 empregadas da atividade de lazer com a criança, segundo a frequência da dedicação nas famílias.....	142

RESUMO

O presente estudo investiga as representações masculinas do papel do pai e do papel da mãe, no cotidiano da criação dos filhos, tomando como indicadores o universo simbólico, as práticas e as relações de poder evidenciadas no discurso de pais pertencentes às camadas médias recifenses. Os pais estudados pertencem a famílias nas quais tanto o homem quanto a mulher exercem atividade profissional remunerada e têm pelo menos um filho na faixa de 2 a 7 anos estudando em uma escola alternativa do Recife, considerada como experiência sintetizadora. A pesquisa articula os métodos e as técnicas antropológicas de observação, aplicação de 31 questionários e realização de 8 entrevistas que permitiram evidenciar estas representações, levando em conta o cotidiano da Infância e adolescência dos pesquisados, bem como suas trajetórias profissionais e sua vida afetiva, além da rotina vivenciada na família de procriação. Detectou-se, através da análise da participação no exercício das atividades domésticas e de criação de filhos na família de procriação, e também, das qualidades, papéis, relações e espaços de poder que permeiam a relação conjugal, que existem pais mais e menos participativos, sendo que a participação privilegia as atividades de criação e, dentro delas, aquelas que propiciam maior contato intelectual ou emocional com os filhos. Tendo em vista a verificação da existência da nova paternidade e da igualdade nas relações familiares, constatou-se a forte presença de padrões tradicionais. Encontrou-se, tanto no caso dos pais mais participativos quanto naqueles menos participativos, que formam a maioria dos pesquisados, forte referência do papel de pai como provedor e trabalhador, associada a qualidades tais como rigidez, falta de paciência e de compreensão para com os filhos e, por outro lado, do papel da mãe como dona-de-casa, associado às qualidades da sutileza, do detalhismo e da maior compreensão para com os filhos. Os pais mais participativos se consideravam co-responsáveis pelos cuidados das crianças, já os pais menos participativos achavam que a criação dos filhos era responsabilidade maior da mulher. No entanto, observou-se que a participação da mulher era sempre superior à do esposo nas atividades cotidianas. Também verificou-se que as representações masculinas sofrem maior influência das experiências cotidianas

vividas na família de origem, durante a infância e adolescência dos entrevistados, que das práticas cotidianas atuais. Constatou-se, ainda, que havia maior proximidade entre pais e filhos(as) na família de procriação que na de origem. Assim, os dados apontam para uma mudança social na esfera familiar, manifestada numa minoria dos pais pesquisados, permitindo inferir que os fenômenos da nova paternidade e da igualdade na relação conjugal funcionam mais a nível das idéias que da prática.

INTRODUÇÃO

" Não está escrito que as mulheres sejam melhores que os homens na criação dos filhos, da mesma forma que não está escrito que os homens sejam melhores profissionais que as mulheres."

(Judith Wallerstein e Sandra Blakeslee)

A presente pesquisa investiga as representações masculinas do seu papel de pai e do papel da mãe no cotidiano da criação da prole, tomando como indicadores o universo simbólico, as práticas e as relações de poder evidenciadas no discurso de pais pertencentes às camadas médias recifenses.

As relações familiares são tão importantes como instrumentos reveladores das relações sociais que a maioria das monografias antropológicas clássicas se preocupam em relacionar a família com redes de parentescos, amplas e restritas, delineando aspectos da estrutura social através das relações encontradas¹.

Tendo como base as transformações ocorridas na família brasileira nas três últimas décadas (Goldani, 1994: 303-335), principalmente no que se refere à crescente participação da mulher no mercado de trabalho e nas implicações dessa participação para o desempenho de papéis² femininos

¹ Correia (1988) ilustra esse ponto de vista.

² O papel social exercido pelo indivíduo é a institucionalização de uma rotina que é legitimada, por exemplo, através de esquemas explicativos altamente pragmáticos que relacionam conjuntos ou significações objetivas tais como provérbios, lendas, máximas morais, etc. Já a identidade social torna evidente a dimensão subjetiva que engendra a dialética indivíduo/sociedade. Através da identidade o indivíduo torna-se pessoa (Berger e Luckmann, 1993 : 128, 130 - 131).

tradicionais que têm na maternidade o fenômeno definidor da identidade da mulher (Bruschini, 1990), muitos trabalhos foram desenvolvidos enfocando a condição da mulher associada ao papel materno e, também, na relação trabalho/vida doméstica ou casa/rua.

Novelino (1988 : 21-29) mostra o modelo de maternidade veiculado por revistas de divulgação extra-acadêmica, principalmente em artigos de especialistas da área da psicologia. A boa mãe é "terna, aconchegante, dedicada, amorosa, equilibrada, disponível, devotada e executa todas as tarefas que competem à sua função com destreza, prazer, felicidade e abnegação" (p. 25). Giuliani (1984:36(7)) estuda o direito da mulher à maternidade e o trabalho assalariado na indústria mostrando estratégias de controle da concepção por parte do empregador. Scavoni (1985:37-49) enfoca a maternidade correlacionando-a com a experiência de vida de mulheres de São Luís e, portanto, dependentes de necessidades sociais não biológicas. Arruda (1984:36(7)) trata as representações da maternidade (prolífera e inquestionável ou direito à livre escolha) encontradas em um grupo de participantes de clubes de mães em Campina Grande, Paraíba, verificando uma influência da origem (urbana ou rural), idade e participação política da mulher nas representações encontradas. Quadros (1990), estudando 20(vinte) mães solteiras recifenses de baixa renda e desinformadas quanto à contracepção, verificou a existência dessas mesmas representações da maternidade (prolífera e inquestionável ou direito à livre escolha) e constatou que sofriam influência da experiência afetiva³.

Por outro lado, Aguiar (1981 : 135-153 e 228-242) e Bruschini (1994) mostram como o trabalho feminino extra-doméstico depende de fatores tais como a situação conjugal, o ciclo de desenvolvimento da unidade familiar, a idade dos filhos e o nível de instrução da mulher, ao passo que o trabalho masculino tem uma trajetória contínua e não depende de fatores ligados à vida familiar.

Já Durham (1983:34) enfatiza que a tendência à eliminação da divisão sexual do trabalho na esfera pública não modifica substancialmente a conotação feminina no espaço doméstico. Argumenta que a igualdade no direito ao trabalho gera uma nova desigualdade: a dupla jornada de trabalho feminino.

Uma vez que as alterações na esfera pública, com a incorporação do trabalho feminino, não modificam substancialmente as atividades exercidas na esfera privada, a investigação da divisão sexual do trabalho na família adquiriu grande importância nos estudos sobre a condição da mulher, já que esta divisão se baseia numa distinção de papéis masculinos e femininos, construída socialmente.

³ Num primeiro momento elas se mostraram portadoras de uma maternidade prolífera e inquestionável mas, quando mencionavam uma vida amorosa de relação(ões) duradoura(s), após a vivência da maternidade, desenvolviam uma consciência do direito à livre escolha.

As manifestações das desigualdades de gênero na família, ilustradas pelo exercício de trabalho remunerado feminino, o qual propicia a aquisição de renda pela mulher para o provimento do lar, podem ser investigadas pelo prisma masculino. Seria interessante saber quais as justificativas, indagações, etc, colocadas pelo homem para a existência da dupla jornada de trabalho feminina e, também, de outras desigualdades.

Bruschini (1990 : 203) indaga, nesse sentido, que "poucas foram as tentativas de trazer a presença e o discurso dos homens, eles também inseridos no espaço familiar para os estudos sobre mulher". Vale ainda lembrar que, nos estudos das relações de gênero, a literatura brasileira sobre a modernização da família não tem focado diretamente as representações masculinas e de suas práticas no cotidiano familiar e na casa. Embora existam muitos trabalhos que traçam uma perspectiva comparativa entre a condição do homem e da mulher, eles não aprofundam o relacionamento da paternidade com a execução do trabalho doméstico⁴ até porque tais atividades são atribuições femininas, dentro do contexto da ideologia sexual dominante⁵, que liga o papel da mãe ao da esposa e dona-de-casa e o papel do pai ao do trabalhador e provedor econômico da família, num processo englobante e fundamental para a definição das identidades de gênero.

Entretanto, as transformações ocorridas nas últimas três décadas⁶, acarretaram modificações no sistema de papéis de gênero e, em alguns segmentos das camadas médias do sudeste⁷ do Brasil,

⁴ A autora francesa Ferrand(1989b) enfoca esse relacionamento dentro do que se convencionou chamar de nova paternidade, uma vez que este fenômeno proporciona maior envolvimento do homem com trabalhos domésticos. No artigo de Fougeyrollas-Schewebel (1994: 336-346), foram citados outros trabalhos franceses como o de Roy (1992) sobre trabalho doméstico; Maurin (1989), sobre organização do tempo cotidiano; Lemel (1993), Degenne e Lebeaux (1991), Fougeyrollas-Schewebel e Charbaud (S/d) sobre os resultados das pesquisas "Modos de Vidas e Ajudas e Relações Familiares". Eles tratam questões que envolvem esse relacionamento, embora essa seja apenas uma das preocupações desses trabalhos, que tratam de aprofundar o conhecimento de determinantes sociais da vida cotidiana doméstica.

⁵ A ideologia sexual dominante determina os modelos referenciais da cultura das sexualidades. "As experiências sociais vivenciadas pelos atores, mesmo se algumas vezes, na prática, apresentem práticas alternativas ao sistema majoritário de representações, fazem sempre referência a este último"(tradução minha), que será utilizado, em termos dos conflitos e contradições que cotem, para explicar, legitimar ou condenar essas práticas na vida cotidiana. Assim, sistemas alternativos de representações são interpretados tendo como referência o que está socialmente institucionalizado (Cf. Mendes-Leite, 1993: 25). Nesse sentido, a nova paternidade é considerada uma prática alternativa.

⁶ Contribuíram para tais transformações, além do ingresso da mulher na força de trabalho, acontecimentos tais como a contracultura, a indústria cultural, a comercialização da pílula anticoncepcional, a "banalização" do conhecimento psicológico e psicanalítico, a divulgação do ideário feminista. Autores como Romanelli (1991: 32-34), Bruschini (1990; 1994: 179-199), Goldani (1994: 303-335), Salem (1985b), Mendes-Leite (1993: 23-38), Nolasco(1993), entre outros, apontam alguns ou todos os fatores acima descritos. Nolasco aponta, também, o surgimento e crescimento de grupos de homens em seção de psicoterapia que individualmente começam a "repensar como construir seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definido"(1993: 18).

⁷ Como mostram os estudos por Salem (1980 e 1985b: 35-61); Romanelli (1991: 32-34); Almeida (1987: 55-68); Dauster (1987: 99-112;1988; 1992: 99-107); Lo Bianco (1985: 94-115).

elas tiveram características peculiares devido a adesão desses segmentos a um estilo de vida caracterizado por uma busca constante pelo novo, pelo aperfeiçoamento pessoal, maior autenticidade (igualdade e liberdade) nas relações pessoais e familiares, que expressam o compromisso desses segmentos com a ideologia individualista (Salem, 1985b : 18).

Conforme analisa Mendes-Leite (1993:32) " a característica marcante dessas mudanças é a busca de uma identidade social nova nas relações íntimas. Os homens e as mulheres jovens procuram, de maneira consciente, se libertar dos traços machistas que foram interiorizados durante sua socialização Neste sentido o homem busca assumir plenamente sua paternidade, no que se refere ao cuidado da criação dos filhos, participando igualmente das atividades domésticas e da criação da prole" (tradução minha). A mulher, por sua vez, procura a realização pessoal também através de atividades profissionais.

Novas maneiras de pensar a paternidade, a maternidade, a separação e os conflitos decorrentes da implementação desses valores na prática cotidiana, são temas explorados em muitos trabalhos que destacam a modernização e a nuclearização da família brasileira tendo como pano de fundo um projeto de ascensão social que assenta sobre o individualismo como valor moral da ideologia moderna (Cf.Figueira,1987:11-30; Salem, 1985b: 11-13, 18).

O conflito existente entre os cônjuges e entre as gerações de pais e de filhos (Salem, 1980); a influência da filosofia da igualdade na divisão de responsabilidades para a criação dos filhos (Salem, 1985a: 35-61); a psicologização do feto, ou seja, "a possibilidade de atribuir qualidades mais e mais concretas ao feto dentro do útero" (Lo Bianco, 1985: 94-115); a opção em viver a maternidade fora do casamento (Dauster, 1988); a nova maternidade (Almeida, 1987: 55-67); a nova paternidade (Romanelli, 1991: 32-34; Luz, 1985: 9-31) são alguns dos fenômenos através dos quais segmentos das camadas médias de nossa sociedade vivem essas mudanças.

Apesar dessas inovações, a discriminação da mulher no trabalho (Bruschini, 1994: 179-202), a violência impune contra a mulher (Saffiotti,1994: 151-186; Romanelli, 1991: 32-34), a dupla moral sexual⁸ (Romanelli, 1991: 32-34; Mendes-Leite, 1993: 27 e seguintes) e a dupla jornada de trabalho

⁸ A dupla moral expressa a existência de desigualdades de gênero no campo da vivência sexual e demonstra a incongruência existente entre o código legal e a realidade social. "Do ponto de vista oficial, tanto os homens quanto as mulheres devem se abster de relações extraconjugais. Mas, na realidade, é socialmente admissível que o homem tenha relações sexuais e mesmo sentimentais fora do casamento, Esse comportamento é, em geral, interdito às mulheres. O homem que tem aventuras extraconjugais demonstra socialmente a potência de sua virilidade, e como tal, deve ser considerado com admiração ou, pelo menos, com complacência (...) A mulher que age assim é considerada socialmente como uma debochada, que macula as instituições do lar, do casamento e da maternidade" (Mendes-Leite, 1993: 29 - tradução minha)

feminina (Bruschini, 1994:179-199 e 1990 ; Romanelli, 1991: 32-34; Fougeyrollas-Schwebel, 1994: 336-346) continuam a fazer parte da realidade vivenciada e, por conseguinte, do cotidiano da família brasileira, expressando as desigualdades de gênero contidas nas relações sociais como indicadores da dominância masculina.

Assim, a coexistência de papéis tradicionais e modernos, quanto à maternidade e paternidade começaram a conviver nos segmentos modernos das camadas médias.

Com relação aos homens, a paternidade se destaca como temática em torno da qual as mudanças de comportamento são estudadas porque se define como a principal direção dessas mudanças (Cf. Nolasco, 1993: 149).

Os trabalhos de Romanelli (1991: 32-34) e Luz (1982: 9-31) levam a pensar que a nova paternidade parece incorporar o sentido de proximidade como sinônimo de cuidado com os filhos, convivendo com o sentido de posse contido na noção tradicional⁹. Romanelli (1991: 32-34) analisa que cuidados com a higiene corporal, alimentação, transporte em diferentes locais e acompanhamento de tarefas dos filhos(as) são atividades assumidas pelo pai após longos processos de negociação com a esposa que se utiliza da condição de co-provedora e representações da igualdade entre os sexos como argumentos para a maior participação paterna. Para Romanelli, a relutância masculina se dá por conta da vivência de uma indeterminação cultural na qual o homem não encontra modelos para orientar sua conduta, ao passo que a inclusão da mulher no mercado de trabalho é considerada positiva e sustentada por representações que a legitimam.

O cotidiano doméstico é o espaço da nova paternidade e, nesse sentido, esse fenômeno se depara com um ponto crucial das relações cotidianas na família. A criação dos filhos pela mãe, enquanto universal cultural¹⁰, aliado à supervalorização do amor materno na família burguesa¹¹, confluíram para evidenciar a importância fundamental dos cuidados maternos para a reprodução social,

⁹ Ver R. P. Scott (1990: 23-28) sobre a ligação entre o sentido de posse e a noção de paternidade. Embora ele trabalhe esta ligação estudando pobres urbanos, considero que ela é pertinente para a discussão generalizada sobre a paternidade ou a maternidade tradicionais.

¹⁰ Ver Durham (1983: 13-44), Chodorow (1987), Luz (1982: 9-31), Rubin (1993) sobre a ligação entre a maternidade e a criação dos filhos enquanto universal cultural.

¹¹ A supervalorização do amor materno, a privacidade, a domesticidade, o amor romântico e as práticas afetivas de intimidade entre cônjuges e, também, entre pais e filhos, são características próprias do processo de aparecimento e consolidação da família burguesa (Badinter, 1986a e 1986b; Ariés, 1981; Donzelot, 1980). A maternidade tornou-se central para a reprodução das identidades masculina e feminina nas famílias modernas, vinculando-se à criação dos filhos de maneira a isolar o desempenho do papel materno de outras atividades e relações humanas (Chodorow, 1978). Na família burguesa o papel primordial da mulher é a criação e educação dos filhos dentro dos limites da unidade familiar. Michell (apud Bruschini, 1990) e Chodorow (1978) enfatizam a íntima associação entre a definição da maternidade enquanto papel central para a reprodução das identidades de gênero e, por conseguinte, a reprodução da assimetria sexual com dominância masculina e do sistema de papéis.

já que a mãe "atua como centro através do qual a família é organizada na representação de seus membros"(Durham, 1983).

Ferrand (1989b:5), por sua vez, considera que "a nova participação dos homens no trabalho doméstico provoca uma redefinição de atividades parentais e domésticas". A nova paternidade propõe uma nova divisão entre o parental e o doméstico, sendo a relação com os filhos o fator mais enfatizado. Entretanto, embora participe ativamente, o pai tende a selecionar as atividades que implicam em contato direto com as crianças, mas quem prepara os alimentos e lava as roupas é a mulher (p. 5-6). A autora também observou uma seleção entre tarefas qualificadas (acordar, jogos, lazer, aprendizado) e tarefas não qualificadas (manutenção, preparo do alimento, higiene), cabendo ao pai as primeiras e à mãe as últimas.

Assim, a convivência de valores tradicionais e modernos na modificação de hábitos cotidianos proposta pelo fenômeno da nova paternidade, torna o estudo das representações paternas em camadas médias uma fonte importante para o tratamento das questões de poder dentro da família, uma vez que proporciona a discussão da visão e prática cotidiana masculina relacionadas à reprodução social, ou seja, às atividades domésticas e de criação dos filhos(as), que podem ser consideradas como indicadores mais expressivos das relações de gênero na família.

Por outro lado, a refutação de argumentos tais como os de Engels (1984), Parsons (1967) e Levi-Strauss (1972 e 1976) que se basearam em imperativos econômicos, características biológicas ou necessidades sociais como causas da dominância masculina, contribuíram para que exista uma tendência a não se interrogar sobre a origem da dominação. A investigação do fundamento de sua reprodução tornou-se a questão central (Ferrand 1989a : 7).

Sendo a família a primeira instituição que se encarrega da reprodução social (Bourdieu, 1983) e, considerando as características do modelo encontrado na família brasileira¹², os papéis vivenciados pelo pai e pela mãe estão no foco central da discussão sobre a modernização da família (Adorno e Horkheimer, 1987: 213 - 222; Chodorow, 1987; Badinter, 1986a; Bruschini, 1990: 54; Rubin, 1993; Durham, 1983: 13 - 44; Zagory, 1993; Luz, 1985: 9-31), quando se trata de investigar manifestações da dominância masculina.

¹² De acordo com Durham (1983) a família brasileira possui as características da família ocidental moderna, qual seja, "um grupo composto de marido, mulher e filhos. A relação conjugal é o elo mais forte, mais importante do que os laços de lado fraterno. O papel do pai, via de regra, identifica-se com o do pai biológico. O controle da sexualidade feminina apoia-se na necessidade de determinar e garantir a paternidade biológica. Nesse sistema, os indivíduos pertencem a duas famílias distintas, de origem e de procriação".

E ainda, o aprofundamento de questões relacionadas com a visibilidade e importância do trabalho doméstico¹³, culmina com o seu reconhecimento tanto dentro do contexto da reprodução quanto da produção social. A partir do momento em que as atividades domésticas e de criação dos filhos passaram a ser reconhecidas como integrantes do conceito de trabalho, aprimoraram-se os estudos da divisão sexual do trabalho e da dominação masculina (Ferrand, 1989b; Saffioti, 1979), gerando a necessidade de compreender a condição feminina na articulação entre o produtivo e o reprodutivo, o que realça a importância de investigações sobre a vida cotidiana na esfera privada, para o desvendamento de representações, práticas e relações de poder na família e no trabalho.

Nesse sentido, Fougeyrollas-Schewebel (1994:344) assinala que "o trabalho doméstico não é apenas tempo gratuito a ser repartido de outra maneira, é uma organização social que define o lugar das mulheres" após ter concluído que "não é a atividade profissional da mulher o que influencia o modo de participação dos homens" (p. 342). "O pai sempre vê sua atividade profissional como dominante de suas preocupações, e a presença de filhos tem pouca incidência na organização de sua vida cotidiana"(p. 342).

As afirmações concluídas por Fougeyrollas-Schewebel e Romanelli suscitam uma reflexão. A situação de indeterminação cultural que rodeia o exercício da nova paternidade, pode acontecer por conta do trabalho doméstico definir socialmente o lugar das mulheres, mas o exercício de trabalho remunerado pela mulher é aceito socialmente, mesmo considerando que o papel do pai tradicional é exatamente o trabalho para provimento econômico da casa.

O entendimento das representações masculinas acerca do trabalho doméstico, explorando-se o envolvimento e a proximidade paterna em relação à unidade familiar e papéis doméstica, numa situação em que os cônjuges desenvolvem atividade profissional remunerada, principalmente quando as idéias modernizantes encontradas na nova paternidade problematizam relações de poder inseridas no espaço doméstico, enriquecerá e fornecerá novos dados relacionados aos papéis da mãe e do pai contidos na divisão sexual do trabalho, aprofundando o debate das relações de gênero.

Uma preocupação teórica referente à questão de gênero precisa ser discutida. O presente trabalho enfoca representações masculinas de paternidade e maternidade sem compará-las com as femininas, embora o conceito de gênero seja relacional, tanto como categoria analítica quanto como

¹³ Uma discussão sobre as diversas questões que foram levantadas e discutidas em relação ao trabalho doméstico de 1969 a 1985 pode ser encontrada em Bruschini (1990 : 41 a 53). Entre as principais questões estão a dupla jornada de trabalho feminina e a investigação de motivos que levaram a ocultação e desvalorização do trabalho doméstico, apesar de sua imprescindibilidade para reprodução da força de trabalho. Alguns problemas com relação a medição do tempo de trabalho domésticos, foram evidenciados nos estudos sobre orçamento de tempo.

processo social, o que torna a realização de estudos nos quais são analisadas e comparadas perspectivas masculinas e femininas um caminho freqüente de investigação.

Considerando que o gênero é relacional enquanto processo social, afetando estruturas e processos psíquicos inconscientes (Cf. Saffioti, 1992: 191) pode-se dizer que " sente-se o sexo como individual, ou pelo menos, privado, mas estes sentimentos sempre incorporam papéis, definições, símbolos e significados dos mundos nos quais eles são construídos" (p. 188). Assim, a análise das representações masculinas revelam não somente expectativas e práticas dos homens estudados, mas esboçam conflitos e contradições relacionadas à vivência familiar como um todo, uma vez que "as relações de gênero constituem uma totalidade dialética (...) Cada gênero conhece as responsabilidades, direitos de outro gênero, além de praticar as atribuições que lhe são conferidas socialmente" (págs. 192-193).

O enfoque comparativo de percepções masculinas e femininas seria revelador, principalmente quando o tema é relacionado à criação dos filhos. Representações do tempo masculino, do tempo feminino e sua utilização dentro da unidade doméstica, contraposições entre expectativas masculinas e femininas quanto ao desempenho de papéis familiares, entre outras questões, sem dúvida, são de extrema importância, principalmente quando se trata de casais que dispõem parte do seu tempo diário no exercício de atividades profissionais.

Entretanto, a perspectiva analítica que enfoca representações masculinas também é pertinente e fundamental devido ao pouco número de trabalhos brasileiros sobre representações masculinas das relações familiares quando relacionadas a questões que envolvem os estudos de reprodução social a partir do trabalho doméstico tais como cuidados com os filhos, tempo dedicado a questões domésticas e tipos de atividades exercidas cotidianamente pelos pais, além do universo simbólico relacionado à paternidade e maternidade, que permeia a organização cotidiana encontrada.

Ao me deter somente nas representações masculinas, pretendo explorar essas questões na relação entre expectativas e práticas encontradas na família de origem e aquelas encontradas na família de procriação para evidenciar possíveis influências de práticas e valores tradicionais e modernos na vivência do cotidiano familiar. O aprofundamento do estudo da trajetória biográfica dos pais relacionando a vida afetiva à profissional e à prática cotidiana na criação dos filhos, será conduzido de modo a destacar a presença do tradicional e/ou do moderno como uma das principais questões investigadas.

Essa escolha também proporciona o olhar minucioso para conflitos relacionados à vivência cotidiana da relação pai/mãe através de uma análise pormenorizada da participação cotidiana masculina e, também, de papéis, qualidades, espaços e relações de poder.

Assim, o fato de focar representações masculinas me permite a possibilidade de evidenciar certos aspectos que considero importantes para a investigação de relações de gênero. Portanto, o caráter relacional pode ser desenvolvido a partir da perspectiva comparativa entre representações masculinas e femininas ou da análise de representações masculinas ou femininas, isoladamente, dependendo das questões que se pretenda evidenciar.

Algumas observações se fazem necessárias. Uma delas se refere ao estudo dos papéis que será acrescido do conceito de gênero (Saffioti, 1992:183-215) mediante a correlação entre papéis, qualidades, espaços e relações de poder.

Um outro aspecto é que, tendo em vista a utilização do tempo de ambos os cônjuges no trabalho profissional remunerado, será enfatizada a relação entre representações da maternidade/paternidade e o uso do tempo feminino/uso do tempo masculino no exercício das atividades domésticas e de criação de filhos.

Uma última observação se refere ao fato de que a coexistência de valores tradicionais e modernos enfocados por Dauster (1988), Salem (1980, 1985a: 35-71 e 1985b), Nicolaci-da-Costa (1985: 147-168), Velho (1985:169-177), Figueira (1985: 142-146) e Romanelli (1991: 32-34), entre outros, foi encontrada em segmentos das camadas médias do Rio de Janeiro que têm características diferentes da população aqui estudada. O presente estudo engloba um grupo de pais de crianças de uma escola alternativa de Recife (PE) que pode ser considerada como "experiência sintetizadora"¹⁴. As características das famílias desse grupo de pais são distintas das do segmento estudado por Salem (1980), por exemplo, em relação à situação residencial e trajetória da moradia, e por Romanelli (1986; apud Bruschini, 1990: 78) quanto à renda familiar.

As indagações centrais desta investigação se direcionam à paternidade vivida por homens que escolhem uma escola alternativa para seus filhos mas, cujas origens, situação residencial e renda

¹⁴ De acordo com Bruschini (1990 : 74) "experiência sintetizadora" significa uma situação capaz de "gerar ou reforçar uma identidade comum e uma visão específica de mundo". A escola em questão adota uma pedagogia que incentiva as potencialidades de cada aluno, estimula uma relação mais igualitária ou "aberta", onde há "espaço para o diálogo "entre pais, professores, corpo funcional e alunos. Dessa maneira, ela possui princípios semelhantes àqueles encontrados na ideologia individualista (Cf. Salem, 1985b : 11-13,18), que exerce influência fundamental na construção social de representações modernizantes.

familiar, por exemplo, não condizem com aquelas referidas por Romanelli e Salem¹⁵, necessárias à elaboração da idéia e vivência de nova paternidade. Tratando-se de um grupo de pais que selecionaram uma escola alternativa para seus filhos, cujos princípios pedagógicos assemelham-se àqueles da ideologia individualista (Cf. Salem, 1985 b : 12-13,18) considero que as respostas a essas indagações poderão contribuir para o entendimento da paternidade nesse segmento das camadas médias.

Esta pesquisa objetiva a verificação da existência ou não do fenômeno da nova paternidade, e de como se dá o envolvimento e a participação do pai no cotidiano, nesse segmento das camadas médias. Portanto, a nova paternidade é o fenômeno norteador deste estudo, enquanto evidencia a criação cotidiana dos filhos como uma responsabilidade tanto materna quanto paterna, possibilitando a valorização da ligação entre o pai e os trabalhos domésticos.

O problema desta pesquisa é um questionamento a respeito destas indagações, qual seja, existem mudanças sociais nas representações simbólicas e práticas dos pais, tomando como norte a nova paternidade e a igualdade nas relações conjugais no que diz respeito ao cotidiano da criação dos filhos?

Na literatura sobre camadas médias recifenses, Araújo (1994: 192) identifica famílias descendentes de grupos de baixas camadas médias que, em alguns casos, migraram do interior para a capital para a realização de seus projetos de ascensão social. Essas famílias, embora guardem semelhanças com as famílias dos pais que são investigados no presente trabalho, se diferenciam das primeiras pelo local de residência.

Araújo (1994: 197) menciona que os homens dessas famílias que denominou de *emergentes*, "não professam o discurso da igualdade entre os cônjuges, e a idéia da divisão de tarefas ligadas à casa e aos filhos tem lugar em função das necessidades pragmáticas da vida familiar" uma vez que as esposas *necessitam*¹⁶ trabalhar fora de casa tendo em vista o atendimento de demandas simbólicas e materiais para o processo de ascensão social familiar.

Almeida, M. C. L. (1988) estudou oito famílias de camadas médias recifenses das quais duas possuíam migração masculina do interior para a capital, situação semelhante à que foi encontrada na

¹⁵ Nem Romanelli (1986; apud Bruschini, 1990: 78), nem Salem (1980) estudam especificamente a nova paternidade. Eles investigam influências do novo, da igualdade, da maior liberdade de expressão dentro das relações familiares de segmentos modernos das camadas médias do Rio de Janeiro (RJ). Mas, como são essas representações e valorizações que estão presentes na idéia de nova paternidade, tomo os segmentos por eles estudados como referência.

¹⁶ Grifo de Araújo.

presente pesquisa, e a faixa salarial dos maridos era relativamente maior que aquela em que se encontram os entrevistados aqui estudados¹⁷. De acordo com a investigação da autora, "ainda permanece o fato de que é à mulher que cabe a educação e os cuidados com os filhos" (p. 201). Embora ela exerça atividade profissional remunerada, o bom desempenho profissional dos homens é que possibilita a formação do grupo doméstico, ou seja, cabe ao homem o papel de provedor. Porém, o discurso masculino sugere descontentamento com o fato de não participarem intensamente do cotidiano doméstico, principalmente associado à ausência paterna que experimentaram quando eram crianças.

Por outro lado, Guedes (1991) estudou a influência da idade e do estrato social na sexualidade do homem recifense e relatou que "na cidade do Recife, o estrato baixo, em diversos aspectos, é mais conservador sexualmente do que o estrato médio e do que o estrato alto" (p. 219). E ainda, quanto à sexualidade, os homens de estratos médios estão mais próximos sexual e socialmente das mulheres.

Assim, o segmento médio analisado na presente dissertação guarda semelhanças, em alguns aspectos, com aqueles estudados por Araújo e Almeida, mas deles se distingue, por exemplo, devido à renda e ao local de moradia.

Nesse sentido, resultados encontrados pelas autoras citadas evidenciam sinais de adesão a representações modernizantes e outros de permanência de padrões tradicionais, tornando ainda mais relevante a investigação das representações masculinas do cotidiano da criação dos filhos(as).

O estudo dessas representações masculinas possibilitam aprofundar o conhecimento da construção das diferenças no sistema de gênero e também para o preenchimento de lacunas no estudo da família como: a percepção masculina da casa; o envolvimento do pai nos cuidados da criação dos filhos face ao processo de modernização e o estudo das atividades cotidianas que envolvem a reprodução social.

Aprofundar o debate em torno dessas questões contribui para a investigação de novas dimensões da reprodução, da mudança e estratificação social.

Finalmente, gostaria de ressaltar os objetivos específicos da pesquisa que permitirão a ampliação desta discussão:

¹⁷ Na amostra de Almeida, metade dos entrevistados tinha salário maior que 20 (vinte) salários mínimos e havia apenas 1 (um) entrevistado que recebia até 10 (dez) salários mínimos. Já na amostra de entrevistados aqui estudada, apenas 1 (um) entrevistado obtinha renda maior que 20(vinte) salários mínimos e havia 3 (três) entrevistados que recebiam até 10 (dez) salários mínimos.

- ◆ examinar o significado do novo e da igualdade no que se refere à paternidade e à maternidade relacionados à situação de casamento e de separação;
- ◆ captar a variação dos universos simbólicos encontrados que permeiam a paternidade envolvendo as trajetórias e os projetos de vida;
- ◆ especificar a relação pai/mãe e as representações da maternidade e da paternidade que permeiam o desempenho do papel do pai e sua percepção do desempenho do papel da mãe nas atividades que envolvem a criação dos filhos;
- ◆ compreender as relações de conflito e de poder que limitam ou justificam as representações da paternidade e da maternidade e as práticas da paternidade.

Esta dissertação foi dividida em seis capítulos. O primeiro intitulado **Gênero, Práticas Cotidianas e Projetos** apresenta a discussão dos principais conceitos, princípios, categorias e noções, por meio dos quais esta dissertação foi fundamentada e desenvolvida.

A **Metodologia** circunscreve o universo pesquisado, descreve os procedimentos metodológicos utilizados, bem como os indicadores considerados como referência de análise.

O terceiro capítulo, **Iniciando a Biografia**, apresenta a contextualização da amostra em termos de variáveis sócio-econômicas. Em seguida analisa e discute, em um primeiro momento, aspectos da família de origem dos entrevistados, levando em conta tanto a situação econômica e residencial quanto a ocupação e/ou profissão dos seus genitores. Em outro momento, apresenta o cotidiano vivenciado por estes indivíduos, na sua infância e adolescência, através da rotina, das atividades domésticas e das representações construídas em torno de infância, paternidade e maternidade.

O quarto capítulo, **Trajетória Profissional e Vida Afetiva**, interpreta os achados que expressam o percurso profissional dos entrevistados, considerando sua relação com o namoro, o casamento e a motivação para ter filhos. Discute também a separação e a fidelidade como elementos que participam da construção de representações da paternidade e maternidade.

No quinto capítulo, denominado **Cotidiano na Família de Procriação**, os dados dos questionários e das entrevistas referentes à aquisição de renda mensal e despesas para a manutenção do lar são analisados e interpretados com o objetivo de perceber qual a demarcação de gênero existente. Neste capítulo, ainda foi discutida a realização de atividades domésticas e de criação de filhos pelo pai, pela mãe e pela empregada no intuito de desenhar a participação masculina neste

cotidiano. Também foram discutidas as ações de orientação, escolha e execução das atividades cotidianas desenvolvidas.

No sexto capítulo, **Gênero, Paternidade e Maternidade**, são expressas as demarcações inferidas dos terceiro, quarto e quinto capítulos, e interpretadas em termos das relações de poder existentes. Também são apontadas tendências em termos de outras atividades periódicas¹⁸ ou mesmo diárias. São ainda relacionadas as representações da paternidade e maternidade encontradas para as famílias de procriação com aquelas das famílias de origem e ainda avaliados os diferentes tipos de participação masculina na casa e com os filhos.

Nas **Considerações Finais** estão resumidos os principais resultados encontrados ao longo desta dissertação como os fatores que influenciaram as representações da paternidade e da maternidade na família de procriação, as representações dos pais mais e menos participativos e os elementos que geram conflitos no casamento. Nelas também são enfatizadas as relações entre os resultados e o conceito de "nova paternidade" bem como o de igualdade entre os cônjuges.

CAPÍTULO I

GÊNERO, PRÁTICAS COTIDIANAS E PROJETOS

"O racional e o intuitivo são modos complementares de funcionamento da mente humana. O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectual, da realidade, em decorrência de um estado ampliado da percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não linear."

(Fritjof Capra)



¹⁸ Aqui usadas como aquelas atividades que são realizadas semanalmente, mensalmente ou quando necessário, tais como compra de alimentos e presentes infantis, pintura de casa, consertos elétricos e hidráulicos, etc.

este capítulo são discutidos princípios, categorias, noções e conceitos através dos quais este trabalho se fundamenta e desenvolve.

A abordagem das representações masculinas da relação estabelecida entre pai e mãe para a criação dos filhos, está norteada epistemologicamente pelos princípios de igualdade, diferença e desigualdade.

As abordagens científicas que privilegiam a igualdade do humano genérico são sobrepostas pela ênfase nas diferenças entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens, "como tendência convergente da filosofia das ciências e do historicismo antipositivista" (Dias, 1992:45).

Dentro dessa tendência atual o cotidiano, como um campo social que propicia grande variedade de interseções de fatores, vem sendo valorizado como caminho metodológico que possibilita construir as diferenças e explicar a diversidade dos papéis informais contribuindo, dessa maneira, para a transcendência de categorias e polaridades ideológicas tais como: o público e o privado, a natureza e a cultura, a razão e a paixão, o sujeito e o objeto (Cf. Dias, 1992 : 49-51).

Ainda levando em conta os princípios de igualdade, diferença e desigualdade, a conquista moderna de direitos legais de igualdade entre homens e mulheres e a permanência de diferenças nos padrões comportamentais nas esferas pública e privada, que indicam forte presença de discriminação e violência¹⁹ contra a mulher, contribuíram para que a crítica feminista evidenciasse que as diferenças de gênero estavam atreladas a relações de poder e hierarquias de valor²⁰ e por isso apareciam associadas a desigualdades em todas as divisões sociais (Sorj, 1992).

No tocante ao sistema de gênero, pode se afirmar que uma das expressões mais representativas dessa hierarquização denomina-se machismo. O machismo, segundo Bezerra de Menezes (apud Mendes-Leite, 1993), possui quatro características fundamentais²¹: "o grande valor da mulher no lar, enquanto esposa que deve se ocupar da casa, dos filhos e do marido; a fidelidade

¹⁹ Geneviève Fraisse (1995: 169) discute ontologicamente os termos LIBERDADE E IGUALDADE, colocando que faltas de igualdade entre homens e mulheres correspondem a discriminações contra a mulher, já os atentados à liberdade das mulheres constituem as violências contra a mulher posto que visam a manutenção do controle físico e social das mesmas. Assim, "a discriminação desmente o princípio da igualdade baseado na identidade dos seres; a violência desmente o princípio da liberdade em nome das diferenças dos seres".

²⁰ Castro (1992) e Albernaz (1994) fazem uma revisão das autoras que teorizam a categoria gênero, colocando semelhanças e diferenças das abordagens exploradas. Um dos pontos que diferenciam algumas autoras é o tratamento que dão ao viés de gênero em que se baseiam as desigualdades sociais. Para algumas, as diferenças de gênero remetem a relações de poder contraditórias, para outras, a hierarquias de valor.

²¹ Embora Mendes-Leite (1993) coloque estas características desenvolvidas por Bezerra de Menezes como indicadores do machismo no Nordeste, considera-se que elas são representativas para o machismo de maneira geral, enquanto modelo.

conjugal principalmente para as mulheres; a virgindade da mulher; as relações cotidianas de micropoder (Foucault, 1982) - mesmo se a mulher exerce uma atividade profissional fora do lar, é ao marido que cabem as decisões importantes" (Mendes-Leite, 1993 : 28-29, traduzido por mim). Porém, apesar da presença marcante da hierarquização nas relações de gênero, a busca da igualdade faz parte do cotidiano das famílias ditas modernas, por conta da sua adesão à ideologia individualista, conforme já referido na introdução.

Assim, a perspectiva de investigar os processos de reprodução e mudança social referentes à paternidade nas atividades de criação de filhos me levou a privilegiar a vida cotidiana como ponto de partida para a investigação das representações masculinas, uma vez que nela coexistem princípios e regras para cada indivíduo, determinados por uma hierarquia espontânea e elementos latentes como novas idéias, hábitos e ações que contribuem para a transformação das idéias e regras anteriormente construídas. Também dentro dessa ótica o indivíduo é ao mesmo tempo ser particular e genérico, consciente e inconsciente (Heller, 1992 : 17-41).

Partindo dessa perspectiva as atividades da divisão sexual do trabalho são indicadores riquíssimos para a investigação do cotidiano da criação dos filhos nas representações masculinas porque constituem um campo de expressão de relações de dominação (Ferrand, 1989a:3-4). As atividades da criação dos filhos serão utilizadas como forma de mostrar dinâmicas e papéis informais²² que envolvem a paternidade no sentido de desvendar pontos de semelhanças e diferenças nas práticas masculinas tendo em vista o machismo enquanto ideologia sexual dominante e a nova paternidade enquanto prática alternativa (vide nota 5, p. 3, Introdução).

No entanto, como a criação de filhos será investigada a partir da relação estabelecida entre o pai e a mãe, são necessários alguns comentários sobre a maneira como essa relação é enfocada na presente investigação.

A maternidade e a paternidade possuem peculiaridades. A paternidade está ligada a um vínculo mais simbólico e não propriamente biológico que se estabelece na relação com o(s) filho(s). Legalmente, o pai é o marido da mãe (Cf. Barboza, 1993).

²² O comportamento do indivíduo com relação aos papéis sociais (conceito já definido na nota 2, p.1, Introdução) pode variar nas situações cotidianas, havendo uma certa dose de imprevisibilidade que contribui para que haja a informalidade vivida nessas situações. Para Heller (1992: 87-110) existem quatro comportamentos fundamentais em torno dos quais pode variar a relação entre o indivíduo e os papéis: a identificação; o distanciamento com aceitação das regras do jogo dominantes; o distanciamento com recusa íntima das regras de jogo dominantes e, finalmente, a recusa do papel. Nesta dissertação, portanto, os papéis informais são entendidos como o resultado da relação que o indivíduo estabelece com os papéis sociais prescritos e, por isso, indicadores da identidade de gênero desse indivíduo. É necessário frisar que ao considerar os papéis informais como indicadores da identidade de gênero não estou subsumindo essa identidade aos papéis informais.

A maternidade, por sua vez, está ligada aos fatos biológicos da gravidez, parto e amamentação. Durante a gravidez a mãe e o filho mantêm uma relação de inteira simbiose. O pai, neste período, pode participar da gravidez através do contato com o ventre materno e do relacionamento que ele estabelece com a mãe de seu filho. Depois do parto é que começa a haver um contato efetivo entre pai e filho.

Entretanto, apesar destas constantes biológicas que unem a mãe a seu filho, pode-se dizer que a criação da prole possui uma dimensão inteiramente simbólica, uma vez que os sentimentos da maternidade podem variar de acordo com a cultura e o contexto histórico (Badinter, 1986a). Isso quer dizer que para além das constantes biológicas existe a ordem social que não deriva diretamente delas. "Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente constituído, o organismo humano se transforma. Nessa mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo" (Berger e Luckmann, 1993:241).

Nesse sentido, Ferrand (1989b) propõe uma abordagem da relação entre o pai e a mãe, introduzindo o gênero como categoria de análise e levando em conta o trabalho e as relações familiares, o que a leva a construir o conceito de parentalidade.

Para estudar a parentalidade a autora opera uma desconstrução da aparente evidência biológica do conceito de maternidade em três abordagens distintas:

- "1- a maternidade é um *handicap* natural, do qual os homens são naturalmente excluídos e o poder dos homens é a expressão inversa da fraqueza das mulheres;
- 2- a maternidade é um poder originalmente das mulheres e que os homens se obrigam a controlar: a instauração da dominação dos homens se encarregaria do controle da produção de crianças;
- 3- a maternidade é a base da divisão do trabalho entre os sexos e a posição diferente dos homens e das mulheres na reprodução e na produção explica a divisão entre a esfera privada e a esfera pública, atribuída aos homens"(p. 2).

A desnaturalização desses três conceitos exige a análise de três modalidades de paternidade correspondentes:

- 1- a paternidade se afirma como não biológica, mas como social e cultural, enquanto a maternidade é reduzida ao aspecto natural, não havendo nada que se compare entre as funções da mãe e as do pai;
- 2- a paternidade significa a apropriação das crianças pelo homem. A maternidade é invejada pelo homem que exerce o controle da reprodução e a apropriação das crianças

mediante a apropriação do corpo reprodutor da mulher. Corpo= =receptáculo ["prática antiga renovada por certas técnicas atuais de reprodução" (p.3)];

3- a divisão sexual do trabalho não foi sempre hierarquizada. As diferenças de tarefas baseavam-se nas capacidades naturais de cada sexo e eram complementares. A dominação se embasou na diferença das funções sociais exercidas por homens e mulheres. Essa é a posição de Parsons, por exemplo, no que diz respeito ao modelo de família moderna, onde a separação ocasionada pela divisão sexual do trabalho remete ao "papel econômico de provedor do pai opondo-se ao papel afetivo da mãe, o primeiro agindo para o exterior, a segunda para o interior"(p. 3).

A parentalidade, portanto, é um objeto de análise relacional comum a homens e mulheres. Significa que "a paternidade não poderia ser pensada a não ser em relação a maternidade"(Ferrand, 1989b: 1). Por isso será feita a análise da relação entre pai e mãe na investigação aqui proposta. Embora não esteja utilizando o termo "parentalidade" de maneira freqüente, a construção de representações cotidianas da paternidade foi pensada a partir da exploração de suas relações com as representações cotidianas da maternidade. Também foi levado em conta que a maternidade e a paternidade serão enfatizados enquanto desempenho de papéis informais do pai e da mãe na criação dos filhos, sejam estes pais ou mães biológicos ou adotivos.

O enfoque de práticas cotidianas familiares da divisão sexual do trabalho está orientado pela noção de *habitus* e do conceito de prática (Bourdieu, 1983b) já que propõem uma mediação entre agente social e a sociedade, enquanto crítica ao objetivismo no qual o ator social é simples executor daquilo que lhe é exterior, bem como ao subjetivismo, no qual os fenômenos sociais são definidos a partir das condutas individuais. Portanto, para o conhecimento das representações masculinas deve-se levar em conta que as práticas cotidianas não estão no terreno da subjetividade somente enquanto ação internamente consciente e no da objetividade somente enquanto exterioridade.

A prática é entendida como o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* que está no princípio do encadeamento das ações sendo uma matriz de percepções apreciações e ações enquanto "sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e representações" (Bourdieu, 1983b: 61).

Embora Bourdieu (1983b) tenha desenvolvido a teoria da prática para questões de classe social, considero que a noção de *habitus* é pertinente ao tratamento de questões de gênero por ser um caminho de superação da polaridade entre o objetivo e o subjetivo.

Assim, não há interesse simplesmente em captar a estrutura desse sistema e as relações sociais estabelecidas em forma dos papéis que a regem. Objetivou-se também captar a dimensão subjetiva dos atores na vivência de seus papéis, uma vez que se considerou um campo de possibilidades onde o indivíduo, apesar de sua condição social estabelecida, pode exercer a manipulação de alguns gostos, preferências e projetos de vida que possibilitam a reafirmação ou a modificação em sua posição de classe. Isso quer dizer que, além da condição do indivíduo na sociedade, é fundamental conhecer a sua posição no grupo social a que pertence.

Dentro desta perspectiva, a condição de classe está ligada às estruturas objetivas que a ciência apreende, sob forma de regularidades estatísticas (taxa de emprego, curva de salário, probabilidade de acesso ao curso secundário, etc...). São critérios sócio-econômicos de renda, ocupação, educação, religião, etc... Ao passo que os estilos de vida correspondem a "diferentes posições (de classe) no espaço social, que são desvios diferenciais, retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência" (Bourdieu, 1983c: 82).

Neste contexto, o presente trabalho investiga um grupo de pais que possui demarcações sócio-econômicas associadas a distinções simbólicas que provavelmente o diferencia de outros grupos existentes nas camadas médias. E ainda, a escolha da escola alternativa como ponto de contato com os pais (vide nota 14, página 10, Introdução) foi considerada por conta dessa probabilidade de diferenciações simbólicas dentro de uma mesma camada social e, quiçá, dentro do próprio grupo estudado, pois as histórias individuais podem se exprimir nas diferenciações entre trajetórias de vida e posições de classe (Cf. Bourdieu, 1983b).

Por outro lado, a abordagem das representações masculinas da relação estabelecida entre pai e mãe para a criação dos filhos, quando permeada pela noção de *habitus*, leva em conta que as relações familiares são um universo relativamente autônomo, com o poder de impor o arbítrio cultural, já que nela acontecem as primeiras experiências infantis do mundo social. Segundo Bourdieu (1983b), são as relações familiares que estruturam o *habitus* e este estrutura toda a experiência humana ulterior.

Neste ponto, há que se colocar uma questão, qual seja, as famílias, enquanto primeiras agências socializadoras, se constituem e se reproduzem mutuamente determinadas por fatores da produção e da reprodução, uma vez que "as relações de classe estão presentes na reprodução, assim

como as relações de gênero penetram na produção"(Saffioti, 1992: 106). Portanto, a investigação de relações de gênero não está limitada a esfera familiar, podendo ocorrer na economia, na política, no trabalho, etc. Nesse sentido, J. Scott (1991: 10) argumenta que a origem das disposições sociais existentes e a causa delas serem articuladas em termos da divisão sexual do trabalho não podem ser entendidas somente em termos das experiências domésticas, uma vez que a associação feita entre masculinidade e poder não depende exclusivamente do que a criança aprende dentro da esfera doméstica, já que essas associações são recorrentes mesmo quando as crianças vivem fora de lares nucleares ou dentro de lares onde o marido e a mulher dividem as tarefas parentais.

Essa argumentação leva à constatação de que a tradicional oposição entre público e privado mascara que o privado é, na verdade, uma matéria pública pois "a visão pública está profundamente engajada em nossa visão das coisas domésticas e nos conduz a que as coisas domésticas mais privadas, elas mesmas, dependam de ações públicas como a política do alojamento ou, mais diretamente, a política da família" (Bourdieu, 1993:36; tradução minha).

A família, portanto, "funciona no *habitus* como esquema classificatório e princípio de construção do mundo social" (Bourdieu, 1993:34; tradução minha) porém, a naturalização operada pelo *habitus* "tem como efeito fazer esquecer que para que esta realidade, que se chama família, seja possível, é preciso que sejam reunidas condições sociais que não têm nada de universais e que, em todo caso, não são uniformemente distribuídas" (Bourdieu, 1993:34; tradução minha). Essas condições sociais e sua distribuição são operadas pelo Estado através de suas estatísticas, políticas públicas (de população, saúde reprodutiva, habitação, programas de educação), mecanismos legais e jurídicos (como a penalização do aborto e os direitos das crianças e adolescentes), instituições e práticas concretas (como as instituições educativas, de saúde pública ou a política estatal sobre meios de comunicação)(Cf. Bourdieu, 1993: 32-36 e Jelin, 1995: 407).

Levando isso em conta, a teoria da prática (Bourdieu, 1993b) será utilizada na busca de sistemas de significados para compreender como estes são utilizados para articular regras de relações sociais ou construir o sentido da experiência (Cf. J. Scott, 1991: 10). Isso pode ser feito em uma das esferas sociais (família, trabalho, política, etc) ou relacionando duas ou mais delas. Nesse sentido, esta investigação está concentrada na experiência doméstica da esfera familiar, mas essa experiência está relacionada a um grupo de pais que têm situação semelhante à das esposas no mercado de trabalho.

Um outro fator faz com que a noção de *habitus* seja pertinente à análise aqui empreendida. Uma vez que o gênero é uma maneira de existir do corpo, e este é um campo de possibilidades culturais (Cf.

Saffioti, 1992: 189-90), as representações construídas quando ligadas à noção de *habitus*, enquanto sistema de disposições duráveis relacionadas a uma posição de classe num campo de relação sociais determinado, "transporta diferenças inscritas na ordem física dos corpos para a ordem simbólica das distinções significantes" (Romano, 1987 : 46), possibilitando uma explicação significativa da interação social concreta que leva em conta a dimensão histórica²³.

Dessa maneira, a conjunção entre o conceito de gênero (Saffioti, 1992), teoria da prática (Bourdieu, 1983b) e o cotidiano (Heller, 1992) para a investigação das representações masculinas permite que, na diversidade das situações particulares, possa se construir sobre a base das experiências²⁴, uma explicação significativa sobre a identidade masculina relacionada à paternidade.

Essa conjunção, entretanto, não seria possível se a questão do poder não fosse contemplada na teoria de Bourdieu (1983b). No "esboço de uma teoria da prática", Bourdieu (1983b) analisa, nos processo de interação social, como é que as práticas históricas, presentes tanto a nível das internalizações subjetivas dos agentes quanto a nível da objetividade social, fazem parte das relações sociais e, por isso, essas relações são também relações de poder. Essa concepção das relações sociais enquanto relações de poder é fundamental para o conceito de gênero. Adotando o conceito de J. Scott (1991), Saffioti (1992: 190) assinala que "o gênero se constrói-expressa através das relações sociais" é baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e também "é maneira primordial de significar as relações de poder" (J. Scott, 1988: 42, apud Saffioti, 1992: 197).

Tomando como parâmetro o conceito de gênero, a percepção das diferenças entre os sexos no decorrer da construção de uma biografia sistemática (trajetória social), é que serviram de indicação para o cotejamento das relações de poder nas representações masculinas ora investigadas.

As relações sociais, nesse sentido, acontecem em campos de poder, ou seja, espaços nos quais ocorrem as interações entre os agentes cujas posições são fixadas pela estrutura social. Neste espaço, acontecem as lutas entre os atores através de ações que podem ser ortodoxas ou dominantes e heterodoxas ou dominadas.

Adotando o caminho proposto por Bourdieu (1983b) para explorar as relações de gênero, o machismo ou as práticas tradicionais podem ser consideradas enquanto práticas ortodoxas e a nova

²³ Na noção de *habitus* o inconsciente é "o esquecimento da história que ela própria produz ao incorporar as estruturas objetivas" (Bourdieu, 1983). Nesse sentido o *habitus* é "a história feita natureza"(Bourdieu, 1972: 178, apud Romano, 1987: 43-84).

²⁴ O conceito de experiência de Thompson, segundo Saffioti (1992: 191) pode ser aplicado ao gênero. Para Thompson (1981: 112, apud Saffioti) experiência "é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social, é a experiência que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento".

paternidade enquanto prática heterodoxa porque se caracteriza como uma prática alternativa (conforme já referido na nota 5, p. 3, na Introdução).

Entretanto símbolos e práticas masculinas estão contextualizados dentro da família e na relação conjugal. Portanto, a família foi considerada enquanto campo de poder no qual podem existir práticas ortodoxas ou heterodoxas e na qual o espaço privilegiado da criação dos filhos é o lar (a casa). Por outro lado, a relação conjugal, que é considerada como uma matriz simbólica para as representações masculinas, também se constitui numa relação de poder. Assim, tendo como foco a criação dos filhos, os pais estão inseridos em um campo de poder - a casa- e suas práticas ortodoxas ou heterodoxas estão mediadas pela relação conjugal na qual existem práticas ortodoxas e heterodoxas tanto do marido quanto da esposa.

Aqui, uma observação se faz necessária. O presente estudo está permeado por práticas tradicionais e alternativas e a dominância masculina é tratada tendo em vista que as relações de gênero são contraditórias e não somente hierárquicas, uma vez que "em todas as sociedades conhecidas as mulheres detêm parcelas de poder que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia" (Saffioti, 1992: 184). Portanto, essas relações constituem uma totalidade dialética refletindo concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres, "por isso o machismo não constitui privilégio dos homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras" (Saffioti, 1992: 193). Assim, as práticas masculinas e a percepção que os pais têm das práticas femininas relacionadas aos cuidados com os filhos podem incluir práticas ortodoxas e heterodoxas para homens e mulheres.

Enquanto as práticas tradicionais e alternativas da paternidade serão tratadas como ortodoxas ou heterodoxas dentro da família, sendo fundamental desvendar as relações entre estas práticas, a relação do casal será tratada de acordo com a dinâmica interna da relação entre pai e mãe, a qual será enfatizada em termos de práticas ortodoxas e heterodoxas que possam conter concordâncias e divergências significativas para facilitar e/ou dificultar a prática da paternidade na visão dos pais. Sintetizando, dentro do mesmo campo de poder serão enfatizadas as práticas da paternidade e em que medida a relação entre pai e mãe traz facilidades ou obstáculos para o exercício da paternidade.

Levando em conta todos estes aspectos, o conceito de poder desenvolvido por Foucault é pertinente por permitir a análise de gênero a nível microsocial e considerar o indivíduo, simultaneamente, alvo e executor de poderes. Para Foucault (1990: 183-4) "o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e

ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não se vinculam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação, nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (...) Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. (...) O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão".

Há que se mencionar a crítica feita por Ortiz (1983: 25-29) à teoria de Bourdieu. De acordo com essa crítica, a teoria da prática privilegia mais a reprodução que a mudança, uma vez que as práticas heréticas (ou heterodoxas) tendem, lentamente, a se tornar ortodoxas. Heresias são recuperadas e/ou incorporadas pelas práticas dominantes, uma vez que "o dinamismo do campo funciona no sentido de sua recuperação" (Ortiz, 1983: 23). Também considera que Bourdieu atentou para a importância da mudança, mas seus escritos não desvendam processos de mudança nem indicam muitos caminhos para esse desvendamento. A noção de *habitus* traz em sua própria definição uma tendência à reprodução, mas Bourdieu (1983b: 61) não deixa de assinalar que as práticas, enquanto atualização de *habitus*, "aparecem como determinadas pelo futuro, ou seja, pelos fins explícitos e explicitamente colocados de um plano ou projeto" (grifo meu) e pelas condições passadas, ou seja, "pela antecipação implícita de suas conseqüências" através do *habitus*, de maneira simultânea.

A nova paternidade, por possuir um horizonte futuro no qual alguns homens se inspiram para dar suporte a suas práticas inovadoras atuais devido à busca constante de uma superação dos traços machistas adquiridos na socialização, tendo por objetivo o pleno exercício da paternidade, é um fenômeno que fundamenta a importância do futuro para a vivência do presente estando ligado à noção de projeto²⁵.

Se considerarmos a teoria da prática "fora de uma perspectiva imobilista do processo de reprodução", como assinala Ortiz (1983:29), o caminho apontado por Bourdieu é extremamente profícuo para o desvendamento dos mecanismos profundos do poder.

²⁵ O projeto pode ser definido como ação consciente relacionada a um certo objetivo futuro (Sartre, 1978; apud Ortiz, 1983: 9). A ação consciente é importante para a mudança social na vida cotidiana, segundo Heller (1992: 17-41), por desalienar o homem de um ou mais aspectos dessa realidade. Na medida em que este homem realiza uma ação consciente, se aproxima do humano-genérico, ou seja a condição humana mais pura, aquela em que o homem consegue lidar com os processos da vida cotidiana de modo a torná-los o menos alienantes possíveis. Essa opinião é semelhante à de Velho (1987: 103-132) pois, segundo este autor, a noção de projeto abre um campo de possibilidades para uma margem relativa de manobras e iniciativas individuais ou de grupo. Esse campo de possibilidades de poder que o indivíduo dispõe, mesmo estando contido em possibilidades sócio-econômicas determinadas, é fundamental para perceber a mudança social.

Portanto, vislumbro a transcendência de tal limitação pelas características dos dados e seu modo de análise que põem em evidência a relação entre práticas tradicionais, ou seja, a ideologia sexual dominante e práticas modernas, consideradas como alternativas e, ao mesmo tempo, indicadoras de mudanças sociais lentas e graduais, contribuindo para que a ênfase na reprodução seja contrabalançada pela procura constante de mudanças nas representações estudadas.

Nesse sentido, minha crença se apoia no pensamento de Heller (apud Bruschini, 1990: 60), para quem a tradição tem uma força imensa no que se refere à vida cotidiana e sua mudança acontece na medida em que elementos ideológicos não-dominantes transformam-se de carecimento como ausência em carecimento como projeto. Por isso, na perspectiva dessa investigação das representações masculinas, o presente está sendo considerado tanto com sua relação com o passado, quanto pela realização de um projeto - a nova paternidade.

Quanto ao conceito de representação, algumas considerações se fazem necessárias porque foi através do discurso masculino, e não das práticas, que foram captados aspectos relacionados à vida cotidiana, e dentro dela, ao trabalho doméstico. Nesse sentido, a análise empreendida nesta dissertação está embasada em dados que se referem a representações de práticas e de símbolos da vida cotidiana, o que exige alguns comentários sobre a distinção entre representações e práticas.

As representações são construídas por meio das interações sociais concretas, significando "o reconhecimento do eu e do outro e, sobretudo, à relação²⁶ entre o eu e o outro, podendo estes ser classes sociais, grupos étnicos ou categorias de gênero" (Saffioti, 1992: 209; segundo definição de Oliveira, 1987; grifos meus). Por isso, são instrumentos de apreensão da realidade da vida cotidiana (Bourdieu, 1983b:47-48; Berger e Luckman, 1993).

Entretanto, representação e prática não significam a mesma coisa. Como assinala Salem (1981: 54, nota 7), para Bourdieu "a lógica que preside a prática apresenta propriedades de um automatismo, ao passo que a representação, enquanto discurso racionalizador da prática, estaria inserida numa instância de outra ordem". Em outras palavras, as representações enquanto teorias espontâneas da prática ou senso comum (Bourdieu, 1983), podem captar o universo simbólico dos atores mas não expressam toda a realidade contida nas práticas. Assim, "a representação não se confunde com a vivência, com a experiência. A representação é o pensar-sentir a vivência" (Saffioti, 1992: 209).

Enfatizar que as representações compõem uma parte ideal do processo da vida social não invalida dizer que elas constituem a realidade de modo tão real quanto as ações materiais sobre a

²⁶ Essas relações, como já foi dito anteriormente, são contraditórias.

natureza. Sua origem é o pensamento que interpreta (Cf. Godelier, 1981: 185-6 e 188). Elas tornam presente ao pensamento realidades exteriores e/ou interiores ao homem, inclusive o próprio pensamento. O pensamento interpreta o que está presente e, em decorrência desta interpretação, organiza a relação (de poder) dos homens entre si e com a natureza (Cf. Godelier, 1981: 189).

E ainda, enquanto expressão simbólica da identidade dos indivíduos, as representações não se prendem às idiosincrasias pessoais, uma vez que as experiências subjetivas estão socialmente demarcadas, o que permite a inferência de injunções sociais que as organizam a partir da investigação de discursos singulares elaborados por esses indivíduos (Cf. Salem, 1981: 55).

Assim, dizer que representações e práticas não são a mesma coisa não invalida dizer que existe a marca social na subjetividade e por isso as representações "têm lugar segundo uma base material que nutre o nível simbólico e por ele é alimentada. Na realidade concreta, não se podem separar o material e o simbólico: um é constitutivo do outro" (Saffioti, 1992: 209).

Além disso, é preciso levar em conta que as diferentes formas de interpretar e por em prática as idéias sociais não significa necessariamente que não estejam referidas ao mesmo ideário que continua verdadeiro para todos. Ao contrário, isso reforça o vínculo entre a dimensão subjetiva e as idéias sociais da representação, entre o discurso e a prática, integrando-as num todo que é preciso investigar para descobrir o seu significado (Cf. Magnani, 1986: 140).

Finalizando, este trabalho articula o conceito de gênero e as noções de *habitus* e projetos de vida visando uma reflexão acerca das relações de poder construídas a partir das diferenças que povoam as relações familiares e uma abordagem da construção das diferenças e da possibilidade da igualdade através das representações encontradas.

No estudo dessas representações a apreensão da realidade está mediada não só pelas categorias do discurso científico mas também pela "intermediação da subjetividade tanto na coleta e produção de dados quanto na construção de conceitos que organizam a representação do real. Essa perspectiva não implica um desprezo pelo rigor científico mas apenas reitera que "a objetividade possível é apenas relativa" (Salem, 1981: 53). Por isso, assume-se aqui a postura da busca de significados.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

"Uma das conclusões mais fortes da metodologia é certamente esta: não faz sentido buscar a cientificidade por ela mesma, porque método é apenas instrumento. Faz sentido, isso sim, fazer ciência para conseguirmos condições objetivas e subjetivas mais favoráveis de uma história sempre mais humana. É um absurdo sarcástico jogar fora da ciência o que não cabe no método. Se a ciência se der a isto, não passará de algo mesquinho." (Pedro Demo)

Este capítulo descreve as estratégias metodológicas que foram utilizadas para alcançar os objetivos propostos na introdução. Nele assinalo as articulações realizadas entre os métodos e as técnicas antropológicas que foram empregadas para a coleta e análise dos dados. Inicialmente serão feitos alguns comentários sobre a escolha metodológica e operacionalização dos

dados desta dissertação. Em seguida serão apresentados critérios e procedimentos de escolha da amostra, bem como questões relativas aos instrumentos de coleta e à análise dos dados.

ESCOLHA METODOLÓGICA

A opção pela busca de significados está ligada à formulação do problema que foi embasado em uma definição operacional de dados e uma delimitação de temas explorados na coleta e na análise desses dados visando a comparação dos mesmos e a apreensão do significado. Não se trata, portanto, de uma pesquisa exploratória.

A busca de significados está ligada à intenção de apreender formas de mudanças através do estudo das representações, considerando a distinção feita por Malinowski (1990: 39-61) entre o que as pessoas fazem e o que as pessoas dizem que, de certo modo, foi retomada por Bourdieu quando diferencia as representações e as práticas.

Quando a intenção de observar mudanças está aliada ao estudo de representações, alguns problemas metodológicos devem ser levados em conta. Segundo Feldman-Bianco (1987: 7-45) existem perigos metodológicos na análise das representações, uma vez que as indagações feitas pelo pesquisador estão baseadas em situações hipotéticas ou temas abrangentes, e também, estão deslocados do comportamento concreto. Já Durham (1988: 17-37) aponta problemas que os antropólogos enfrentam por continuarem utilizando métodos funcionalistas de pesquisa de campo que concebem a estrutura social como estática, adotando teorias explicativas com premissas que incluem conceitos voltados para a mudança, o que leva a uma distância entre a investigação empírica e a interpretação dos resultados, comprometendo a pesquisa.

Considerando estas ponderações e a dificuldade em fazer uma observação sistemática do cotidiano no espaço privativo da família²⁷ a opção por apreender visões de mundo relacionadas a atividades cotidianas mostrou-se ainda mais pertinente. Privilegiei o discurso verbal em questões que dizem respeito à prática cotidiana, utilizando as atividades domésticas e de criação de filhos enfocadas

²⁷ Essa dificuldade, inicialmente suposta devido à valorização da privacidade do espaço doméstico em famílias de camadas médias e também ao fato de estar explorando questões relativas ao trabalho doméstico tomando homens como informantes, foi confirmada posteriormente pelo pequeno número de pais que se dispuseram a fazer a entrevista e pela preferência em realizá-la fora do ambiente doméstico. Estes problemas serão retomados ainda neste capítulo.

a partir da relação estabelecida entre o pai e a mãe, como matrizes simbólicas na construção de representações.

Nesse sentido, procurei captar mudanças e permanências culturais através da análise das trajetórias individuais que me levaram à construção de biografias sistemáticas, possibilitando a comparação entre representações relacionadas à infância e à adolescência dos entrevistados (família de origem) e aquelas referentes à formação e ao momento atual na família de procriação. Estas biografias integram as experiências da história individual como variantes estruturais do *habitus*. Sendo intransferível, cada história individual pode corresponder a uma visão de mundo, mas nela sempre haverá um indicador de pertencimento a esta ou aquela condição e posição de classe, mesmo com todas as diferenças individuais, o que permite a captação de estilos de vida atuantes nesse universo (Bourdieu, 1983b: 80-81). Dentro dessa perspectiva, tive por meta compreender variações existentes nas representações do comportamento concreto (papéis informais) e em suas relações com normas e modelos sociais.

Podendo ser incluído no estudo de ideologia por captar a dimensão simbólica do comportamento social, essa abordagem vincula as representações encontradas a questões de poder na família e processos de ocultamento de mecanismos de dominação²⁸.

Por outro lado, deve-se salientar que o fenômeno observado está inserido na mesma cultura da observadora e, inclusive, numa camada social próxima. Portanto, possuo uma certa familiaridade com hábitos e costumes da população estudada e opero com o mesmo código lingüístico.

Devo acrescentar ainda que a escola onde foi realizado o contato com os pais era minha conhecida mesmo antes da realização desta pesquisa. Esse conhecimento aliado a uma abertura da escola para a realização de trabalhos científicos²⁹ foi positivo para que, no trabalho de campo, eu contasse com a mesma como local de referência para o primeiro contato com os pais, a realização de observações e algumas entrevistas. Nesse sentido, o encontro com pessoas não completamente estranhas pode ter contribuído para facilitar a investigação do tema proposto.

Também é preciso acrescentar que as representações ora estudadas são concebidas como algo que não está imediatamente à vista e as perguntas levam à emissão de impressões galgadas e relacionadas à prática cotidiana. Assim, tanto o pesquisador quanto o pesquisado vão descobrindo significados e julgamentos ou impressões sempre relacionadas a essas práticas. Nesse sentido, uma

²⁸ Durham(1988: 29) considera que uma das conseqüências de estar se utilizando métodos funcionalistas em pesquisas de inspiração teórica marxista é a abordagem simplificada e despolitizada de estudos de ideologias.

²⁹ Nas áreas de psicologia e pedagogia já tinham sido feitos trabalhos na escola, segundo depoimento da direção.

certa familiaridade pode estabelecer um clima de confiança que propicie depoimentos despojados e descontraídos.

Na verdade, essa familiaridade converteu-se em estratégia porque o tema investigado fazia com que os entrevistados falassem de suas práticas afetivas, uma vez que estas estão diretamente relacionadas à vivência cotidiana, ao trabalho doméstico e considerando que haveria dificuldade por parte dos entrevistados em abordar esses assuntos.

A observação do que é familiar, entretanto, pode aumentar a possibilidade de ofuscar a compreensão do fenômeno à medida em que haja identificação com valores e aspirações da população estudada. Interpretar a própria cultura e questionar seus pressupostos, considerados normais por muitos, parece ser um trabalho tão ou mais complexo que observar outras culturas (Cf. Oliven, 1985: 11). Por isso, a delimitação do problema e dos temas foi acompanhada da operacionalização dos dados com a utilização de mais de uma estratégia para sua obtenção³⁰. Estes procedimentos se fizeram necessários para o bom andamento da pesquisa, sendo a escola o local que permitiu minha aproximação dos informantes, ou seja, os pais dos alunos matriculados.

Ainda é preciso observar que a subjetividade envolvida no processo da pesquisa pode ser identificada mais facilmente nas ciências humanas, mas a própria escolha do tema, em qualquer investigação científica, já pressupõe uma ligação com a sensibilidade do pesquisador para determinado problema. O importante é que sejam conhecidos e levados em consideração os processos objetivos e subjetivos tanto do pesquisador como dos pesquisados, de maneira que uma abordagem consciente e sistemática do tema investigado possa contribuir para o desvendamento de questões que tornem a mediação entre o objetivo e o subjetivo cada vez mais clara.

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Considerei o conceito da "nova paternidade" e a ausência do enfoque da percepção masculina na bibliografia consultada sobre estudos de modernização da família brasileira (já levantados na

³⁰ Haguette (1987: 78-79) discorre sobre fatores que representam fontes potenciais de contaminação ou distorção das informações colhidas através de observação participante, entrevista, história oral e história de vida, apresentando como ponto-chave, no controle de qualidade dos dados em questão, o uso sistemático de dados de outras fontes relacionadas com o fato observado.

Introdução), para escolher como objeto de pesquisa os pais de uma escola alternativa considerada como uma experiência sintetizadora (vide nota 14, p. 10, Introdução).

Os pais selecionados para a amostra e suas esposas ou ex-esposas exercem atividade profissional remunerada. Também possuem filhos na faixa etária correspondente à fase de formação do ciclo familiar, ou seja, o intervalo que vai dos 2 aos 7 anos, por se tratar de uma fase em que tanto a mãe quanto o pai estão capacitados a desempenhar as mesmas atividades na criação dos filhos, como também consiste num período no qual há intensa dependência dos filhos em relação aos pais no que se refere às atividades cotidianas.

Esses critérios são importantes porque:

- ◆ a discussão sobre igualdade e diferença com relação à nova paternidade é verificada em casais nos quais as esposas exercem atividade profissional remunerada;
- ◆ essa situação configura uma igualdade em relação à instrução e ao direito ao trabalho na qual a união conjugal não fica vinculada à dependência financeira ao marido;
- ◆ a faixa etária escolhida inclui filhos dependentes dos cuidados de criação que podem ser exercidos tanto pelo pai quanto pela mãe e, por isso, tendem a acentuar diferenças ou semelhanças entre o casal na distribuição de suas atividades;
- ◆ exigem uma redefinição, por mínima que seja, de papéis masculinos e femininos (pelo menos a nível informal) que são importantes para esta investigação.

Ao delimitar indivíduos cujos filhos estejam nesta faixa de idade também focalizei a geração que desenvolveu boa parte da sua socialização primária nos anos 70, época de grandes acontecimentos tais como contracultura, indústria cultural, difusão da pílula anticoncepcional, feminismo, entre outros, que proporcionaram questionamentos acerca dos papéis sexuais (Romanelli, 1991: 32-34; Mendes Leite, 1993: 23-38; Bruschini, 1990).

O local do primeiro contato com os pais foi a escola alternativa, já mencionada, que possui uma clientela pertencente a diversos segmentos das camadas médias do Recife, que trabalha com turmas do maternal à quarta série e possuía, na época em que realizei o trabalho de campo, 140 crianças matriculadas, sendo que 98 delas estavam na faixa dos 2 aos 7 anos de idade. Ao todo existiam 75

mães com crianças de 2 a 7 anos. Desse número total de mães apenas 9 não trabalhavam fora de casa, 2 eram mães solteiras e 2 eram estudantes. O número total de pais da escola era , por conseguinte, 73 e todos eles trabalhavam, segundo as informações contidas nas fichas de matrícula e listas de alunos e de pais da escola. Deste total de pais, 64 fizeram parte da amostra, considerando que, nesses casos, as esposas exerciam atividade profissional remunerada.

Essa clientela da escola morava em bairros que se concentram mais na zona noroeste da cidade uma vez que 65% dos pais moravam na Várzea, Cidade Universitária e Iputinga. Os outro 35% se distribuíam entre os bairros de Parnamirim, Casa Forte, Dois Irmãos, Espinheiro, Aflitos, Madalena, Torre, Brasilit, Jardim São Paulo, Boa Vista, Camaragibe, Boa Viagem, Curado, Olinda e Beberibe.

Havia uma concentração dessa clientela em empregos cujas atividades são administrar ou planejar o trabalho dos outros, ou ainda, capacitar os outros para se dedicarem ao trabalho que, como salienta R. P. Scott (1988: 51), são características dos empregos e atividades próprios da classe média. Na tabela abaixo estão descritas as ocupações existentes:

TABELA 1: Profissão de 60 pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife, no ano de 1994.

PROFISSÃO:	PAI n (%)	MÃE n (%)	TOTAL n (%)
Professor Universidade Pública	05 (08)	05 (08)	10 (08)
Professor Universidade Particular	-	02 (03)	02 (02)
Professor de 1º e 2º graus	03 (05)	11 (18)	14 (12)
Funcionário Público (níveis superior e médio)	18 (30)	23 (39)	41 (35)
Funcionário de empresas particulares			
Nível superior	07 (12)	08 (13)	15 (12,5)
Nível médio	16 (27)	02 (03)	18 (15)
Profissional liberal	08 (13)	09 (16)	17 (14)
Pequeno comerciante	03 (05)	-	03 (2,5)
TOTAL	60	60	120

FONTE: Fichas de Matrícula da escola

Esses 64 informantes receberam os questionários através das professoras que ensinavam do maternal à quarta série. Neles eu frisava a importância dos pais responderem sozinhos às questões sem que sofressem influências dos familiares nas respostas.

Foi interessante o fato de que muitos pais e mães me procuravam, manifestando um misto de interesse e curiosidade, justificando algumas vezes o atraso na resposta. Vale registrar que o acesso aos pais separados foi feito com maior dificuldade, pelo fato do pouco contato que mantinham com a mãe da criança.

Dos 64 questionários enviados, 32 voltaram preenchidos, sendo que um foi excluído por não atender a um dos critérios de seleção da amostra (a esposa não exercia trabalho remunerado). Assim, foi de acordo com o interesse e a disponibilidade em responder o questionário, que era preenchido sem que houvesse nenhum contato prévio entre a minha pessoa e os informantes e de acordo com os critérios de seleção da amostra, que os 31 pais passaram a fazer parte do universo investigado.

O critério para que o pai respondesse os itens referentes às atividades domésticas e de criação era que ele possuísse um convívio rotineiro com a criança para a qual ele preencheria as frequências de acordo com cada atividade. Como constatou-se que somente os pais casados e co-residentes com a esposa mantinham convívio com filhos ou enteado (1 caso), devido à matrilocalidade existente no grupo quando havia separação do casal, a amostra se restringiu a 26 (vinte e seis) pais quanto à exploração de atividades cotidianas (domésticas e de criação) e de manutenção econômica da casa e dos filhos.

Na carta de apresentação também perguntava ao pai se ele teria disponibilidade em realizar uma entrevista onde seriam aprofundados alguns aspectos que foram respondidos no questionário. Aqueles que concordavam em fazer a entrevista escreviam na carta o telefone que seria utilizado para que eu pudesse entrar em contato. Passava-se então para a segunda fase de coleta de dados que consistia na realização da entrevista.

Dos 31 pais que entraram na amostra do questionário, 11 se dispuseram a fazer a entrevista, sendo que dois eram meus conhecidos, por isso optei em não entrevistá-los. Novamente a escolha dos pais se deu pelo interesse e disponibilidade que eles tinham para os assuntos abordados no questionário e que seriam aprofundados na entrevista. Das 9 entrevistas feitas, 8 foram utilizadas para a análise dos dados.

Durante as duas fases da coleta de dados, ou seja, a aplicação dos questionários e a realização das entrevistas, foram feitas observações na própria escola abrangendo todos os pais e parentes que transportavam as crianças e participavam das festas comemorativas da escola.

Assim, embora a escola tenha sido selecionada de maneira intencional, a população investigada foi escolhida de maneira aleatória dentre aqueles que compunham a escola. Esta aleatoriedade, entretanto, não pode ser considerada em termos de ocasionalidade pois, de certa maneira, os pais escolheram entrar na amostra devido à sensibilidade que tinham para o assunto, qualquer que tenha sido a razão para que eles se sentissem interessados.

Após a realização das primeiras entrevistas pude constatar que alguns entrevistados se conheciam e tinham uma relação de vizinhança ou amizade. Também ficou evidente que parentes, amigos e vizinhos dos entrevistados tinham filhos nessa escola, uma vez que eles faziam alusão aos primos, aos colegas e aos amigos de seus filhos, identificando a série que cursavam. Portanto, pode-se dizer que existe uma rede de relações entre os pais da escola não só pelo fato de ali matricularem os seus filhos mas também pelo fato de que eles mantêm algum tipo de interação cotidiana. Obviamente essa rede não foi utilizada enquanto recurso metodológico se considerarmos que ela não foi acionada pela articulação comum ao ego central (Cf. Mayer, 1987: 131) - se esse ego significa um pai e suas relações informais. Mas a escola pode ser considerada uma instituição que articula uma rede de relações, por mais esparsas que sejam.

Para finalizar este item gostaria de assinalar que a diferença feita entre informante e ator precisa ser relativizada. No nível da operacionalização de pesquisas, o foco da antropologia tende a privilegiar mais a observação do comportamento concreto nas ações e interações sociais ou a análise das representações. Estas opções resultam em um tratamento diverso dos sujeitos da investigação que são considerados como atores sociais, no primeiro caso, e informantes, no segundo (Cf. Feldman-Bianco, 1987:10). A investigação ora realizada privilegia as representações e por isso, pode-se dizer que os sujeitos da investigação são informantes. Entretanto, preciso assinalar que as informações que investigo dizem respeito a suas próprias vidas, as suas interações e relações sociais na família. Assim, considero que eles são mais informantes que atores, mas não são somente informantes.

A OPERACIONALIZAÇÃO DOS DADOS

A definição operacional³¹ dos referenciais empíricos torna-se necessária uma vez que existem indicadores por meio dos quais foram trabalhados a condição e a posição dos sujeitos na estrutura social.

A condição de classe é importante para configurar a semelhança que existe na amostra selecionada em termos da faixa salarial individual e do casal, ocupação exercida, grau de instrução, situação conjugal, número de filhos e bairro de residência.

O estilo de vida interessa para captar diferenças de posição de classe e gênero dado que ele significa uma maneira particular de expressar e usar o *habitus* através de suas disposições³² duradouras tais como o **gosto**, o **ethus** e a **hexis corporal**³³.

Dentre estas disposições, detive-me especialmente em questões de gosto e ethus para a elaboração de indicadores uma vez que a busca de representações aqui empreendida parece se coadunar mais a esses tipos de operadores práticos.

As representações serão investigadas através da configuração da trajetória individual em termos da realidade social que se apresenta sob a forma de círculos concêntricos na estruturação de *habitus*. Por isso serão explorados dados de socialização na família de origem, lembranças da escola e a história profissional e afetiva da formação da família de procriação.

Em termos das experiências individuais adultas cotidianas do sujeito no campo de poder estudado serão investigados o trabalho doméstico e as relações que a rotina diária guarda com a relação conjugal, o trabalho profissional, a vizinhança, etc...

Para estudar essas trajetórias e experiências com vistas a captar os diferentes estilos de vida é necessário, ainda, dar atenção às manifestações familiares de interiorização e exteriorização de necessidades econômicas, sociais e culturais através das quais as estruturas de um tipo de condição de existência conformam o *habitus* dos agentes. Como indicadores das manifestações de

³¹ Sobre a operacionalização de dados e sua importância na pesquisa empírica vide Demo (1995: 163-170).

³² A noção de **disposição** é importante para a operacionalização dos dados porque Bourdieu (1983b) a considera apropriada para exprimir o que recobre a noção de *habitus*, já que este "exprime, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora, apresentando então um sentido próximo ao de palavras como **estrutura**; designa, por outro lado, **uma maneira de ser**, um **estado habitual** (em particular do corpo) e, em particular, uma **predisposição**, uma **tendência**, uma **propensão** ou uma **inclinação**" (nota 20, p. 61; grifos meus).

³³ O **gosto** é um operador prático. Transporta as diferenças inscritas na ordem física dos corpos para a ordem simbólica das distinções significantes. Transforma práticas objetivamente classificadas em práticas classificantes, ou seja, em expressão simbólica da posição do sujeito. Está no princípio de práticas ajustadas às regularidades inerentes a uma condição de classe determinada. É a estética realizada. O **ethus** é a ética realizada. É o princípio de eleição de condutas introduzidas por uma condição. Funciona como matriz prática uma vez que não recorre a explicações ou conceitualiza ações para orientar as práticas. A **hexis corporal** é uma disposição que se exprime na postura em relação ao corpo. Está presente em gestos, nas entonações ou traços fisionômicos socialmente construídos (Cf. Romano, 1987: 47-48).

interiorização nas reações familiares foram explorados o tipo de moral, interditos, conflitos, preocupações, preferências e, principalmente, rotinas. Como indicadores das manifestações de exteriorização das relações familiares foram levados em consideração a forma da divisão sexual do trabalho, o universo de objetos manipulados, os modos de consumo, as relações com os parentes (principalmente com a esposa) e as regras de casamento e separação atuantes nesse universo.

Os projetos de vida abordados são aqueles relacionados com a decisão de casar e ter filhos, a educação dos filhos e a realização profissional.

Em termos da divisão sexual do trabalho, algumas observações precisam ser feitas. Primeiro, ela será enfocada enquanto divisão de atividades do trabalho doméstico, por sexo. Segundo, ela está sendo investigada dentro de uma situação de semelhança quanto ao exercício de atividade profissional remunerada por homens e mulheres. Terceiro, essa divisão embasa as diferenciações que serão feitas dentro do universo investigado. Por isso ela é considerada o indicador mais importante deste trabalho.

Ao cuidar dos filhos o casal tem que cuidar da casa também porque esta é o *locus* da criação de filhos. Por isso o trabalho doméstico foi focalizado nesta dissertação, já que inclui as atividades domésticas e de criação de filhos. Ao incluir esses dois tipos de atividades tomei como referência Meillassoux (1976), para quem a família aparece como mediadora entre consumo e trabalho, sendo o trabalho doméstico aquele que inclui a transformação das mercadorias em produtos consumíveis (preparo de alimentos, lavagem e conserto de roupas, administração do consumo de bens de subsistência) e, também, a formação de novos trabalhadores (gravidez, parto e socialização das crianças).

Entretanto essa diferenciação entre atividades domésticas e de criação de filhos também é importante para verificar se existe uma maior valorização de um ou outro grupo. Ferrand(1989b), Romanelli(1991: 32-34) e Roazzi e cols.(1995) perceberam que existe essa diferenciação porque os homens preferem mais as atividades de criação.

Roazzi e cols.(1995) verificaram esta diferenciação pesquisando, através de um questionário, a concordância ou discordância entre homens e mulheres acerca da participação masculina em 13 atividades, quais sejam: limpar e arrumar a casa; por a criança para dormir; engomar; ajudar nas tarefas escolares; cozinhar; forrar a cama; preparar alimentos para a criança; levar a criança à escola; lavar roupas; limpeza dos filhos; lavar pratos; levar a criança ao parque ou à praia; consertos domésticos.

Romanelli (1991: 32-34) refere que a higiene corporal, a alimentação, o transporte em diferentes locais e o acompanhamento de tarefas escolares dos filhos foram atividades nas quais ele encontrou a participação masculina.

Ferrand (1989b) reitera essas posições, afirmando que além dos homens preferirem atividades que implicam em contato direto com as crianças, há uma segunda seleção entre tarefas qualificadas, que seriam acordar a criança, contato, jogos e aprendizado, e não qualificadas, que seriam manutenção, alimentação e higiene dos filhos.

Diante dessas tarefas especificadas, fiz uma seleção de quinze atividades, sendo nove referentes à criação dos filhos e seis referentes à casa, que fizeram parte do questionário para fins de comparação de frequências que me dessem idéia das preferências masculinas.

Mas a rede de atividades domésticas e de criação foi explorada em termos da sua relação com outros indicadores apontados tais como modos de consumo, relações parentais, conflitos, etc. Assim, foram consideradas atividades como lavar roupas, cozinhar, arrumar a casa, cuidar da higiene, da alimentação, do lazer das crianças, etc. Mas essas atividades foram relacionadas a regras de educação das crianças, de manutenção econômica da casa e das crianças, de casamento e separação.

Esse procedimento foi possível nas entrevistas, porque explorei trajetórias, experiências individuais, e rotina de um dia de semana e outro dia de fim-de-semana, deixando a possibilidade para que eles falassem qualquer tipo de atividade que era exercido e verificando as relações estabelecidas entre as trajetórias, as experiências e as rotinas.

Passarei a uma explanação mais detalhada de como os indicadores foram utilizados no item que se segue, já que esse detalhamento expressa as razões da utilização de questionários e entrevistas, bem como do conteúdo das perguntas exploradas em cada um deles.

INSTRUMENTOS, TÉCNICAS E PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: o questionário, a entrevista e o diário de campo, sendo que a entrevista foi o principal instrumento, devido à opção metodológica feita. A técnica utilizada foi a observação. A pesquisa teve duas fases, como foi dito anteriormente: a primeira consistiu na aplicação de questionários e a segunda foi dedicada às entrevistas. A observação e as

anotações no diário de campo foram feitas numa e noutra fase. O trabalho de campo ocorreu entre julho e dezembro de 1994. Foram feitos pré-testes com 3 (três) entrevistas e 8 (oito) questionários com pais que não faziam parte da escola.

A seguir apresentarei questões referentes aos questionários e às entrevistas, identificando as fases que se sucederam no processo de coleta de dados e depois abordarei o diário de campo e as observações sem distinguir por fase.

1ª fase: questionários

O preenchimento do questionário iniciou o processo de coleta de dados. Ele foi utilizado para apresentar a pesquisa aos pais e dar prosseguimento ao processo de coleta pois neles os pais assinalavam se queriam ser entrevistados ou não. Também foi graças à sua utilização que pude vincular minha presença na escola para a realização de observações ao processo de recolhimento de questionários o que me possibilitou alguns contatos informais com pais da escola, conforme já foi descrito no item "critérios e processo de escolha de informantes".

O conteúdo de suas perguntas seguiu duas preocupações principais. A primeira foi a configuração da situação conjugal, sócio-econômica, e residencial da família de procriação. A segunda foi a comparação de freqüências de atividades incluídas como indicadores do trabalho doméstico para verificar possíveis hierarquizações nas divisões de gênero quanto à relação entre atividades domésticas versus de criação de filhos, atividades de maior contato intelectual e emocional com os filhos versus atividades de higiene e alimentação de filhos e, finalmente, orientação ou escolha versus execução de atividades.

Este último aspecto relacionado a preferências de atividades se deu pelo fato de que Romanelli (1991: 32-34) e Goldemberg (1991) referem que em lares de camadas médias do Rio de Janeiro geralmente as atividades domésticas são desempenhadas por empregadas domésticas e administradas pelas esposas.

A questão de comparar freqüências para tentar estabelecer regularidades em relação ao trabalho doméstico suscita alguns problemas que são bastante discutidos em termos de como medir o tempo gasto no trabalho doméstico ou como medir o valor de tal ou qual atividade (vale mais catar feijão ou lavar roupa?). Também surgiram problemas a respeito de como iria quantificar essas atividades no cotidiano. A eleição de 15 (quinze) atividades e a utilização de freqüências - e não de horas gastas para fazer tal ou qual atividade - pareceu-me a saída mais adequada já que me daria uma

auto-definição dos informantes sobre o caráter rotineiro dessas atividades e fizeram com que a valorização das atividades fossem medidas pelo caráter rotineiro de suas freqüências. Paraphrasing Rodrigues (1989: 87) que utilizou-se de um texto de Bourdieu e Cols.(1963) para seu argumento, a utilização de instrumentos menos rígidos pode nos permitir tentar medir aquilo que merece ser conhecido ao invés de desconsiderar como digno de ser conhecido o que não pode ser medido.

Assim, no questionário relatei uma lista de 15 ações cotidianas, feitas diária ou rotineiramente, e pedi que o entrevistado marcasse um "x" ao lado de cada ação na freqüência com que percebe que ele, a sua companheira, a empregada ou um parente (se houver) fazem estas atividades.

As ações que se referem a cuidados com as crianças foram: dar banho; trocar a roupa; orientar o que vestir; preparar as refeições; orientar a alimentação; transportar para a escola; orientar os estudos; proporcionar lazer e colocar para dormir. As ações relacionadas com as atividades domésticas incluíram: lavar roupa; orientar a lavar roupa; cozinhar; orientar como e o que cozinhar; arrumar a casa; orientar a arrumação. Dentro das ações relacionadas às atividades domésticas e de criação dos filhos existem alguns itens que designam a orientação e outros a execução dessas atividades.

As freqüências utilizadas foram: "todos os dias", "fins de semana", "às vezes" e "nunca". No seu uso, a freqüência "às vezes"³⁴ é a menos precisa, podendo significar uma extensão que vai de "quase diariamente" a "esporadicamente".

O meu propósito ao fazer esta lista não foi especificar com precisão qual a freqüência percebida pelo pai, mas, através da comparação entre as freqüências, tentar mapear se há diferenças significantes entre as atividades domésticas e as de criação de filhos. No âmbito dessas atividades, o objetivo foi verificar se existe variação entre a orientação e a execução das mesmas.

Em outra questão, relatei ações ligadas à manutenção econômica do lar. As ações foram divididas em ônus (quem dá o dinheiro para determinada despesa) e execução (quem vai pagar determinada prestação ou comprar determinada mercadoria) com o propósito de verificar como a renda mensal recebida pelo casal era distribuída entre as responsabilidades econômicas.

Foram distribuídos 64 questionários, dos quais foram devolvidos 32 sendo que 1 não pode ser incluído na amostra porque a esposa não trabalhava, conforma já foi comentado no item "critérios e

³⁴ Essa freqüência se mostrou problemática na análise dos dados porque enquanto as outras eram bem exatas essa podia ser maior ou menor que "fins de semana". Desse modo, ela não foi utilizada como referência forte nas análises. Prefiro enfatizar mais as características das preferências masculinas através da comparação entre "todos os dias" e "nunca", embora tenha também utilizado "às vezes" e "Fins de semana", inclusive na apresentação de tabelas e gráficos.

procedimentos de seleção dos informantes". Os questionários foram analisados resultando em gráficos, tabelas e quantificações que auxiliaram na interpretação dos dados qualitativos.

Sintetizando, a aplicação destes questionários teve por intenção os seguintes objetivos:

- ◆ permitir uma primeira aproximação com o universo pesquisado;
- ◆ justificar minha presença na escola nos horários de entrada e saída de alunos;
- ◆ colher informações sobre o perfil sócio-econômico dos pais, de suas esposas e dos arranjos residenciais existentes;
- ◆ fornecer subsídios para a comparação das ações envolvidas com a orientação e execução de atividades relacionadas às crianças, com a orientação e execução das atividades domésticas, e com a aquisição da renda mensal e as despesas com a manutenção do lar;
- ◆ indicar quem tinha interesse em ser entrevistado.

2^a fase: as entrevistas

Essa fase iniciava com o contato telefônico que era mantido com os pais. Eu me identificava e falava um pouco mais do que ia ser abordado na entrevista. Alguns faziam perguntas que eram prontamente respondidas por mim, outros se limitavam a marcar hora e local.

Uma das dificuldades que senti foi a preferência que eles tinham em fazer as entrevistas fora do ambiente doméstico uma vez que não poderia fazer observação das relações familiares quando estivesse entrevistando. Eu sugeria que poderia ser na casa deles ou no trabalho. Logo percebi que deveria abrir mais o leque de opções acerca do local da entrevista. Fui até à diretoria da escola e perguntei sobre a possibilidade de fazer algumas entrevistas lá. Outra opção que encontrei foi a praça situada em frente ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE -Universidade Federal de Pernambuco- quando o entrevistado morava ali por perto.

Assim, foram feitas 9 (nove) entrevistas e entraram na análise dos dados 8 (oito) delas. Em relação às 8 (oito) entrevistas que foram analisadas, o local da realização da entrevista foi a residência, em dois casos; a praça em frente ao CFCH, em dois casos; a escola, em dois casos; o local de trabalho, em dois casos.

Quanto ao horário de entrevista, este sofreu muita variação. Basicamente, dependia muito do horário de trabalho do entrevistado que era muito variado em termos de turno e duração da jornada por

dia. Alguns dos entrevistados demonstraram alguma dificuldade para adequar sua disponibilidade de tempo. Foram realizadas entrevistas em dias de semana pela manhã, à tarde ou à noite. No final de semana ocorreu apenas uma entrevista.

Portanto, aponto essas questões como resistências dos entrevistados para realizar a entrevista, mesmo considerando que foi através do aval deles que entrei em contato.

Nas entrevistas eles se mostravam gentis para comigo, se prontificavam a responder todas as perguntas mas eram bastante genéricos quando a pergunta os incomodava. Também gostavam de falar entre 5 e 40 minutos antes que eu ligasse o gravador. Um deles me colocava no papel de psicóloga pedindo posicionamento da minha pessoa acerca da normalidade ou anormalidade de seus atos. Outro chegou a me perguntar se essa tese não era da área de psicologia, quando comecei a perguntar a respeito de sua relação com os pais na infância e nos dias atuais e, naquele momento, me disse que tinha "coisas" que ele só falava na terapia. Percebi que falar da infância ou da relação com os pais era o mais difícil, para a maioria dos entrevistados. Um deles chegou a chorar quando pedi que ele falasse um pouco de sua infância.

Na verdade essa generalidade em algumas respostas era acompanhada de hesitações e nervosismo, mais perceptíveis no gaguejar freqüente e no cuidado com as palavras escolhidas para responder questões mais "espinhosas" o que, às vezes, se prolongava durante todo o processo da entrevista ou diminuía e acabava, chegando mesmo a existir um clima de relaxamento e descontração.

À medida que ia percebendo essas dificuldades conversava mais com o entrevistado antes de ligar o gravador certificando-o, mais uma vez, acerca do anonimato de seu depoimento, falava um pouco de porque esse assunto me interessava, o quanto era importante gravar a entrevista e o que a escola tinha a ver com a pesquisa. Ao mesmo tempo que ia falando, ia preparando o gravador na sua frente e em seguida perguntava se podíamos começar a entrevista. Isso proporcionou resultados bastante satisfatórios, especialmente quando o entrevistado não estava em processo de separação (apenas dois pais encontravam-se nessa situação, sendo que um havia se reconciliado e outro não), quando as dificuldades aumentavam.

Nesse sentido, a descontração dos depoimentos dados na escola por vários pais (não somente os que foram entrevistados) não se repetia na entrevista. Porém o fato dos entrevistados terem optado por iniciativa e vontade próprias à realização da entrevista mostra que falar da vida afetiva e familiar é difícil mesmo para aqueles que se propõem a fazê-lo e se esforçam para tal. Considero como fatores

que podem ter contribuído para as dificuldades encontradas o próprio tema da pesquisa que gira em torno de "coisas de mulher"³⁵ e o fato da pesquisadora ser, também, uma mulher.

Utilizei as entrevistas semi-estruturadas (ANEXO), que tiveram duração média de 1:30h (uma hora e meia), com 9 pais que se dispuseram a realizar a entrevista, dentre os 31 cujos questionários entraram na amostra analisada, como instrumentos para ingressar no universo simbólico dos entrevistados, buscando o significado do que havia encontrado nesses questionários em termos de preferências nas atividades domésticas, de criação e de manutenção da casa e dos filhos, para as representações da maternidade e da paternidade.

Através das entrevistas foram delineadas as regras (como) e as práticas (atividades) que envolvem a criação dos filhos segundo a posição, a condição de cada entrevistado e de acordo com as manifestações exteriores e de interiorização contidas nas relações familiares. As entrevistas permitiram captar a percepção que os entrevistados têm de suas práticas cotidianas, suas representações da paternidade e maternidade atuais e a correlação destas com as das famílias de origem.

Os **DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS** visaram delinear trajetórias e projetos de vida realizados e a realizar, tanto na vida profissional quanto na afetiva, com o propósito de perceber qual a relação entre profissão, formação e desenvolvimento da família de procriação.

O item **CASA** foi explorado com o intuito de começar o diálogo sobre o trabalho doméstico percebendo qual a relação que o entrevistado cultivava com a casa e os filhos, principalmente em termos de proximidade ou afastamento.

As **ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE CRIAÇÃO DOS FILHOS** têm o propósito de verificar como se dá a participação do entrevistado nessas atividades em termos de preferências e justificativas através das quais eles entendem o que lhes cabe ou compete. Também procurei verificar se as atividades incluídas na lista do questionário estavam de acordo com a rotina deles ou não. O nível de proximidade com as atividades e algumas regras de educação de filhos foram percebidas através desse item.

As **RESPONSABILIDADES FINANCEIRAS E O CONSUMO** foram enfocados no intuito de analisar a relação entre provimento e consumo: o que, quando e quanto era consumido; quem se encarregava das compras e porque.

³⁵ Este termo foi encontrado no livro de Goldemberg (1991) e no artigo de Roazzi e cols.(1995) quando se referiam às atividades domésticas.

O item **RELACIONAMENTO** objetivou apreender as representações da maternidade e paternidade em termos de suas semelhanças e diferenças cotidianas. Quando o entrevistado entendia que deveria falar especificamente em relação ao seu caso, após ele falar eu remetia para diferenças entre pai e mãe em geral. Quando ele generalizava, eu perguntava sobre as semelhanças e diferenças que ele via no seu caso particular.

Na **INFÂNCIA DO PAI** entrevistado procurei configurar a situação social, econômica, residencial, profissional e o nível de instrução do pai e da mãe do entrevistado, objetivando uma melhor configuração da trajetória e dos projetos profissionais e emocionais. Também foram exploradas as representações sobre a infância, maternidade e paternidade, em termos das atividades cotidianas na casa e com os filhos. O propósito aqui é a comparação com as representações encontradas para a família de procriação a fim de verificar a existência de mudanças e permanências culturais.

O item **SEPARAÇÃO** teve por objetivo captar regras de casamento e separação atuantes no grupo e em que medida elas influenciavam na construção das representações da maternidade e da paternidade.

Todos os itens foram desenvolvidos procurando relações das representações da paternidade e maternidade com o nível de participação do pai, os papéis informais, as qualidades atribuídas ao pai e à mãe, as relações e espaços de poder vividos no cotidiano atual e aquele vivido na família de origem.

As citações de trechos das entrevistas contidas nesta dissertação são anônimas devido à minha preocupação de impedir qualquer possibilidade de identificação. Nas falas dos entrevistados, tive o cuidado de substituir qualquer referência nominal por graus de parentesco e profissional por áreas de trabalho.

Observação e diário de campo

Na primeira e segunda fases foram feitas observações e anotações no diário de campo.

As observações foram feitas na escola, em sua maioria. Observações sistemáticas foram feitas durante o mês que fiquei recebendo os questionários preenchidos, nos horários de entrada e saída das crianças. Depois elas foram mais espaçadas. Também foram observadas festas comemorativas e feira de ciências da escola. Somente em dois casos pude fazer observações das relações familiares na residência dos entrevistados, pois somente nesses casos eles se dispuseram a fazer a entrevista em casa.

Entretanto, não posso dizer que houve insistência da minha parte em fazer a entrevista na casa deles. Eu sugeria a casa como um dos lugares possíveis de realização das entrevistas, conforme já comentado no item "2ª fase: entrevistas", deixando-os à vontade para escolher o lugar de sua conveniência. Isso aconteceu porque parti da premissa que ao contatar com os homens estaria enfrentando uma tripla dificuldade: a de fazê-los falar sobre coisas socialmente atribuídas às mulheres; a de "invadir a privacidade" e a de não estar sendo conduzida pelas donas da casa nessa invasão do espaço doméstico. Como a literatura e a minha vivência informavam que a casa é um espaço mais feminino que masculino (Cf. Bruschini, 1990; por exemplo) e também da importância de fazer contatos iniciais com as pessoas que controlam a comunidade, seja essa comunidade pertencente ou não à sociedade do pesquisador (Cf. Cicourel, 1990: 88-89), achei melhor deixá-los à vontade na escolha do local já que privilegiei as entrevistas como instrumento principal de coleta de dados, conforme explicitado no item "escolha metodológica".

Nessas observações a minha presença na escola era justificada inicialmente pela coleta dos questionários preenchidos e, pouco a pouco, ia informando a alguns pais que se aproximavam de mim que também estava ali fazendo observações. Após o período de coleta de questionários continuei indo à escola em horários e períodos não sistemáticos e a minha presença já não causava tanta curiosidade.

As observações feitas podem ser classificadas como participantes se for considerado que eu assumia papéis que variavam entre o de participante-como-observadora, observadora-como-participante e observadora total (Cf. Cicourel, 1990: 92-94).

Registrei em diário de campo as impressões das entrevistas e as observações feitas na escola e na casa dos entrevistados. Estas anotações diziam respeito às facilidades e dificuldades encontradas no campo, impressões sobre o estado emocional dos informantes e também o meu, à medida em que alguns aspectos abordados nas entrevistas nos tocavam procurava escrever um pouco sobre possíveis causas e circunstâncias que provocavam reações emocionais. Também descrevi características das casas que tive oportunidade de visitar e algumas interações entre pai e filhos, pai e mãe, mãe e filhos, mãe e empregada, que tive a oportunidade de presenciar. No diário, fazia ainda análises parciais quando terminava as entrevistas, tentando correlacionar o que era observado na escola e na casa com o que era dito pelos informantes. Muitas das idéias e observações contidas nessas anotações, embora não tenham sido citadas, estão presentes durante toda a exposição deste trabalho.

ANÁLISE DOS DADOS

Passarei a expor critérios e procedimentos da análise dos dados procurando seguir uma ordem cronológica de como os instrumentos foram utilizados. Primeiro haverá uma explanação sobre os questionários, depois sobre as entrevistas e o diário de campo.

Os questionários

O processo de análise foi iniciado pela categorização e codificação dos questionários. Foram codificadas 153 variáveis no SPSS (Statistical Program for Social Sciences) e analisadas as freqüências simples e relativas obtidas. Atenção especial foi dada às variáveis que traduziam as freqüências das atividades domésticas e de criação de filhos.

Como há problemas relacionados à medição do tempo do trabalho doméstico e do valor que cada atividade possui (conforme já foi explicitado no item "instrumentos, técnicas e processo de coleta de dados"), optei por fazer análises das atividades separadamente e em grupo, sendo que, na discussão, dei mais atenção aos grupos que se formavam ao relacionar atividades domésticas versus criação de filhos, atividades de maior contato intelectual e emocional com os filhos versus atividades de higiene e alimentação de filhos, e por fim, orientação versus execução de atividades.

Também procedeu-se uma comparação entre grupos de variáveis que traduziam quem fornecia o dinheiro versus quem comprava mercadorias para casa e quem fornecia o dinheiro versus quem comprava mercadorias para os filhos, com o mesmo propósito.

As outras variáveis foram correlacionadas à medida em que era importante uma comparação a ser feita para a construção do argumento. Por exemplo, foi necessário comparar o tempo de trabalho gasto fora de casa para o exercício de trabalho remunerado pelo homem e pela mulher; o nível de instrução dos maridos em relação ao das esposas; a faixa salarial dos maridos em relação ao das esposas; etc...

Outras variáveis como idade dos entrevistados e de suas esposas, número de filhos das famílias investigadas, etc..., foram tomadas apenas a nível informativo para caracterizar a amostra.

As entrevistas

Após verificar as correlações existentes nas questões relativas ao trabalho doméstico e à manutenção econômica e consumo familiar, iniciei as transcrições das entrevistas.

Depois da transcrição iniciei um processo de escuta das entrevistas. A escuta foi acompanhada do texto transcrito, uma vez e outra não. Isso aconteceu por três motivos:

- ◆ pela importância que a tonalidade, os silêncios, os risos, etc, têm para o entendimento do significado da fala;
- ◆ pelo fato de que a maioria das entrevistas foi transcrita por uma empresa especializada;
- ◆ por entender que através de um processo de repetição eu ia chegando, mentalmente, a unidades de significação através da identificação de acontecimentos semelhantes em todas as entrevistas e daqueles particulares a cada um dos entrevistados.

Em seguida, foi feito um processo de codificação temática nos textos transcritos. Os temas foram divididos em três grandes eixos que correspondiam, cada um, a uma cor. Assim, anotações de subtemas e destaque de trechos considerados exemplares nas entrevistas eram feitos de acordo com a cor do eixo temático a que correspondiam.

A cor VERDE correspondia a descrições sobre o PASSADO, ou seja, sobre a rotina da **infância e adolescência** do entrevistado, de sua **trajetória profissional** e sua **vida afetiva** correspondentes à etapa de formação da família de procriação.

A cor ROSA correspondia a descrições do PRESENTE, ou seja, tudo que eles falaram sobre a **rotina de um dia de semana**, a **rotina do final de semana**, as regras de **educação dos filhos** relacionadas a acontecimentos cotidianos e fatos importantes como festas de aniversário, frequência com que as crianças eram presenteadas, etc...

A cor AZUL correspondia a descrições que relacionam e comparam fatos PASSADOS, PRESENTES e FUTUROS, ou seja, em que o entrevistado colocava as **representações da paternidade e da maternidade** através de diferenciações entre o seu caso vivido e o senso comum, entre o que ele percebia da relação dos seus pais e da relação conjugal vivida por ele, entre a educação recebida e a educação dada, entre o que ele teve na infância e o que ele deseja dar aos seus filhos, entre o que ele é e o que ele gostaria que seus filhos fossem no futuro.

Depois disso, construí mapas sinópticos em folhas (tamanho ofício) verdes, rosas e azuis, onde os temas foram divididos por subtemas e abaixo de cada subtema eram anotados os acontecimentos relacionados a cada entrevistado em um espaço próprio. Se eu quisesse ter a história biográfica de um entrevistado, procedia a uma leitura horizontal de todas as fichas. Se eu quisesse saber o que cada um dos entrevistados pensava-sentia a respeito de determinado subtema procedia a uma leitura vertical da ficha onde se localizava aquele subtema. Ao todo, usei 11 (onze) folhas verdes, 13 (treze) rosas e 5 (cinco) azuis para construir esses mapas. Isso facilitou muito a localização e análise qualitativa dos dados.

Acontecimentos que não se enquadravam nos subtemas eram descritos em uma ficha individual dado que poderiam ser utilizados se a identificação de fato singular permitisse elucidar aspectos importantes para a análise empreendida. Cada informante possuía uma ficha.

Diário de campo

As anotações do diário de campo eram sempre retomadas quando se faziam necessárias, não havendo para isto outro critério a não ser o tema que estava sendo analisado e sua comparabilidade com o que tinha sido anotado.

CAPÍTULO III

INICIANDO A BIOGRAFIA

*" Nascido no subúrbio, nos melhores dias,
com votos da família de vida feliz,
O pai de anel no dedo e dedo na viola,
sorria e parecia mesmo ser feliz."
(João Nogueira)*

Ste capítulo tem como objetivo sistematizar dados relativos à biografia dos entrevistados sob três tópicos que formam um quadro de referência para que se possa iniciar a leitura de temas específicos que serão abordados nos três capítulos posteriores. O primeiro tópico refere-se à contextualização da amostra do questionário em termos da situação conjugal e residencial, do número de filhos e da comparação entre a faixa etária, etnia, faixa salarial e grau de instrução, paternas e maternas, mostrando suas semelhanças e diferenças com a amostra de pais entrevistados, já que a seleção para a entrevista se deu de acordo com a disponibilidade dos pais e, por isso, não reproduziu todas as características do questionário. A contextualização da amostra se deve à preocupação com a associação das distinções de cunho simbólico às demarcações sócio-econômicas (Bruschini, 1990:78), já que ao tratar de camadas médias tomo o cuidado de mostrar alguns indicadores da condição de classe, devido a sua importância na construção das representações (Bourdieu, 1983b).

O segundo tópico diz respeito à contextualização da família de origem dos pais entrevistados em termos de sua situação econômica, residencial e ocupacional, com o intuito de situar as condições que serviram de base para o desenvolvimento das trajetórias individuais.

Por fim, passarei à caracterização das lembranças do cotidiano da infância e adolescência dos entrevistados e como elas se articulam com as representações da infância, paternidade e maternidade visando a caracterização dos estilos de vida que estiveram na origem da estruturação do *habitus*, em termos de qualidades e papéis informais, relações e espaços de poder, para a posterior comparação com aqueles encontrados na família de procriação dos entrevistados que possibilitará a verificação de mudanças e permanências culturais.

CONTEXTUALIZANDO A AMOSTRA

Conforme foi discutido na metodologia (p. 34), dos trinta e um pais que responderam o questionário dentro das condições que foram estabelecidas (ter filhos de 2 a 7 anos e tanto o pai quanto a mãe exercerem atividade profissional remunerada), somente 26 pais entraram efetivamente na amostra porque conviviam rotineiramente com o(s) filho(s) ou enteado (1 caso)³⁶.

Quanto à situação residencial desses 26 casais, predominou o arranjo de família nuclear, na unidade doméstica, conforme pode se verificar na tabela abaixo:

TABELA 2: Situação residencial de 26 pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, quanto ao número de parentes coabitantes.

Parentes coabitantes:	Unidades residenciais: n (%)
Marido, esposa e filhos do casal	20 (76,9)
Marido , esposa, filhos e outros parentes*	04 (15,4)
Marido, esposa, filhos e/ou enteados	02 (7,7)
Total de residências	26

*Pai, mãe, sogra, cunhados ou sobrinhos.

FONTE: Questionários

Dessas 26 unidades domésticas, 23 possuíam empregada na residência, sendo que em 17 casos elas dormiam no emprego. A idade dos filhos variava entre 4 meses e 13 anos e possuíam no mínimo 1 e no máximo 4 filhos sendo que a maioria dos lares possuía uma ou duas crianças, de acordo com a seguinte distribuição (**Sem Resposta (SR) = 1**):

TABELA 3: Número de filhos por casal residente na mesma unidade doméstica, em um grupo de 25 casais que têm filhos em uma escola alternativa do Recife, PE.

³⁶ Dos cinco casos que não entraram na amostra, em 3 (três) o pai era separado e em 2 (dois) as perguntas referentes às atividades cotidianas, de manutenção econômica, ocupação, renda mensal, horas de trabalho remunerado por dia da esposa e número de filhos, não foram respondidas. É necessário esclarecer, quanto a este ponto, que a análise não foi feita somente para os casos nos quais o pai residia com a mãe da criança mas, devido à matrilocalidade existente, indica uma tendência a este tipo de situação.

Números de filhos	Número de casais
por casal	n (%)
1	9 (36)
2	9 (36)
3	5 (20)
4	2 (08)
Total de casais	25

FONTE: Questionários

Nesses casais, o tempo de união conjugal variava de 2 (dois) a 17 (dezesete) anos, sendo que 16 (dezesesseis) deles possuíam de 5 a 9 anos de casamento.

Desses 26 pais, 9 se auto-definiram como mestiços, 11 como brancos e 4 como negros (SR= 2) e definiram suas esposas como brancas, em 13 casos; mestiças, em 11 e negra, apenas em 1 caso (SR = 1).

Dos vinte e seis pais de alunos da escola que entraram na amostra do questionário, 22 (vinte e dois) informaram sua idade e 24 (vinte e quatro), a da esposa, sendo a grande maioria (58,7%) compreendida na faixa etária de 31 a 40 anos. Os casais tinham as seguintes características em termos de faixa etária:

TABELA 4: Faixa etária de pais e mães de alunos de uma escola alternativa do Recife.

FAIXA ETÁRIA	PAI	ESPOSA	TOTAL
(anos)	n (%)	n (%)	n (%)
20 - 30	2 (9,1)	7 (29,2)	9 (19,6)
31 - 40	13 (59,1)	14 (58,3)	27 (58,7)
41 - 50	7 (31,8)	3 (12,5)	10 (21,7)
TOTAL	22 (47,8)	24 (52,2)	46

FONTE: questionários

Quanto ao grau de instrução, as esposas tinham nível de escolaridade maior que o dos maridos, conforme pode-se verificar na tabela abaixo:

TABELA 5: Características da amostra de pais e mães de alunos de uma escola alternativa de Recife em relação ao grau de instrução.

Grau de instrução:	1º grau	2º grau	3º grau	Mestrado	Doutorado	TOTAL
Pai n(%)	2 (8)	7 (28)	12 (48)	3 (12)	1 (4)	25
Mãe n(%)	1 (4)	1 (4)	17 (71)	5 (21)	-	24
Total	3 (6,1)	8 (16,3)	29 (59,2)	8 (16,3)	1 (2,1)	49

FONTE: Questionários

No entanto, o maior nível educacional das esposas não implicou em aquisição de maior faixa salarial. Como pode-se verificar na tabela 5, nas faixas salariais menores (até 10 salários mínimos) as esposas predominam, já nas maiores há uma inversão, ou seja, a partir de 10,1 salários os maridos são maioria:

TABELA 6: Características da amostra de pais e mães de alunos de uma escola alternativa de Recife em relação à renda mensal.

Renda mensal: (salário mínimo)	≤ 3	3,1 a 5	5,1 a 10	10,1 a 20	> 20	TOTAL
Pai n(%)	4 (16)	3 (12)	2 (8)	12 (48)	4 (16)	25
Mãe n(%)	5 (21)	4 (16,6)	4 (16,6)	9 (37,5)	2 (8,3)	24
Total	9 (18,4)	7 (14,3)	6 (12,2)	21 (42,9)	6 (12,2)	49

FONTE: Questionários

A grande maioria da renda familiar estava situada na faixa de **15,2 a 40 salários mínimos** e apenas dois casais tinham uma renda familiar acima de **40 salários**.

Desses 26 (vinte e seis) pais que responderam ao questionário, 8 (oito) constituíram a amostra das entrevistas cujas características abordarei a seguir, procurando apresentar semelhanças e diferenças com a população total de pais estudados.

Quanto à situação conjugal dos 8 (oito) pais entrevistados, um deles estava separado morando com a família de origem, fato este que restringiu a análise das atividades cotidianas de sua família de procriação e sua posterior comparação com dados do questionário. A situação conjugal dos pais entrevistados em relação aos parentes coabitantes na mesma unidade doméstica está expressa na tabela 7:

TABELA 7: Arranjo residencial dos pais entrevistados quanto ao parentesco das pessoas residentes.

Parentes coabitantes	Unidades domésticas: n (%)
Entrevistado, esposa e filho(s)	7 (87,5)
Entrevistado, pai, mãe e irmão(s)	1 (12,5)
TOTAL	8

FONTE: Entrevistas

Nessas unidades domésticas, 7 (sete) famílias possuíam empregada e em 6 (seis) casos a empregada dormia na residência na qual trabalhava. A idade dos filhos variava entre 4 meses e 8 anos, sendo que apenas 1 (um) casal possuía 4 (quatro) filhos, outro possuía 3 (três), 4 (quatro) possuíam 2 (dois) filhos e, em dois casos, só existia um(a) filho(a). Pode-se concluir, então, que existe uma semelhança muito grande dessas características com as da amostra populacional que respondeu ao questionário.

Em termos de faixa etária as amostras estudadas através das entrevistas e questionários são semelhantes, estando a grande maioria (62,5% dos entrevistados e todas as esposas) entre 31 e 40 anos de idade. Já com relação à etnia não há um equilíbrio entre brancos e mestiços semelhante ao

encontrado no grupo como um todo, desde que: quatro se auto-definiram como mestiços; um como branco; um como negro e um não se auto-definiu. Mas a definição da etnia da esposa³⁷ (quatro brancas e três mestiças) guarda semelhança com aquela encontrada no questionário.

Quanto à faixa salarial do casal³⁸, há uma semelhança da renda familiar com aquela encontrada na amostra do questionário como predominante, pois mais da metade dos casais tinha renda familiar de **10,2 a 40 salários mínimos**.

Verificando a distribuição da renda familiar na amostra entrevistada, considerando a faixa salarial de cada cônjuge, encontrei três casos (43%) onde os salários estavam dentro da mesma faixa salarial; dois casos (28,5%) nos quais a esposa recebia salário superior ao do marido e dois casos (28,5%) nos quais o marido recebia salário superior ao da esposa. Portanto, neste aspecto, a população entrevistada diverge da amostra total que participou do questionário. Nesta última, apenas 5 de 25 esposas (SR = 1), ou seja, 20% das esposas tinham proventos superiores ao dos maridos, enquanto que 11 de 25 maridos (44%) recebiam salários superiores aos das esposas e 9 pares de cônjuges (36%) recebiam dentro da mesma faixa salarial (tabela 5, página 53).

Apesar da amostra analisada em relação às entrevistas estar incluída naquela que se refere ao questionário, elas não têm exatamente as mesmas características, embora predominem mais semelhanças que diferenças. Como vimos neste item, as semelhanças existiram quanto à situação conjugal e residencial, ao número de filhos por casal, à faixa etária dos cônjuges, à renda familiar e à etnia da esposa. Diferenças foram percebidas na etnia dos maridos e nas características da faixa salarial recebida por cada cônjuge para a formação da renda familiar³⁹. Outros dados, como os referentes à ocupação e grau de escolaridade dos entrevistados, serão informados no decorrer da discussão.

A contextualização da amostra se tornou importante para salientar que as diferenças encontradas entre o questionário e a entrevista não tornaram inválidas as comparações que resultaram da análise desses dois instrumentos quanto às atividades cotidianas, de manutenção econômica e de consumo, que será feita no cap. IV, referente ao cotidiano da família de procriação.

³⁷ Nos questionários essa pergunta também era condicionada à caracterização da situação conjugal do pai, só respondendo a essa questão aqueles que eram casados legalmente ou não e coabitantes ou não.

³⁸ No caso do pai que era separado, não havia possibilidade de conhecer a faixa salarial da ex-esposa. O entrevistado obtinha renda mensal dentro da faixa de **10, 1 a 20 salários mínimos**.

³⁹ É válido lembrar que quanto ao tipo de renda, a grande maioria da amostra do questionário era assalariada (vide tabela 1, metodologia).

De maneira geral, as características até aqui encontradas confirmam que essa população além de se distinguir daquela estudada por Almeida (1988) quanto ao bairro de moradia (vide Metodologia, p. 33) e a renda pessoal (vide nota 17, Introdução), também se diferencia em termos do grau de escolaridade (vide tabela 5, p. 53 e tabela 11, p. 89) e da ocupação exercida (vide tabela 1, Metodologia, p.33) posto que os entrevistados por aquela autora moravam em bairros da zona sul da cidade, todos trabalhavam em profissões condizentes com a formação recebida, que era sempre de nível superior, e possuíam renda pessoal mais elevada que os entrevistados da amostra aqui estudada.

Levando em consideração as semelhanças e diferenças que foram contextualizadas, passarei agora a dissertar sobre a família de origem dos entrevistados.

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL DA FAMÍLIA DE ORIGEM

A abordagem desse tópico e do próximo (O cotidiano na família de origem) leva em conta a infância e a adolescência já que, na memória dos entrevistados, elas apareceram misturadas, pois as manifestações de interiorização das relações familiares eram marcadas por afirmações e negações quanto ao cotidiano decorrentes não só do contato com os pais, mas também do contato com a vizinhança, a escola, a televisão, o mundo.

É importante explorar estes tópicos porque na infância, a família, assim como a escola, está investida do poder de impor o "arbítrio cultural". As primeiras experiências acontecidas no universo das relações familiares têm um peso fundamental na conformação das estruturas do *habitus*. (Bourdieu, 1983b).

A infância é a fase na qual ocorre a maior interiorização ou socialização primária. Nessa fase os principais contatos com o mundo da criança são seus pais, professoras, e alguns parentes, amigos ou vizinhos mais próximos (Chodorow, 1978; Berger e Luckman, 1993:173-195 ; Bourdieu, 1983b). Já a adolescência é uma fase na qual a socialização secundária é vivida com grande intensidade, resultando na negação de alguns e reafirmação de outros valores e modos de vida dos pais, por conta do contato que se trava com modelos alternativos ou mesmo contraditórios àqueles internalizados na socialização primária. Assim, na socialização secundária, alarga-se o contato com o mundo (Berger e Luckman, 1993: 173-195).

É necessário frisar que estou lidando com afirmações do presente sobre o passado. Assim, tanto o fato de analisar o passado quanto ao que marcou a infância e adolescência concorrem para falar da atualização de representações de interiorização cultural, que não é o mesmo que falar do processo de interiorização em si.

Inicialmente abordarei a situação econômica e residencial da infância/adolescência dos entrevistados. Em seguida as ocupações e as profissões de suas mães e seus pais. Passarei, então, ao próximo item: o cotidiano na família de origem.

Situação econômica e residencial

Nas entrevistas, a situação econômica da infância e adolescência foi expressa pelo tipo de casa em que viviam as famílias de origem, bem como pela quantidade e qualidade da alimentação.

Os brinquedos também apareceram como indicadores de referência econômica uma vez que os motivos alegados para a confecção de brinquedos pelos próprios entrevistados era a escassez de presentes. Um dos entrevistados, por exemplo, referiu-se ao carro de mão que usava para carregar água para casa como sendo seu brinquedo. Assim, referências à escassez ou abundância de brinquedos bem como às dificuldades ou à fartura de alimentação e moradia pareciam marcar a memória dos entrevistados como fortes lembranças das dificuldades ou facilidades econômicas vividas.

Ficaram caracterizados três diferentes grupos. Um grupo vivia sem muitas restrições de alimentação, tinha fácil acesso a brinquedos (bicicletas, patins, gibis, bolas, papagaios, peões), estudava em colégios particulares e vivia em casa vinculada ao emprego do pai. Outro vivia com restrições quanto à alimentação, aos brinquedos (geralmente confeccionava os brinquedos), estudava em escolas públicas ou tinha alguma dificuldade em pagar as mensalidades de escola particular, no entanto, morava em casas boas, amplas e próprias. Um dos entrevistados foi morar com mãe e irmãos em apartamento, quando adolescente, após a separação dos pais (só houve esse caso de separação, nas famílias de origem). Um terceiro grupo afirmara que suas famílias originárias viviam com muitas dificuldades econômicas. Um entrevistado vivia em casa que não tinha água e havia restrições de comida. O outro afirmou que sua residência era péssima pois a casa não tinha reboco, saneamento, água encanada, luz ou piso, nem eles sabiam o que nem quando iam comer.

Quanto à procedência, a grande maioria eram moradores de bairros residenciais do Recife. Outros procediam de cidade vizinha ou interiorana, fixando-se em Recife para dar continuidade aos estudos e "ser doutor" (como dizia a mãe, segundo um entrevistado), ou seja, fazer um curso superior.

Aqui, pode-se assinalar mais a semelhança entre este grupo investigado e aquele denominado de "famílias emergentes" por Araújo (1994), caracterizado por uma origem preponderante de baixas camadas médias, pelas restrições econômicas que a maioria passava e, também, por contar com alguns casos de procedência interiorana cujo objetivo migratório foi a ascensão social por meio da profissionalização universitária.

Quanto ao número de filhos, como mostra a tabela 8, na página seguinte, a menor família dos entrevistados possui 3 filhos e a maior 13, sendo que na família de 12 filhos, a mãe teve 22 e morreram oito.

Olhando a tabela 8, é interessante notar que o número de filhos é completamente diferente daquele encontrado freqüentemente na família de procriação. Os números contidos no intervalo mínimo quanto à quantidade de filhos na família de origem correspondem aos números máximos de filhos encontrados na família de procriação conforme pode-se comparar olhando a tabela 3 (p. 52).

TABELA 8: Prole das famílias de origem de oito pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.

PROLE (n)	FAMÍLIAS (n)
De 3 a 5	4
De 7 a 12	3
13	1

FONTE: Entrevistas

Ocupação/profissão do pai e da mãe

O perfil econômico dos pais e mães da família de origem está expresso no tipo de ocupação desenvolvido por eles. E a divisão de trabalho existente entre o pai e a mãe do entrevistado também fundamentou meus resultados. Primeiro será analisada a gama de ocupações paternas e, em seguida, as maternas. Quanto à ocupação paterna veja a tabela 9 (p.60).

Todos os pais tinham ocupações de classe média e eram assalariados exceto em três casos. Dentre os funcionários públicos, um tinha nível superior e os outros nível médio. Já o comerciante tinha um estabelecimento de pequeno porte. Essas características, quanto à ocupação exercida pelos pais, guardam semelhanças com aquelas encontradas por Araújo (1994) nas famílias de origem das "famílias emergentes" e reforçam a caracterização feita anteriormente de que esses grupos estavam localizados nas baixas camadas médias.

TABELA 9: Profissão paterna nas famílias de origem de pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.

OCUPAÇÃO	PAIS n
funcionário público	4
profissional liberal	1
funcionário do setor privado	2
comerciante	1

FONTE: Entrevistas

No caso das mães, cinco eram donas-de-casa. Dentre as donas de casa, uma estudava. As outras três exerciam alguma ocupação fora de casa e somente uma não era assalariada. Neste último caso, a mãe geriu a casa monetariamente por algum período, considerado o melhor do ponto de vista financeiro, para a família. O entrevistado ligava a boa administração dos negócios, da casa e a questão do sexo:

"...Na segunda (fase), a gente já maior, adolescente, era papai que administrava as finanças da casa. E eu, não tenho certeza, mas dava o dinheiro

na mão da minha mãe e ela, mulher, tinha uma facilidade de administrar, de comprar mais barato, fazer isso e aquilo."

Nos dois outros casos, o salário da mulher complementava o do marido. Um entrevistado relacionou a profissão da mãe ao fato dela ser econômica e saber dividir a comida, que não era farta, para todos.

A imagem da mãe para os entrevistados é a da mulher que cuida bem da casa. Suas qualidades no trabalho fora de casa apenas reforçam o seu desempenho no seio da família. Não há, como nas famílias tradicionais (Araújo, 1994), o desenvolvimento do trabalho da mãe tendo como referência sua bagagem intelectual, seu hábito de leitura ou seu nível cultural. Assemelham-se, mais uma vez, às "famílias emergentes" (Araújo, 1994), as quais possuem uma divisão sexual do trabalho bastante ortodoxa. Esta ênfase no trabalho doméstico como definidor da identidade feminina, mesmo no caso em que ela aparece como provedora financeira, predomina porque o vínculo às coisas do lar é mantido reforçando o papel da mãe exercido dentro de casa.

O pai era aquele que cuidava de prover financeiramente o lar. Mesmo no caso em que ele não era o provedor de fato, constituía-se em provedor de direito, como sugeriu o depoimento acima referido do entrevistado cuja mãe era provedora e dona-de-casa.

Essa imagem paterna e materna se aproximam muito das funções instrumentais exercidas pelo marido e expressivas exercidas pela esposa (Parsons, 1967) na qual o papel de mãe junta-se ao de esposa e dona-de-casa e o do pai aparece vinculado ao do trabalhador cujo objetivo é o provimento econômico do lar. Existia uma referência tão forte quanto ao papel doméstico da mãe e o papel de provedor-trabalhador do pai que uma situação de fato diferente, na qual a mãe era provedora, não contribuía para a modificação da situação de direito.

Assim, os presentes resultados, parecem estar de acordo com as afirmações de R. P. Scott (1988: 47) para quem "o discurso sobre o que cabe à mulher e o que cabe ao homem permeia o discurso sobre o grupo doméstico, colocando a mulher no contexto subordinado da **casa**, ativamente administrando o cotidiano doméstico e o homem no contexto dominante da **rua**, procurando recursos para sustentar o grupo". Neste sentido, buscarei analisar como esta dicotomização entre casa e rua referida por R. P. Scott recobre relações de poder através das representações sobre a realidade vivida pelos entrevistados na infância e adolescência, em termos das associações feitas aos papéis e qualidades maternas e paternas.

COTIDIANO NA FAMÍLIA DE ORIGEM

Neste item irei aprofundar alguns aspectos das manifestações econômicas e sociais das relações familiares que compreendem a infância e adolescência dos entrevistados: a forma da divisão sexual do trabalho, o universo de objetos manipulados (brinquedos), as tarefas domésticas exercidas, as relações com os parentes mais próximos e, finalmente, as relações e espaços de poder atuantes nesse universo. Esses aspectos serão abordados em consonância com tipos de moral, interditos, conflitos, preferências e rotinas existentes na memória dos entrevistados. A abordagem desses aspectos está dividida em dois subitens: **Rotina e tarefas domésticas** e **Infância, paternidade e maternidade**.

Rotina e tarefas domésticas

Neste subitem será explorada a rotina de maneira geral, para que sejam percebidos os fatos e acontecimentos que marcam as lembranças dos entrevistados ligadas às atividades maternas e paternas. Em seguida, será abordado o tipo de participação dos entrevistados e de seus irmãos no cotidiano doméstico, com o intuito de aprofundar a discussão sobre como se apresentam as referências em relação à paternidade e à maternidade na família de origem.

Na rotina é possível notar uma seleção bastante peculiar das informações referidas pelos entrevistados. Para o grupo em que a situação econômica era escassa mas a mãe era dona-de-casa, a situação de escassez econômica vivida marcava mais as lembranças dos entrevistados que a rotina propriamente dita. Mas, quando a situação econômica era ruim e a mãe trabalhava fora de casa, havia forte referência ao aspecto econômico e à rotina para enfatizar que, mesmo trabalhando fora de casa, a mãe não deixava de desempenhar bem suas atividades domésticas.

Um entrevistado, por exemplo, lembrou que estudava, trabalhava e jogava futebol (rentavelmente). A mãe fazia o almoço e arrumava a casa pela manhã e de tarde ia trabalhar. Ninguém comia um pão inteiro, a mãe repartia a comida e colocava em cada prato a porção repartida. Também acompanhava as tarefas escolares.

Outro recordou que sua mãe, às vezes, passava o dia todo fora de casa, no plantão, mas repartia a comida disponível entre os irmãos. Ele também trabalhava desde pequenino para ajudá-la,

carregando água para casa. Ele não lembra quem arrumava a casa, lembra que, às vezes, tinha empregada.

Assim, nos casos em que a mãe exercia atividade profissional fora do lar, a lembrança da rotina é marcada pela ênfase no que era feito pela mãe, cuja forte referência era a preparação e divisão da comida, o que remete ao papel da mãe ligado ao da dona-de-casa, e este vinculado ao de cozinheira, mesmo no caso em que havia empregada. O depoimento abaixo ilustra essas observações:

"Agora, você chega ali na hora do café da manhã, aí você tinha leite, ovos, queijo, era charque com cuscuz, cuscuz com leite, às vezes eu não sei como é que mãe conseguia... eu acho que mãe aprendeu a dividir ensinando, porque ela fazia um bolo, dividia com todo pessoal e todo mundo ficava satisfeito eu acho que ela aprendeu ali."

Neste depoimento fica claro que as atividades profissionais maternas tornavam-se fatores explicativos do bom desempenho das mães na divisão do alimento, evidenciando a ênfase que era dada às qualidades maternas de administrar a casa mesmo trabalhando fora.

Quando a situação econômica se apresentava melhor, existiam comportamentos distintos, alguns entrevistados se referiam à rotina de maneira sintética. Um deles declarou que não fazia nada a não ser por imposição paterna. Havia uma ou duas empregadas, sendo que ele não lembrava bem da rotina de sua casa. Outro entrevistado não incluía as atividades domésticas quando falava da rotina.

Os de situação econômica melhor, exerciam algumas atividades rotineiras e possuíam uma recordação bastante detalhada do cotidiano. A referência maior era o pai. Por exemplo:

"É... meu pai determinava horário prá tudo, prá acordar, prá estudar, prá trabalhar em afazeres de casa prá poder ajudar a minha mãe e prá dormir. A gente tinha hora prá acordar, o dia todinho até a hora de dormir... Então, sempre lá em casa, eu me acordava cedo, ia prá escola, quando chegava tomava banho, almoçava, ia ajudar a minha mãe ou a limpar o quintal, ou a lavar o banheiro, o terraço, o que tava precisando sempre prá ajudar ela, depois tomava banho e ia estudar, e depois de estudar tinha o horário de brincar, e tinha hora de chegar em casa de noite."

Por exemplo, eu ficava de uma até às duas ajudando a minha mãe, de 2 até às 4 estudando, de 4 até às 6 brincando e às 6 voltava prá casa. Não podia chegar depois do horário que ele determinasse..."

Outro entrevistado também focaliza mais os hábitos do pai:

"Olha, normalmente a coisa era de cima prá baixo , era inversa, ele era a referência... ele tinha outros, outras coisas também que foi diferente de alguns pais por aí, que era o seguinte: ele chegava, ele trabalhava o dia todo, aí chegava de noite, tomava café. Normalmente ele tomava café sem a gente, antes ou depois da gente, porque a gente fazia muito barulho e ele ficava irritado com o barulho. Ele não queria tomar café com a gente. Tomava separado, ou normalmente, até porque quando ele chegava do trabalho a gente já tinha comido.

Quando a gente já tava mais velho, com uns 13, 14 anos, aí todo mundo comia junto com ele...Mas quando era mais novo, ele tinha essa separação. Eu não sei se é alguma coisa da minha cabeça, mas parece que tinha mesmo de comer separado porque a gente era muito danado. Mas depois que terminava..., cada um tinha que apresentar a tarefa a ele e tinha que ser uma coisa assim: nem erro de português, não tinha nada, nem..., a caligrafia tinha que ser uma coisa perfeita, a gente tinha muitos cadernos de caligrafia,... eu escrevia todas as letras em pé, tudo direitinho, e se não escrevesse tinha uma história assim: "escreveu não leu, pau comeu" , era o pau comeu mesmo, você não tinha diferença, do mais novo ao mais velho, todos tinham que passar por esse processo."

Outro entrevistado enfatizava a presença marcante da mãe na sua vida, mas não relatava, apesar de minha insistência em perguntar quais os detalhes do cotidiano, sobre as atividades rotineiras desenvolvidas por ela. Ele enfatizava aspectos como a ausência paterna e as atividades desenvolvidas por ele:

"...Minha mãe é dona de casa, minha mãe é doméstica... Mamãe cuidava de tudo...Olhe, a minha infância... o que eu me lembro da minha infância, é exatamente a questão da escola. Eu ia prá escola de uma tia minha que era a professora, quer dizer, eu ia prá casa dela e também ia prá escola... eu lembro que a gente tinha catecismo, noção de catecismo. A gente tinha um dia na semana que ia prá Igreja e o padre ia dar aula de religião a gente... A Igreja era perto lá de casa, a gente tinha um dia de aula de religião na Igreja... Aí as tarefas, as tarefas de casa eu lembro que mamãe sempre ajuda..., eu nunca vi papai... eu nunca me lembro de papai."

Acho relevante enfatizar, nesses três últimos depoimentos, a forte referência paterna, seja pela sua ausência ou pela sua presença. Outros fatos marcantes que permeavam as lembranças do todos

eles foram o trabalho profissional da mãe e a influência paterna no sentido de disciplinar as atividades cotidianas dos filhos e fazê-los "ajudar" às mães nas atividades domésticas.

A associação feita entre maternidade e atividades domésticas era forte. A mãe administrava a casa, cuidava dos filhos e era exigente com a limpeza, porém ela não era a peça fundamental das lembranças dos entrevistados a não ser quando o comportamento materno podia causar transtornos ao bom andamento da casa. Daí a importante associação feita pelos entrevistados entre o fato da mãe trabalhar fora de casa e o bom desempenho na administração ou execução dos trabalhos domésticos.

A presença de empregada não era muito enfatizada nas lembranças da rotina. Quando elas existiam, os entrevistados revelavam uma posição distante quanto às suas incumbências pois, geralmente, eles não lembravam o que era feito por elas na casa. Mas, na maioria dos lares, quando não existiam empregadas que dividissem ou substituíssem as mães quanto aos encargos domésticos, a lembrança era profunda, como ilustra o depoimento abaixo:

"...Nessa época ninguém tinha empregada. Ela mesmo fazia , ou a gente..."

Tanto nesse como em outros depoimentos, as poucas lembranças sobre a ausência ou presença de empregada e de sua rotina eram sinalizadas sempre que o entrevistado falava de sua mãe. Essa associação feita entre mãe e empregada reforça a forte ligação entre ser mãe e ser dona-de-casa.

A imagem paterna é a maior fonte de construção da identidade masculina dos entrevistados, fato este registrado nos depoimentos, como já exemplificado neste capítulo. Um outro aspecto interessante é que não encontrei qualquer elo entre as atividades domésticas exercidas pela empregada com a rotina do pai do entrevistado.

A ligação feita com a ausência do pai na rotina da casa se estabelece com o fato dele passar o dia todo trabalhando. É a relação entre manutenção econômica da casa e atividade profissional desenvolvida pelo pai que marca profundamente a relação pai/filho. Um dos entrevistados fazia relação deste aspecto com a separação das esferas de atividades entre a mãe e o pai:

"...sempre que eu olho pra papai, eu olho pra papai com carinho. Mas é uma coisa assim que era bem partida (entre eles), parece que: - olhe, isso aí é a sua mãe que cuida, eu vou cuidar só da manutenção, do dinheiro".

O outro, relacionava o pai com a ascensão social através do estudo:

"Ele sempre deu muito valor ao estudo porque sabe que foi um lascado mesmo, do interior, que vinha estudar no Recife em cima de um caminhão de burro. Ele sabia o sacrifício que foi pra ele. Que era importante, como ele estava conseguindo mesmo vencer na vida, ter alguma estabilidade que pudesse garantir pra ele e pra família..., mais tranquilidade."

Merece destaque o fato, já observado, de que essa forte referência era acompanhada de ausência rotineira do pai e presença da mãe, como ilustra o depoimento abaixo:

"Agora, eu sempre senti a presença de mamãe mais forte na minha vida do que a de papai."

Assim, o cotidiano das famílias de origem dos entrevistados parece refletir as observações de Lisboa (1988) quando conclui que a proximidade da mãe com a casa e os filhos, decorre da afetividade e abnegação da mulher, colocando-a numa posição privilegiada para exercer vigilância sobre os filhos, que é reforçada pelo seu papel de mediadora na relação entre pai e filho, tornando sua figura materna como central na família. Por sua vez, o pai garante a autoridade não mostrando afeto, ou seja ficando distante da casa e dos filhos. Segundo Lisboa (1988), o papel de mediadora da mulher contribui para a distância da figura paterna.

Foi possível perceber uma autoridade paterna ligada ao disciplinamento das crianças em questões de desenvolvimento intelectual, como o acompanhamento de tarefas escolares, ou ao aconselhamento dos jovens quanto à escolha profissional e, também, quanto à trajetória profissional dos entrevistados, todos relacionados às suas inserções sociais no mundo do trabalho. Um dos entrevistados guardava mágoa do pai por conta dos rumos profissionais que ele impôs:

"...meu pai me aperreava muito, não me deixou fazer a carreira. Eu já tava num ponto, já praticamente engatilhado, pra me profissionalizar. Porque eu comecei (a jogar futebol) no Náutico muito cedo, com doze anos. Ele não quis, não queria mais que eu ficasse ali, aí arranjou um trabalho. E eu fui na onda dele, contra a minha vontade, mas fui, e fiquei trabalhando..."

Quando da decisão do curso universitário, o depoimento de um entrevistado é bem ilustrativo:

"...Eu não pretendia fazer direito, eu pretendia fazer "curso A". Como fiz dois vestibulares pra "curso A" e não passei. Um, eu não me preparei muito, o primeiro, fiquei muito..... fiquei com a decepção muito grande d'eu não ter passado. No segundo ano eu não estudei e fiz, não obtive êxito. No terceiro ano eu conversando com meu pai ele disse "porque você não faz direito?" Ele até brincou comigo, eu me lembro muito desse fato que ele disse "faça, porque quem não dá pra nada, vai ser advogado". Então eu disse pra ele "eu vou fazer então". Aí eu fiz."

Alguns entrevistados referiam o acompanhamento cotidiano das tarefas escolares como fatos marcantes e benéficos na relação pai/filho, embora um deles tenha mencionado que a didática do pai não era boa, posto que rígida e impositiva. Embora as mães acompanhassem as tarefas escolares da maioria dos entrevistados, esse tipo de associação para o ingresso no mundo do trabalho não era feito usualmente através da figura materna.

Assim, a presença paterna se dava em atividades de disciplinamento das crianças, principalmente quando relacionadas à inserção no mundo do trabalho. Quando os entrevistados reclamavam da ausência paterna era porque os pais não davam essa referência de disciplinamento aos filhos. A outra ausência, aquela que era física e cotidiana, não era vista como fora da normalidade, não era reclamada, posto que era aceita como pré-requisito da autoridade paterna.

Apenas em um caso o entrevistado falou que o pai ajudava dentro de casa, entretanto só soube especificar uma das tarefas que ele fazia:

"Meu pai sempre foi muito participativo nas coisas de casa. Ele sempre foi de ajudar na cozinha, de ajudar dentro de casa, nas coisas todas de um modo geral."

Mesmo nesse caso, no qual o pai tinha algum nível de participação dentro de casa, ela era encarada como ajuda, ou seja, o pai estava entrando num território que não era o seu. A mãe exercia atividade profissional mas o cotidiano doméstico não deixa de ser predominantemente feminino:

"Minha mãe trabalhou uns vinte anos e era muito comum deixar a gente em casa e sair pra trabalhar, passar o dia todosó a gente, só a turma, a criançada...quando tinha alguma confusão alguém tinha que ir lá chamar ela prá poder ela ajeitar a barra, resolver."

Assim, as referências das famílias de origem dos entrevistados evidenciam o papel materno em relação à vida doméstica, ou seja, a mãe está "ativamente controlando a casa" (R. P. Scott, 1990: 41) e o papel paterno apresentava-se vinculando a casa com a rua, como, por exemplo, na escolha profissional ou futuro dos filhos. Assim sendo, o pai deve "apresentar sua casa como já sob **controle** ou **resolvida**" (R. P. Scott, 1990: 41).

Portanto, os depoimentos de todos os entrevistados sugerem que esta forte referência ao pai estava vinculada fundamentalmente ao seu papel de trabalhador-provedor, sendo a autoridade paterna uma fonte de coordenação para as atividades domésticas quando envolviam o disciplinamento dos filhos. Já a forte referência à mãe se fazia presente quando ela trabalhava fora do lar, devido à ligação que faziam entre a maternidade e o exercício das atividades de dona-de-casa, uma vez que entendiam as habilidades maternas como fontes de bom andamento do lar em termos de administração dos recursos disponíveis e exercício de atividades, dentre as quais cabia um lugar de destaque a preparação e divisão dos alimentos.

É interessante destacar que o disciplinamento nas atividades de todos os entrevistados, exercido por meio da autoridade paterna, estava vinculado a uma distância do pai em relação à casa por conta do trabalho profissional. Já a proximidade materna não aparecia vinculada a atividades de disciplinamento dos entrevistados, mas de suprimento de suas necessidades através do bom andamento da casa.

Nas atividades domésticas desenvolvidas pelos entrevistados e seus irmãos, eles lembravam de mais detalhes da rotina da infância quando desempenhavam alguma atividade cotidiana com o objetivo de ajudar a mãe, ou seja, quando estavam entrando num território que também não era o deles.

É interessante o fato de que todos os entrevistados que tinham uma participação nas atividades domésticas durante a infância estavam obedecendo a uma intervenção ou imposição paterna. Cabia aos meninos limpar o quintal, lavar banheiro e terraço, apanhar e carregar lixo, fazer faxina, bem como os serviços de hidráulica, elétricos e pintura de paredes. Tais funções identificam-se com a divisão tradicional do trabalho por sexo, uma vez que estão associadas a atividades tradicionalmente masculinas.

Os depoimentos que se seguem exemplificam a forte presença da autoridade paterna e da divisão tradicional do trabalho por sexo nas famílias de origem. Um deles chegou a detalhar como o pai gostava que o quintal fosse limpo:

"Porque o trabalho no quintal lá em casa era assim, você tinha que limpar, tirar todas as folhas, não podia ficar uma folha na sexta-feira. Então você fazia isso duas vezes por semana, no sábado tinha que tá tudo limpinho, a gente fazia isso, juntava 2, 3 irmãos e fazia isso no quintal todinho."

Em outro caso, o pai impunha aos filhos cuidar das coisas dele:

"... ciscar o quintal, limpar o quintal era por imposição do pai que a gente fazia... botava a gente prá lavar carro, tomar conta de passarinho, tudo dele. O que era dele, o carro tinha que tá limpo porque era ele que gostava. O passarinho era dele... então a gente era que tinha que dar manutenção. Eu tinha que lavar o carro, eu tinha que trocar a água e dar comida do passarinho, eu tinha que limpar sempre o quintal e outras coisas."

Outras atividades como cozinhar, lavar prato e colocar o neném no colo, tradicionalmente femininas, eram feitas sob condições especiais tais como a mãe estar de resguardo:

"... quando minha mãe tinha neném, muitas vezes eu fui pra cozinha fazer comer e lavar prato tudinho, ou ficar com o menino no braço, com o meu irmão no braço pra ela ir fazer alguma coisa, ele sempre determinava."

Outro fato curioso é que somente dois entrevistados lembravam ou mencionavam o que as irmãs faziam, sendo que um deles não demarcava as diferentes atribuições dadas aos meninos e às meninas. O outro tinha uma forte referência da demarcação tradicional de atividades por sexo e no seu depoimento é possível perceber como esta divisão sexual do trabalho era transmitida cotidianamente tendo como seu vetor principal a autoridade paterna:

"...Um irmão vai limpar o quintal, outro vai cortar... limpar o coqueiro, limpar não sei o quê, carregar o lixo e jogar na rua. Então, eu juntava, meu irmão carregava. As meninas: uma lava roupa, a outra engomava e quem não fizesse apanhava (do pai), sabe? Agora, a gente tinha tudo."

Não aparece nas falas dos entrevistados referências de ordem econômica, do número de filhos ou do fato da mãe exercer trabalho fora de casa, que tenham influenciado na existência ou não de obrigações rotineiras desempenhadas durante a infância.

Mas se tanto as atividades desempenhadas pelos entrevistados na infância quanto os acontecimentos em que se referendaram para dar seus depoimentos sobre o pai e a mãe são demarcados por questões de gênero que remetem a papéis e espaços de poder tradicionais, irei mostrar no tópico abaixo como, nas representações construídas, estas referências estão imbricadas nas relações de poder e qualidades maternas e paternas.

Infância, paternidade e maternidade

As qualidades paternas e maternas, assim como as relações de poder existentes entre o casal, na família de origem, foram exploradas através das lembranças da infância e adolescência, da paternidade e da maternidade.

Primeiro serão abordadas as representações da infância que tinham fortes ligações com a situação econômica e residencial, como também com a maior liberdade e espaço para brincadeiras infantis e a lembrança de uma época sem violências sociais. Em seguida, serão explanadas as lembranças associadas ao pai e à mãe, suas qualidades e relações de poder existentes.

Havia uma forte ligação entre situação econômica e representação da infância. Os entrevistados que viviam com maiores dificuldades econômicas expressavam o passado como um tempo cheio de dificuldades, nada agradável de lembrar. Um deles chegou a dizer:

"...Praticamente eu não tive infância...eu me achava assim: estrutura zero, educação zero, formação zero. Nós acordávamos, não sabíamos se íamos tomar café de manhã, não sabíamos se ia ter almoço de meio dia, não sabíamos se ia ter janta de noite."

A vida mais tranqüila fora de casa, interpretada pelos entrevistados por não existir a violência dos dias de hoje, lhes proporcionava maior liberdade. Referiam-se a brincadeiras e conversas com colegas da rua até tarde da noite, sem que isto preocupasse seus pais. Esses encontros para brincar e conversar davam um sentido de comunidade, união, reforçado por grupos de jovens que organizavam festas, quadrilhas, peças de teatro:

"... A gente tinha um grupo jovem, a gente tinha quadrinhos, a gente tinha tudo o que é.... Natal, Carnaval, Ano Novo. Tudo a gente fazia. Mas era uma comunidade mesmo, a gente vivia junto... Tudo era..... festa na casa de um, festa na casa de outra...Quase toda semana tinha coisa. A gente nunca parou. Nós tínhamos uma associação onde morávamos, um lugar que muita gente não conhece, mas de casas excelentes, enormes, quintais quase desse tamanho (da escola, local onde estava sendo feita a entrevista)... A maioria ainda mora por lá. A gente dormia na rua, não tinha ladrão, não tinha problema nenhum."

Também havia liberdade de espaço. Viviam em casas com quintal e em ruas tranqüilas. Isso ocasionava, aliado às dificuldades financeiras, uma infância criativa. Eles próprios confeccionavam seus brinquedos:

"... naquela época, eu mesmo fazia, é... papagaio, pipa, que a turma chama, eu mesmo quem fazia. Carro, eu mesmo que pegava a lata de óleo cortava e fazia um ônibusinho com as rodas de madeira e quem ensinou foi o meu pai. Pião era de cabo de vassoura...era eu mesmo que lapidava. Botão, eu fazia com quenga de coco, raspando...eu mesmo que fazia tudo."

A referência a brinquedos e brincadeiras é bastante enfatizada (e talvez idealizada) como indicador de uma infância feliz :

"...Olhe, a minha infância, assim, era o paraíso... Então, a semana toda era de brincadeira, era o paraíso mesmo. Jogar bola, tomar banho de mar, banho de rio, era de brincadeiras... Era, era assim, era rotina, a rotina era essa. Era muito de criação assim, de fazer carrinho de caminhão, de muita criação, de fazer bola de meia, de xêpa, era muito de fantasia também, de fazer assim, de brincar de bandido, de artista, de se esconder, de ... tá? Era coisa, era coisa bem lúdica mesmo, sabe? uma coisa muito boa."

Nesses depoimentos, fica claro que os brinquedos referidos eram *brinquedos de meninos*. Quanto às brincadeiras, as lembranças não se referem quase nunca ao que as irmãs ou colegas mulheres faziam na infância. Isso leva a crer que não havia muitas brincadeiras em comum. Futebol era brincadeira somente de menino. Apenas em dois casos há referência a meninos e meninas

brincando juntos. E, nesse sentido, as meninas participavam de todas as brincadeiras, exceto futebol, como ilustra um dos relatos:

"...Em rua, na frente de casa. As ruas eram todas, assim, de terra, a gente botava as barrinha, batia bola ali, de noite brincava de garrafão, de pega, de trinta e um alerta, todos esses tipos de brincadeira que você vê hoje aí, a gente participava disso... Só na peladinho que é.... só homem."

Desse modo, as boas lembranças estão associadas a tranqüilidade, segurança, liberdade ou criatividade. Um dos entrevistados associou essa tranqüilidade à questão econômica:

"...muito tranqüila a infância, o meu pai era funcionário público de nível superior, hoje é aposentado..."

O mais importante, entretanto, é que essas lembranças estavam associadas a uma separação entre meninos e meninas nas brincadeiras e brinquedos existentes na época.

De fato, esta forte referência dos brinquedos enquanto indicadores da situação econômica e das representações da infância, de maneira geral, coincide com a importância dada aos brinquedos, em termos cognitivos e afetivos, por alguns teóricos da cognição como Gelb, Kofka e Vigotsky.

Para Vigotsky, "uma criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso, ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através da sua experiência" (Vigotsky, s/d: 114). É por isso que "as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade" (Vigotsky, s/d: 114).

Assim, a separação existente entre brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas tendem a tornar-se, mais tarde, na separação entre o significado da **casa** e da **rua**, para homens e mulheres.

Muitas lembranças da infância estão associadas ao pai. Nas representações encontradas na infância disciplinada e revoltante deve-se a um pai rigoroso, imperativo e violento. Nos casos em que a infância era período revoltante os pais batiam muito nos filhos.

Em um caso há referência ao pai e à mãe conjuntamente. A representação associa dificuldades da infância à maneira com que o entrevistado foi criado e ainda, liga as atividades de criação à mãe, ao pai e às irmãs:

"...A infância foi o seguinte... eu tive a orientação das minhas irmãs, da minha mãe e do meu pai. Me orientaram pra eu ser um cara certinho, arrumadinho, cheio de pequenas obrigações..."

O pai aparece em todos os casos como a ordem, o poder, o rigor. Apenas no depoimento acima essa imagem é dividida com a mãe e as irmãs. Em outros casos, existia a imagem do pai violento e bruto. Um depoimento ilustra essa presença marcante da violência:

"Ele batia na gente...papai. A gente já adolescente com 15,16 anos, 12 anos apanhava de bolo demais, de mangueira nas mãos e isso marcava muito, revoltava muito."

Outro aspecto importante era a ausência de conversa que fortalecia a distância entre pai e filho, servindo como um importante mecanismo de manutenção da autoridade paterna, pois os entrevistados referiram que os pais geralmente não conversavam muito com os filhos, não explicavam coisas a eles, eram distantes. Um dos entrevistados associava a rigidez do pai à sua falta de diálogo:

"Ele, ele era aquele cara com chicote na mão dizendo "eu quero saber fez, tá pronto?" Ele não dizia que "isso aqui é A, isso aqui é B, não faça isso aqui..." ele não fazia não."

Outro, associava a falta de diálogo ao temperamento do pai:

"... a imagem dele é muito forte na minha vida, é um cara da porra, faz tudo pelos filhos, companheiro, precisar de alguma coisa ele tá ali, só não é de conversar, não é de carinho, não é ... muito daquele jeito dele..."

Outro tratava a falta de conversa do pai como uma consequência dos conflitos na relação de poder que se estabelecia entre o casal (com relação à maternidade e à paternidade).

Mesmo diante da falta de diálogo e da presença de violência, o pai era protetor em relação a conflitos que os filhos tinham fora de casa, o que reafirmava este espaço de poder masculino:

"...eu até confesso que ele foi um pai protetor, ninguém não fizesse nada com a gente que ele não tomasse a frente e resolvesse."

Em relação à maternidade, existe associação entre a situação econômica de escassez da família de origem do entrevistado e a exaltação à organização e economia, principalmente, quanto à divisão da comida disponível e à boa qualidade da alimentação dos filhos:

"...agora, lá em casa tinha um regime: ninguém comia um pão inteiro, era uma banda de um pão... Mas era tudo bem divididozinho e todo mundo comia bem."

Nesse depoimento, o termo casa aparece como sinônimo de mãe que sabia administrar a quantidade e qualidade dos alimentos.

Em termos de qualidades do temperamento, a mãe aparece geralmente como boa, tolerante e protetora, mas castigava quando era preciso:

"... mamãe sempre foi uma pessoa muito boa, mãe protetora que também na hora de castigar, castigava."

Nas qualidades alegadas não se identifica nenhuma influência forte de fatores econômicos, residenciais, quantidade de filhos ou trabalho da mãe.

Essas qualidades estão associadas à relações de poder. Para uns, essa relação era percebida como complementar pois cada cônjuge cumpria o seu papel e ajudava o outro em seu espaço de poder. Por exemplo, o pai ajudava a mãe mandando os filhos fazerem algumas atividades domésticas:

"...ela é muito exigente, ela gosta das coisas tudo certo e bem limpinho e você, pra encontrar uma pessoa que faça ao seu gosto, é muito difícil. Então quando ela se aborrecia, ela simplesmente dispensava a empregada e ia fazer, e meu pai mandava a gente fazer também, e minhas irmãs também."

Para outros, a mãe aparece como submissa na relação conjugal:

"Uma pessoa muito submissa e muito passiva, assim, foi muito de deixar as coisas acontecerem na vida.... Eu acho que ela era mais tolerante - não era não, é. Hoje é que piorou porque hoje não tem mais filho e antigamente ela ficava entretida com os filhos..."

Apenas um entrevistado afirmou que agora, já adulto, entende que havia poderes paternos e maternos que estavam em jogo na relação conjugal. Neste depoimento, ficou patente que quem mandava na casa era a mãe:

"...hoje eu percebo também que mamãe, sempre era como se ela compensasse. A fortaleza dela era realmente os filhos, então, a imagem que ela passava pra os filhos era que o vilão era papai. Ele era o grande causador e ela era a vítima, era a indefesa...E papai sempre calado e como ela..., com certeza eu acho que ela fez muito a cabeça da gente, então papai não tinha espaço pra dizer: "olhe, sua mãe também é isso assim..." Sempre era papai que não tinha razão e causava as desarmonias em casa."

O poder materno estava associado ao de uma rainha, "a rainha da casa":

"Lá em casa era uma questão interessante. Papai dava o dinheiro, mas eu acho que as grandes decisões, lá de casa, sempre foram de mamãe. Sempre quem tomou as decisões, por exemplo, mamãe chegou um tempo com essa história: - a gente não vai mais morar aqui, os meninos precisam estudar no Recife. E papai fez a maior - onde é que a gente vai encontrar uma casa pra os meninos estudarem,..- , aí mamãe: - a gente se vira mas eles não vão ficar aqui porque eu quero que os meus filhos estudem e sejam doutor.

...Então essas decisões, sempre foi ela, quer dizer, ele dava a coisa, mas sempre ela que tomava a decisão. Era isso, aquilo... quer dizer, era a rainha mesmo da casa... Ele não era rei, não."

Neste depoimento, percebe-se que existia uma expectativa do entrevistado de que o pai fosse o rei da casa. Isso provavelmente se deve ao fato da mãe ter conduzido a ligação com o mundo do trabalho que, para todos os entrevistados, estava fundamentalmente ligado ao papel paterno. A mãe ultrapassou seu papel de mediadora (Lisboa, 1988) pois, enquanto tal, ela domina as decisões acerca dos filhos, mas isso é feito sem que os filhos percebam. O pai é que aparece dando a decisão final, revestido de sua autoridade, aspecto esse não evidenciado no caso acima.

Quanto às questões de poder, deve-se acrescentar que nas relações onde a mãe foi considerada submissa pelos entrevistados, a imagem do pai é de machista, por exemplo:

"...Ele tinha aquela coisa de todas as experiências do mundo, vivia de farras, aí só ficou essa imagem, a visão muito machista dele, que mamãe não

podia sair se não fosse acompanhada de um filho. O sistema lá de casa era muito atrasado mesmo."

Ficou também evidente que essa relação de poder está associada a uma demarcação de espaços totalmente separados para o homem e a mulher. O mundo da rua que era dominante (R. P. Scott, 1990: 40), era o mundo masculino, local que a mulher só poderia sair acompanhada por familiares.

Em outro caso, o pai era alcoólatra e ausente da rotina:

"...Praticamente eu não tive infância, meu pai era ébrio.....eu morava numa casa sem reboco, sem saneamento, sem água, sem piso, sem pai e minha mãe pra isso tudo sozinha, com um bocado de filho."

No exemplo acima, o pai não atendia ao papel de provedor, deixando a mãe sobrecarregada de atividades, o que deixou profundas marcas no entrevistado.

É interessante destacar a ausência de carinho materno e paterno para com os entrevistados. Existiam preocupação paterna e cuidado materno, mas não havia lembranças de carinho.

Assim, as qualidades tidas como maternas e paternas eram contrastantes. No que tange às qualidades masculinas, elas se referendam no papel central do trabalho na vida do homem como experiência fundamental que opera a construção de sua identidade e, por conseguinte, às qualidades e relações de poder com as quais ele age. Para os homens "a linguagem do trabalho tem sido a linguagem das guerras e da expressão da soberania, utilizada para minimizar o sentimento de fragilidade e impotência que sentem diante da vida. **Lutar, vencer, batalhar** são termos comumente usados para se referirem ao trabalho, contextualizando-os no panorama de pequenas guerras, ações violentas e massificantes" (Nolasco, 1993: 63).

Ordem, poder, rigor e violência dentro de casa, estão ligados ao modo de viver fora de casa, espaço masculino ligado à valorização da racionalidade e desvalorização da afetividade que confere ao pai sua autoridade na casa e com os filhos e o faz proteger os filhos fora do mundo doméstico.

Por outro lado, a tolerância, proteção e bondade maternas estão ligadas à proximidade com a casa e os filhos, sendo sinônimo do desenvolvimento da afetividade que não inclui propriamente o carinho mas o cuidado com os filhos, considerado fundamental na definição da imagem da mãe como central na família.

Assim, a divisão sexual do trabalho existente na família de origem corre paralela a uma especialização de gênero em termos de sentimentos e referências marcantes para os entrevistados. Há um paralelo com os resultados encontrados por Salem (1980: 156) quando assinala que a mãe "converte-se em depositária das emoções e, enquanto tal, se encarrega de expressá-las pelo par". O pai "por sua vez, fica incumbido de acionar os aspectos racionais, funcionando, assim, como a parte cerebral do casal" (Salem, 1980: 156).

Resumindo as qualidades, funções, relações e espaços de poder existentes na maternidade e na paternidade relacionadas às famílias de origem dos entrevistados, pode - se concluir que:

- ◆ em termos das qualidades encontradas em relação aos pais: eles não conversam, são distantes, dão ordens, são impositivos, rígidos, brutos ou violentos, preocupados com os filhos mas ausentes de suas vidas, não são carinhosos. As mães são boas, tolerantes, protetoras, castigam quando necessário, são cuidadosas com os filhos, presentes na vida dos filhos mas não são carinhosas, são econômicas e competentes na administração do lar e excelentes cozinheiras;
- ◆ são papéis do pai: trabalhar, prover economicamente o lar, administrar atividades domésticas desenvolvidas pelos filhos, protegê-los em conflitos fora da casa. À mãe cabe cuidar dos filhos, cozinhar e servir o alimento, limpar e administrar a casa, ser econômica;
- ◆ as relações de poder existentes são de complementaridade entre atribuições e qualidades paternas e maternas; de assimetria com submissão materna contraposta a machismo e ausência paterna; de poderes maternos nas decisões relacionadas aos filhos e poderes paternos relacionados à manutenção econômica da casa.
- ◆ o espaço de poder das mães é a casa, nas decisões relacionadas à casa e aos filhos. O espaço de poder do pai na casa está relacionado a algumas atividades cotidianas desenvolvidas pelos filhos e nas decisões relativas ao futuro deles. Fora de casa, o espaço de poder está relacionado ao exercício de trabalho profissional e à proteção dos filhos.

A maternidade e a paternidade, quando definidas no contexto das relações cotidianas, evidenciam uma percepção variada de qualidades, funções e poderes associados ao pai e à mãe que

geralmente são percebidos como decorrentes de fatores diversos, mas não deixam de estar permeadas pela dominância masculina que coexistia com a existência de poderes femininos na casa. Havia algum espaço de poder para o pai na casa, mas este se referia à sua autoridade, construída pela sua ausência cotidiana devido ao seu papel de provedor-trabalhador, que o tornava responsável pela ligação da **casa** com a **rua**.

Assim, mesmo a autoridade paterna no lar está inserida num contexto em que se refere a valores racionais e de inserção dos filhos no mundo, remetendo a questões de poder como o disciplinamento. Concordo, nesse sentido com R. P. Scott (1990: 40), quando observa que "a **casa** é da mulher, a **rua** é do homem. Tal separação, pertencendo a uma realidade relacional e cognitiva brasileira, estudada por Da Matta (1985), não deve mascarar o fato de que a mulher tem que lidar com a rua e o homem com a casa".

A divisão entre a **casa** e a **rua**, portanto, está inserida na oposição entre dominantes e dominados e "o discurso dominante é muito mais da rua do que da casa"(Da Matta, 1985; apud R. P. Scott, 1990:40), pois "vindo da **rua** ele vem sempre de seus componentes legais e jurídicos. A fala dos subordinados é muito mais o idioma da **casa** e da família, e sendo assim, é sempre vazado de conotações morais e de um apelo aos limites morais da exploração social" (R. P. Scott, 1990: 40). De acordo com estas considerações e levando em conta os resultados ora encontrados é possível deduzir que os entrevistados estão inseridos dentro de um discurso de dominantes.

Desse modo, na variedade encontrada, não há igualdade de papéis, qualidades, espaços ou relações de poder. Somente em um caso o entrevistado avalia, atualmente, que havia poderes masculinos e femininos. Mas essa constatação do entrevistado se deu porque não havia a caracterização da autoridade paterna dentro do espaço doméstico o que levava a uma exacerbação da autoridade materna que não era feita através da figura da mãe mediadora. Mas essa diferenciação não levava a uma contradição em relação aos outros tipos de relações encontradas, uma vez que havia a dominância masculina associada ao mundo da **rua** e a mãe não deixava de ser a figura central na família.

Nos outros casos, a relação é tida como complementar ou de submissão da mãe. Quando a relação é tida como complementar, pode-se dizer que os entrevistados possuem uma visão de mundo naturalizada, ou seja, que ratifica a dominância masculina mais do que aqueles que entendem as relações como assimétricas ou de poderes paternos e maternos.

Interpreto que o discurso dos entrevistados do presente estudo se aproxima das explicações sociológicas funcionalistas clássicas de Parsons (1967) ou Zelditch (apud Salem, 1980: 36) quanto à complementaridade funcional da divisão de papéis e desenvolvimento de qualidades opostas, em espaços distintos de poder, especialmente aqueles entrevistados que viam essa relação como complementar, onde havia uma adesão maior à dominância masculina. Para Zelditch, a mãe desenvolve atividades expressivas e afetivas, sendo responsável pela manutenção da unidade doméstica e pelo suporte emocional dos filhos e do marido atuando no espaço interno, ou seja, na unidade doméstica. Daí a ênfase na afirmação da mãe enquanto dona-de-casa, quando ela trabalhava fora.

Por outro lado, a identificação do pai como provedor e a ligação existente entre sua ausência e sua autoridade pode ser interpretada à luz do pensamento de Zelditch (apud Salem, 1980: 36) por conta de seu envolvimento com as responsabilidades que dizem respeito às atividades instrumentais desenvolvidas no espaço externo, ou seja, fora da unidade doméstica, que permitem que a disciplina e o controle sobre os filhos fiquem a seu cargo, por conta da tolerância materna, consequência direta de suas qualidades expressivas.

Não existe qualquer relação entre os comportamentos encontrados e a situação econômica, residencial, exercício de trabalho profissional pela mulher, número de filhos, rotina ou atividades domésticas desenvolvidas pelos filhos. Não há um comportamento específico para determinados pais que são mais pobres ou mais ricos. Não há um perfil de pai e mãe específico, quando são levados em conta quaisquer dos fatores acima apontados.

Quanto à representação da infância, ela apresenta mais o pai como referência que a mãe. Entretanto, isso não significa dizer que se a infância é representada como boa ou ruim, feliz ou infeliz, há uma uniformidade no perfil do comportamento do pai. Mesmo quando ele é violento, o que causa recordações desagradáveis, a infância é representada como tranqüila, em um caso; como regular e estruturada em outro e como inexistente no terceiro caso. Assim, não há uma relação direta quanto a este item também.

O desafio proposto neste trabalho foi, a partir da configuração das representações do entrevistado, tratar da maternidade e da paternidade em suas percepções para verificar a existência ou não da igualdade entre pai e mãe e da maior proximidade entre pai e filhos.

Os resultados apontam que, na família de origem, nas representações da infância, paternidade e maternidade, há separação marcante entre papéis, qualidades e espaços de poder que estão

atreladas a relações com dominância masculina e formaram o ambiente no qual os entrevistados foram socializados. Assim, a existência ou não da nova paternidade está inscrita num contexto onde os processo de internalização e construção da identidade masculina seguiram demarcações de gênero extremamente tradicionais na infância e adolescência, de acordo com as lembranças desses oito entrevistados. Nos casos em que os entrevistados entendiam a relação de poder como complementar, eles não só possuem essas demarcações internalizadas como aderem à dominância masculina, enquanto posição ideológica que atualiza a identidade que possuem do ser homem.

Agora, diante da desigualdade predominante entre pais e mães dos entrevistados, partirei para a abordagem do cotidiano deles na família de procriação. Antes, porém, irei configurar a formação dessas famílias de procriação.

CAPÍTULO IV

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E VIDA AFETIVA

*"Todos os caminhos são iguais,
o que leva à glória ou à perdição,
há tantos caminhos, tantas portas,
mas somente um tem coração."
(Raul Seixas)*

Diante da metodologia adotada, as trajetórias de vida são fundamentais para o desvendamento das representações. Este capítulo traz subsídios para a discussão da nova paternidade e da igualdade entre o casal na família de procriação levando em conta os projetos e o que foi realizado na relação que se travou entre a profissão e a formação da família de procriação através da análise das entrevistas.

Romanelli (1991: 32-34) coloca que o desenvolvimento de idéias e práticas que levam em conta o fenômeno da nova paternidade e da igualdade entre os cônjuges se dá quando o casamento "é parte de um projeto de vida pautado por representações modernizantes", associadas à vida conjugal, à reprodução biológica e social bem como à ascensão social. Dentro das expectativas e condições

consideradas fundamentais existem, além da inserção da mulher no mercado de trabalho, critérios quanto à reprodução nos quais o nascimento do filho ocorre 2 ou 3 anos após o casamento e depende da avaliação que o casal faz de suas condições financeiras tendo em vista a escolarização prolongada dos filhos e a ascensão social.

Por outro lado, Luz (1982: 9-31) considera que, além das expectativas do casamento serem pautadas por representações modernizantes integrando um projeto de vida dos cônjuges, é a separação conjugal que propicia o desenvolvimento de práticas de igualdade e nova paternidade.

Tomei por base essas apreciações para explorar relações entre trajetória profissional e vida afetiva tendo em vista a formulação de projetos feitos nessas áreas e o alcance dos objetivos planejados para fornecer subsídios que possam esclarecer, em termos das trajetórias de vida, que condições foram necessárias para a formulação de idéias e práticas da nova paternidade e igualdade (representações modernizantes) e/ou para a reprodução de idéias e práticas tradicionais. A explanação será desenvolvida em dois tópicos: **VIDA PROFISSIONAL, NAMORO, CASAMENTO E FILHOS** e **SEPARAÇÃO E FIDELIDADE**.

VIDA PROFISSIONAL, NAMORO, CASAMENTO E FILHOS

A percepção dos entrevistados em relação aos seus pais, como foi visto no capítulo anterior, se baseia, principalmente, na imagem do trabalhador que sustenta financeiramente sua família, ou seja, do provedor. Essa imagem de paternidade relacionada à infância ou à adolescência, entretanto, pode ser assimilada ou reformulada a partir da decisão de construir uma família.

A trajetória dos entrevistados será descrita através de acontecimentos marcantes para a vida profissional quais sejam: grau de escolaridade, motivação para o estudo, época em que começou a trabalhar, tipo e quantidade de empregos adquiridos, faixa salarial e realização profissional. Serão exploradas as relações que foram percebidas entre esses acontecimentos e o tempo de namoro, época da decisão do casamento, critérios de escolha da esposa, vontade de casar, época do nascimento do primeiro filho e tipo de conflito existente no casamento.

Quando analisei a vida afetiva (namoro, a decisão do casamento e de ter filhos), encontrei uma relação bastante significativa entre as regras estabelecidas para o casamento e a vida profissional dos entrevistados. Já a abordagem da trajetória profissional, considerando aspectos da vida escolar e do

trabalho , mostrou que ela está diretamente relacionada com a situação econômica e residencial das famílias de origem.

Aqueles que viviam sem muitas restrições econômicas começaram a trabalhar após ter concluído o curso universitário. Os entrevistados que viviam com restrições financeiras começaram a trabalhar durante o primeiro grau maior, segundo grau ou ainda, após término do curso técnico. Os que tinham muitas dificuldades econômicas, iniciaram o trabalho enquanto cursavam o 1º grau menor (1ª a 4ª séries). Um deles ajudava a mãe a fazer feira, carregava água para casa e auxiliava o pai no trabalho. O outro entregava compras, carregava bebidas e arrumava a geladeira de um dono de mercearia que dava alimentos a sua mãe.

A motivação para o estudo também variou conforme a situação econômica e residencial das famílias de origem. Quando considerado o último grau cursado pelo entrevistado, o curso escolhido correspondeu à preferência do entrevistado, no caso daqueles que viviam sem restrições econômicas na infância e adolescência e de alguns que viviam com algumas restrições. A maior parte dos entrevistados que viviam com restrições financeiras, entretanto, tinha como motivo para o estudo a pressa em arranjar emprego. Nos mais desfavorecidos, a motivação para o estudo se relacionou ao desejo de ser independente ou à necessidade de arranjar um melhor emprego. Assim, pode-se dizer que quanto melhor a situação econômica e social das famílias de origem dos entrevistados, maiores são as chances que eles têm de escolher o curso de sua preferência.

A realização profissional significava estabilidade econômica, estabilidade de emprego ou ainda fazer carreira galgando posições sempre superiores na profissão de acordo com um plano de cargos e salários, já que a maioria era composta por funcionários públicos . Essa realização teve grande relação com a época em que o entrevistado decidiu casar ou ter filhos. Estabilidade e realização mostraram-se valores fundamentais para o entrevistado, assumindo lugar central em termos do processo de formação da família de procriação.

Foi percebida uma relação entre a existência de conflitos no casamento e a ausência de realização profissional do entrevistado. Quando o emprego atendia aos anseios econômicos e profissionais ou significava a estabilidade, os conflitos existiam em relação à educação dos filhos mas não comprometiam a relação, exceto em 1(um) caso.

Um dos entrevistados dizia o seguinte:

"..Eu comecei a botar na cabeça do meu filho que ele não podia continuar assim, ele tinha que fazer as tarefas dele, o que ele não soubesse ele viesse a mim que eu tiraria a dúvida dele e ele iria tentar resolver.

E, no começo, minha esposa achava que esse método que eu queria implantar era errado porque com ela perto seria melhor, e terminou ela fazendo uma atividade, passou um mês mais ou menos todo dia indo pra reunião e não pôde dar assistência ao menino.

Então o que aconteceu? ele teve que fazer as tarefas dele. Então, nesse período, ele tirou as melhores notas aqui da escola do que quando era o período quando ela dava assistência. Aí ela viu que ficou provado que era melhor que ele fizesse por si só..."

Outro deles frisou, quando falou do casamento:

"É estar junto, saber que aquela pessoa convive com você em harmonia, claro que não é uma harmonia 100%, mas é uma harmonia bastante considerada."

Já quando o significado do emprego não foi correspondente à realização econômica e/ou profissional, os conflitos existentes estavam relacionados com a questão financeira. Um dos entrevistados afirmou:

"...eu não enxergava viver por conta própria, eu não enxergava viver como autônomo, só enxergava viver como empregado de uma empresa, fazendo projetos. Nesse período eu sofri um bocado, não consegui enxergar o outro lado com facilidade. O lado bom é que, como ela sempre teve tudo com muita facilidade, no meio da crise sempre teve tudo do mesmo jeito, às vezes a gente comprava cinco, seis latas de leite ninho, ela abria tudinho; leite condensado, ela chegava na geladeira, chegava e tava tudo aberto; eu brigava. E essas coisas sempre foram desgastantes, porque às vezes você tem, mas tem que saber ter. Foram coisas que, na realidade, não fizeram bem pra gente. Eu acho que eu me desgastei, cobrava muito e tal... porque era uma pessoa que jogava comida fora, que deixava desperdiçar. Nesse período, eu vi ela ir pro supermercado comprar um bife. Eu adorei, não pela falta mas pelo fato dela ter aprendido a ir comprar e valorizar uma coisa pequena..."

Portanto, ficou caracterizado que a trajetória profissional tem uma relação direta com as decisões da vida afetiva, já que o caminho traçado para a realização profissional, quando não contemplava as necessidades dos entrevistados, refletia-se em conflitos na gestão financeira da casa tendo como motivos o gasto indevido do dinheiro por parte da esposa. Porém, a motivação para o estudo está relacionada com a situação econômica e residencial da família de origem.

Aqui, a ligação entre as expectativas da família de origem do entrevistado e os padrões encontrados quanto ao processo de formação e consolidação da família de procriação se dá através da

trajetória profissional . Esse caminho está em sintonia com os valores tradicionais encontrados na família de origem e que foram internalizados pelos entrevistados no processo de socialização pois reafirmam o pai como trabalhador-provedor e a autoridade paterna resolvendo ou pondo ordem na casa através da racionalidade.

Levando em conta o tempo de namoro e o de casamento antes do nascimento do primeiro filho, as relações encontradas não obedeceram à mesma lógica.

TABELA 10 : Motivação para a decisão do casamento e nascimento do primeiro filho de pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, segundo o tempo de namoro.

Entrevistado (n)	Tempo de namoro:	Decisão de casar:	Nascimento do 1º filho:
5	3 a 8 anos	Planejada economicamente e/ou profissionalmente	Mais de 1 ano após o casamento
2	1 a 2 anos	Decorência natural ou por vontade da esposa	Menos de 1 ano após o casamento
1	Menos de 1 ano	Por conta da gravidez	Menos de 1 ano após o casamento

FONTE: Entrevistas

Os entrevistados possuem três perfis distintos quanto a decisão de casar e ter filhos. No primeiro grupo a vontade de casar era recíproca, sendo que, em um caso, a esposa queria passar mais um ano namorando. Para outro casal, o planejamento incluía presentes prometidos pelas famílias de origem e a decisão se deu por conta do recebimento de uma grande quantia de dinheiro por prestação de serviços:

"...Aí, num final de semana, a gente tava bebendo lá com o pai dela... aí a gente resolveu. Eu tinha, eu trabalhei um período com prestação de serviço. Eu peguei umas três empresas prá fazer um serviço e ganhei um dinheiro bom, a gente não tinha nada até aquele momento, isso em outubro de oitenta e um, aí ela foi receber esse dinheiro comigo, aí a gente disse - umbora ver se a gente se arruma agora?- Ela disse - vamos ver o que é que a gente já tem.

Meu pai disse que daria um fogão, o pai dela uma geladeira, minha mãe dava a sala, tudo era presente de casamento. A gente só comprou besteira..."

Neste grupo, três compraram ou construíram imóvel para casar. Atualmente, somente um não possui imóvel. Todos possuem automóvel e o planejamento incluiu além do imóvel, a compra de móveis e/ou utensílios domésticos.

Já o planejamento profissional incluiu a condição dele estar trabalhando sendo que, em um caso, essa condição dependia da aquisição do diploma de curso superior porque somente a partir da formatura é que o entrevistado começou a trabalhar e marcou o casamento. Em dois casos o entrevistado obteve o emprego de sua preferência antes do casamento, mas já conhecia a esposa. Um entrevistado obteve o emprego de sua preferência antes de ter filho(s). O último desse primeiro grupo ainda não obteve o emprego de sua preferência.

Dos entrevistados que tinham o segundo e o terceiro perfis, apenas um não possuía imóvel e todos possuíam automóvel. Entretanto, não houve um planejamento, a não ser o sentimento de que já se relacionavam como marido e mulher: "*o nosso namoro já era um casamento*".

Um entrevistado obteve emprego de sua preferência antes de ter conhecido a esposa. Outro, antes de casar, mas já conhecia a esposa. Um terceiro obteve o emprego de sua preferência há menos de quatro anos.

Assim, não existe uma correlação necessária entre a questão de ter conhecido a esposa antes ou depois de ter conseguido o emprego de sua preferência. Também não há um vínculo regular entre a realização profissional e o tempo de namoro ou a decisão de casar ou a época do nascimento do primeiro filho. Porém, todos os entrevistados têm uma forte referência com relação a ter um emprego, pois ele é tido como condição básica da decisão de casar e a ausência de realização profissional provoca grandes conflitos no casamento, particularmente quanto a questões financeiras.

Outro fato interessante é que, quando esta realização não é atingida antes do casamento, os conflitos econômicos realimentam o elo entre a situação da família de origem e a de procriação, tanto em termos do exercício de papéis tradicionais quanto do consumo familiar.

Um dos entrevistados deu o seguinte depoimento:

"...sempre fui de comprar muita coisa, as compras sempre foram muito grandes, mas sempre foram grandes mas não eram bem usadas, eram gastas, era muita coisa jogada fora, muita coisa era desperdiçada e eu brigava muito por causa disso. Então, esse período teve um valor bom nesse sentido que mesmo no meio da crise eu vi uma pessoa ter que se adaptar a isso, quer dizer, nasci numa situação assim. Eu nasci pobre, nasci numa família humilde onde a gente teve que lutar pra ter as coisas... Então o pai dela sempre trocou de carro todo ano, sempre teve, quer dizer, teve um padrão de vida

melhor, melhor do que o meu, e isso permitiu que ela tivesse mais acolhimento nesse sentido..."

Outro deles comentou, quando falava de sua infância:

"... eu acho que é por conta disso que eu reclamo, eu fico possesso quando eu vejo uma pessoa lá em casa comendo mais do que o que eu comia naquela época. Eu fico associando, é, a educação que eu recebi e a que essa pessoa recebeu. Muito diferente..."

Entretanto, esse caminho não decorre somente da situação econômica e residencial da família de origem. É a associação entre o econômico e o social que dá sentido à realização profissional. Esta significa, principalmente, estabilidade tanto econômica quanto profissional. A preocupação com a estabilidade econômica ou de emprego é grande pois a maiorias entrevistados, inclusive aqueles que nunca mudaram de emprego, e suas esposas, são funcionários públicos.

Em termos da situação ocupacional e do nível de escolaridade dos entrevistados e suas esposas, existe a seguinte configuração:

TABELA 11: Nível de escolaridade e profissão de pais de alunos de uma escola alternativa de Recife, PE.

	NÍVEL DE ESCOLARIDADE		PROFISSÃO*			
	3º grau	2º grau ou técnico	FPNS	FPNM	PL	SP
ENTREVISTADO	6	2	2	4	2	-
ESPOSA**	8	-	5	1	1	1

* FPNS = funcionário público de nível superior;
 FPN M = funcionário público de nível médio;
 PL=profissional liberal; SP = funcionário do setor privado.

* * Também foi considerado 1 (um) caso de ex-esposa.

FONTES: questionários e entrevistas

Entre os que concluíram o 3º grau, a situação ocupacional, ou seja, o trabalho que exerciam correspondia, na sua grande maioria, à área em que haviam se formado (tab. 11). Quando analisada a situação ocupacional e o nível de escolaridade das esposas, constatou - se que elas também exerciam a profissão para a qual se prepararam.

Embora a diferença tenha sido mínima, quando comparados estes aspectos entre os entrevistados e as esposas, estas apresentaram uma melhor correlação entre situação ocupacional e nível de escolaridade.

É bem evidente que a estabilidade econômica almejada pelos entrevistados tem um significado semelhante a ter garantia de que amanhã não será demitido do emprego. Não houve no discurso uma expectativa de enriquecer. Um entrevistado falou o seguinte:

"... É essa coisa de você estar numa empresa privada, eu acho que foi isso que me levou a ser funcionário público. Você pensa que tá...olha, num mês o cara te dá um aumento e no outro o cara diz: - olha, sinto muito mas não preciso mais dos seus serviços -, ...e todo mundo já vivia assim: - será que hoje eu saio?, Será que hoje sou eu?.

Aí eu fui demitido. Eu fiquei... foi no dia do meu aniversário, ele me deu a minha carta, foi o meu presente de aniversário. Nesse período que eu fui demitido eu estava namorando com minha esposa.

Entre em outra empresa, quando eu entrei, surgiu esse concurso público. Aí eu tinha colocado na cabeça: - você pensa que está bom, aí leva um chute - é por isso que eu fui ser funcionário público, porque você ganha pouco, mas é um pouco certo... Então eu fiz o concurso, fui fazendo as provas, os testes, passei, pedi demissão e estou lá até hoje..."

Ouro entrevistado dá o seguinte depoimento:

"... eu terminei o curso universitário. Então eu tinha duas opções ou ter um escritório, a outra opção que eu tinha seria uma opção de fazer um concurso público em minha (área) e que tivesse um salário vantajoso, quer dizer, que desse pr'eu viajar, inicialmente foi prá viajar, ter acesso à cultura, ter meu carro. Então foram essas duas opções... E... assim, o mercado era muito difícil, então eu até poderia dizer foi mais fácil prá mim..."

Assim, a estabilidade está ligada à realização profissional de maneira contundente, levando em consideração o significado do emprego para a decisão de casar ou ter filhos e ocupação dos entrevistados e de suas esposas. Entretanto, essa preocupação dos entrevistados está mais ligada a decisão do casamento que a de ter filhos.

Observe-se na tabela abaixo a existência de planejamento familiar e o motivo de decisão do nascimento do primeiro filho.

Houve uma vinculação entre a decisão de casar e ter filhos para todos os entrevistados, tenham eles planejado ou não a chegada do filho. Os que não planejaram desejavam ficar algum tempo casados ou se relacionando sem ter filhos. A gravidez só interferiu no rumo da relação em um caso.

TABELA 12: Existência ou não de planejamento e motivos que levaram ao nascimento do primogênito de casais, pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE.

Nº de entrevistados	PLANEJAMENTO	MOTIVOS
3	SIM	desejo de ser pai
2	SIM	desejo de ser pai + ficar um período sem filhos
1	SIM	desejo de ser pai + adquirir estrutura financeira
2	NÃO	desejava ser pai mas filho não veio no tempo certo

FONTE: entrevistas

Essa interferência se deu porque os cônjuges tinham como proposta inicial ficar morando cada um em sua casa. O entrevistado afirma que resolveram morar juntos por conta da questão da paternidade e da maternidade e não pela do casal:

"...O casamento da gente, viver junto (foi a questão) da mãe e do pai mais do que a do casal...É bom dizer também que o filho, o primeiro, levou a gente a ficar junto, mas os filhos da gente sempre foram desejados. A gente sempre queria ter filho, a gente sempre quis ter filho, a discussão da gente, do primeiro filho, foi se era a época dele vir, era o momento da gente..."

Nos outros casos, a gravidez ocorreu no tempo aproximado ou exato ao que estava sendo esperada. É um fenômeno direcionado pelo casal. No caso da gravidez ter influenciado a decisão do casamento, o fato também foi encarado como responsabilidade de ambos.

Nesse sentido, a esposa é a mulher que contempla os anseios dos entrevistados. É com ela (a esposa) que o entrevistado deseja ter filhos, como ilustram os depoimentos:

"... eu acho que foi questão de paixão mesmo, paixão, tesão, emoção, tudo junto, ... no momento, era a grande mulher da minha vida, e, aí, eu resolvi investir nisso, eu era livre e espontânea vontade, livre e espontânea tesão mesmo de casar... eu tinha um grande desejo de ser pai, um grande desejo. É... pra você vê, quando eu casei, nos exames pré nupciais, eu não fiz o espermograma, com medo de ser estéril e não poder ser pai... Na época, a gente queria ter um filho. A gente só esperou um pouquinho, foram 2 anos de casados, aquela história do primeiro ano de casamento pra ficar mais inteiro, mais intenso sem nenhum tal, tal. E assim, quando a gente decidiu... ela engravidou..."

"...Agora, também tinha algumas coisas diferentes, por exemplo, com a minha, com a minha primeira mulher eu não me via assim um pai dum filho dela, de jeito nenhum. Com minha esposa atual eu já me via, eu não sei, é.., era questão mesmo de com ela eu via a coisa do filho ter, é uma estrutura, teria melhor estrutura, eu achava que ela tinha a cabeça melhor, ... E também, a ligação minha com ela, eu achava que era uma coisa que tinha mais futuro..."

Outro entrevistado falou que acabara um noivado antes de namorar com a esposa e alegou como motivo do desentendimento, a falta de idéias e objetivos de vida semelhantes:

"...eu e minha noiva não nos entendíamos, éramos cabeças diferentes, papos diferentes, idéias diferentes, visões de mundo diferente, estruturas familiares diferentes e não tava dando certo..."

De uma maneira geral, a mulher desejada ou que preenchia os requisitos do entrevistado devia ter os mesmos ideais ou objetivos de vida, sendo que havia peso igual para a questão estética:

"... olho o corpo da mulher, a estética, o corpo como um todo, aí depois a conversa, mas a primeira coisa pode ser o corpo, mas às vezes é um gesto que torna uma pessoa diferente de outra.. É um corpo que corresponda ao meu ideal, que corresponda a minha estética de vida...."

"... é horrível você conversar com uma pessoa que pensa completamente diferente de você, mas o olhar com certeza. Corpo, olho com olho, eu acho interessante a primeira olhada... Agora, claro que em outros contatos, a conversa, o que é que a gente quer da vida, o que é que tu quer da vida, o que é que tu pensa... Eu acho que é isso aí que faz o conjunto...eu nunca irei com uma mulher pra cama só pela questão do corpo dela..."

A estética não se refere a "um corpo bem posicionado" mas sim a "um corpo que fale, que mostre vida". Essa estética pode transparecer num olhar, num gesto, no que a pessoa veste:

"...eu digo o corpo porque a coisa passa por aí, mas não precisa ser uma mulher magra e nem uma mulher gorda, porque o corpo fala... As pessoas, às vezes, um corpo bonito mas sem energia, é um corpo que não transmite energia. Pode ser magra, pode ser... quando eu falo em estética não é um corpo bem posicionado, mas é um corpo que fale, que me mostre vida. Pode ser uma miss, entendeu, e não me dê tesão nenhum, não tenha vida, não tenha graça...Eu lembro que quando eu ia às festas, às vezes eu ficava olhando uma pessoa, uma garota, era só um detalhe da pessoa, como a pessoa falava, a roupa que a pessoa usava, uma volta que a pessoa fazia, o olhar da pessoa..."

Também havia a expectativa de que ela tivesse qualidades tais como a compreensão da mulher para com o marido, como ilustra o depoimento abaixo:

"...Então eu pensei isso, no dia que eu me casar eu paro. E também depende da mulher que eu casasse. Porque, às vezes, você casa, casar não é salvar, não é salvar a vida de ninguém não. Se você pega uma esposa que não lhe compreende, não... aí você tá perdido. É uma coisa muito séria e muito difícil. Vida a dois é muito difícil..."

Assim, a mulher que os entrevistados esperavam casar era compreensiva, o que remete para uma semelhança com suas mães, as quais eram tolerantes e pacientes. Por outro lado, a mulher ideal tinha objetivos de vida que se assemelhavam aos seus, o que remete para uma identificação entre os projetos e posicionamentos de vida dos entrevistados e de suas "escolhidas".

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma predominância de percepções onde há divisão de responsabilidade quanto à reprodução e à gravidez, uma vez que a ex-esposa ou a atual preenchia os pré-requisitos do entrevistado para o casamento e o desejo de ter filhos.

Portanto, em todos os grupos, a questão do emprego permeia a decisão do casamento. Se o emprego corresponde aos critérios de realização profissional, fornece uma tranquilidade para o casamento. Senão, a recorrência dos conflitos onde a mulher aparece como culpada incide exatamente nas questões econômicas.

Ocorre, porém, uma rede de relações. Há relação entre as opções de escolha profissional e a situação econômica e residencial das famílias de origem dos entrevistados. Existe relação entre realização profissional e decisão de casar e entre o casamento e o desejo de ser pai. Essa rede de relações está ligada pelo desenvolvimento da trajetória profissional dos entrevistados. Esta trajetória

tem seu caminho iniciado na família de origem, com as expectativas de ascensão social que levaram as famílias a se deslocarem do interior para a capital, investir na escolarização prolongada dos filhos e/ou na valorização do trabalho como fonte de afirmação social. O caminho se desenvolve com as escolhas feitas pelos entrevistados em termos de aquisição de emprego, continuação ou não dos estudos e formação da família de procriação.

A forte valorização da estabilidade e da realização profissional, possui suas raízes no exemplo paterno e na expectativa de ascensão da família de origem, uma vez que originária de camadas médias baixas, nas quais as áreas de ocupação predominantes (funcionários públicos, profissionais liberais e pequenos comerciantes) formavam ambientes propícios para o cultivo desses valores.

Por outro lado, o desenvolvimento dessa trajetória tem um sentido mais de reprodução que de mudança de comportamento do entrevistado e de sua expectativa em relação à esposa, desde que existe uma semelhança entre os papéis e qualidades encontrados na família de procriação com o do pai trabalhador-provedor e da mãe compreensiva

Isso é reforçado pelo fato de que os entrevistados não referiram a questão de emprego como uma condição de casamento necessária para as mulheres. Entretanto, em 6 das entrevistas, ficou claro que a esposa já trabalhava na época em que eles se casaram.

A ligação dessas percepções com aquelas veiculadas para a paternidade na família de origem revela-se na ênfase do emprego como pré-requisito para o casamento, somente masculino, sinalizando como legítima a repetição da imagem do pai provedor.

Por outro lado, o processo de formação na família de procriação parece vincular o desejo de casar o de ter filhos com a mulher "escolhida". Aqui, mais uma vez, o papel da esposa está relacionado com a maternidade.

Já a divisão de responsabilidades perante o planejamento familiar e a concepção do filho, evidenciada no presente estudo, diferencia-se da família de origem na qual tudo que envolvia os cuidados com os filhos, a iniciar pela gravidez, fazia parte do papel feminino.

Comparando com as considerações de Romanelli (1991: 32-34) pode-se dizer que havia um planejamento com relação à chegada dos filhos mas que, no entanto, o nascimento se dava dentro de um prazo relativamente menor quando analisado o tempo de casamento (vide tab. 10, página 86). Para os entrevistados havia uma vinculação entre ter um emprego que oferecesse alguma estabilidade financeira e casar, mais do que ter esta estabilidade e gerar filhos. As condições econômicas apresentam uma importância substancial, mas ela aparece com maior consistência quando é feita a

"escolha" da esposa, desde que o entrevistado estava "escolhendo" naquele momento a mãe dos seus filhos, como alguns deles relatavam nas entrevistas.

É ainda interessante assinalar que naqueles que possuíam maior tempo de namoro, o nascimento do primogênito ocorreu mais de um ano após o casamento. Nesses casos houve maior planejamento em termos da profissionalização dos entrevistados.

A amostra aqui estudada difere daquela para a qual Romanelli (1991: 32-34) tece considerações sobre a nova paternidade e igualdade conjugal em termos de trajetória de vida. O estudo desta trajetória, no presente trabalho, revelou maior tendência à reprodução que à mudança, embora eu tenha encontrado fortes referências ao planejamento familiar evidenciando uma divisão de responsabilidades e decisões entre o casal, o que indica a presença de representações modernizantes.

SEPARAÇÃO E FIDELIDADE

Este item visa encontrar regras de casamento e separação que reforcem ou não as indicações de representações modernizantes encontradas. Ao opinar sobre estes assuntos os entrevistados deixam transparecer motivos de manutenção do casamento e em que medida eles são influenciados pelo fato de ter filhos. Algumas dessas opiniões estão baseadas nas próprias experiências mas, a maioria, se refere a uma situação hipotética.

Segundo Luz (1982: 9-31), a separação é um fato fundamental para o desenvolvimento de novas práticas paternas. Isso porque a condição de separado distancia o pai dos filhos na convivência cotidiana. A dissolução do casamento significa não só a perda da mulher, mas também da posse dos filhos e dos projetos afetivos. O novo pai, nesse contexto, vai lutar pelo direito da posse para partilhar a educação e a presença física junto aos filhos no cotidiano, porque isso assumirá uma importância primordial na sua vida.

Mas nem todos os homens se dão conta da importância da presença paterna na educação dos filhos. Nesse sentido, os novos pais, antes da separação, já tinham uma proximidade muito grande com os filhos, trocaram suas fraldas e fizeram papinhas quando estes eram bebês. Portanto esses homens, quando ainda estavam casados, já aproximavam-se das representações modernizantes, ou seja, da divisão de tarefas caseiras, dos cuidados com os filhos, do incentivo ao estudo e à participação da mulher na vida civil e política (Luz, 1982: 9-31).

Dentro desse contexto, as trajetórias de vida dos entrevistados ora estudados, correspondentes à etapa de formação e consolidação das relações na família de procriação tendem a reforçar concepções tradicionais mais que modernizantes, por isso, a exploração das regras de casamento e separação são fundamentais para caracterizar representações da paternidade e maternidade relacionadas à família de procriação, uma vez que fazem parte da vivência cotidiana atual enquanto princípios morais ou éticos que regem as relações conjugais.

Pode-se dizer que, quanto à separação, existem duas opiniões predominantes. Alguns consideram que a separação é quase inadmissível, não é bem aceita nem como hipótese, por conta da existência dos filhos, embora nenhum deles tenha dito que é impossível de acontecer:

"... Seria trágico, porque eu acho que a separação quem paga são os filhos e eles não fizeram nada por isso pra pagar, eles não têm culpa, a gente não pode pegar uma culpa minha ou dela e transferir pra cima dos filhos... e eu não penso em me separar não..."

"... Olhe, eu nunca pensei nessa possibilidade de separação não... Mas ontem a gente vinha discutindo por conta dos sobrinhos que ela paga as coisas, e quer queira ou não, de um modo ou de outro, entra o dinheiro de um e o dinheiro do outro... ela ganha mais do que eu mas eu não dou.... a gente nunca teve esse problema. Eu já ganhei mais do que ela, hoje ela ganha mais do que eu.... O que há é uma soma das coisas. Portanto.... aí, eu me chateei porque ela disse - mas é do meu bolso que tá saindo - mas eu considero que tá saindo de nossa família pra outra pessoa que tem condições de fazer e tão lá, bebendo e brincando. Aí, a gente chegou até a falar nisso ontem... Eu acho que eu não ia deixar de ter ele nunca, Deus me livre. Numa situação dessa eu nunca parei não...eu prefiro que isso nunca aconteça... porque ela (a criança) não vai sofrer, e essa separação a criança sofre..."

Outros entrevistados são a favor da separação, mesmo achando que ela traz conseqüências para os filhos, encarando-a como uma solução quando não há chance de reconciliação no casamento:

"...Quando o casamento não tiver condições de continuar, eu acho que o casal não deve se privar de se separar, de se divorciar por causa dos filhos."

Eis o depoimento do entrevistado que já havia se separado da esposa:

"... eu não acho que ela é uma criança que ficou agressiva por conta da separação, eu não acho. Eu acho ela um doce, o que ela vai ser vai depender muito de como a gente vai administrar isso nesse processo de infância e adolescência ..."

No geral, a paternidade significa, no processo da separação, como assinalou Luz (1982), a perda do contato cotidiano com o(s) filho(s), a saída da estrutura residencial montada pelo casal e a estruturação de uma nova residência:

"... Eu tentaria dar total assistência. Eu não poderia dar a assistência de tá todo dia lá junto deles, mas eu ia tentar dar mais assistência ainda do que eu dou..."

"... o homem vê o lado família, ele vê o lado filho. O filho pra um homem é fundamental, é muito mais importante do que pra mulher. A mulher ela vê, primeiro porque ela não sai da casa e quando a mulher sai, ela leva os filhos, teoricamente, quase todas as vezes, quando a mulher vai embora ela leva os filhos junto dela, então os filhos não são um problema pra ela, o filho é problema pro homem que sai e fica sem eles. Então, é um problema seríssimo pra você viver sem os seus filhos, é feito tirar um pedaço de você, faz falta, você fica louco por causa disso, então pesa de uma forma absurda..."

"...Os filhos, a gente tem que conversar e é ruim porque o pai, eu penso que o pai perde mais espaço com relação aos filhos, mas eu acho que quando tiver que se separar tem que se separar mesmo..."

"...É você tá, assim, ela ficaria normalmente, e eu procuraria um outro lugar. Tudo de estrutura ficaria com ela. Eu procuraria formar outra vida. A assistência básica mesma, do dia a dia, não existiria, de você tá acompanhando, tá conversando, você perde essa relação, mas tentaria acompanhar ao máximo... eu tenho essa rotina todinha, mas eu tenho a rotina porque eu tô casado e tô com menino, se eu tivesse separado seria uma outra rotina..."

Quando perguntei se conheciam algum pai que ficou com a guarda dos filhos após a separação, apenas dois responderam que conheciam um pai nesses termos, e um entrevistado disse:

"...Eu conheço um caso em que os filhos ficaram com o pai. Não é uma pessoa amiga minha, pessoa conhecida e as crianças ficaram com o pai... Quando eu tive uma conversa com essa pessoa e ele disse que tava tendo problemas terríveis de administrar essa convivência, o dia-a-dia das crianças, ter que sair pra trabalhar, deixava com a babá, no outro dia a babá saía, abandonava os filhos e era aquele rolo..... e tinha que deixar na casa dos avós e, é muito complicado..."

Essa opinião ilustra uma visão predominante da maioria dos entrevistados, ou seja, esses problemas cotidianos são considerados femininos. Esta competência feminina em cuidar dos filhos

corre paralela à concepção, igualmente predominante, de que a guarda dos filhos deve ficar com a mulher.

De maneira geral, a mãe é percebida como a responsável pela continuidade da família, da casa. Ela fica com a estrutura residencial construída pelos dois, é considerada mais próxima dos filhos e mais competente para educá-los. Assim, ela fica com a incumbência de cuidar dos filhos e continuar a história da família:

"... Eu visualizo eu saindo em qualquer situação. Eu saindo e ela ficando com os filhos. Não que eu não queira ficar com os meus filhos, é porque eu, com a experiência que tenho, acho que é melhor os filhos na companhia da mãe, principalmente essa mãe que eu conheço há 15 anos. É uma excelente mãe, e acho que ela vai continuar sendo uma excelente mãe. E eu acho que os filhos, os meus, no caso, ficariam com a mãe, com toda certeza..."

"... Olhe, quem tem que ficar com os filhos eu creio que seja a mãe, não é que eu esteja aqui querendo é... abandonar os meus filhos, mas desde que a mãe seja responsável, que tenha condições de criar, então quem tem que ficar é a mãe..."

É necessário assinalar que esse tipo de concepção incorporado por todos os entrevistados está ratificado na própria legislação vigente no Brasil⁴⁰. Essa legislação só recomenda a guarda da criança ao pai se ficar provado que a mãe é adúltera, louca ou drogada, pois se pai e mãe forem responsáveis, os filhos menores ficam em poder da mãe. Como os padrões de maternidade estão vinculados aos de dona-de-casa e o lar é o local de criação dos filhos, geralmente a guarda inclui, além das responsabilidades para com os filhos, a casa, que fica sendo a residência materna.

Assim, todos os pais entrevistados, se separados, perderiam a relação cotidiana com os filhos e dariam assistência financeira no que fosse possível:

"...É muito difícil, mas a nível de

"...Eu achei melhor sair de casa ...

⁴⁰ Atualmente, mais de trinta e três estados norte americanos dão preferência ao que denominaram de **DUPLA CUSTÓDIA**, ou a permitem como opção. "A dupla custódia física ou custódia partilhada é uma nova forma de família na qual os pais divorciados partilham a educação dos filhos em lares separados, ou, colocando de outro modo, onde as crianças têm literalmente duas residências e passam um tempo substancial com o pai e a mãe alternadamente. A essência do acordo da dupla custódia reflete o compromisso dos pais de manter dois lares para seus filhos e de continuar a cooperar um com o outro na tomada de decisões"(Wallerstein & Blakeslee, 1991: 342-343). A existência da dupla custódia tem implicações para as representações da paternidade e da maternidade com relação a maior divisão do espaço de poder, papéis e qualidades femininas com o ex-marido que assume responsabilidades com a casa e com os filhos. Isso evidencia como a visão predominante da sociedade e cultura brasileiras sintoniza aspectos legais e representações sociais, sinalizando para o fenômeno da dominância masculina que tem como contrapartida a mulher como única ou maior responsável pela casa e pelos filhos. As autoras discutem várias implicações que a prática da dupla custódia tem suscitado (vide Wallerstein & Blakeslee, 1991: 342-364).

separação só penso que ela iria ficar na mesma estrutura, a questão mesmo de salário, manter os primeiros meses como era. Porque o salário aqui é todo vinculado, eu acho que o da maioria das pessoas é assim, todo cheio de coisa, então ele teria que ficar durante um bom tempo assim e depois é que ele ia se desvinculando, até formar, na questão do meu salário mesmo, eu penso que a justiça manda que cada uma ganhe tantos por cento, teria que ver qual era a realidade que a gente poderia manter até o máximo...pra que elas não tivessem perda de padrão..."

porque a coisa já não tava agradável pra mim, tava sendo uma situação torturante. O carinho pelos meus filhos sempre foi maior do que qualquer outra coisa e eu iria tentar contornar isso. E surgiu a oportunidade, ou seja, eu pagava dois aluguéis, eu pagava um aluguel do escritório, eu pagava o aluguel da minha casa, eu tinha duas despesas, eu tinha despesa com água, luz, telefone de duas casas. Então eu disse - a oportunidade é agora, que eu já tenho duas contas definidas e não vou ter que sofrer tanto com relação a essas coisas - que na realidade, uma vez que eu tinha como administrar duas contas diferentes eu também podia administrar minha vida em separado..."

Somente em um caso o pai colocou uma situação de semelhança na aptidão de ficar com o filho. Neste caso não citou a questão financeira como definidora da relação de separado:

"...Eu sei que uma separação é uma coisa muito dura, eu sei que modifica alguma coisa, agora, a coisa fundamental - digamos - genuína, que é o amor, quer dizer, que é o carinho, que é o companheirismo, essa coisa eu acho que não vai mudar com as crianças...Se eu ficaria vendo, saindo pra passear, fazendo tarefa, eu acho que poderia fazer, vai depender muito mais de uma negociação entre mim e ela...essa questão de ficar comigo ou ficar com ela, pela própria circunstância, eu sairia do meu espaço, do espaço da gente e iria procurar um espaço. Então, nós já temos toda uma estrutura, ela teria toda uma estrutura. Tem babá, tem isso e tem aquilo, quer dizer, e eu, digamos, leva-las pra me estruturar, pra me organizar, no início, ficaria muito difícil. Mas é claro que eu não abro a mão de poder ficar administrando, como se diz. É claro que é previsível isso e eu acho que seria uma boa, eu saberia administrar essa coisa..."

Também neste caso, não havia uma identidade de pai, o entrevistado se considerava pai e mãe de seu(s) filho(s) sem , no entanto, deixar de ser homem:

"... Eu não me sinto só pai, eu me sinto uma coisa mais total, e me sinto pai, eu me sinto mãe. A coisa não fica só em pai não, é uma coisa muito maior...quando eu penso que a coisa é muito maior é porque eu quero fugir dessa coisa por exemplo: o homem é

o macho e a fêmea, a coisa assim mais ou menos; aí quando eu digo a coisa maior é porque a coisa é total..."

Isso remete a uma discussão sobre a masculinidade. Quando o pai se acha tão apto quanto a mãe nos cuidados com os filhos (o que foi raro nas entrevistas), ele não encontra um modelo propriamente masculino para expressar sua competência e, por isso, recorre a uma visão holística que, na realidade, fortalece a idéia de que a mulher é portadora de uma dimensão afetiva que não se constitui na identidade masculina⁴¹.

O motivo de ocorrência da separação estava ligado à falta ou perda de objetivos e ideais de vida em comum:

"...eu não sei porque eu me separei, eu acho que teria algumas explicações, eu acho que, na época, eu entendia que era isso: eu comecei a me identificar com saúde pública, e ela não tinha esse interesse, muito pelo contrário, e aí a gente começou com muito atrito, mas que no fundo, no fundo, não foi isso, essa eu acho que é umas explicativas que a gente dá porque as pessoas vão perguntar porque eu me separei..."

"... Olha, houve um desgaste, houve um desgaste que vinha se prolongando há muitos anos. Um desgaste no relacionamento, diferenças de objetivos com relação às coisas materiais. E questão de falta de carinho, erro que tava vindo da minha parte..."

"...se a gente não tivesse muita afinidade, muito questionamento do casamento, a gente já tinha separado há muito tempo. Quando você visse que tava uma coisa sufocante, você sufocado financeiramente, sufocado em qualquer tipo de atividade, o que é que eu vou fazer na vida? eu vou trabalhar, não, eu vou embora... Aí se não tivesse essa concordância de idéia, aí já tinha cada um pra o lado..."

"... Eu prefiro que isso nunca aconteça. Então é melhor a gente fazer o possível pra que isso nunca aconteça... mas para que isso não aconteça você tem que tá OK, você tem que tá numa verdadeira harmonia em todos os sentidos. Financeiro, amoroso, em tudo ..."

⁴¹ Nolasco (1993) traça uma discussão interessante sobre a masculinidade, assinalando que "as discussões sobre a identidade masculina apontam para uma direção em que é fundamental o reconhecimento e a aceitação, por parte dos homens, de sua *porção mulher*" (p. 139) e colocando a importância de substituir esta visão, que considera empobrecedora, pela necessidade de transformação da auto-imagem, atualizando-a à complexidade subjetiva contemporânea" (p. 139), pois, só assim seria possível pensar o conflito e, também, a humanidade do desejo masculino. Isso remete a uma busca subjetiva dentro de moldes que fogem ao objetivo do meu trabalho, mas as considerações de Nolasco (1993) vêm reforçar que não é só a presença física, ou a divisão de tarefas na casa e com os filhos que propiciam a vivência da nova paternidade e da igualdade entre os cônjuges. Embora esses fatores sejam indicadores desses fenômenos, precisam estar acrescidos de uma abordagem das representações.

A infidelidade era entendida como conseqüência dos desentendimentos na relação conjugal, e, nesse sentido, quando um dos cônjuges sentia-se atraído por outra pessoa, procurava seduzi-la. Os depoimentos abaixo ilustram o que era infidelidade para os entrevistados:

"... já aconteceu de eu me sentir atraído por outra mulher, mas considero isso um fato isolado, eu sigo o caminho normal do casamento... sou fiel mas nunca deixei de olhar outras mulheres, embora nunca tenha seguido o caminho da infidelidade..."

" ... eu sinto o tesão mas eu não vou me insinuar por tesão, digamos,... não vou seduzir, e eu sou até sedutor, eu me acho sedutor, eu me acho um pouco sedutor... mas eu não vou. Não vou, porque eu também, eu fico pensando a coisa assim, porque eu não quero que minha esposa faça isso, eu não imagino ela fazer isso também..."

"...às vezes, eu começava a querer conversar um assunto como esse aqui, então, bater um papo e perguntar algumas coisas que eram interessantes pra mim e quando chegava em algum ponto crítico ela entrava em desespero... Então eram coisas que me perturbavam e sufocavam... Acabou acontecendo de ter algumas pessoas em que eu me envolvi e que lamento profundamente, no sentido de ter encontrado pessoas boas e ter deixado lá, e não ter conseguido seguir outros caminhos. E hoje eu tô tentando fazer com que esses objetivos surjam em casa..."

Embora os entrevistados fossem unânimes em achar que devia haver fidelidade no casamento, apenas dois deles achavam que a fidelidade era o ponto de equilíbrio do casamento. Palavras de um dos entrevistados:

"... eu acho que num casamento é o ponto de equilíbrio. Tem que tá sempre equilibrado, porque se não tiver não adianta nem continuar. Ele tender um pouquinho pro lado, um pouquinho pro outro pode desistir porque aí não vai... Eu não sou muito daquele lance de recuperar minha mulher, tá..."

Ao estabelecer uma situação hipotética em que a infidelidade seria feminina (da esposa), percebe-se em apenas um caso, cuja esposa não desejava ter filhos, outro comportamento em relação à guarda das crianças que passaria a ser um direito paterno:

"...eu confio plenamente nela. Se amanhã eu descobrir que houve uma farrapada por parte dela... Se isso acontecer, eu não vou - aquele cara, eu vou matar, bater... - não. Eu sou de conversar. Aí eu vou chamar, vou dizer - bom, tá aqui, você vai ficar agora sozinha porque nosso filho vai comigo - ... ele vai comigo. Vai, porque, aí eu vou ter pano pra manga pra discutir isso - primeiro você não queria ter filho, segundo você... aconteceu tudo isso eu não vou deixar ele com você. Ele vai comigo..."

A existência dos filhos parece estabelecer um pacto de fidelidade entre os casais:

"... a questão da fidelidade também passa pela família. Quer dizer, eu sempre vi papai com um relacionamento fiel, aquela coisa bem com mamãe, e olhe que não se dão bem! Depois eu me casei pela primeira vez, então o casamento da gente era bem aberto, quer dizer, não tinha essas imposições porque eu viajava, podia namorar, ela ficava aqui e podia namorar.... naquele tempo eu podia até admitir. Eu não sei se essa questão passa por depois de ter filhos... depois é uma coisa muito complicada pra mim porque, hoje em dia, eu sou uma pessoa muito exigente com relação..."

Percebe-se uma unanimidade nas entrevistas em relação à importância da fidelidade conjugal, seja por fatores morais ou aqueles referentes à própria cumplicidade da relação, reforçando a permanência da relação conjugal em todos os casos, e, em alguns, vinculando-se à sustentação do casamento.

Os entrevistados, portanto, são caracterizados como monogâmicos porque o relacionamento extraconjugal é um sintoma de crise no casamento. Mesmo assim, em alguns casos existia a ocorrência de um relacionamento extraconjugal. A maioria dos entrevistados referiu que a infidelidade da esposa não levaria obrigatoriamente a uma separação do casal.

Esses indicadores me levam a crer que na construção da identidade masculina, a maioria difere dos machistas pois associam sexo com afetividade e parecem não ter um duplo padrão de moralidade (Cf. Goldenberg, 1991).

Por outro lado, a paternidade aparece como fenômeno que reforça o vínculo entre a realização profissional e "escolha" da esposa mãe, ligando o casamento com a coabitação. Existe ainda, como já

comentado anteriormente, uma identificação das qualidades da esposa e da mãe e, simultaneamente, com as idéias e objetivos de vida dos entrevistados.

Parece assim que o pai, mesmo em caso de separação, sente-se seguro quanto à educação que a esposa dará aos filhos, já que ela foi "a escolhida". Portanto, a incumbência materna de cuidar dos filhos e continuar a história da família está resolvida para o entrevistado, que considera "tudo sob controle" (Cf. R. P. Scott, 1990).

A "retirada" do pai da cena cotidiana, no caso de separação, potencializa ainda mais os atributos da mãe engrandecendo sua importância na reprodução da dominância masculina (Cf. Nolasco, 1993:154).

Assim, a maneira de pensar sobre a separação e a fidelidade reforça a existência da paternidade como a instituição que forma o vínculo entre casa, casamento e escolha da mulher. Por isso, quando a "escolha" não é a ideal, a perda do vínculo conjugal culmina com a perda "da casa e dos filhos". Há uma rede de relações e acontecimentos ligados à paternidade e perdidos com a separação. É como se o homem construísse a história da família conjuntamente com a esposa, mas saísse dela ao separar-se. O homem e a mulher constroem, mas é a mulher quem perpetua.

As condições ou justificativas colocadas para que os filhos fiquem com a mãe denotam que o pai considera-se:

- ◆ mais distante do filho que a mãe;
- ◆ menos competente para transmitir a educação ;
- ◆ dependente de negociação com a mãe;
- ◆ com vontade de ficar com o filho se a esposa for infiel.

Na separação, os entrevistados percebem a imagem do pai como o provedor econômico, e a da mãe como a pessoa responsável pelos cuidados com os filhos. Associada à imagem do provedor existe a do companheiro que conversa com os filhos e se faz presente. Vale lembrar que para os entrevistados, a presença física e o diálogo com os filhos não se constitui uma atividade de rotina, como ilustra o depoimento do pai separado:

"...ela tem que ser feliz, e o que eu puder eu faço acontecer isso, sabe ...Não é só a coisa material não, é também material, mas de tá perto, de tá ajudando, de tá sentando, de tá discutindo. Toda felicidade do mundo, não ser contente na vida..."

Em síntese, a separação, enquanto situação hipotética ou real, reforça a imagem do pai provedor. No entanto, a ausência paterna do cotidiano do lar que caracterizou as famílias de origem dos entrevistados dá lugar à valorização do diálogo e da presença física paterna no convívio com as crianças.

Na análise da separação e fidelidade, a nova paternidade e a igualdade parecem ser fenômenos pouco incidentes, pois as representações aqui encontradas reforçam padrões tradicionais mais que modernizantes. No entanto, é possível vislumbrar algumas idéias e princípios morais que rompem com a machismo.

Os presentes resultados permitem deduzir a permanência da associação da mãe com os cuidados da casa e dos filhos, e do pai com a figura do provedor, características da visão de mundo tradicional da família de origem. Porém foi possível encontrar uma divisão de responsabilidades quanto a reprodução biológica, associação entre sexo e afetividade, a desvalorização do duplo padrão de moralidade e a proximidade física maior entre pai e filho, todos eles indicadores que denotam a existência de algumas representações modernizantes.

No próximo capítulo irei abordar o cotidiano atual da família de procriação, em termos das representações de práticas, com o objetivo de verificar se a nova paternidade e a igualdade realmente existem e como se manifestam.

CAPÍTULO V

O COTIDIANO NA FAMÍLIA DE PROcriação

*"Todo dia ela faz tudo sempre igual,
me sacode às seis horas da manhã,
me sorri um sorriso pontual,
e me beija com a boca de hortelã"*

(Chico Buarque)

No capítulo anterior foi observado que existe uma forte ligação entre a situação econômica e residencial da família de origem, a escolha profissional e o grau de escolaridade que formaram o capital cultural dos entrevistados. Também foi visto que a falta de realização profissional do entrevistado ocorria paralelamente com a existência de conflitos no casamento.

Ficou demonstrado que representações tradicionais encontradas na família de origem permaneceram no processo de formação da família de procriação mas, também foi possível detectar a existência de representações modernizantes.

Agora, serão explanados os resultados das análises de dados dos questionários e das entrevistas sobre o cotidiano atual na família de procriação para verificar se, diante das representações tradicionais e modernizantes encontradas, existe a manifestação da nova paternidade e da igualdade entre o casal.

Nos questionários, foram analisadas as respostas referentes às questões numero 6, 9, 13, 14, 15, 20 e 23, referentes a atividades cotidianas, despesas com a manutenção da casa e dos filhos, tempo gasto fora de casa para o exercício de trabalho remunerado e faixa salarial recebida por ambos

os cônjuges (vide anexo) . Nas entrevistas foram pesquisadas a rotina do entrevistado em dias de semana e finais de semana. Também levou-se em conta as regras e procedimentos quanto a aquisição de renda e a despesas. Outros assuntos tais como presentes para os filhos, brinquedos, brincadeiras e televisão, foram abordados para captar normas educacionais praticadas com os filhos e em que medida elas eram influenciadas por questões de gênero.

Inicialmente foram abordados aspectos da vida do casal, relacionados ao tempo gasto fora de casa para o exercício de trabalho remunerado, ao poder aquisitivo e às atribuições de cada um com as despesas de manutenção da casa e para a criação dos filhos. Tal abordagem visa configurar os termos em que a representação do pai provedor corresponde à situação configurada por esses indicadores.

Em seguida, diante da representação da mãe como aquela que é responsável pelos cuidados com os filhos e a casa, foi explorado o nível de participação e as preferências paternas nas **ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE CRIAÇÃO DOS FILHOS.**

Por fim, diante das conexões encontradas, resolvi explorar as preferências que existiam em termos de escolha de produtos e pagamentos de mensalidades, nas despesas da família, e em termos de orientação e execução de atividades domésticas e de criação dos filhos no tópico **ESCOLHA, ORIENTAÇÃO E EXECUÇÃO DE ATIVIDADES.**

AQUISIÇÃO DE RENDA E ATRIBUIÇÕES COM AS DESPESAS DA FAMÍLIA

Para atingir o objetivo proposto neste tópico, utilizei dados dos questionários que ora se referem a amostra como um todo, ou seja, os 26 (vinte e seis) pais, ora referem-se apenas aos integrantes da amostra de entrevistados.

Dos questionários foram explorados os dados referentes ao tempo de trabalho gasto fora de casa para o exercício de trabalho profissional, a faixa salarial dos entrevistados, responsabilidades quanto ao ônus e pagamento de mensalidades e quanto ao ônus e execução de compras para o consumo familiar.

Nas entrevistas, foram relacionados os resultados encontrados com o tipo de renda do casal e a divisão, entre os cônjuges, do dinheiro adquirido. Também foram relacionadas as despesas referentes à casa e criação dos filhos com o tipo da divisão de renda feita pelo casal. Assim, o entrevistado que está separado aparece sozinho na análise.

Primeiro serão apresentados os dados referentes ao tempo gasto fora de casa para o exercício de trabalho remunerado e a sua relação com a faixa salarial recebida. Em seguida, será analisado o tipo de renda recebida, a faixa salarial dos maridos e esposas e a distribuição das tarefas com as despesas da família.

Quanto ao tempo gasto fora de casa para o exercício de trabalho profissional, observou-se que na amostra do questionário (figuras 1 e 2, abaixo), 40% das mães ficam de 6 a 7 horas por dia ausentes da casa enquanto apenas 4% dos pais permanecem igual período fora do lar. Analisando os períodos de 8 ou mais horas encontrei que 83% dos pais e 52% das mães permanecem fora do lar. No entanto, quando analisei pais e mães que se ausentavam de casa por períodos superiores a 5 horas, ou seja, mais de um turno, encontrei os seguintes valores: 87% e 92% respectivamente. Assim, considero que havia uma relativa semelhança quanto a ausência paterna e materna da casa para o exercício de trabalho profissional.

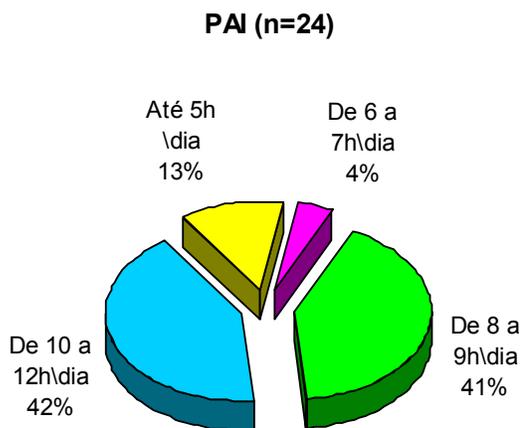


FIGURA 1: Tempo gasto fora de casa pelo pai para o exercício do trabalho remunerado (FONTE: questionários).

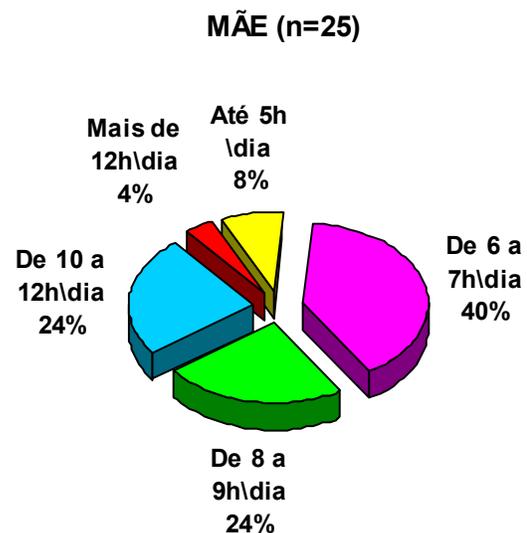


FIGURA 2: Tempo gasto fora de casa pela mãe para o exercício de trabalho remunerado (FONTE: questionários).

Comparando esses dados com o grau de instrução e a faixa salarial recebida pelos cônjuges (vide "contextualizando a amostra", p. 51 e 52), apesar das esposas ficarem ausentes da casa um

tempo semelhante e terem um nível educacional maior, elas tinham um poder aquisitivo menor que o dos maridos.

Como já referido, a maioria dos casais era assalariada (vide tabela 1, metodologia) e a esposa tinha um poder aquisitivo menor que o dos maridos. Havia, no entanto, uma tendência a dividir igualmente as despesas, sendo que o marido assumia mais a mensalidade escolar, o aluguel ou prestação do imóvel e as contas de luz e água enquanto que a esposa se encarregava do ônus das compras de utensílios, vestuário das crianças e roupas de cama, mesa e banho (vide figuras 3 e 4, nas duas próximas páginas).

É interessante notar que quem assumia o ônus financeiro, geralmente também assumia a responsabilidade de praticar o pagamento. Entretanto, havia uma tendência a responsabilizar a esposa pelo pagamento da mensalidade escolar e nas tarefas de compra. Na maioria dos casos, a compra de utensílios e vestuário das crianças são atribuições geralmente assumidas conjuntamente pelo casal.

Assim, a análise de dados do questionário sugere que mesmo tendo um poder aquisitivo menor, as esposas dividiam igualmente as despesas para a manutenção do lar com os maridos e se responsabilizavam mais que estes pela realização da compra ou pagamento referentes às despesas da família. Embora fosse marcante a tendência dos cônjuges realizarem conjuntamente algumas das atividades, usualmente quem assumia o ônus também assumia a tarefa prática em relação àquele encargo financeiro.

Nas entrevistas, as análises feitas confirmam esses resultados embora, considerada a faixa salarial de cada cônjuge, o poder aquisitivo das esposas fosse semelhante ao dos maridos, quando comparado ao poder aquisitivo da amostra do questionário (vide "contextualizando a amostra", p. 49).

Comparando o tempo gasto fora de casa e a faixa salarial correspondente a remuneração dos entrevistados e de suas esposas observou-se que estas passavam 8(oito) horas por dia, em média, ausentes da casa, enquanto que os maridos passavam 6,8 (seis vírgula oito) horas, em média ausentes, de acordo com a seguinte distribuição (tabela 13, p. 64, após a apresentação das figuras 3 e 4).

TABELA 13: Tempo gasto para fora do lar pelos casais, pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, e faixa salarial recebida para o exercício de trabalho profissional.

Tempo gasto fora de casa (horas por dia)	Faixa Salarial SM*	Esposa (n)	Entrevistado (n)
Até 5	3,1 a 5	1	
	10,1 a 20		1
	MAIS de 20		1
De 6 a 7	5,1 a 10	1	1
	10, 1 a 20	1	
De 8 a 9	3,1 a 5		1
	10,1 a 20	2	
De 10 a 12	5,1 a 10		1
	10, 1 a 20	1	2
Mais de 12	10, 1 a 20	1	
TOTAL		7	7

***SM = Salário Mínimo** *FONTE: questionários dos 7 entrevistados casados.*

A análise da tabela acima revelou que nos dois casos em que o salário do entrevistado era menor que o da esposa, o tempo gasto pela esposa fora de casa para o exercício do trabalho profissional era superior ao do entrevistado.

Ao todo, existiam quatro casos onde a esposa se ausentava da casa para trabalhar durante um período maior que o do marido, sendo que em dois casos ela tinha faixa salarial superior; em um o salário era igual e noutro era inferior ao do marido.

Em um caso, o entrevistado trabalhava o mesmo número de horas que a entrevistada e recebia a mesma faixa salarial.

Nos dois casos restantes, o entrevistado trabalhava mais tempo que a esposa e tinha uma faixa salarial maior.

Portanto, entre os entrevistados, a situação de semelhança quanto ao fato do casal exercer atividade profissional remunerada está desenhada num quadro onde a esposa passa mais tempo fora

de casa para o exercício do trabalho profissional que o marido e sua situação em termos de faixa salarial adquirida é equivalente.

Não observou-se relação entre o fato de ter filhos e a preferência por este ou aquele turno. É mais provável que esse achado se deva a uma exigência da empresa a qual, delibera o turno de trabalho de seus empregados. Considerando a escassez de creches ligadas a empresas brasileiras, bem como a inexistência de uma política educacional que mantenha a criança na escola em regime de semi-internato, interpreto como uma necessidade a contratação de empregada doméstica pela maioria dos entrevistados.

Uma observação pode ser feita quanto a relação entre a faixa de renda recebida e o nível de escolaridade das esposas. Embora elas apresentem nível de escolaridade mais elevado (vide tabela 11, capítulo IV, p. 87), passam mais tempo fora de casa para o exercício de sua profissão e têm a mesma faixa salarial que os maridos. Assim, a única diferença entre a amostra do questionário e a dos entrevistados consiste no menor poder aquisitivo das esposas, no primeiro.

Nas entrevistas foi possível confirmar a grande prevalência de assalariados da amostra pois dos sete maridos, apenas um era autônomo. Todas as esposas eram assalariadas.

Como a maioria dos casais era assalariada e tinha, portanto, uma renda mensal fixa, a maneira de administrar a renda variava conforme os seguintes comportamentos (dados obtidos dos depoimentos dos entrevistados):

- ◆ dois casais possuíam contas conjuntas onde depositavam a renda a cada mês e gastavam o dinheiro conforme as necessidades e as disponibilidades.
- ◆ um entrevistado afirmou que o casal juntava o dinheiro recebido e gastava conforme as necessidades e no limite da disponibilidade mas não informou se tinham conta conjunta.
- ◆ um informou que possuíam duas contas conjuntas e os dois movimentavam independentemente, sem consultar o outro, pois sabiam qual o limite de suas finanças (a consulta entre eles só se dava para compra de eletrodomésticos, automóvel, etc).
- ◆ finalmente, em três casais, cada um controlava o seu dinheiro e assumia a responsabilidade por algumas despesas da casa e dos filhos. Nestes há uma visível tendência do marido assumir o pagamento das contas de água, telefone, luz, aluguel ou prestação do imóvel enquanto as esposas garantiam as despesas com os filhos, mantimentos e utensílios domésticos, compra de roupa de cama, mesa e banho, etc:

"...É... com alimentação a gente, aqui, é o seguinte, o meu movimento no escritório não é certo, eu não tenho receita definida, então eu faço previsão de dia, por exemplo, hoje até segunda feira eu quero trabalhar pra ganhar dinheiro pra pagar um débito que eu tenho com uma irmã minha. Então, segunda e terça já é pra pagar outra conta... Então, você vai, não deixa faltar coisa em casa e, aquilo que for preciso você supre, e o que sobrar, eu vou guardando em algum canto pra poder... ir servindo pra os meses seguintes, pras contas maiores, pra aluguel, água, luz, telefone, as obrigações que são presentes.... E aí, o dela, aí, ela se planeja um pouco mais porque ela sabe o quanto vai receber, e aí ela pega, quando chega, tá faltando em casa ela vai comprar, ela vai ajeitando aqui e ali, é... usa pra coisas das crianças..."

"...Lá em casa, eu tenho conta em conjunto com ela, a conta dela é conjunta comigo, agora a minha é só. A despesa é basicamente assim, tem coisas por exemplo, educação, colégio de menino, manutenção do carro, combustível, é... água, telefone, energia, a feira da semana de fruta, verdura, legumes, entendeu, isso fica comigo. Os afazeres ficam comigo e o dinheiro também fica comigo. Sou eu que, é de minha conta mesmo, é do que eu ganho mesmo, Porque a gente tem conta conjunta, eu tenho conta conjunta com ela mas quem bole na conta é ela. Eu tenho conta conjunta assim. A gente tem porque se eu precisar também. Mas eu nunca mexo não. Quem mexe no dinheiro dela é ela. Agora, por exemplo, lençol furado, e papapá, vejo isso tudinho, lençol furado, é... a roupa que precisa comprar pros meninos. A não ser como uma questão de presente, assim, eu vejo uma sandália bonitinha, que eu gosto de comprar, aí eu dou aos meninos. Mas essa coisa, brinquedo, livros, tá. A não ser quando eu vejo um livro assim interessante, mas normalmente é ela que sai compra livro de história, roupa pros meninos, sapato pros meninos, feijão, cereais pra casa, manutenção da casa, limpeza e as empregadas, quem paga é ela, sabe, essas despesas todinhas..."

Os gastos com alimentação não mostraram tal tendência, revelando-se um certo equilíbrio na responsabilidade pelos custos e pela compra entre o casal.

Observou-se que na maioria desses casais, aquele que assumia a despesa era pessoalmente responsável pela compra ou pagamento, não delegando a tarefa a terceiros (como empregadas ou parentes). Somente em um caso o marido tinha a despesa mas, quem se responsabilizava pela compra ou pagamento era a esposa:

"...Não, aí quem paga sou eu. Água, luz, telefone, aluguel é... sai daqui. Aluguel de casa, aluguel de telefone,... aí eu mando o menino pagar. Aí, quem vai à agência pagar é meu empregado ou então minha esposa quando alguma coisa que ela possa fazer à tarde, mas dificilmente eu vou. Quer dizer, ir a um banco pra pagar uma conta, depósito, essas coisas eu não vou. Porque toda vez que eu saio daqui, eu tô perdendo um cliente que entra..."

Em relação aos quatro casais que juntaram as rendas mensais, as atividades e pagamentos eram realizados conjuntamente embora mantivessem uma tendência em dividir as despesas segundo os padrões acima referidos. Aqui, a realização da tarefa de comprar sozinho (marido ou esposa) ocorreu em um caso em relação a feira que era responsabilidade do entrevistado, enquanto que o supermercado era feito pelos dois (marido e esposa):

"... Sustagem também tem isso, tem o que mais, mel de abelha, é... tem o leite, tem o sustagem, tem o mel de abelha, tem o inhame, que ele come inhame desde que nasceu,... aí eu compro por semana. Eu venho aqui na feira.... Sou eu que venho. Minha esposa nunca foi pra feira não. Só supermercado... Quando a gente vai pro Bompreço aí tá,... o lençol tá.... precisando de um lençol, aí já tá incluído ali. Tá precisando de uma toalha de banho, tá incluída ali.... É Porque a gente só tem tempo de fazer uma vez por mês. Por exemplo, roupa pra gente, a gente não teve tempo ainda de ir numa loja comprar roupa, a gente vai agora comprar. A qualquer momento dessa semana ou da próxima a gente vai sair - o, hoje é dia da gente fazer, comprar roupa, vamos comprar roupa, precisa comprar roupa..."

Em outro caso era o entrevistado que pagava as contas de água, luz, etc. Num terceiro caso constatou-se que a esposa fazia compras de roupa de cama, mesa e banho e utensílios domésticos, sozinha.

Assim, parece que quando a renda é unida, os cônjuges compram ou pagam as despesas relacionadas a manutenção da casa e criação dos filhos juntos. Pode-se notar ainda que quando as responsabilidades financeiras e a renda são separadas, há uma tendência do marido ficar com as despesas relacionadas a prestações e mensalidades e a esposa responsabilizar-se por despesas relacionadas a compras para os filhos e para a casa. No caso dos cônjuges com renda mensal conjunta, essa tendência é reforçada, em dois casos.

Portanto, em 57% dos casos entrevistados, os maridos se responsabilizavam sozinhos, pelos custos referentes a prestações e mensalidades. No casos das esposas, ocorre o mesmo para

despesas com compras de cama mesa banho e vestuário dos filhos. Quanto as despesas com mensalidades escolares e, mais ainda, a alimentação, houve maior quantidade de cônjuges desempenhando essas atividades juntos ou com equivalência de responsabilidade.

Comparando a regra encontrada nas entrevistas com a faixa salarial recebida, (podemos dizer que há casos onde o marido tem mais renda que a esposa assim como há casos em que a esposa recebe mais que o marido ou os dois possuem a mesma renda mensal. Deste modo, independentemente do poder aquisitivo da esposa, a distribuição das responsabilidades financeiras para a manutenção da casa corresponde ao princípio da divisão igualitária.

Essa divisão, entretanto, aponta para demarcações de atividades ligadas a paternidade e maternidade no cotidiano. Vale assinalar que essas regras são apontadas como tendências. Isso quer dizer que às vezes um dos cônjuges desempenhava atividades fora de casa a partir de uma combinação prévia ou mesmo de um ato inserido naturalmente na vida do casal. Além disso, o marido ou a esposa podem fazer despesas que fujam de sua área de responsabilidade quando um dos conjugues já não tem mais dinheiro naquele mês ou quer presentear o filho ou o outro cônjuge com roupas, sapatos, brinquedos, etc, ou quando o outro pede para comprar ou pagar algo de sua responsabilidade.

Quanto ao entrevistado que vivia separado, cerca de 25 a 30% do seu salário era depositado na conta bancária da ex-esposa. O pagamento da escola estava incluído no percentual acima referido. Além disso, quando a criança estava em sua companhia o entrevistado assumia as despesas com brinquedos e roupas.

Portanto, considerando que o poder aquisitivo e o tempo gasto fora de casa para o exercício de trabalho remunerado das esposas é maior nos dados obtidos das entrevistas, ficou claro que existe um principio de igualdade na divisão das despesas referentes à manutenção da casa e dos filhos que não corresponde, por meio do uso do critério da lógica, a representação do pai provedor.

Por outro lado, a associação feita entre mensalidades e maior responsabilidade paterna, e entre compras e maior responsabilidade materna indica que existe uma representação da mãe como aquela que consome e do pai como aquele homem que provê. Mas, o fato de haver uma tendência da mulher realizar mais pagamentos e compras, embora o ônus seja dividido, indica que esse provimento consiste mais em arcar com o ônus que em participar das atividades referentes a essa manutenção.

Assim, nas entrevistas, apesar da esposa trabalhar mais e ter maior poder aquisitivo, existe a mesma associação entre pai e provedor que no questionário considerando que o fato da mulher

participar igualmente das despesas não contribui para que haja uma representação de co-provimento. Ou seja, esse fato não tem visibilidade nas representações masculinas.

ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE CRIAÇÃO DOS FILHOS

A rotina é composta por vários rituais cotidianos, desde a hora que acorda até a hora que vai dormir, nos dias de semana. Existe o ritual do próprio acordar, a higiene, a prática de esporte (1 caso), a alimentação matinal, o almoço, o jantar, o transporte do(s) filho(s) para a escola, o tempo dedicado ao trabalho profissional, o tempo de estar em casa, o ritual de dormir.

No processo de análise da rotina verifiquei que dentro da amostra estudada existia uma diferenciação entre pais mais e menos participativos que se tornou fundamental para a discussão dos resultados deste trabalho pois, nos itens que se seguem, serão comparados os grupos mais e menos participativos para a verificação de características que os assemelham e que os diferenciam, segundo as atividades abordadas. Portanto, haverá uma primeira classificação no subtópico **Classificação dos pais quanto a participação nas atividades cotidianas**.

Ao falar de práticas rotineiras, é preciso ter em mente que estou lidando com situações e *habitus* por meio de operadores práticos (Bourdieu, 1983b), tais como o **gosto** e o **ethus**, para desvendar algumas tendências quanto à maneira de lidar com as atividades cotidianas. Por isso, no subtópico **Preferências paternas nas atividades cotidianas**, irei comparar quais as atividades preferidas pelos pais mais e menos participativos com o objetivo de verificar se os pais mais participativos podem ser chamados de pais que praticam a nova paternidade ou não. Também tenho por objetivo verificar se há uma divisão equitativa das atividades cotidianas entre os pais e as mães, levando em conta a existência de empregada, no caso dos pais mais participativos.

Classificação dos pais quanto à participação cotidiana

Os critérios de inclusão dos pais entre aqueles que eram menos ou mais participativos foram, num primeiro momento, mais quantitativos que qualitativos e se diferenciaram um pouco conforme se estivesse analisando a participação através do questionário ou da entrevista.

Isso não se constituiu uma maior problemática porque todos os pais que haviam sido entrevistados, haviam também respondido aos questionários, e sua inclusão num ou noutro grupo deveu-se, em primeiro lugar, às quantificações e qualificações feitas com base no relato das entrevistas que depois foram comparadas com as freqüências do questionário para verificação da plausibilidade da classificação feita no primeiro momento. A comparação feita entre questionários e entrevistas enriqueceu a classificação aqui utilizada.

Passarei a expor agora os critérios adotados na entrevista e em que medida eles se assemelhavam ou não àqueles adotados no questionário em termos da participação dos entrevistados no cotidiano doméstico.

Nas entrevistas, foram considerados pais mais participativos aqueles que exerciam rotineiramente no mínimo 4 (quatro) atividades sem condicioná-las a situações específicas. Pais menos participativos eram aqueles que exerciam no máximo 2 (duas) atividades rotineiramente e vinculavam esse exercício a alguma condição.

Existiu um problema quanto a inclusão do pai que estava separado pois ele se sentia muito próximo da filha, mas essa proximidade não era cotidiana e por isso foram incluídos na análise das atividades cotidianas os sete pais casados devido a matrilocalidade existente, no caso do pai separado.

Diante dos critérios adotados, havia 5 (cinco) entrevistados menos participativos e 2 (dois) mais participativos.

Nos questionários, foram considerados pais mais participativos aqueles que faziam "todos os dias" pelo menos duas atividades, considerando que sua esposa fazia "todos os dias", no máximo, o dobro do número de atividades em relação a ele .

Os critérios adotados, foram especificados após a análise das entrevistas, observando o seguinte:

- ◆ nas ações referentes à higiene, as mais encontradas, nas entrevistas, referiam-se a "orientar a tomar banho e a escovar os dentes", "limpar o bumbum" e "pentear os cabelos". Estas ações não foram referidas no questionário;
- ◆ Os pais mais participativos enfatizavam, nas entrevistas, o fato de fazer companhia ao filho de colo (bebê) e este tipo de atividade não era contemplada no questionário uma vez que foi respondido para crianças que tinham de 2 a 7 anos;
- ◆ No questionário, exceto em um caso, a esposa ou companheira assumia a realização de mais atividades "todos os dias".

Diante desses critérios adotados, encontrei, na amostra do questionário, 22 pais menos participativos e 4 mais participativos.

Outras características importantes desses dois grupos serão delineadas no decorrer da exposição e discussão dos resultados encontrados quanto às práticas domésticas.

Preferências paternas nas atividades cotidianas

Inicialmente foram comparados os dados dos questionários em termos dos grupos de pais mais e menos participativos para saber se eles preferiam atividades de criação de filhos a atividades domésticas. Depois, dentro das atividades domésticas, foram comparadas aquelas atividades referentes a limpeza e higiene dos filhos com atividades que propiciavam maior proximidade física que tivessem um conteúdo emocional ou intelectual. Depois, procedi à mesma comparação nas entrevistas com vistas a verificar o conteúdo das tendências encontradas.

No questionário, as atividades domésticas eram pouco praticadas por todos os pais. Os pais mais participativos, no entanto, as praticavam mais que os menos participativos mas a diferença era pouca, conforme pode-se observar comparando os gráficos que revelam serem a mãe e a empregada as responsáveis por essas atividades diariamente e, também, que quando o pai participa mais, há uma concentração das atividades domésticas diárias nas mãos das empregadas e a participação da mãe diminui bastante:

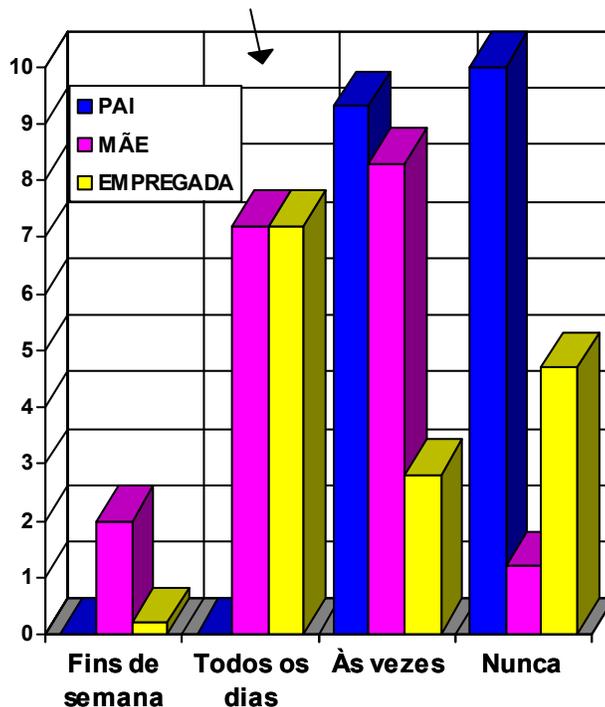


FIGURA 5: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a frequência do exercício das atividades domésticas (cozinhar, orientar o que cozinhar, arrumar a casa, orientar a arrumação, lavar a roupa e orientar a lavagem), na percepção dos pais menos participativos (FONTE: questionários).

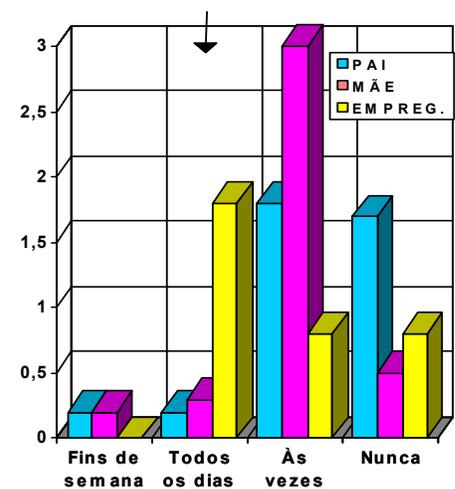


FIGURA 6: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a frequência do exercício das atividades domésticas (cozinhar, orientar o que cozinhar, arrumar a casa, orientar a arrumação, lavar a roupa e orientar a lavagem), na percepção dos pais mais participativos (FONTE: questionários).

Quando comparados esses resultados com as frequências encontradas para as atividades de criação dos filhos, conclui que todos os pais preferem essas atividades às domésticas mas, mesmo no caso dos mais participativos, é ainda a mãe que desempenha mais essas atividades, embora a distância entre o desempenho paterno e materno diminua consideravelmente.

Nos gráficos abaixo, pode-se observar a maior participação dos pais mais e menos participativos, nas atividades de criação dos filhos nas atividades de higiene e alimentação dos filhos e, também, a participação materna sempre maior que a paterna. Apareceu, ainda, como dado que a participação da empregada diminui nessas atividades:

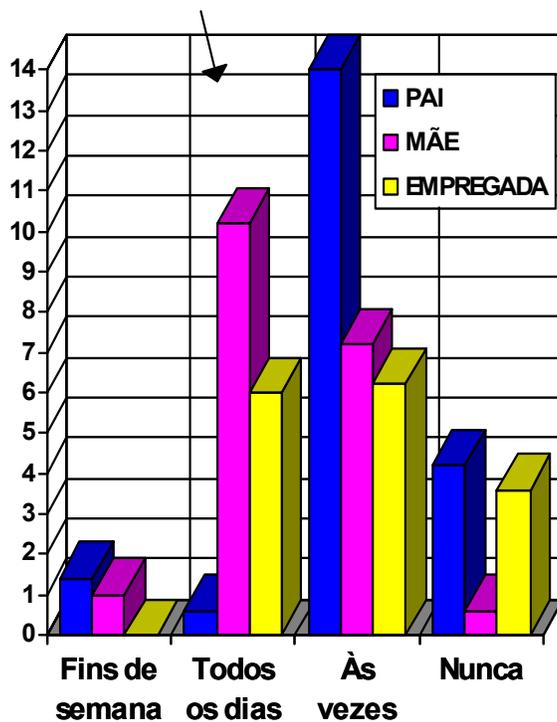


FIGURA 7: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício das atividades de higiene e alimentação das crianças (dar o banho, trocar a roupa, orientar a roupa que a criança deve vestir, preparar as refeições da criança, orientar o que a criança deve comer), na percepção dos pais menos participativos (FONTE: questionários).

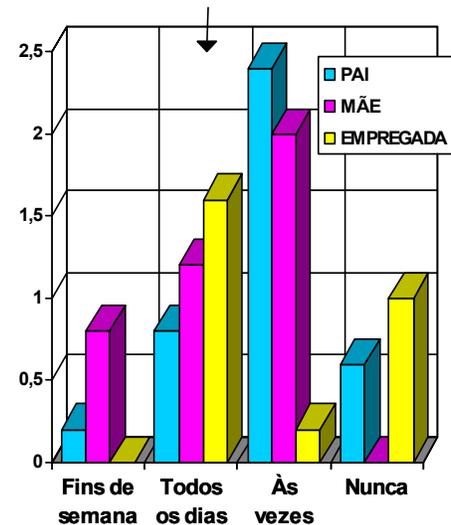


FIGURA 8: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício das atividades de higiene e alimentação das crianças (dar o banho, trocar a roupa, orientar a roupa que a criança deve vestir, preparar as refeições da criança, orientar o que a criança deve comer), na percepção dos pais mais participativos (FONTE: questionários).

Outro dado percebido foi a existência de uma tendência, verificada em maior proporção nos pais mais participativos, mas também perceptível no casos dos menos participativos dos entrevistados praticarem mais atividades que propiciam proximidade emocional ou intelectual com os filhos, e suas esposas, as atividades de higiene e alimentação das crianças. Esta última, reforça a primeira tendência encontrada, em que atividades domésticas são mais femininas (empregada ou esposa). Também foi percebido que as empregadas participam ainda menos dessas atividades. Veja as figuras 9 e 10 que expressam a percepção de pais menos e mais participativos, respectivamente:

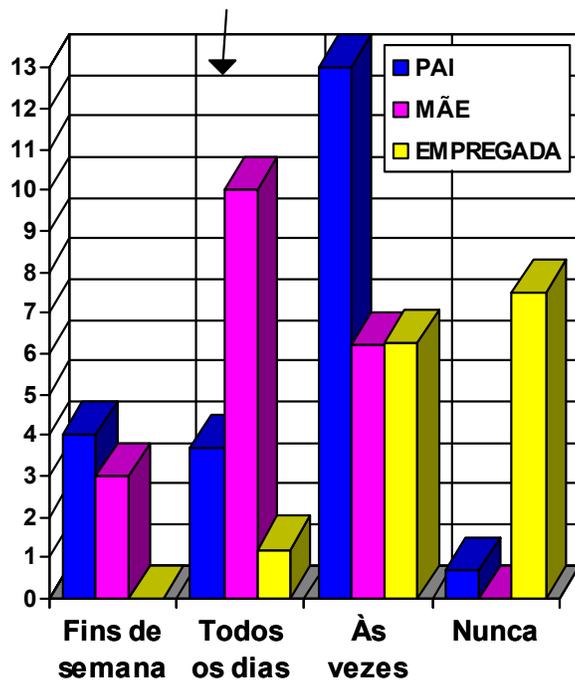


FIGURA 9: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício das atividades que propiciam maior proximidade intelectual e emocional com as crianças (transportar para a escola, orientar os estudos, lazer e colocar a criança para dormir), na percepção dos pais menos participativos (FONTE: questionários).

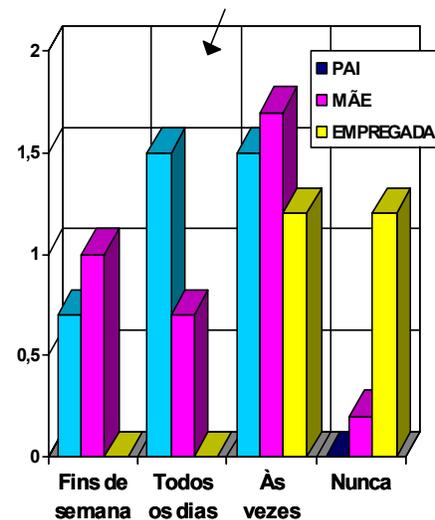


FIGURA 10: Distribuição média da população de pais, mães e empregadas, segundo a freqüência do exercício das atividades que propiciam maior proximidade intelectual e emocional com as crianças (transportar para a escola, orientar os estudos, lazer e colocar a criança para dormir), na percepção dos pais mais participativos (FONTE: questionários).

Essas atividades (figura 10) são as únicas nas quais os pais mais participativos têm maior participação diária que as mães. Nelas também pode-se observar que a participação da empregada é quase nula. Isso tudo vem a reforçar que apesar dos pais serem mais participativos, eles fazem atividades que remetem a mesma divisão sexual de trabalho na qual estão inseridos os pais menos participativos, enfatizando mais o lúdico e o intelecto como maneiras de inserção masculinas no cotidiano familiar. Esta divisão, vivida com graus diferentes de participação remetem a representações tradicionais, uma vez que ligam o lazer e as atividades de desenvolvimento da racionalidade ao pai.

Mas, se a participação paterna aumenta seguindo certas regras que remetem a uma divisão sexual do trabalho tradicional, pode-se considerar que essa maior participação indica a prática da nova paternidade?

Nas entrevistas, encontrei as mesmas tendências. Poucas foram as referências das atividades domésticas, tanto no caso dos pais mais participativos quanto dos menos. Questões como arrumar a casa, lavar roupas ou cozinhar eram pouco referidas.

Dos cinco pais menos participativos, nenhum mencionou preparar ou servir rotineiramente qualquer das refeições. Um deles falou:

"...no horário de meio-dia eu procuro ficar em casa... e deito uma hora, quarenta minutos na sala mesmo, assistindo televisão, fico ali deitado enquanto ela chega. Ela chega, a gente espera que as coisas aconteçam, vem o almoço feito por ela, que às vezes poderia ter sido feito no dia anterior, à noite ou coisa assim... Normalmente faz na hora que chega, o que atrapalha um pouco. Eu acho que as crianças deveriam comer exatamente na hora que chegam..."

Os entrevistados menos participativos sempre referiam as atividades domésticas como responsabilidade total ou maior da esposa. Um deles nem mencionou atividades domésticas, que eram feitas pela empregada, mas somente afazeres paternos e maternos:

"...Agora, a gente tem uma menina em casa faz cinco anos, então todos esses afazeres que nós fazemos, dos pais, ela também faz. Então a gente sempre divide nessa forma, eu sou o que faço menos dos três..."

Entre esses cinco casais, três tinham empregada que se encarregava dos serviços domésticos (cozinhas, limpava e arrumava a casa, lavava pratos e roupas).

Os demais não tinham empregada. Em um caso, quem se encarregava de preparar o alimento e servi-lo era a esposa. No outro, a esposa preparava as refeições com a ajuda da mãe, que morava perto, e quem tivesse fome se servia. Neste caso, quando os cônjuges não estavam em casa o (s) filho(s) ficava(m) sob responsabilidade da irmã ou mãe da esposa, o que não deixa de se enquadrar na tendência de que, para os pais menos participativos, quem cuida mais dos filhos são as mulheres, seja ela mãe, sogra, esposa, cunhada, irmã ou empregada.

Os dois pais mais participativos mencionaram atividades domésticas que faziam quando estavam sem empregadas ou quando estavam de folga. As empregadas preparavam e serviam a maioria das refeições. Palavras dos entrevistados:

"...agora na cozinha mesmo ela (a esposa) não vai quase nunca, a não ser no fim de semana, e também eu..".

"...A gente levanta, toma café todo mundo, conversa, aí a coisa é bem relaxada, aí, nesse meio de tomar café, de conversar, de fazer o café, de lavar prato. Hoje não, tá com a empregada, não lava prato..."

Eles referiam que essas atividades eram feitas conjuntamente pelo casal, na ausência da empregada. No primeiro caso, o entrevistado disse que ia para a cozinha e acrescentou que também arrumava a casa. O outro lavava os pratos, a esposa cozinhava e os dois arrumavam a casa.

A participação da empregada era fundamental na rotina da casa de todos os entrevistados. Essa importância da presença de uma doméstica na definição da rotina ficou evidente na resposta deste último pai, mais participativo, ao questionário:

"...Quando estamos com empregada, a empregada faz as atividades domésticas e nós cuidamos das crianças... Quando estamos sem empregada ela cozinha e eu arrumo a casa, lavo os pratos e ela lava as roupas da casa..."

Passando para questões que envolviam a rotina da criação dos filhos, os pais menos participativos, exceto em um caso, consideravam que estar com os filhos, correspondia ao fato de brincarem com eles. Palavras dos entrevistados:

"...Se eu chego cedo eu vou ler um livro, leio uma revista, vou brincar com os meninos, eu fico com eles, eu sempre faço alguma coisa..."

"...Por sinal o relacionamento da gente é muito bom. Eu tô com meus filhos sempre, eles dormem lá na minha cama, brincam, eu procuro brincar com eles..."

"... A noite, quando eu chego em casa, é tomar banho, janto, falo com os filhos brincando..."

"...vou participar do acordar das meninas...Mas aí, eu participo desse acordar com brincadeiras, imitando Reinado Belo, o comunicador da maioria, é... imitando rodeios, - olhe gente, amigas, gente querida do coração. Acorda que está chegando, chegando a hora da escola e do fofão. E aí vai, invento uma estória como tá subindo no cavalo, tá subindo num boi, então sempre inventando coisas. É.....- olha, olha gente, olha o boi, olha, olha a cavalada levanta criança que a vacaria tá passando...- e aí eu vou inventando coisas, estórias que façam com que elas acordem..."

Assim, para os pais menos participativos a proximidade com os filhos se dava por meio de atividades lúdicas e acontecia de acordo com as possibilidades de tempo e espaço desses entrevistados:

"...também passeamos juntos, ele cobra muito a minha presença e eu procuro tá sempre presente, dentro das possibilidades..."

Uma outra maneira de ficar próximo ao filho era sentir o filho perto dele na hora de dormir:

"...Na maioria das vezes ele dorme com a gente, na mesma cama. Eu não quero tirar ele dali agora, depois eu vou tirar ele, vou colocar ele no quarto dele. Ele tem um quarto dele todo prontinho, arrumadinho, lá, dele. Mas eu gosto. Eu gosto de sentir ele ali. ...Se a perna dele bater em você ele acorda..."

Quanto a alimentação, só em um caso o pai preparava o alimento do filho diariamente:

"... Levo-o prá escovar os dentes, depois eu preparo, às vezes uma mamadeira pra ele, geralmente eu preparo de manhã..."

Um deles dizia que não concordava com a alimentação que a mãe dava a(s) criança(s), mas ele não participava preparando ou servindo o alimento para ela(s). A mãe era quem estabelecia as regras e preparava a alimentação :

"...quando os filhos acordam, são muito manhosos pra levantar, a mãe botou muita manha, então são tão acostumados a ir tomar a mamadeirinha na cama antes de levantar, eu acho boa a idéia porque saírem da cama alimentados. Não gosto porque só tomam leite não tomam uma vitamina, não tomam suco, quer dizer, vitamina tomam, não tomam suco, não tomam café da manhã com a gente, eu acho que estão crescendo com uma certa diferença. Mas aí eu participo desse acordar com brincadeiras..."

Nos outros casos, os entrevistados diziam, quanto a alimentação do filho:

"...Não, geralmente quando o filho acorda, acordam os dois (o casal). Eu não ligo muito pra essa parte de, de ter que fazer o mingau. Tem que fazer essa coisa aí, é muito difícil eu fazer. Eu dei uma resposta naquele questionário porque, não é uma constante, mas de vez em quando eu faço. Mas é.... mas ele é mesmo assim: mamadeira ele toma mais com a mãe. É até a mãe que prepara mais... até a nossa secretária faz, que ela adora ele e faz pra ele tudo também... É... quando eu tô na mesa, ele come comigo, ele senta no meu colo pra come. Ele come coisa de panela. Com elas é mais difícil, ele toma mais mamadeira..."

"...Faço a mamadeira, tudo em escala menor do que a mãe, é certo..."

"... eles jantam de 6 horas, quem dá é a empregada..."

Os depoimentos deixam transparecer o pouco envolvimento dos pais menos participativos na questão da alimentação das crianças, quer estejam de acordo ou não com as regras de alimentação estabelecidas pelas mães.

Já as atividades de higiene dos filhos eram feitas pelos pais menos participativos quando o(s) filho(s) pediam:

"... ele pede - pai tira meu cocô -, eu vou e faço isso, dou banho..."

"...Mas eu cuido mais quando ele quer tomar um banho, ele quer, faz cocô quer se limpar, eu vou limpo ele, lavo ele..."

"...as crianças se arrumam por conta própria mas elas gostam de manhã até que limpe a bundinha na hora que sai : - papai vem limpar minha bunda aqui - não sei o que tal, eu vou lá limpo a bunda delas ou a mãe..."

Assim, os entrevistados menos participativos estabeleciam um espaço para o filho pedir a ele que fizesse essas atividades acima referidas mas não existia um intercâmbio com as esposas no sentido de fazer tal ou qual atividade. Parecia não haver espaço para combinar quem fazia e o que se fazia. Só percebi esse tipo de intercâmbio em um caso, no qual um dos entrevistados menos participativo fazia atividades de higiene em relação aos filhos rotineiramente, enquanto a esposa fazia o café da manhã:

"...é uma luta: - acorda filho, acorda filho. Ele: - deixa eu dormir papai. - Não! acorda!. Daí levo ele para escovar os dentes, ou eu, ou ela, mas geralmente eu levo porque nesse ínterim ela deve estar fazendo o café..."

Afora as atividades acima referidas os entrevistados desempenham outras como passear com filho(s) mais novo(s) na hora de levar o(s) outro(s) para a escola; brincar, conversar, jogar, fazer tarefas ou ler com os filhos.

Era interessante a maneira sintética com que falavam do cotidiano, três dos entrevistados desse grupo sempre saíam do tema da rotina e não fosse a insistência em retornar, não saberia muito sobre o cotidiano deles. Tinham mais facilidade em falar sobre a trajetória profissional ou sobre a infância e adolescência. Os outros dois eram também sintéticos ao falar da rotina. Era como se tudo (a casa, a paternidade e a relação conjugal) **estivesse resolvido** (Cf. R. P. Scott, 1990). Não havia indagações acerca das atividades e parecia que a relação conjugal não comportava conversas sobre esse cotidiano, na maioria dos casos. Isso tudo se acrescia, como foi visto no item anterior, da pouca participação diária nas atividades e da delimitação de condições para fazer determinadas atividades.

As condições das quais dependiam a realização de atividades pelos pais menos participativos foram: não acordar atrasado para ir ao trabalho; a mãe ou a empregada estarem ocupadas fazendo outra coisa; estar ou não de plantão; servir o almoço do filho caso não tivesse almoçado até a hora que o entrevistado foi almoçar; levar a(s) criança(s) para a escola se ela(s) se aprontassem em tempo de não chegarem atrasadas; transportar a(s) criança(s) para a escola quando estava de férias.

Aqui residem as diferenças fundamentais entre pais mais e menos participativos. Apesar de participarem mais de acordo com a antiga divisão sexual do trabalho, eles praticam as atividades diariamente e sem colocar nenhuma condição para tal, são mais detalhados ao falar de situações cotidianas que envolvem os filhos e parecem estar em constante conversação com a esposa, o que indica que a casa, a paternidade e a relação conjugal não pareciam **estar resolvidas** (Cf. R. P. Scott, 1990) para eles mas num constante **estar resolvendo**. Os depoimentos abaixo ilustram como os entrevistados mais participativos falavam do seu cotidiano levando em conta as características acima apontadas:

"... como o pequenininho é muito ligado comigo ainda, então eu já durmo, quer dizer, eu durmo no meu quarto com a esposa mas a noite ele acorda ainda e me solicita demais. Porquê? isso é bom que se, é..., quando ela (a esposa) foi desmamar, ele ficou comigo, porque ele não queria largar de jeito nenhum do peito. Então ela deixava, eu dormia com ele no quarto e ela dormia no quarto da gente, eu dormia no quarto dos meninos, no quarto deles mesmo... aí a gente tinha acertado assim, pelo menos uns 3 dias. Então, quando ele chorava de noite eu ficava com ele porque se ela fosse pra lá ele ia querer mamar de novo e ela já não agüentava mais, ela já tava se sentindo fraca, e achava que tava no tempo mesmo de ele desmamar. Então eu peguei, todas as crianças foram assim, foi sempre assim, pra desmamar eu sempre tava presente ...Então quem já bota logo pra dormir sou eu, porque como ele teve essa coisa de ficar mais comigo, então ele é super apegado comigo, e até, agora, eu tô querendo tirar essa coisa, que já tá no tempo, porque à noite, às vezes, eu fico, eu tô dormindo lá, lá no quarto da gente, aí daqui a pouco ele chama painho, às vezes ela vai lá, mas ele não fica com ela. Ela faz tudo, ele diz que só quer que eu vá pra lá... Então é difícil! o dia que ele dorme a noite toda, então ele já dorme comigo, lá pras duas, três horas ele acorda, aí eu pego, quando eu saio de junto dele, é o contato físico, o bicho é sabido, o moleque é sabido, quando eu tiro o corpo ele bota a mão, não me vê, aí ele reclama! reclama e me chama. Aí eu pego e fico lá, aí eu saio vou pra rede, mas aí fica muito, eu me levantando pra rede e ele pra lá, indo pro quarto da gente e voltando, eu num faço isso. Então, eu já acordo com ele de manhã..."

"...As crianças gostam de saber do dia que a gente recebe dinheiro, minha esposa sempre diz: - olhe, mainha tá lisa hoje, quando ela receber ela lhe dá. Aí então elas fazem essa referência: - ah, então quando ela receber eu sei que eu vou ter dinheiro. Aí elas fazem essa referência: - quando painho receber ele dá um dinheiro, hoje não dá não. Aí pronto, aí quando elas me vêm chegando com alguma coisa, aí: - recebeu dinheiro? - Mas assim, elas não tem, aí isso aí a gente conversa sem preocupação...Aí a gente coloca, a gente diz uma coisa muito claro assim pra elas: - não, olhe, a relação da gente com vocês é assim, não, ninguém mente pra vocês aqui, ninguém mente pra ninguém. Nem vocês tem porque mentir pra gente e nem a gente tem porque mentir pra vocês. Então a gente pode até não dizer umas coisas que acha que não deva dizer ou conversar com vocês se achar que não deve, mas diz claramente o porque de não fazer, agora, não vai mentir. - Se eu digo a você que eu não tenho dinheiro então eu não tenho dinheiro; se eu digo a você que hoje eu não posso fazer isso, eu não posso fazer isso; se eu digo a você que aquele filme ali é assim, assim, assim, eu vou explicar tudinho pra você ...
Porque às vezes elas fazem: - painho tu me dá um dinheiro? Eu digo: - não tenho dinheiro nenhum. - tu tem painho, tu tem cara que tem um trocado. Eu digo: - vá lá, abra a minha carteira e se tiver dinheiro você vai lá e leva, tá certo? Aí elas ficam olhando assim, aí minha esposa diz: - olhe, o seu pai disse que não tem dinheiro, você vai lá e vai ver que não tem, agora, ele lhe disse isso antes, então se você não confiar no seu pai e na sua mãe, então você não tem em quem confiar na vida porque, não é que as pessoas lá fora não sejam de confiança, mas, se essas pessoas são a referência da sua educação, então não adianta você confiar mais em ninguém se

Nesses dois depoimentos já é possível ilustrar que existe uma maior proximidade dos entrevistados mais participativos não somente dos filhos mas também da esposa. Mas os depoimentos sobre atividades de alimentação, higiene e transporte dos filhos para a escola reforçam como as atividades de criação de filhos fazem parte da rotina paterna diária. Palavras dos entrevistados:

"...Então eu me levanto, aí a rotina, né. Aí eu tiro a roupa do pequenininho, pra o pequenininho não fazer, que ele não tá fazendo xixi, à noite ele não faz mais xixi. Aí ele pede prá eu tirar a roupa dele, eu tiro a roupa dele pra ele fazer o xixi. Depois eu boto a roupa dele, o pequenininho, né. As outras crianças já estão, a mãe já bota a roupa nelas de manhã, ou então babá já bota a roupa neles. Aí, em seguida, prepara a comida deles, prepara a comida do pequenininho, tá. Aí eu dou suco do pequenininho e vou me aprontar pra ir levar pra escola. Aí eu pego elas, nessa altura, sempre o pequenininho, o primeiro suco da manhã, essas coisinhas quem dá sou eu. Não sou eu que preparo e, eventualmente, eu posso preparar. Mas tem a pessoa que prepara que é a babá..."

"...Mas normalmente é acordar, aí a menina chega de 6 e meia, ela bota a mesa, aí eu faço alguma, pego o jornal dou uma olhada logo de manhã o que é que tem, sento, dou uma olhada, depois pego a criança pequenininha de manhã cedo, aí você perde uns 10 a 20 minutos com ela ...quando não tinha a criança pequenininha tanto eu como minha esposa, normalmente a gente fica forçando elas a fazerem só. Aí elas começam a emperrar o horário de chegada e eu chego sempre atrasado e elas chegam na hora, porque eu trabalho de 8 e elas pegam de 8, mas se eu deixar elas de 7 e meia eu chego bem, mas só que elas, normalmente eu deixo elas de 10 pras 8 horas, às vezes até mais de 8.."

Como eles tendiam a se inserir nas atividades cotidianas reforçando a relação que existe entre pai e razão, era constante a referência a orientação diária de tarefas escolares, nos entrevistados mais participantes:

"...Dia de segunda-feira eu venho direto pra casa porque esse horário é um horário que eu faço as tarefas das crianças, tá. Aí faço a tarefa delas..."

"...Tem dia que as crianças não tomam nem banho, passam direto, aí toma banho, - cadê as tarefas? - Aí vamos pra tarefa, aí elas vão fazendo e eu fico aqui sentado, aí vão fazendo e começa: - Quem não fez, quem fez, vem mostrar a tarefa, mostra se tá tudo certo...não, tá não, essa página aqui não tá não, vá rever... - Se tiver alguma coisa pra ler... isso depende da tarefa, pronto, isso é um dia normal, depois disso ou a gente assiste televisão ou vou fazer alguma coisa, ou fico conversando com minha esposa, aqui..."

Eram feitas outras atividades diárias tais como passear com filho(s) mais novos no braço ou carrinho ou carro, orientar tarefas escolares, conversar, contar histórias ou assistir televisão. As esposas, nesses casos também conversavam e contavam histórias, mas não orientavam as tarefas escolares. Como havia crianças de colo ainda, em um caso ela ficava com a criança praticamente o tempo todo. Em outro, a criança era mais apegada ao pai por conta do processo de desmame.

A rotina dos finais de semana evidenciam ainda mais as distâncias entre os entrevistados mais e menos participativos, pois os pais faziam praticamente as mesmas coisas. Iam, geralmente, a um parque, playcenter, shopping, cinema, casas de parentes, festas de aniversário, restaurante, lanchonete, uma praia mais distante, às vezes, passavam finais de semana em casa de praia de parentes. Mas a maneira como eles se referiam ao relacionamento que tinham com esposa e filhos, e os critérios que usavam para estabelecer o tempo de suas vidas no qual se dedicariam à família no final de semana, eram totalmente diferentes.

No casos dos pais menos participativos havia menos atividades feitas pela família, nos finais de semana. A esposa de um deles, às vezes, trabalhava no sábado e, então, ele levava o filho para a casa da avó. Outra esposa saía, às vezes, no sábado de manhã para fazer compras. Um entrevistado ia, neste mesmo período, praticar esporte. No domingo, um outro entrevistado ia jogar futebol de acordo com uma tabela de jogos. Um terceiro entrevistado só se ausentava de casa se não tivesse trabalho para fazer. Outro, ainda, só saía se não tivesse o que estudar. O resto do final de semana era dedicado a esposa e ao(s) filho(s):

"...E eu saio se tiver condições de sair. Se tiver condições de sair é... aí eu vou é... deixo tudo arrumado e vamos pra praia, aí a gente fica lá uma hora, uma hora e meia, duas horas, não mais que isso... Em Boa Viagem, eu fico ali, relaxo, às vezes vou pra Candeias, lá eu procuro um lugar perto da praia pra deixar o carro pra que eu possa ver de longe, porque ele não tem muita segurança, tá certo, e ali eu fico um pouco só pra relaxar. Tomo uma cervejinha, deito, durmo na beira da praia um pouquinho enquanto as crianças se divertem, me jogo na praia com elas, a gente brinca um correndo atrás do outro, fica deitado em cima do outro, a onda derrubando, coisas desse tipo. Então é como a gente se curte no fim de semana. Vai pra casa de um amigo, pra uma festa, almoçar na casa de alguém, na casa do avô, na casa de uma irmã, na casa de uma irmã minha, na casa de algum amigo..."

"...Normalmente o final de semana, sábado e domingo, eu faço o seguinte: sábado eu jogo, pela manhã. É uma coisa que eu já tô fazendo, tô tentando colocar isso como uma terapia pra mim que é muito bom, e a partir daí eu reservo pra minha mulher e pra minha família. Então, no sábado a gente pode dar um passeio, pode ir na casa de um parente, da minha mãe, passo ir na casa dos irmãos de minha esposa, dos cunhados que também tem filhos ..."

Outro referia, sempre, a preocupação em sair da rotina:

"...Eu sempre me acordo cedo, no final de semana, e ela sempre acorda tarde. Seja feriado ou não, eu sempre me acostumei a acordar cedo e ela se acorda um pouco mais tarde. E geralmente quando ela se acorda cedo a gente tem uma programação, ou vai a uma praia, ou vai na casa de algum cunhado, ou vai pro shopping, sempre procura o que fazer, sempre sair pra sair da rotina..."

Assim, tanto a esposa quanto o entrevistado menos participativo faziam algumas atividades sozinhos e depois, então, faziam algo com o cônjuge e os filhos. Havia, ainda, o condicionamento, por parte dos entrevistados fazer as atividades de lazer junto à família que remete prioritariamente ao suprimento de necessidades individuais e, só então, ao suprimento de necessidades da família.

No caso dos pais mais participativos, há uma preocupação em ter mais tempo para ficar próximo aos filhos e todas as atividades eram feitas ou pelo casal ou pela família em conjunto:

"...Bom, sábado e domingo é reservado para crianças, porque, aí, é levar pra aniversário, é levar pra isso, é pra passeio, é pra caminhar, é pra natação, é pra nadar na praia, é pra isso mesmo..."

"...Hoje eu não saio de casa pra jogar bola, um exemplo, eu jogava bola todo domingo de tarde ali. Domingo de tarde, uma vez por semana mas eu não saio mais porque você tem que dedicar, eu só tenho 2 dias prá mim, o resto da semana é só a noite, então aqueles 2 dias você tem que dedicar pelo menos 1 todo as crianças, o outro a gente faz as coisas da casa que é uma compra, um negócio, que não tem condições de fazer durante a semana, aí faz no sábado de manhã, no sábado de tarde, alguma coisa de casa, essas coisas assim. No domingo é praticamente prá elas, ou a partir do sábado de tarde..."

Tanto no caso dos mais quanto no caso dos menos participativos, essa noção temporal não está ligada ao fato de trabalhar mais horas que outros entrevistados ou que as esposas. O que há é uma tendência, dos pais menos participativos, em justificar, com a valorização do tempo das outras atividades, a "falta de tempo" para se dedicar mais aos filhos.

Diante do conjunto dos depoimentos dados, também ficou evidente que esta maior proximidade com as esposas e os filhos, no caso dos entrevistados mais participativos, estava acompanhada de uma sincronia de opiniões, acerca dos procedimentos com os filhos, com a esposa. Eles sempre se referiam a esposa nos acontecimentos ligados aos filhos de modo a deixar transparecer uma proximidade tanto física quanto intelectual posto que combinavam procedimentos em comum acordo, conversavam muito entre si e com os filhos, enfim, a maior proximidade em relação aos filhos era acompanhada de uma grande proximidade entre o casal.

Os pais menos participativos fizeram poucas referências de procedimentos e acontecimentos cotidianos com os filhos e tinham menor proximidade com a esposa uma vez que não relacionavam o que estavam fazendo em termos de atividades cotidianas a procedimentos de comum acordo do casal, até porque não faziam muitas atividades cotidianas relacionadas a casa e aos filhos. Em dois casos, verifiquei a existência de conflitos no casamento ou por questões de gastos indevidos por parte da esposa, ou por questões de falta de dedicação da esposa às atividades de criação de filhos. Em dois casos existiam opiniões divergentes quanto aos procedimentos em relação aos filhos.

Assim, identifiquei, nas entrevistas, que o comportamento paterno quanto a sua participação nas atividades domésticas e de criação de filhos segue as tendências encontradas pela análise dos

dados do questionário. Apesar da semelhança existente quanto às atividades dos pais mais e menos participativos, a maneira como eles se relacionam com o cotidiano é diferente.

Cinco entrevistados menos participativos são mais sintéticos em seus depoimentos acerca da rotina dos filhos, participam pouco das atividades de criação dos filhos e menos ainda das domésticas deixando essas responsabilidades para a esposa, ligando o estar com as crianças a brincar com elas e apresentando sua casa, seu casamento e sua paternidade como resolvidas (Cf. R. P. Scott, 1990) pois, no que se refere a esposa, eles sempre achavam que estavam com a razão nos conflitos vividos ou tratavam os problemas com as atividades cotidianas como sendo da esfera da mulher. O tempo de fazer atividades de criação também estava condicionado a fatores por eles delimitados e cuidar dos filhos tinha importância menor que outras atividades.

Já os dois entrevistados mais participativos detalham os acontecimentos cotidianos com os filhos, participam mais das atividades cotidianas e das domésticas, demonstram uma atitude de co-responsabilidade para com os filhos e maior proximidade destes e da esposa, não ligando necessariamente o fato de brincar com o de estar próximo aos filhos e tratando o tempo de fazer coisas com e para as crianças como tendo igual importância àquele dedicado ao trabalho, a prática de esportes, terapia, higiene pessoal, etc.

Portanto, os pais mais participativos praticam a nova paternidade porque demonstram essa co-responsabilidade nos cuidados com os filhos e uma proximidade familiar grande, mostrando **estar resolvendo** e não procurando apresentar a casa, o casamento e a paternidade como **resolvidos**, mesmo considerando que esses pais mais participativos não exerciam mais atividades cotidianas que suas esposas ou as empregadas.

De fato, existia uma divisão de atividades relacionadas aos filhos mas as atividades domésticas ficavam mais a cargo de esposas e empregadas. Na maioria dos casos a empregada se encarrega das atividades domésticas rotineiras e, em alguns casos, ajudavam nas atividades de criação. A tendência era os pais e, principalmente, mães exercitarem predominantemente as atividades de criação e as empregadas, as atividades domésticas.

É interessante ressaltar que essa tendência está presente tanto nos pais mais participativos quanto nos menos participativos. Atividades domésticas são mais femininas. As atividades de criação de filhos, embora sejam uma prática mais feminina que masculina, são onde há maior inserção masculina em termos de sua participação em atividades cotidianas.

Faz-se necessário salientar que a classificação encontrada quanto ao grau de participação dos entrevistados nas atividades cotidianas atuais não aparece influenciada pela situação sócio-econômica e residencial da família de origem.

Nas representações da infância, paternidade e maternidade, os pais mais participativos demonstraram problematizar e repensar, até os dias de hoje, a relação de poder vivida pelos pais no casamento, além de não terem identificado essa relação como complementar. Já os pais menos participativos, exceto em 1 (um) caso, não transpareceram uma visão crítica da relação vivida entre seus pais, a não ser quando o pai deixava de cumprir o seu papel de trabalhador-provedor. Nesses casos, a complementaridade era identificada como a relação que existia ou deveria existir (quando o pai deixava de cumprir o seu papel de trabalhador-provedor, a complementaridade deixava de existir e isso significava uma grande frustração para os entrevistados). Nos demais indicadores - qualidades, papéis e espaços de poder - as representações não variavam conforme o grau de participação dos entrevistados.

Na fase de formação da família de procriação, notei que os pais mais participativos tiveram filhos com menos de um ano após o casamento e um tempo de namoro que variou entre 6 (seis) meses e 2 (dois) anos. Já os pais menos participativos tiveram o primeiro filho mais de 1 (um) ano após o casamento e o tempo de namoro foi de 1, 3 anos, no mínimo, e 8 (oito) anos, no máximo. Assim, parece que os pais mais participativos planejavam menos o casamento e a chegada do primeiro filho, quando comparados aos pais mais participativos.

Vale ressaltar, ainda, que a maneira como o casal administra a renda mensal e as despesas não varia segundo a maior ou menor participação dos entrevistados nas atividades diárias. Isso indica que a tendência observada aqui e no item anterior apontam para significados do masculino e do feminino que possuem algumas semelhanças tanto para os pais mais participativos como para os menos.

No item anterior (AQUISIÇÃO DE RENDA E DESPESAS) existe uma associação entre mulher e consumo, e entre homem e provimento que reforçam associações com representações tradicionais.

Por outro lado, foi visto que há uma delimitação de atividades que remetem à mesma divisão tradicional do trabalho por sexo, em termos das tendências aqui encontradas, mas a maneira como os entrevistados mais participativos se relacionam com essas semelhanças é distinta da dos pais menos participativos.

Porém, o fato de ter considerado que os pais mais participativos praticam a nova paternidade num ambiente onde predominam representações tradicionais me levou a investigar como era o poder de escolha nas compras. Nas atividades domésticas resolvi abordar se o fato de participar mais das atividades cotidianas implica numa redistribuição de poder em termos de orientação x execução de atividades. A necessidade de investigar essa distribuição de poder existe porque a administração das atividades domésticas e a escolha nas compras, como foi visto, são atividades maternas por excelência. Então, o fato do pai participar mais em atividades cuja inserção no cotidiano remete a representações tradicionais implica numa redistribuição de poder nas atividades maternas ou não? As respostas serão dadas no item que se segue.

ORIENTAÇÃO, ESCOLHA E EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Por conta das semelhanças encontradas entre pais mais e menos participativos, tornou-se necessário uma abordagem mais detalhada das preferências que envolvem as despesas e as atividades cotidianas.

Assim, neste tópico, foram divididas as atribuições de escolher as mercadorias ou executar as despesas, e de orientar ou executar as atividades domésticas e de criação dos filhos. Primeiro serão abordadas as atividades cotidianas e, em seguida, as ações que envolvem as despesas.

Quando divididas pelo tipo de ação desenvolvido na prática cotidiana, as atividades reforçam a tendência de gênero existente tanto em termos de distribuição das despesas quanto em termos da participação masculina na casa e na criação dos filhos.

Nas atividades cotidianas, levando em conta a distinção entre orientação e execução, verifiquei uma tendência geral que pode ser ilustrada pela tabela a seguir, quanto às atividades domésticas:

TABELA 14 :Distribuição (média*) da população de pais, mães e empregadas de famílias dos alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, segundo a frequência na orientação e execução das **atividades domésticas** (cozinhar, arrumar casa e lavar roupa).

	<u>Todos os dias</u>	<u>Às vezes</u>	<u>Nunca</u>	<u>Fins de semana</u>
	X*	X	X	X

ORIENTAÇÃO:

PAI		9	13	
MÃE	10	10	1	1
EMPREGADA	2	4	10	1

EXECUÇÃO:

PAI		10	10	
MÃE	5	13	2	3
EMPREGADA	15	3	1	

FONTE: questionários

Observa-se que as atividades domésticas diárias são orientadas pelas mães enquanto que a execução fica ao encargo das empregadas. A participação semelhante de pais e mães, quer na orientação, quer na execução destas atividades, ocorreu somente "às vezes".

Mas, se comparadas as frequências para os pais menos e mais participativos, observa-se que o fato deles executarem mais atividades diariamente não implica em orientarem mais. Também é interessante o fato de que as empregadas assumem mais a orientação das atividades e a mãe tanto orienta como executa menos no caso dos pais mais participativos. Por outro lado, ganha visibilidade o fato dos pais mais participativos, apesar de orientarem menos, executarem mais atividades que as mães. Essas análises são baseadas nos dados das figuras 11 e 12, abaixo:

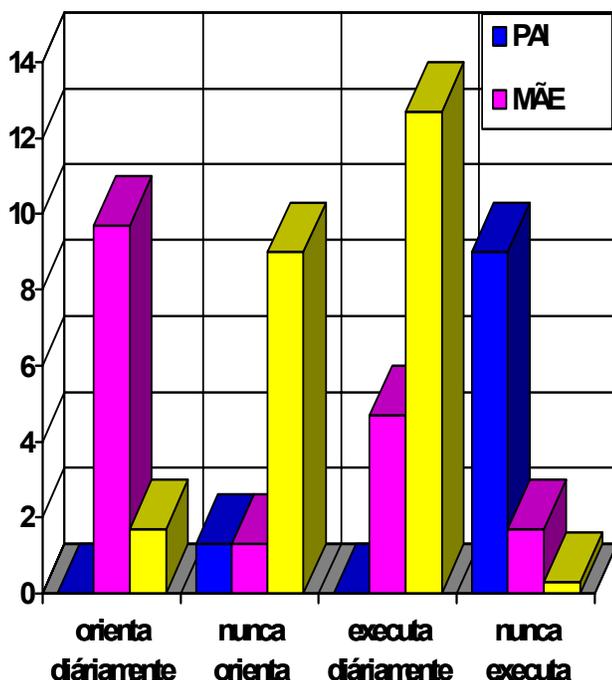


FIGURA 11: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades domésticas, em uma população de pais menos participativos (FONTE: questionários).

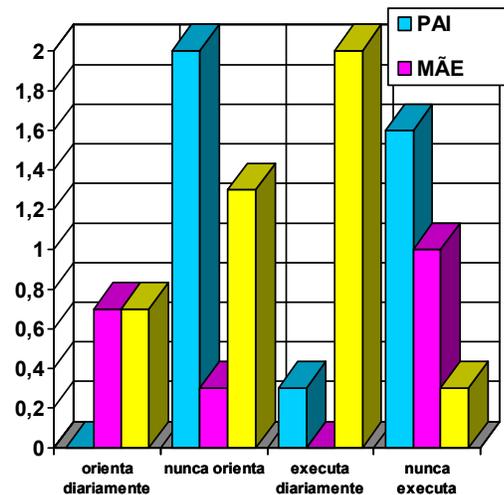


FIGURA 12: distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades domésticas, em uma população de pais mais participativos (FONTE: questionários).

Quando comparados esses resultados com aqueles encontrados para as atividades de criação de filhos, de maneira geral, observa-se a mesma tendência da tabela anterior (atividades domésticas), ou seja diariamente, as mães orientam e as empregadas executam as atividades de criação dos filhos. No entanto, os pais não são tão omissos como em relação às atividades domésticas diárias e "às vezes" eles têm maior participação que as mães e empregadas, conforme mostra a tabela abaixo:

TABELA 15: Distribuição (média*) da população de pais, mães e empregadas de famílias dos alunos de uma escola alternativa do Recife, PE, segundo a frequência na orientação (vestiário, alimentação e estudo) e execução (dar banho, trocar a roupa, preparar as refeições, transportar para a escola, lazer, colocar para dormir) de atividades relacionadas à criação de filhos.

	<u>Todos os dias</u>	<u>Às vezes</u>	<u>Nunca</u>	<u>Fins de semana</u>
	X*	X	X	X
ORIENTAÇÃO:				
PAI	3	16	5	
MÃE	17	5		1
EMPREGADA	1	6	10	
EXECUÇÃO:				
PAI	3	15	4	7
MÃE	8	11	1	3
EMPREGADA	13	7	3	

FONTE: questionários

Se comparados os dados acerca de orientação e execução entre pais menos e mais participativos, pode-se observar que estão dentro da tendência geral explicitada acima no que se refere à orientação das atividades. Ganham visibilidade, porém, os fatos de que mesmo executando mais eles orientam, relativamente, tanto quanto os pais menos participativos e a equidade na execução dessas atividades de criação dos filhos entre o pai e a mãe corresponde a um aumento das responsabilidades da empregada, conforme pode-se observar, comparando as figuras 13 e 14, abaixo:

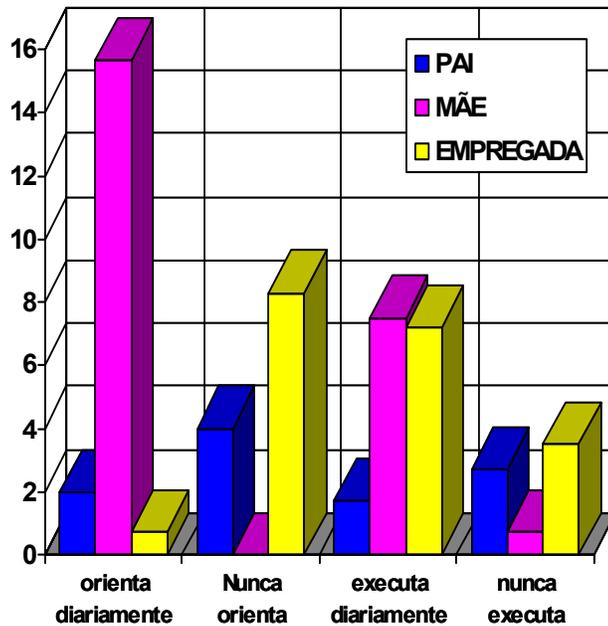


FIGURA 13: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades relacionadas com a criação dos filhos, em uma população de pais menos participativos (FONTE: questionários).

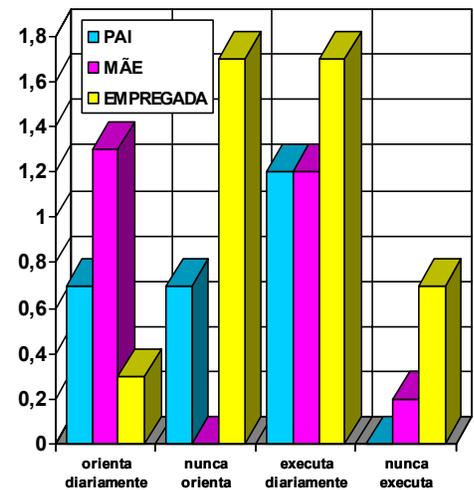


FIGURA 14: Distribuição média da frequência com que pais, mães e empregadas orientam e executam as atividades relacionadas com a criação dos filhos, em uma população de pais mais participativos (FONTE: questionários).

Assim, todos os pais têm maior participação na criação dos filhos. Os mais participativos têm maior participação diária em todas as atividades entretanto, a orientação e execução das atividades cotidianas ficam a cargo da esposa ou da empregada, em todos os casos, exceto na orientação da criação dos filhos, quando o pai mais participativo é o segundo grande orientador. Fica claro, então, que o fato dos pais serem mais participativos só implica em orientar mais as atividades de criação dos filhos, mas a maior orientadora de atividades continua sendo a mãe, em todos os casos.

O fato da mãe executar menos atividades domésticas que o pai mais participativo não invalida que a empregada seja a primeira grande executora das atividades domésticas e a mãe, a segunda. Simplesmente adverte que essa execução fica mais a cargo da empregada, que nessas famílias assume um papel importante não só na execução, mas também na orientação de todas as atividades cotidianas.

Observou-se que a mãe, em todos os casos, continua sendo a que executa com maior frequência as atividades de criação, mesmo considerando que os pais mais participativos estão mais presentes. No transporte da criança para a escola, por exemplo, os percentuais de participação masculina diária são relativamente mais altos, entretanto, a presença materna nessas atividades é mais significativa (figura 15):

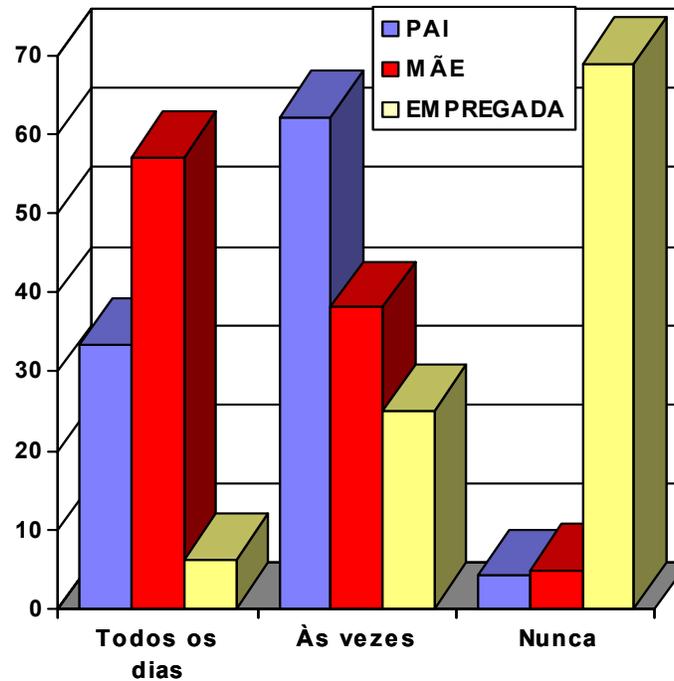


FIGURA 15: Distribuição (%) entre 24 pais, 21 mães e 16 empregadas da atividade de **transportar a criança para a escola**, segundo a frequência de dedicação nas famílias (FONTE: questionários).

O mesmo ocorre quanto a colocar a criança para dormir e orientar seu estudo. Essas duas atribuições, acrescidas do transporte para a escola, são as únicas onde o percentual de participação diária paterna foi superior a 20% da amostra.

As atividades de lazer foram as que apresentaram os percentuais mais parecidos, em termos da participação materna e paterna (figura 16):

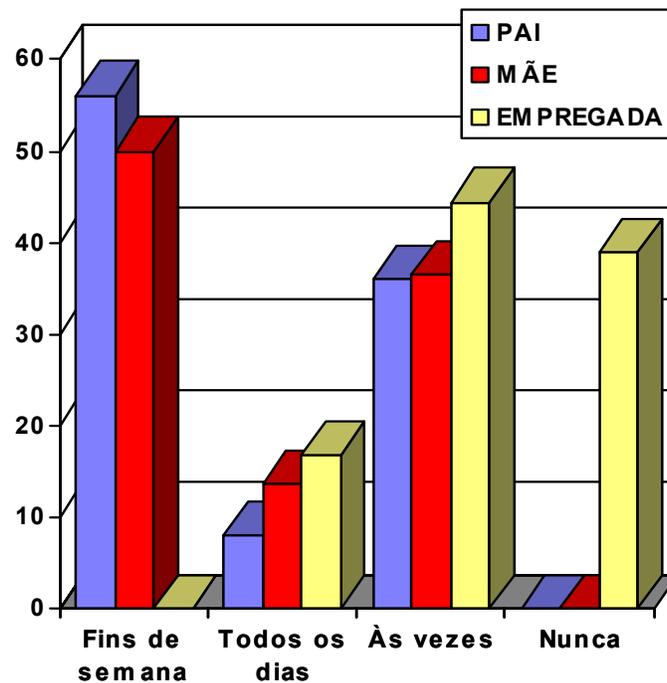


FIGURA 16: Distribuição (%) entre 25 pais, 22 mães e 18 empregadas da atividade de **lazer com a criança**, segundo a frequência de dedicação nas famílias (*FONTE: questionários*).

Portanto, comparados o exercício e a orientação na criação dos filhos, a esposa executava e, principalmente, orientava diariamente estas atividades com maior frequência que os maridos. Já as empregadas representavam um papel fundamental na execução das atividades e assumiam maior importância nas famílias dos pais mais participativos tanto em termos de execução quanto de orientação de atividades, o que implica em considerar que na redistribuição feita das atividades nessa família, os pais participaram das atividades diárias mas, as empregadas, aumentaram também a sua participação, reforçando concepções tradicionais de que atividades domésticas são primordialmente femininas.

Todas as entrevistas confirmaram essas tendências, como está exemplificado nas falas abaixo, no que se refere às empregadas:

"... Quem vai chegando vai reclamando disso, quer isso certo, ajeita isso, arruma isso, faz assim, faz assado, não tem nada... Agora, por exemplo, o menino tá adoentado, então ela vai dar a medicação então a mãe deixa tudo escrito no papel e ela faz isso, não sou eu porque eu na verdade, eu até faço quando ela manda, quando a mãe manda e deixa pra mim também aí eu vou e dou remédio e faço tudo. Quando eu tô em casa eu dou remédio e quando eu não tô a mãe deixa pra que a empregada faça..."

"... Hora eu, hora minha esposa, a gente geralmente tá no pé dela mostrando o que é que tá errado.... pra ela fazer... A gente trata ela até com muito carinho pela questão de se ela for embora a gente se arrebenta..."

Passando à análise da escolha de produtos nas compras referentes às despesas familiares (de acordo com as figuras 3 e 4), feitas a partir dos dados do questionário, era maior o percentual de casais que faziam compras e pagamentos juntos. Quando investiguei os dados das entrevistas, constatei que o fato de fazer o pagamento ou a compra juntamente com a esposa, não significa necessariamente que o entrevistado não esteja apresentando a tendência encontrada para cônjuges que fazem compras e pagamentos separadamente. Constatei que a esposa escolhia as mercadorias mesmo quando os casais executavam as compras juntos.

O vestuário dos filhos, por exemplo, em dois dos três casos em que o casal saía junto para comprar, era escolhido pela esposa:

"...Ela, ela escolhe, me mostra, ela vê se eu aprovo ou não, se eu gostei ou não...- Mas geralmente nós estamos juntos pertinho, ali, pra ver. Assim é..... uma vez perdida é que ela compra uma coisa, às vezes ela tá na sala dela, compra e eu nem vejo. Chega de noite ela - olha que eu comprei pra nosso filho - aí, eu vejo se é bonitinha..."

"...Normalmente as coisas aqui são compradas pelos dois... 90% das coisas aqui são os dois, minha esposa só compra isolado mesmo roupa... É, eu nem compro roupa pra mim, eu não gosto de comprar, aliás eu não gosto de comprar nada, mas eu vou sempre acompanhando ela. Feira a gente faz junto, feira de mercado, feira de CEASA, tudo a gente faz junto..."

O mesmo se dá com as compras de roupas de cama\ mesa\ banho e utensílios. Palavras de um deles:

"...Pano de chão é na feira. É muito raro fazer a compra separado, mas quando faz é ela. Eu nunca compro uma toalha, eu nunca compro nada dessas coisas, eu não compro nada... ela compra - tá boa essa? - se ela perguntar, normalmente tá. Eu não faço muita preferência, só se a toalha for muito cafona. Ela diz - tá bom essa aqui? não, tá não..."

No depoimento de um dos casais que faziam as compras juntos, qualquer um dos cônjuges pagava a mensalidade escolar e a esposa se responsabilizava pelo transporte das crianças. Nos outros dois casais havia uma predominância masculina em relação ao pagamento das mensalidades e contas de luz e água:

"...A feira, os mantimentos de casa, a alimentação, a gente compra. Sempre vamos ao bompreço juntos, fazemos a feira toda... despesa de luz eu pago porque eu trabalho, aqui tem uma agência bancária, aqui em cima, que é mais fácil, eu pego as contas, pago todas aqui, e mando as pessoas pagarem pra mim quando eu não posso..."

Assim, acentua-se a tendência encontrada no item **AQUISIÇÃO DE RENDA E ATRIBUIÇÕES COM AS DESPESAS DA FAMÍLIA**, ligando compra de vestuário dos filhos, e às vezes, do próprio entrevistado, roupas de cama\ mesa\ banho e utensílios domésticos a atividades maternas, e pagamento de mensalidades ou prestações de água, luz, telefone, residência, etc, a atividades paternas.

É necessário assinalar que essa demarcação encontrada e reforçada pela escolha dos produtos por parte da esposa, estão relacionadas à identidade paterna e materna independentemente do grau de participação paterna na rotina da casa e com os filhos.

Sintetizando as questões referentes às atividades cotidianas, a orientação de atividades domésticas e de criação dos filhos, estão mais ligadas a maternidade, fato que também acontecia na família de origem dos entrevistados.

Por outro lado, a paternidade, quanto mais participativa, maior a proximidade existente entre pai e filho(s). Nesses casos a execução das atividades ligadas ao desenvolvimento emocional e intelectual das crianças é marcante.

A execução das atividades de higiene e alimentação dos filhos está mais ligada à maternidade, assim como a orientação e execução das atividades domésticas são demarcadas como femininas (sendo a orientação mais ligada a esposa e a execução, à empregada).

Ocorre que as tendências encontradas são permeadas por relações de poder que podem ser entendidas a partir de questões como gosto, competência e tempo, como será visto de agora em diante.

CAPÍTULO VI

GÊNERO, PATERNIDADE E MATERNIDADE

*" No lixo dos quintais, na mesa do café,
no amor dos carnavais, na mão, no pé,
tu estás, tu estás,
no tapa e no perdão, no ódio e na oração...,
minha mãe, minha mãe,
que mata a minha fome, nas letras do teu nome"
(Raul Seixas)*

A partir da análise de aspectos da biografia dos entrevistados, tais como o cotidiano doméstico da infância e adolescência, namoro, casamento, decisão de ter filhos, formação, trajetória e realização profissional, foram evidenciadas suas possíveis influências para a contextualização da situação vivida atualmente pelos entrevistados em suas relações familiares.

Em seguida foram expostos os resultados da análise da vida cotidiana na família de procriação levando em conta a participação masculina no trabalho doméstico, a visão dos entrevistados acerca da participação feminina, a aquisição de renda e as despesas.

Agora, embasada em dados dos questionários e das entrevistas, irei me deter nas representações acerca da paternidade e da maternidade, nesse cotidiano atual, através da análise de qualidades e papéis, relações e espaços de poder, que será feita mediante a correlação com influências percebidas tanto das representações encontradas para a família de origem quanto de aspectos do cotidiano atual na família de procriação e na trajetória profissional e afetiva dos entrevistados.

No tópico **GÊNERO NO COTIDIANO**, serão observadas as manifestações das relações de poder contidas nas relações conjugais cotidianas para mostrar como, em uma decisão aparentemente simples e sem nenhuma conotação política, esconde-se a dominância masculina estruturada no *habitus*, posto que este tem como uma de suas funções primeiras "autorizar a economia da **intenção** e da **transferência intencional para o outro**, autorizando uma espécie de behaviorismo prático que

dispensa, para o essencial das situações da vida, a análise fina das nuances da conduta do outro ou a interrogação direta de suas intenções"(Bourdieu, 1983b: 72). Ainda será visto que existem diferenças na forma como os entrevistados interpretam as causas que levam à sobrecarga da esposa na distribuição das atividades cotidianas, pois essa forma varia de acordo com o grau de participação dos entrevistados nestas atividades.

Em seguida, no tópico **PATERNIDADE E MATERNIDADE NA FAMÍLIA DE PROcriação**, estas relações de poder serão relacionadas a espaços, qualidades e papéis de gênero, para que seja caracterizado como elas se diferenciam conforme o pai seja mais ou menos participativo.

No item **REPRODUÇÃO SOCIAL E NOVA PATERNIDADE**, serão delineados os mecanismos de reprodução social contidos nas entrevistas, por conta de sua forte influência nas representações da paternidade e da maternidade encontradas. Finalmente, serão apresentadas as conclusões desta Dissertação.

GÊNERO NO COTIDIANO

A análise exposta no capítulo anterior revela que apesar dos cônjuges terem uma situação de trabalho profissional e aquisição de renda semelhantes, as atividades cotidianas realizadas dentro do espaço doméstico são desigualmente distribuídas, sendo a mãe sobrecarregada pela realização de atividades profissionais e de trabalhos domésticos.

Cabe à mãe a responsabilidade total pela administração da casa e a responsabilidade maior ou a co-responsabilidade pelos cuidados com os filhos, dependendo do grau de participação do pai das crianças.

Se a sobrecarga materna aumenta ou diminui conforme o pai seja menos ou mais participativo, resta saber como eles interpretam o fato de trabalhar menos que a esposa.

Nas respostas dadas a esta indagação os pais integrantes da amostra estudada deixam transparecer como se manifestam as causas dessa distribuição do trabalho e quais são essas causas. No questionário, foi possível detectar as causas, já nas entrevistas encontrou-se tanto essas causas quanto as suas manifestações.

Quando perguntei, no questionário, como era decidida a distribuição das atividades entre os cônjuges, os entrevistados responderam que essa distribuição se dava por questões de preferência,

habilidade, interesse e disponibilidade de tempo. A disponibilidade de tempo foi o fator mais alegado. Alguns acrescentam à disponibilidade de tempo a questão do interesse pela atividade a ser feita.

Para os pais integrantes da amostra do questionário essas tendências surgiam e se estabeleciam "naturalmente", como se fosse um acordo natural, tácito e espontâneo ou um acordo explícito para agilizar as atividades. Alguns deles deixam claro em suas respostas que a companheira tem mais habilidade ou prazer no desempenho das atividades domésticas, enquanto eles, os pais, preferem se dedicar mais às atividades relacionadas à criação dos filhos.

Dois pais afirmaram não ter qualquer envolvimento com as atividades domésticas e de criação dos filhos. Um deles declarou que isto acontecia por considerar que o pai é incompetente para exercer tais atividades.

Portanto, na maioria dos casos, há uma naturalização (Cf. Heillborn, 1982) das tendências encontradas no capítulo anterior, acrescida de uma fundamentação associada a uma economia de tempo. O fato desta naturalização ter se dado por questões de gosto, preferência ou habilidade, apontam que os motivos apresentados pelos pais estão baseados no *habitus* de gênero.

Quando analisei os depoimentos dos entrevistados, os motivos da causa dessa distribuição de atividades cotidianas também estavam apoiados em questões de preferência, habilidade, interesse e disponibilidade mas havia interpretações diferentes das causas de acordo com o grau de participação masculino. Esses motivos foram manifestados quando eles referiam-se às compras, à rotina da casa e com os filhos.

Irei apresentar alguns depoimentos que deixam transparecer como estas manifestações fundamentam a interpretação masculina, recobrando as relações de poder que estão em jogo quanto aos cuidados com os filhos, às atividades domésticas, às compras e acontecimentos tais como festas de aniversário e mudança residencial.

Em seguida, ainda baseada nos dados das entrevistas, serão apresentadas outras áreas de atividades cotidianas ou periódicas como serviços de elétrica, hidráulica, pintura de casa, decoração, festas de aniversário, brinquedos e brincadeiras infantis, que reforçam as tendências encontradas nas relações de gênero.

Depois, será visto que a interpretação das causas das tendências encontradas na distribuição das atividades cotidianas variou, nas entrevistas, conforme o pai fosse mais ou menos participativo.

Com relação aos filhos existiam questões de poder quando a maioria dos entrevistados preferia as atividades lúdicas, deixava a critério da esposa as regras morais da educação ou remetia à falta de

habilidade ou ao desprezo por certas atividades. Palavras dos entrevistados relacionadas aos filhos (os destaques são meus) :

"...Aí minha esposa dorme com ela (a bebê), ou então, dorme eu e minha esposa embaixo e de noite, quando ela abre a boca, aí minha esposa sobe e fica lá. **Eu nem escuto de noite, assim, ela chora, eu nem escuto, minha esposa num instante escuta...**"

"... **Adoro contar história**, ela conta historinha, a criatividade dela é muito interessantíssima. E eu conto história, canto muito pra ela... conto história, a gente brinca adivinha, quando vai dormir, antes, é o que é, o que é..."

"... **mas eu gosto de levar as crianças pra escola porque a gente vai brincando, vai contando piada e se divertindo**, e eu prolongo a brincadeira do quarto prá dentro do carro, até chegar perto da escola..."

"... às vezes, eu fico na rede com eles, contando uma história, **que eu gosto muito de contar história**, aí, eles adormecem e eu boto na cama..."

"... **Eu não ligo muito pra essa parte de, de ter que fazer o mingau, tem que fazer essa coisa aí pra ele, é muito difícil eu fazer**. Na mamadeira, ele toma mais com a mãe. É até a mãe é que prepara mais... até a nossa secretária faz que ela adora ele, e faz pra ele tudo também...."

"...quando a gente chega, **a gente normalmente pergunta como foi o dia deles, principalmente ela**. Então a babá pega diz: - brigou, me desrespeitou, ...- aí ela diz: - vai perder 5 pontos, vai perder 3 pontos... isso aqui tinha acertado que vai perder 2 pontos. Se a gente vai sair um fim de semana... aí, eles começam a brigar, aí a gente: - olhe, vai parar ou vai perder um ponto nos pontos. **Mas o critério dado sempre fica com minha esposa...**"

Pode-se dizer que existem poderes maternos e paternos na relação cotidiana. Os entrevistados têm poder para escolher determinadas atividades e desprezar outras, entretanto existem poderes femininos associados à sua habilidade e competência para os cuidados com os filhos.

Nas atividades domésticas, a questão do poder em decidir as coisas na casa, transparece, com maior intensidade, como característica associada à atividade materna e o poder paterno reside em escolher determinadas atividades e impor determinadas condições para desempenhá-las. Os depoimentos relacionados às atividades domésticas foram (os destaques são meus):

"... Eu não me ligo muito nesse ponto, não. Se eu tiver sozinho com a criança, eu faço, eu sei fazer. Por exemplo, eu gosto mais de cozinhar, pronto, se me deixar na cozinha eu cozinho tudinho. Dou de mil a zero nela, eu gosto..."

"... eu não cozinho, eu acho até interessante, mas eu não cozinho e nem nunca demonstrei interesse, até já foi causa de atrito, dela dizer: - não, rapaz, só eu cozinho, não sei que...você não aprende porque você não quer, não tem interesse. Outras coisas gerais da casa ela não faz também, não conserta um móvel, não conserta uma parede, não pinta nada, o que faz de igual, na casa, é faxina, igual a mim. Pronto, aliás, ela diz que eu faço até melhor, ela diz que eu sou mais chato, mais detalhista..."

Na percepção dos entrevistados, a habilidade, competência e bom gosto femininos para a escolha de mercadorias relacionadas à casa e aos filhos tinha como contrapartida o suporte econômico, a falta de gosto, paciência ou competência paternas para realizar as escolhas. Quanto às compras os entrevistados falaram (os destaques são meus):

"... geralmente a gente faz junto. **Como eu não gosto, ela, quando anda na cidade, mulher é novidade. Eu chego e - olha! faz um favor! vai com a tua irmã - a irmã dela é especialista em compra, porque ela sabe mesmo, não sei como é que ela tem um faro de comprar barato - sei onde tem mais barato. Anda pra caramba, assim, essa coisa de você ir pra cidade, eu sei que não vou almoçar, que eu vou chegar 3 horas da tarde. Então, quando há necessidade de roupa pra nosso filho, uma toalha, uma toalha de mesa, esses detalhes, uma utilidade do lar mesmo, ela vai e compra, geralmente é ela que vai, geralmente ela vai acompanhada da irmã dela, eu não gosto muito de, não é que eu não goste, é que dá uma impaciência..."**

"... eu tenho dificuldade de comprar presente. Dificuldade mesmo, de comprar e saber se aquilo que você tá comprando a pessoa vai gostar...Eu mesmo não compro presente praticamente pra ninguém, **todos os presentes é minha esposa que escolhe. E, normalmente, não compro, a gente vai junto e ela pergunta: - tá bom esse? vamos dar o quê? vamos dar isso? - aí vai ver e ela diz - Tá bom assim? -, se eu disser: - não, não tá - aí vamos pra outra coisa. Mas eu não tomo, normalmente, a iniciativa, e quando chega o aniversário dela aí fica uma dificuldade porque quem tem que dar o presente sou eu, aí é bronca..."**

"... Tudo foi ela. Quer dizer, eu comprei, ela tinha que ir comigo, ela quem escolhia, quem administrava e quem escolhia tudinho era ela..."

"... **Ela escolhe, me mostra, ela vê se eu aprovo ou não, se eu gostei ou não. Mas geralmente nós estamos juntos, pertinho, ali, pra ver. Assim é..... uma vez perdida é que compra uma coisa, às vezes ela tá na sala dela, compra e eu nem vejo. Chega de noite ela - olha que eu comprei pra nosso filho.- aí eu vejo se é bonitinha, se não é... Mas geralmente eu não me preocupo muito, eu acho minha esposa, uma pessoa com bom gosto..."**

"... Pano de chão é na feira. É muito raro fazer a compra separado, mas quando faz é ela. **Eu nunca compro uma toalha, eu nunca compro nada dessas coisas, eu não compro nada... Ela compra: - tá boa essa ? - se ela perguntar, normalmente eu digo que tá... Ela diz que ela entende mais... É, ela diz: - você não entende nada disso -, aí eu: - tudo bem, então pronto, compre. Aí ela compra..."**

Em termos de presentes para os filhos, um dos entrevistados disse:

"... geralmente eu deixo que ela escolha..."

É interessante notar que a questão das compras evidencia claramente a relação hierárquica quanto aos poderes masculinos e femininos. Geralmente os entrevistados "deixam", permitem ou concedem as escolhas feitas pelas esposas. Estas, por sua vez, compactuam desta hierarquia pedindo a permissão para realizar as escolhas.

Quando um entrevistado tentou participar das compras de toalhas, a esposa o considerou inapto para esta atividade. Tal fato indica que ocorre uma hierarquia relativa compactuada tanto pelo lado masculino quanto pelo feminino por conta do jogo de poderes que envolve as situações.

Outros acontecimentos como festas de aniversários e mudança de residência do casal para outra região geográfica, revelaram a existência de poderes masculinos e femininos:

*"...Minha mulher! **Ela organiza melhor as festas de crianças** de que eu, em termos de brincadeiras, porque ela manda fazer, ela é a profissional da criança, ela manda fazer isso, aquilo. E eu não, **eu entro na brincadeira e viro uma criança, aí, me desgasto com isso... Ela sabe porque ela ensinou pra crianças muitos anos, ela conhece as brincadeiras e eu não, eu não sei história nenhuma, eu não sei brincadeira nenhuma, eu invento na hora, então você inventa mas cansa...**"*

*"... Eu disse - você fica enquanto eu organizo as coisas e venho lhe buscar, ou você vai? - , mas depois a empresa lá não pagava bem, aí eu abri um escritório pra mim lá em São Paulo... Eu disse - venda tudo e venha embora. Ela dizia - você tem que me provar que aí é o lugar - e eu - **não, eu não vou provar nada a ninguém. Você casou comigo, vai viver comigo, e se quiser viver comigo tem que ser aqui...**"*

O espaço de poder de decisão feminino está associado à casa e envolve os cuidados com os filhos. Nesse espaço, o pai pode escolher que atividades prefere fazer mas quem determina regras do cotidiano é preferencialmente a esposa. Já o poder masculino está fora da casa, onde as esposas escolhem os produtos referentes à casa e aos filhos, obviamente, com a permissão do marido. Ao que parece, o poder masculino está mais associado ao casamento, enquanto o feminino à maternidade.

Como foi visto no capítulo IV, o processo de formação da família de procriação parece vincular o desejo de casar ao de ter filhos com a mulher "escolhida". A paternidade é o resultado de um processo social que vincula certas condições quanto à casa e ao casamento, através desta "escolha masculina". Por isso, como bem observa R. P. Scott (1990: 41), a casa deve estar sob o controle masculino, sendo administrada pela esposa-mãe, como fica claro pela comparação dos depoimentos sobre cuidados com os filhos, atividades domésticas, compras e mudança geográfica. Esta administração possibilita à

mulher o exercício de poderes relacionados à unidade doméstica e à maternidade que reforçam a existência do patriarcado⁴² pois, como afirma Nolasco (1993: 154), "reforçar a imagem da mãe grandiosa e acolhedora, é fortalecer a de um pai eminentemente autoritário e castrador, com o qual não se consegue dialogar".

Outras atividades reforçam essas tendências encontradas nas relações de gênero. Se nas atividades do dia a dia, há maior participação feminina em atividades periódicas, além de prestações e mensalidades, há preponderância masculina para a resolução de problemas de elétrica, hidráulica, pintura da casa e manutenção do carro. Palavras dos entrevistados:

"... Então esses detalhes, como parte elétrica, parte hidráulica, geralmente eu faço, quando é essa coisa de cozinha, faltou uma toalha, geralmente é ela..."

"... Aí essas coisas, um defeito na torneira, aí sou eu. É, o cadeado da casa, pintura de casa, é essas coisa todinha, entendeu? essas coisa todinha, elétrica e hidráulica, tudo sou eu..."

"...As contas do carro, peça, manutenção, essas coisas. Eu não procuro fazer planejamento mensal porque eu não tenho receita certa, eu tenho despesa certa..."

Na decoração da casa, o bom gosto da esposa faz com que haja uma predominância feminina nesta atividade:

"... tudo de decoração é ela. Eu posso comprar, eu vejo uma colcha, eu vejo um, sei lá, um jarro, eu posso comprar pra casa mas seria como se eu tivesse dado um presente a ela, não como pra botar num local pra decorar..."

"... Não, aí eu deixo com minha esposa. Eu não me meto nisso não. Só se eu não gostar - olha, eu não gostei daquilo ali, bota do lado de cá pra ver se fica melhor...- aí eu dou um pitacozinho..."

As festas de aniversário dos filhos ilustram de maneira interessante as tendências encontradas. Geralmente o pai se encarrega da compra de bebidas e/ou ingredientes para guloseimas e as mulheres (mãe, tia e/ou avó da criança) encarregam-se da decoração e do preparo dos alimentos:

"... minha esposa faz o bolo, enfeita o bolo, a irmã dela enfeita a mesa, eu boto as bolas. No dia, normalmente, eu vejo um

"... A bebida eu compro, os ingredientes do bolo eu compro tudo, eu vou pra o supermercado e compro tudo..."

⁴² Vale a pena lembrar que o patriarcado é entendido aqui em sua simbiose com o capitalismo e o racismo, como foi visto no capítulo I.

jeito de largar mais cedo, se a gente tiver sem empregada eu dou uma geral na casa todinha, de limpar e tudo, fazer a faxina do dia, enquanto minha esposa faz as comidas... As bebidas quem compra sou eu, é uma coisa que quem compra só sou eu..."

As cunhadas e a minha esposa dividem, cada uma fica responsável por certo tipo de comida, de tira-gosto, elas dividem..."

"... minha esposa fica com a parte de ornamentação....e essa parte de refrigerante fica comigo... Ah, bolo, são as duas avós..."

Assim, o preparo dos alimentos deixa de ser a tarefa diária da mãe, passando a ser da empregada, mas a ligação entre maternidade e preparo de alimentos é mantida como integrante do ritual de preparação das festas de aniversário dos filhos. Já a compra dos ingredientes e das bebidas, feita pelos pais, reforça a imagem do pai-provedor encontrada na família de origem. Sua atualização na família de procriação também aparece ritualizada na preparação das festas de aniversário uma vez que essa imagem não corresponde à realidade cotidiana de co-provimento da casa. Portanto, as festas de aniversário dos filhos parecem uma excelente ocasião para atualizar imagens que correspondem a uma divisão sexual do trabalho parecida com aquela encontrada na família de origem e já não pode ser vivenciada nos mesmos moldes.

Os brinquedos e brincadeiras citados pelos entrevistados como integrantes do cotidiano dos seus filhos também reforçam essas tendências encontradas e reproduzem a separação existente na família de origem entre brinquedos de meninos e de meninas, sendo válidas, aqui, as observações de Vigotsky (s/d: 114), já referidas no capítulo III, que remetem a importância do brinquedo no desenvolvimento de um nível básico de ação e moralidade futuros.

Há uma reprodução de padrões tradicionais encontrados na família de origem já que as meninas geralmente brincam de casinha, boneca, professora, bicicleta. Os meninos gostam de brincar de bola, carrinho, bicicleta, jogo de botão, pipa, bola de gude. Entretanto é possível detectar uma preocupação em não dar brinquedos que estimulem violência para os meninos, o que indica a tentativa de mudar a representação do pai violento, existente na família de origem. Palavras dos entrevistados:

"... Geralmente é carro, brinquedos, bicicleta. Agora, depois da copa do mundo, ele tem lá na faixa de seus 10, 8 times de botões, eu acho que ele tem os times todinhos da copa do mundo, o campo de jogar o botão, nunca dei arma, revólver, esse negócio, eu nunca gostei..."

" ...esses carrinhos de controle remoto, bola, que ele adora e tem bem umas quatro. Aí tem bicicleta, tem um velocípede, é... O negócio dele é bola ou então esses carrinhos..."

"...Elas gostam muito das bonecas, uma delas adora ensinar...elas se divertem com tudo, brincam de casinha, de escola..."

"... pra brincar de boneca elas botam em cima da penteadeira, em cima da cama, fogãozinho, tem a geladeira, não sei quê. E a boneca , uma é Ken, a outra é Barbie, a outra é sei lá o que da Barbie, é um boneco daquele, aí começa a brincadeira..."

Em meio a tentativas de mudanças e a reprodução de padrões tradicionais da família de origem, constatou-se que as relações de poder encontradas se manifestam através de operadores práticos dos *habitus*, ou seja, questões de gosto, preferência, habilidade ou competência, em todos os casos. Estas manifestações independem do grau de participação paterna nas atividades domésticas e de criação dos filhos. Entretanto, nas entrevistas, as causas dessas relações remetem a um acordo tácito, natural ou espontâneo que ocorre para a distribuição das atividades diárias e periódicas, na casa e com os filhos, no caso dos pais menos participativos. No caso dos mais participativos, as tendências encontradas são atribuídas a um enquadramento social da relação. Um deles falou:

"...todo mundo faz referência de todo mundo, se eu fizer amizade com você eu vou usar como referência pra alguma atitude, você somar como a pessoa que vai me dar ou uma referência negativa ou positiva, aí eu tenho que, a partir daí, me educar. É aquela história, assim, que de tudo você tira um aprendizado, pode ser uma coisa pior do mundo ou uma melhor, aí tira um médio aprendizado, pode ser mais ou menos, dependendo da situação e de diversos fatores, agora, é... aqui, no meio da gente, normalmente... isso é um problema , às vezes, que a gente tem aqui dentro, tanto de pessoas de nível universitário secundário, ou de nível primário, a gente sente diferença. E com o tempo a gente se enquadrou um pouco, eu me enquadrei um pouco nesse outro lado, no lado que a gente acha mais atrasado, de não fazer algumas coisas dentro de casa. Mas, por exemplo, a maioria das pessoas que a gente trabalha, o marido não lava prato, não dá banho nas meninas, não faz nada disso, então essa diferença geral fica difícil da gente, de eu fazer como uma coisa que tinha que ser uma referência geral...A gente acha isso muito chato, aí não dá pra você fazer uma referência nesse nível.

Aqui a gente procura misturar muito, mas existe por exemplo, diferença de que algumas coisas que eu faço ela não faz, e algumas coisas que ela faz eu não faço... eu

não cozinheiro... aí outras coisas gerais da casa ela não faz também, nada, não conserta um móvel, não conserta uma parede, não pinta nada, só o que faz de igual na casa é faxina..."

Observei que os pais mais participativos questionavam os papéis masculinos e femininos em termos das atividades exercidas pelo pai e pela mãe nas tarefas cotidianas e "circulavam" por áreas consideradas maternas:

"...eu circulo em todas as áreas sem deixar de ser homem. É isso que eu quero colocar, eu circulo em todas as áreas sem deixar de ser meu sexo... eu vou, comumente o que eu vejo é só as mulheres levar o filho pra o médico, um exemplo, o filho pra o médico, pra o pediatra, saber que doença é que o menino tem... Eu sempre levo o meu filho pra o médico, eu sempre procuro saber as doenças dele. Por exemplo, no esporte, numa sessão de esporte, de jogo, eu sempre vejo mais mulheres levando os filhos do que homem, do que pai. Eu sempre levo... Outra questão é aniversário. Eu vejo, quase sempre, as mulheres sempre vão lá, ficam lá e eu fico com eles na piscina, brinco, participo, às vezes eu vou, eu vou pra locais que eu vejo que às vezes só tem eu de homem, tem mais mulheres mas eu estou lá..."

Os pais menos participativos não questionavam os papéis desempenhados por eles ou as esposas nem circulavam cotidianamente por áreas consideradas maternas, exceto em um caso, em que ele também atribuía as diferenças vividas a um enquadramento à formação sócio-cultural:

"...eu acho que a diferença parte da própria formação social... sem querer estamos aqui discutindo questões que na verdade é uma questão cultural. Nós temos uma formação que não é a que nós queremos, é a que nós fomos colocados nessa situação: eu sou o pai, você é a mãe, eu sou o cara que faz isso, você cuida de trabalhar e a mulher que toma conta de lavar prato, de lavar roupa... O que eu vejo, no geral, é que se criou essa idéia de que o pai é o camarada que dá o alimento - é a idéia que se tem lá fora, não é o que eu penso - é o cara que vai trabalhar de manhã e dar um beijinho no menino e vai embora, e a mulher fica lá criando, fazendo a comida, é educadora do lar. Mas eu não penso assim, eu acho que pai e mãe é uma diferença muito pouca. A diferença é pouca porque pra mim deve-se compartilhar de uma responsabilidade por igual, pelo menos a gente tem procurado viver assim em casa, a diferença deve ser a mínima possível, ou seja, as atribuições, as responsabilidades, os deveres, as tarefas devem ser em comum... Eu tenho um professor que eu admiro muito, ele diz: -eu e minha esposa estamos grávidos, engravidamos. Não deve haver diferença. Há diferença, lógico, no aspecto biológico, são sexos diferentes... Mas eu penso que as responsabilidades, as atribuições, as funções, não devem se diferenciar, eu acho que elas competem aos dois. Agora, lógico, nós vivemos em sociedade e sofremos a

influência de como a sociedade se comporta... Por mais que se pense de uma maneira, infelizmente a vida da gente tem que tomar caminhos diferenciados..."

Nesse caso, o entrevistado achava que as pessoas são levadas a exercer papéis independentemente da vontade individual, entretanto, mesmo sendo menos participativo, considerava seu nível de participação igual ao da esposa.

Isso leva à constatação de que existia uma maior consciência dos mecanismos de manifestação das relações sociais pelos pais mais participativos que além de admitirem que havia um enquadramento da relação conjugal, questionavam as relações de poder existentes no casamento embora achassem que a força das tradições era grande e por isso eles procuravam uma divisão mais equitativa das atividades cotidianas com as esposas, exercendo tarefas que fossem menos femininas aos olhos tradicionais. Nesse sentido, os cuidados com os filhos apareceram como as atividades que socialmente eram menos problemáticas para um intercâmbio maior nos padrões de parentalidade (Cf. Ferrand, 1989b) e as mais preferidas pelos pais mais participativos. Essa conscientização acerca das causas da sobrecarga feminina com as atribuições vinculadas ao papel social, com relação à família, ficou bem caracterizada entre os pais mais participativos.

Um indicador cotidiano diretamente ligado a essa maior consciência dos pais mais participativos foi a preocupação em controlar o acesso das crianças aos programas de televisão, que significam, justamente, um contato dos filhos com o mundo. Isso não foi observado no caso dos pais menos participativos.

As regras estabelecidas pelos pais mais participativos incluem proibição a filmes que contenham violência, bem como a jornais e novelas. Com relação aos programas infantis, existe um controle, uma vez que eles consideram anti-educativo pelo fato de estimularem o consumismo e a competição entre os sexos. Procuram estimular mais filmes de vídeo e um deles assiste filmes com as crianças para questionar e discutir as suas mensagens.

Esses resultados parecem confirmar que não basta ter consciência de uma relação de dominação para poder mudá-la. Os pais mais participativos, tomados como representantes da nova paternidade, colocaram que o ambiente social dificulta o exercício novo do cotidiano. Nesse sentido, também constatei que existe uma maior margem de escolha desses entrevistados quanto às atividades cotidianas que exercitam, por conta da estrutura das relações de poder valorizadas que combinam a predominância feminina na unidade doméstica e relações patriarcais.

Mas, se na análise das relações de gênero cotidianas os pais mais e menos participativos possuem semelhanças quanto à maneira como se manifestam as relações de poder e diferenças quanto à origem dessas semelhanças, faz-se necessária a explanação de possíveis diferenciações segundo o grau de participação cotidiana, em termos de qualidades, papéis, espaços e relações de poder que atribuem a um e a outro sexo, feita no tópico que se segue.

PATERNIDADE E MATERNIDADE NA FAMÍLIA DE PROcriação

Neste tópico serão abordadas as representações da maternidade e da paternidade relacionadas às atividades cotidianas, ou seja, aos cuidados com os filhos e às atividades domésticas, levando em conta o grau de participação paterna. Primeiro serão explorados os papéis e os espaços de poder, as qualidades e as relações de poder. Em seguida serão comparados aspectos considerados relevantes nesta análise e os resultados serão associados aos significados diferenciados que possui a temporalidade masculina e feminina.

Tudo isto será feito visando concluir qual o peso das permanências culturais e das representações modernizantes para que existam a sobrecarga feminina nas atividades cotidianas e as manifestações da nova paternidade na população estudada através das entrevistas mas utilizando argumentos de capítulos e tópicos anteriores que foram construídos levando em conta questionários e entrevistas.

As representações da paternidade e da maternidade estão relacionados com o tipo e grau de participação dos pais nas atividades cotidianas da família de procriação.

Verifiquei que os entrevistados menos participativos atribuíam às esposas maior responsabilidade na criação dos filhos embora não considerassem tal função como específica da mulher. Um dos entrevistados exemplificou bem esta concepção conforme podemos observar no seu depoimento:

"...óbvio que a mãe dá mais banho, tira mais o cocô do neném, ... inclusive até faço também, mas como segunda opção, quando minha esposa tá ocupada, e a menina que ajuda a gente também tá ocupada, então eu vou... eu acho muito parecido (o que a mãe e o pai fazem) - faço a mamadeira, tudo em escala menor do que a mãe, tá certo?..."

Entre os pais menos participativos, predominou a responsabilidade com atividades de brincadeiras na criação dos filhos, conforme já foi assinalado no capítulo anterior.

Já os entrevistados mais participativos atribuíam a si próprios as mesmas responsabilidades das esposas no cuidado com os filhos. Relacionavam paternidade e cuidados cotidianos com os filhos, fato este observado em apenas um caso entre os pais menos participativos. Tal observação parece refletir uma possível mudança na representação da paternidade. Entretanto o entrevistado mais enfático quanto a co-responsabilidade dos cuidados com as crianças parece ainda absorver essa postura tendo como referência que esse papel é materno:

"...Veja bem, a relação pai e filho também passa por esse lado de mãe e filho, porque eu não separo muito, sabe! Eu sou pai e sou mãe também, entendeu?... Veja bem, eu quando vejo pai e filho (...) eu me sinto também mãe do meu filho..."

Essa forte referência aos cuidados com os filhos como papel materno permanece, embora exista a co-responsabilidade. Nesse sentido, concordo com Romanelli (1991: 32-34) quando ele considera que o exercício da nova paternidade é acompanhado de uma situação de indeterminação cultural, na qual o homem não encontra modelos para orientar a sua conduta, pois o entrevistado recorre a modelos femininos para expressar sua co-responsabilidade. No caso dos entrevistados mais participativos, isto é reforçado pela forte referência à ausência paterna e presença materna na infância e adolescência vivida na família de origem, bem como, crítica ao modelo de paternidade tradicional.

A divisão das atividades domésticas entre pai e mãe diferiu pouco, quando analisei as entrevistas dos pais mais e menos participativos. Assim, a administração do lar e os cuidados cotidianos referentes à casa são atribuições da mulher que, na maioria dos casos, orienta e supervisiona a empregada doméstica na execução das tarefas. Entre os papéis paternos predominam atividades de manutenção do lar tais como consertos hidráulicos, elétricos, pintura, etc.

Dentre os papéis paternos destaca-se aquele relacionado à manutenção econômica da casa. Esta função aparece como pré-requisito para o casamento. Conforme foi visto no capítulo III, "**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E VIDA AFETIVA**", a aquisição do emprego e a realização profissional influenciam a existência do casamento e a sua manutenção, ou ainda, à decisão de ter filhos, no que diz respeito ao entrevistado. A representação paterna do provedor é evidente pois a grande maioria das entrevistas não faz nenhuma referência ao elo entre casamento e a decisão de ter filhos e emprego da mulher.

Assim, o papel materno de cuidar dos filhos é semelhante tanto na família de origem quanto na de procriação, para entrevistados menos participativos. Os entrevistados mais participativos, entretanto, acham que possuem a mesma responsabilidade de cuidar dos filhos que as suas esposas enquanto que na família de origem identificaram esta função como materna.

Quando desloca-se da criação dos filhos para as atividades domésticas e o provimento econômico do lar, as representações dos entrevistados mais e menos participativos tornam-se semelhantes. A função de prover o lar está mais ligada à paternidade e a de administrar a casa, à maternidade. Essas funções paterna e materna são semelhantes àquelas encontradas para a família de origem.

É interessante notar que os papéis maternos e paternos na família de origem são descritos com frases afirmativas, com adjetivos precisos. Na família de procriação ocorreu que os adjetivos empregados expressavam tendências, por exemplo, os cuidados com os filhos foram tidos como mais maternos que paternos para os entrevistados menos participativos. Não havia a afirmação de que o pai era o provedor da casa, havia a afirmação de que se o entrevistado não tivesse emprego, não casaria. Também foi raro qualquer dos entrevistados afirmarem que as atividades domésticas eram funções maternas. Como foi visto no item anterior, **GÊNERO NO COTIDIANO**, era o bom gosto da esposa aliado a uma falta de interesse e/ou ausência de conhecimento dos entrevistados sobre questões domésticas que faziam da administração do lar um papel materno. Outra coisa observada foi o silêncio dos entrevistados relacionado a alguns assuntos, como por exemplo, a influência ou a falta de influência da vida profissional da esposa nas decisões de casar ou ter filhos.

Assim, constatei que o discurso de todos os entrevistados sobre os cuidados com os filhos expressa de modo diferenciado as responsabilidades da esposa (família de procriação) e da mãe (família de origem) através da adição de um adjetivo em forma de superlativo relativo ao papel tradicional. Isso indica que este papel já é identificado pelos entrevistados como inserido numa área que constitui-se em dificuldades-desafios cotidianos. Essa identificação pode ser de iniciativa própria ou reconhecida por meio de pressão decorrente de insatisfação da esposa, mas a atribuição a um ou outro fator não pode ser feita com os dados que foram obtidos.

Por outro lado, o silêncio quanto à questão do trabalho da esposa, indica que não há o reconhecimento explícito de dificuldades-desafios nessa área. Isso pode ocorrer porque o co-provimento do lar é uma situação que afronta a imagem do pai-provedor, pois se o trabalho da mulher fosse valorizado em termos de definições envolvidas no processo de formação da família de

procriação, a definição da paternidade como o elo entre o controle da casa e a decisão do casamento enfraqueceria o poder de escolha masculino e a paternidade perderia uma de suas fontes de significação que a vincula ao sistema patriarcal.

Se a maternidade, significando o cuidado com os filhos, é identificada como área de dificuldades-desafios e o trabalho da esposa é assunto pouco comentado, para Romanelli (1991: 32-34) é o fato da mulher trabalhar fora que impulsiona, nas famílias por ele estudadas, a maior participação do pai no trabalho doméstico, uma vez que ela usa como argumentos para negociar essa participação o co-provimento econômico do lar e a adesão ao princípio de igualdade entre o casal. Talvez esse seja um outro motivo que fez com que os entrevistados poucas vezes falassem das ligações entre o trabalho da mulher e a formação da família de procriação.

Um outro aspecto deve ter influenciado a expressividade do discurso masculino, qual seja, a dificuldade em falar dos acontecimentos presentes, da relação conjugal vivida, de atividades cotidianas, coisas e fatos relacionados ao exercício da afetividade na família. Tradicionalmente essas são "coisas de mulher" e, através dessa investigação, foram faladas por homens que, em sua maioria, não têm hábito ou espaço para falar sobre tais assuntos.

De qualquer maneira, a identificação de dificuldades em falar sobre "coisas de mulher" não exclui, ao contrário, evidencia que a maneira masculina de falar está impregnada de relações de poder e destaca que os cuidados com os filhos, diferentemente de outras atividades, são uma área mais flexível para mudanças.

Esses papéis encontrados na família de procriação estão de acordo com a divisão do espaço de poder entre os cônjuges. A casa continua sendo espaço de poder materno e o trabalho, espaço paterno. A maior expressão desta ligação entre casa e mãe, encontra-se na questão da separação e da fidelidade, analisada no capítulo III. Todos os entrevistados afirmaram que, em caso de separação, eram eles que saíam de casa.

Já a ligação entre trabalho e pai fica condicionada aos argumentos que se seguem: embora todas as esposas exerçam trabalho remunerado, isso não foi mencionado, pelos entrevistados, como condição necessária para a decisão do casamento ou para a decisão de ter filhos. Também não houve alusão à realização profissional da esposa como fator que influía ou não no bem estar do casamento, a não ser quando o entrevistado achava que a dedicação profissional da mulher "atrapalhava" o bom

desempenho materno nas tarefas domésticas e de criação de filhos⁴³. Assim, mesmo considerando que o próprio roteiro da entrevista dê margem ao entrevistado de falar mais do seu trabalho que daquele da sua esposa, os aspectos acima referidos refletem que o trabalho profissional corresponde ao espaço de poder paterno. Observei essa distribuição dos espaços de poder em todos os casos entrevistados. Tal constatação concorda com Nolasco (1993) que considera o trabalho profissional como o espaço fundamental que constitui a identidade masculina.

Quanto à casa ou lar, os pais mais participativos, quando tentavam tomar atitudes que influíam nesse espaço (como na decoração), havia conflito com suas esposas, culminando, algumas vezes, com brigas conjugais. Além do exemplo referido na p. 151, do entrevistado que não comprava toalhas porque a sua esposa alegava que ele não sabia comprar, vale registrar uma anotação do diário de campo, quando entrevistei um dos pais do grupo mais participativo:

"Antes de ligar o gravador ele me pediu para fazer duas colocações...A segunda consiste nas diversas fases que passou, quanto à questão da casa. Ao mencionar este assunto, alegou que na época em que tentava dividir tudo com sua esposa, vivia grandes atritos com ela, uma vez que seu gosto quanto a assuntos de roupas, decoração de casa, alimentação, e ainda, o tipo de orientação que dava à empregada, diferia do dela. Aos poucos, ele foi descobrindo com esses atritos que alguma coisa ela sabia fazer melhor do que ele por conta da educação e que ele poderia participar de maneira minoritária, do mesmo jeito que tinham coisas que eram mais ele quem fazia. Desta maneira, ele percebeu que podia ser "homem", participando de tudo, mas sabendo que existem coisas e atributos que a mulher faz melhor que o homem e vice-versa." (Diário de Campo, 16/11/94).

De acordo com Luz (1982: 9-31), o lar e a maternidade são formas históricas de instituir funções prioritárias à mulher na sociedade capitalista⁴⁴. A mulher é a *rainha do lar*, a encarregada da educação da prole. O contato da criança com o corpo, a sensibilidade e emoções, se fazem por via materna. Já o contato com a disciplina, a hierarquia, a ciência, se fazem pela via paterna. Mas com as mudanças

⁴³ Essa constatação está de acordo com o que foi encontrado por Bruschini (1994: 179-199) e Fougeyrollas-Schwebel (1994: 336-346), quanto à relação entre trajetória profissional e vida familiar da mulher. A vida familiar é fator que condiciona a inserção e trajetória femininas no mercado de trabalho. Entretanto, segundo Bruschini, a influência é menor quanto maior o nível de formação educacional da mulher. Como, nos casos entrevistados, todas as esposas possuíam nível superior, é possível que a adequação do trabalho exercido por elas à formação profissional, conforme foi comprovado pela análise dos questionários, tenha influído para este fato. Entretanto, somente com a análise da relação entre a trajetória profissional e a vida afetiva das esposas, poderia se concluir algo a mais, a respeito da falta de referência masculina à realização profissional das esposas, análise esta que extrapola o presente estudo. Nesse sentido, a comparação entre trajetórias profissionais, afetivas e trabalho doméstico masculinos e femininos para a análise das representações cotidianas da paternidade e maternidade, torna-se bastante relevante como perspectiva de pesquisa futura.

⁴⁴ Essa é também a opinião de Badinter (1985), Ariés (1981), Donzelot (1980), entre outros, conforme nota 11, p.5, Introdução.

ocorridas a nível da produção e estrutura política (2 guerras mundiais e a necessidade da entrada das mulheres no mercado de trabalho; a passagem do capitalismo para a fase monopolista, na qual conta mais a habilidade e a eficácia do que a força física; movimento feminista reivindicando direito à cidadania, igualdade no trabalho, direito a voto, a instrução, etc) o homem foi deixando de mandar no lar, por que também foi deixando de sustentá-lo sozinho. A mulher foi adquirindo, aos poucos, a direção do lar⁴⁵.

Assim, é provável que este espaço de poder conquistado pela mulher seja mais problemático que o da criação dos filhos, no sentido de que existem mais dificuldades de se negociar quanto à divisão de atividades domésticas. Acredito que a própria dificuldade de mensuração quanto ao valor de tal ou qual atividade, já constitui uma dificuldade. Por exemplo, o que vale mais, cozinhar o almoço ou lavar as roupas? É difícil responder. Parece que cada atividade doméstica, dependendo das circunstâncias em que se faça necessária, tem um valor insubstituível e indispensável. No entanto, porque os homens dificilmente lavam roupas e as mulheres dificilmente consertam a hidráulica da casa? Ao que parece, essas atividades estão de acordo com a divisão dos espaços de poder, entendendo-se que ser mãe, esposa e dona-de-casa são papéis que se conjugam para discriminar tal ou qual tipo de serviço. A mesma observação pode ser feita para o homem, quanto aos seus papéis de pai, provedor e trabalhador.

Nesse processo de enquadramento, cabe à esposa a administração do trabalho doméstico e enquanto administradora ela escolhe os produtos mercadorias necessários ao desempenho de seus papéis. Por outro lado, mesmo quando o homem é mais participativo, ele tem maior poder em selecionar as atividades cotidianas que prefere fazer, como foi visto no capítulo IV.

Como já referido nas págs. 155 a 158, existe um enquadramento social da relação entre os entrevistados mais participativos, o qual parece estar amparado na acomodação paterna ao trabalho profissional e na materna, à casa. Na percepção desses entrevistados, essa acomodação teve como uma das causas o fato das próprias esposas não permitirem que eles se intrometessem no seu espaço de poder. Os pais menos participativos não colocam essa pretensão de querer participar de tudo, inclusive das atividades ligadas ao lar.

⁴⁵ Isto foi acompanhado de um processo de estranhamento entre pai e prole. O pai foi se afastando do lar, segundo Luz. É possível que este afastamento que gerou uma ausência e distância paterna tenham contribuído para que ocorresse o fenômeno da nova paternidade, já que, como veremos a seguir, a ausência do pai dos entrevistados foi muito referida nas representações da infância e adolescência. Isso reforça a conclusão de que a criação dos filhos é uma área mais flexível para mudanças que as atividades domésticas.

Um espaço de poder mais dividido, entre os pais mais participativos e suas esposas, é a relação com os filhos que, como vimos na análise dos papéis, é uma área mais flexível a mudanças. Os entrevistados menos participativos têm espaço consideravelmente menor na relação com os filhos. Todos os entrevistados colocam diferenças que advêm da maior proximidade pai-filho e mãe-filha, ou da maior facilidade da esposa em conversar com os filhos e perceber o que eles estão sentindo, do fato de que, na separação, a mulher tem mais direito de ficar com os filhos que eles. Essas diferenças são mais enfatizadas pelos pais menos participativos, exceto aquela referente à questão da guarda dos filhos em caso de separação, que foi enfatizada por pais mais e menos participativos, com intensidade semelhante.

O fato da mãe ficar com a guarda dos filhos ser legalmente amparado causa repercussões nas representações da maternidade e da paternidade, para todos os entrevistados. A diferença entre pais mais e menos participativos, quanto a questão da guarda dos filhos é que os primeiros questionam o aspecto legal, considerando-o um limite para o exercício da paternidade e procurando na esposa um aliado para que a guarda dependa mais de um acordo do casal do que da legislação vigente. Entre os pais menos participativos as opiniões são divididas. Uns enfrentam tal problemática afastando a possibilidade de uma separação. Outros consideram que o lugar do filho é com a mãe, estejam ou não os pais separados.

A relação dos pais menos participativos com os filhos, enquanto espaço de poder, guarda semelhanças com aquela encontrada na família de origem, e essa semelhança torna-se maior quanto menor for a participação paterna no lar. Os pais mais participativos diferenciam-se dos menos participativos de maneira evidente, havendo maior divisão deste espaço de poder entre eles e suas esposas, no caso dos primeiros.

Percebe-se nos discursos dos entrevistados uma concepção antagônica quando comparam as qualidades paternas com as maternas. Observa-se, ainda, que dão maior ênfase às qualidades que aos papéis de cada um no lar. Para eles a paternidade é sinônimo de qualidades tais como ser mais rígido ou rigoroso, brigar mais, ser menos paciente, menos sensível, mais distante dos filhos, menos perceptivo, mais violento. Assim se expressam os entrevistados:

"... ainda assim, me exalto com as crianças e tudo! Tem momento de bater, de dar palmada, essas coisas..."

"...a minha relação com meus filhos é muito boa mas quando eu tô assistindo televisão, eu mando, quero mais silêncio, brigo mais com eles, tá entendendo?"

"... essa referência assim, de repressão, eu sou mais atuante do que minha esposa; então, a tendência é minha filha se identificar mais, conversar mais com a mãe do que comigo, entendeu?"

Já a maternidade foi tida como sinônimo das seguintes qualidades: menos violenta, briga menos, mais próxima, mais detalhista, mais tolerante, mais cuidadosa, mais paciente, mais perceptiva, mais sensível. Palavras dos entrevistados:

"... Eu acho que minha esposa é mais paciente, é mais perceptiva; eu não sei se é devido ao meu ritmo, não sei pois ela também tem o ritmo de corre-corre muito grande; então eu acho que ela é mais paciente, ela consegue perceber mais uma carência nele, um momento que ele está precisando, sei lá? de uma atenção, ela é mais perceptiva, ela é atenciosa; eu acho que eu também sou, mas o que diferencia é ela ser mais sensível, ela consegue perceber um pouquinho antes de mim; ela dá mais atenção a ele, ela consegue perceber muito mais detalhes nele. Não sei, acho que praticamente nós temos muitas coisas em comum, mas basicamente ela percebe mais as coisas, ela tem mais sensibilidade..."

"...minha esposa não bate praticamente nunca. Ela consegue intervir mais e contornar, no diálogo. ... E eu digo a ela - olhe, mas eu já disse 3 vezes, 4, 5, e a menina continua do mesmo jeito. E ela fala - não, mas você tem que mudar é a forma de dizer, a forma de dizer que tá repetida e tá errada. Ela sempre tenta, questiona, volta, mas assim, no momento, na ação, você normalmente repete..."

"Ela sempre é mais tolerante."

É interessante notar que estas representações não variaram muito, conforme o entrevistado fosse mais ou menos participativo. Sendo bem evidente que as qualidades eram opostas e complementares, ao mesmo tempo, e guardavam semelhança com aquelas encontradas para a família de origem.

Tais qualidades, opostas e complementares, eram vividas em diferentes relações de poder, conforme o entrevistado fosse menos ou mais participativo. Os entrevistados mais participativos, como foi visto no capítulo V sobre atividades domésticas e de criação dos filhos, mantinham com suas esposas uma sincronia de opiniões acerca de procedimentos com os filhos e deixavam transparecer uma comunhão intelectual e emocional, agindo de comum acordo e mantendo diálogo com esposa e filhos. Os entrevistados menos participativos tendiam a vivenciar relações mais conflitantes, causadas principalmente pelos gastos excessivos por parte da esposa, pela falta de dedicação da mulher às atividades de criação dos filhos ou pelas opiniões divergentes quanto aos procedimentos com os filhos.

No entanto, é preciso frisar que as relações entre os entrevistados mais participativos e suas esposas não podem ser caracterizadas como harmônicas. Existiam conflitos e problemas relacionados aos espaços de poder, como foi visto acima, e a outros fatores. Esses conflitos, entretanto, não pareciam inquietar tanto os entrevistados quanto aqueles vividos pelos menos participativos.

Na família de origem identifiquei que as relações entre poderes paternos e maternos eram entendidas como complementares, assimétricas e equidistantes, conforme já qualificados no capítulo III, embora todas essas relações fossem, na realidade, assimétricas com dominância masculina. Na família de procriação os entrevistados menos participativos viam suas relações como um jogo de poderes paternos e maternos mas não enxergavam ou não quiseram explicitar que, na realidade, essas relações eram assimétricas com dominância masculina. Isso fica bastante claro quando os entrevistados menos participativos falam das razões dos conflitos existentes no casamento e no maior poder de escolha masculino quanto às atividades que irá ou não desempenhar dentro do lar e com os filhos. Já nos casos dos entrevistados mais participativos a relação de poder pode ser caracterizada como equânime, uma vez que as diferenças existentes entre o masculino e o feminino eram tratadas de maneira ponderada e prudente. Entretanto, mesmo nesse caso, não há uma divisão equitativa das atividades cotidianas. A participação feminina na casa é visivelmente superior à masculina, tanto em termos de orientação quanto de execução de atividades cotidianas.

É interessante assinalar que aqueles entrevistados que percebiam as relações de poder, na família de origem, como complementares, faziam parte do grupo de pais menos participativos, o que confirma um mascaramento das reais diferenças de gênero.

Quanto às atividades de criação de filhos, todos os entrevistados praticavam mais aquelas relacionadas à proximidade física e intelectual, deixando mais a cargo das esposas aquelas relacionadas à higiene e alimentação. Assim, a distribuição das atividades de criação entre o casal

reforça a ligação entre a esposa e a casa, uma vez que a higiene e a alimentação estão presentes tanto nas atividades domésticas quanto nas de criação. Vale lembrar a constatação de que, em famílias onde o pai era mais participativo, muitas vezes a intromissão masculina no espaço feminino desencadeou atritos conjugais.

Os resultados da presente pesquisa coincidem com os de Ferrand (1989b), embora as atividades que implicam contato direto com as crianças sejam aqui denominadas de atividades de maior contato emocional ou intelectual, sem que haja a distinção entre atividades qualificadas e não qualificadas, que foi feita por aquela autora. Estudando a nova paternidade através de histórias de vida de pais, Ferrand (1989b) observou em sua pesquisa a mesma estratificação das atividades desempenhadas pelo marido e pela esposa dentro do lar. O marido tende a selecionar atividades, prefere as atividades que implicam no contato direto com a criança, entre elas, as referentes ao acordar da criança, jogos e aprendizado. Assim, fica reintroduzida uma seleção sexuada de atividades cotidianas através de qualidades, papéis e espaços de poder tradicionais, que lembram as representações encontradas na família de origem, embora as representações dos pais menos participativos sejam as mais semelhantes.

Roazzi e cols. (1995), através de métodos quantitativos, chegaram a resultados parecidos quanto à preferência masculina por atividades de criação. Seus achados referem-se a camadas médias baixas e pobres urbanos. Apesar de ter constatado que o local de moradia influi na representação dos entrevistados, observou a mesma tendência masculina para atividades de criação dos filhos⁴⁶. Também dentro das atividades domésticas, as preferências masculinas foram semelhantes. A atividade considerada menos atrativa para o homem foi lavar roupas. Cheguei a resultados semelhantes.

É possível que esta postura masculina, manifesta no discurso mais cuidadoso dos entrevistados, evitando colocar sobre os ombros todas as responsabilidades com os filhos e a casa seja decorrente de mudanças tais como a inserção da mulher no mercado de trabalho (Romanelli, 1991:32-34), ou mesmo uma predisposição masculina em reavaliar sua afetividade (Nolasco, 1993). No entanto, o presente estudo demonstra que, na representação da prática, existe uma visível desproporção na divisão entre pais e mães quanto às tarefas domésticas. Vale frisar que o tempo passado fora de casa pelo entrevistado, para o exercício de trabalho remunerado, mesmo sendo menor que o da esposa (marido

⁴⁶ Foi constatado por Roazzi e cols. que, apesar de diferenças no discurso dos entrevistados das camadas sociais estudadas, suas representações do que seja masculino e feminino em termos de atividades domésticas e de criação de filhos, são semelhantes.

gasta 6,8 h/dia, em média e esposa gasta 8 h/dia, em média), não contribui para uma divisão eqüitativa das atividades cotidianas.

O fato de, na população ora estudada, a mulher levar mais tempo fora de casa que o homem, ter uma faixa salarial semelhante e dividir as despesas com o lar, caracteriza que existe na família de procriação uma situação de igualdade como provedores do lar, entre o homem e a mulher.

Por outro lado, o tempo de trabalho e o tempo familiar se organizam de forma diferente para o masculino e o feminino. Na percepção dos entrevistados, estar em casa, para a esposa, significa dedicar-se ao lar, enquanto eles (os maridos) dedicam esse tempo primeiro (pais menos participativos) ou igualmente (pais mais participativos) ao trabalho, a atividades esportivas, de lazer, etc. Essa organização também reforça a divisão tradicional dos papéis, mesmo levando em conta que o pai não é o único provedor, nem ao menos o principal, e que a mulher gasta mais tempo por dia que o marido, no exercício da atividade profissional. Concorde, nesse sentido, com Ferrand (1989b), quando conclui que os homens parecem não conciliar as duas temporalidades, subordinando o tempo do exercício da paternidade a outras atividades masculinas. A autora considera que o tempo do exercício das atividades femininas está subordinado ao tempo do exercício da maternidade. Observei que, em todos os casos, preferências maternas e paternas refletem a mesma hierarquização no espaço de poder que é a casa. Em relação a objetos e produtos necessários ao funcionamento e bem estar da casa, existe maior poder de escolha feminino.

O poder de escolha masculino reflete-se na preferência por determinadas atividades relacionadas aos filhos. No caso dos pais mais participativos, essa mediação parece satisfatória, uma vez que não fizeram cobranças de suas esposas, demonstrando satisfação com a situação em que viviam. Demonstraram ainda que a mulher faz questão de preservar seu poder de escolha de produtos e objetos referentes ao lar. No caso dos pais menos participativos essa mediação não satisfaz, como indicam as cobranças que fizeram em relação ao desempenho das atividades relacionadas à função materna, e os conflitos existentes no casamento remetiam à falta de um bom desempenho da mãe e da dona de casa, além da discordância quanto a procedimentos na educação das crianças.

Portanto, guardadas as devidas diferenças entre pais mais e menos participativos, as relações dentro da casa estão mediadas pelas mesmas trocas simbólicas, sendo masculino o maior poder de seleção das atividades no cotidiano do lar, conforme foi discutido no tópico **GÊNERO NO COTIDIANO**. Em contrapartida, existe maior poder feminino na escolha quanto a decoração, compra de produtos e objetos para a casa.

Apesar dessas semelhanças com qualidades, papéis e espaços de poder tradicionais, a maior proximidade entre pai e filhos representa uma grande diferença entre as relações vivenciadas na família de origem e na de procriação, para todos os entrevistados. Considerando que esta proximidade é tão maior quanto maior é a participação dos entrevistados nas atividades cotidianas, pode-se dizer que a nova paternidade funciona como um motor que puxa as relações entre pais e filhos para uma maior proximidade.

Dentro do campo do poder da instituição familiar, a nova paternidade funciona como prática heterodoxa uma vez que a diferenciação entre pais, mais e menos participativos, é setorizada. Os pais mais participativos, ou seja, os que praticam a nova paternidade, diferenciam-se dos menos participativos no que se refere a um papel - os cuidados com os filhos, a um espaço de poder - a relação com os filhos - e a um tipo de relação de poder - a relação equânime -, que apesar de ponderada e equilibrada, quanto às decisões cotidianas, não parece a mais justa. Nas qualidades paternas e maternas, no restante dos papéis e espaços de poder, as representações da maternidade e paternidade reproduzem aquelas encontradas na família de origem e correspondem a funções e papéis tradicionais.

Assim, a abordagem de relações de dominação-exploração através de atividades cotidianas expressam mecanismos de reprodução e mudança, ao mesmo tempo. Para Ferrand (1989b), a nova paternidade serve para mostrar como práticas minoritárias podem beneficiar os próprios homens. No meu entender, existem benefícios masculinos e femininos. Masculinos, porque a visibilidade da nova paternidade valoriza o status do pai na relação com a criança. Femininos, porque a nova paternidade fortalece o argumento da divisão igualitária das atividades cotidianas uma vez que a atividade de prover a casa já está sendo praticada de maneira eqüitativa. Esse benefício feminino pode ser visto através dos moderadores do discurso⁴⁷ utilizados, mesmo que a percepção da prática deixe clara a sobrecarga feminina nas atividades cotidianas.

Sendo a participação feminina na casa e com os filhos superior à masculina tanto em termos de orientação quanto em termos de execução de atividades, os entrevistados menos participativos não percebem suas relações conjugais como assimétricas. O fato é que os entrevistados consideram normal participarem menos que suas esposas das atividades cotidianas e silenciam diante de determinados assuntos quando falam de sua trajetória profissional, das relações entre esta, a vida

⁴⁷ Chamo de moderadores de discurso aquelas palavras que amenizam o significado de uma afirmação ou negação. Por exemplo, dizer que a mãe é responsável pela criação dos filhos é diferente de dizer que a mãe é MAIS responsável pela criação dos filhos. Quando o entrevistado utiliza os moderadores, ele não está se isentando totalmente dessas responsabilidades.

afetiva e a rotina diária. Mas, ao mesmo tempo, utilizam-se de moderadores de discurso. Isso reflete uma situação de dominância masculina que parece ser questionada, mesmo que intimamente. Talvez isso se dê por conta de um maior poder feminino em reivindicar a participação masculina, devido à divisão da função de prover economicamente o lar. Talvez isso também reflita a dificuldade em falar da vida afetiva, ou as duas coisas.

Por conseguinte, mesmo ciente da pequena proporção de homens mais participativos, considerados verdadeiras exceções, pode-se dizer que o fenômeno da nova paternidade, ainda que nesse momento reforce atividades e funções tradicionais através de uma nova roupagem, coloca em evidência conflitos e práticas, masculinas e femininas, que podem contribuir para uma efetiva mudança na divisão de atividades cotidianas entre marido e esposa e na própria representação da paternidade e da maternidade. Afinal, as mudanças podem ter um caráter qualitativo para depois assumirem o quantitativo ou vice-versa. Considerando que as relações entre o masculino e o feminino são dialéticas, percebo na nova paternidade um caminho de mudança social. Aqui registro uma discordância com o pensamento de Ferrand (1989b), o qual considera que a nova paternidade beneficia apenas os homens. Na minha interpretação, ela beneficia homens, mulheres e crianças.

Pude constatar que a nova paternidade implica em mudança na participação paterna e materna nas atividades cotidianas e que, apesar de circunscrever-se à criação dos filhos, proporciona a proximidade maior do entrevistado com a esposa e o(s) filho(s). Mas, quando existe uma tentativa localizada e isolada de exercitar a nova paternidade (com a participação em todas as atividades), são evidenciados conflitos na relação conjugal e estranhamento social pelo "novo", ocorrendo um enquadramento dos pais mais participativos (vide tópico anterior) quanto à vivência de papéis maternos e paternos. Ainda assim, existem mudanças na descrição das relações cotidianas na família de procriação que podem ser consideradas como resultado da pressão feminina e/ou busca individual masculina, aliados a ideais de igualdade na casa e no trabalho que se coadunam na formação do fenômeno da nova paternidade. Entretanto, a distribuição das atividades cotidianas, mesmo entre pais mais participativos, tende a reproduzir modelos tradicionais de paternidade e maternidade nos papéis da dona-de-casa e do trabalhador provedor, nas qualidades e nos espaços do trabalho e da casa. Portanto, a vivência da nova paternidade está acompanhada de uma mudança na relação de poder vivida entre o casal, mas "funciona" mais a nível das idéias que da prática, uma vez que setorizada aos cuidados com os filhos e tendendo a reproduzir papéis tradicionais dando-lhes uma nova roupagem.

O enquadramento social a papéis, qualidades e espaços tradicionais, vividos em maior ou menor proporção, conforme o pai seja menos ou mais participativo, foi atribuído pelos entrevistados à força das relações sociais e/ou das convicções pessoais. A força das relações sociais de vizinhança e amizade ficou mais evidente nas entrevistas dos pais mais participativos. Essa força era no sentido de um enquadramento da relação a papéis tradicionais. Já a força das convicções pessoais ficou mais evidente entre pais menos participativos. Neles, havia esse enquadramento a papéis tradicionais internalizados como pessoais e bem exemplificados pela certeza que transmitem enquanto *donos da razão* quando se referem aos conflitos com as esposas.

Minhas conclusões assemelham-se às de Bott (1976) no sentido de que a importância da rede de relações parece residir na influência que exerce contra representações modernizantes, concorrendo para que exista ajuda mútua entre os cônjuges, mas a divisão sexual do trabalho continua sendo regida por representações tradicionais, pelo menos no espaço da casa e da rua, em alguns papéis e nas qualidades referentes à mãe e ao pai, no caso dos entrevistados mais participativos.

Portanto, enquanto entrevistados menos participativos encarnam a figura do machista, os pais mais participativos atribuem essas relações de dominação-exploração a uma conjuntura social mais ampla e tentam práticas diferenciadas.

Isso tudo leva a concluir que o peso das representações do cotidiano na família de origem, por razões pessoais ou sociais, seja maior que o peso das idéias da nova paternidade e da igualdade na relação conjugal.

REPRODUÇÃO SOCIAL E NOVA PATERNIDADE

Alguns aspectos observados na análise das entrevistas, como recorrentes em todas as representações construídas, reforçam a conclusão acerca da força das permanências culturais. Eles dizem respeito aos mecanismos de reprodução social. Segundo a percepção dos entrevistados, essa reprodução se dá pela educação ou tem caráter hereditário independente do sexo, quando se refere ao temperamento da criança.

O primeiro aspecto diz respeito às ligações feitas entre a educação dada e à educação recebida. O segundo foi o conceito quase unânime de que existe uma identificação maior entre pai e filho e entre mãe e filha. O terceiro consiste na idéia de que o filho que tem pouca idade, independentemente do

sexo, deve ficar junto da mãe. Vejamos algumas considerações a este respeito, baseadas nos depoimentos e respostas dos entrevistados.

Quanto ao primeiro aspecto, lembranças felizes ou positivas fazem com que os entrevistados procurem transmitir a seus filhos a experiência considerada benéfica. Por exemplo, se o pai do entrevistado preocupava-se em dar o suporte financeiro, ele também enfatizava essa preocupação em relação a seu filho. Se o entrevistado morava em casa, na sua infância, e mora em apartamento atualmente, ele se preocupa com a "falta de espaço" dos filhos para brincarem e exercitarem sua criatividade. Se a mãe do entrevistado ensinava a dividir a alimentação escassa, o entrevistado procura mostrar aos filhos o valor do dinheiro e da divisão (doação) das coisas materiais, regando a quantidade de presentes e incentivando seus filhos a exercerem alguma atividade de troca de serviços ou mercadorias (como frutas colhidas no quintal) por dinheiro. Se o entrevistado ajudava o pai no trabalho, ele considera importante que seu filho tenha o mesmo comportamento com ele. Se o pai supervisionava as tarefas escolares dos entrevistados e de seus irmãos, ele enfatizava fazer o mesmo com seus filhos. Dois exemplos:

"...A minha mãe ensinou prá gente que isso aqui era um ovo que ela podia dividir em dez pedaços, dividir pros dez que estão com fome, entendeu? (...) Elas (as crianças) continuam fazendo, elas gostam de fazer, dar comida a um velhinho, a uma criança abandonada. Elas sonham em participar e participam, ajudam da maneira delas, entendeu?"

"...Eu sinto que foi muita liberdade que eu tive, eu perdi a minha liberdade. Um apartamento é diferente, morar numa casa é totalmente diferente de um apartamento. Numa casa você tem liberdade, num apartamento não. O pior é que eu queria muito comprar uma casa, num terreno razoável que tivesse espaço e liberdade, que é justamente na idade que eles estão precisando..."

Lembranças negativas, privações ou frustrações sofridas, levam os entrevistados a tentar compensá-las na família de procriação. Por exemplo, se o pai não dava presentes ao entrevistado por falta de dinheiro, o entrevistado procurava dar muitos presentes aos filhos. Se o pai batia no entrevistado e em seus irmãos, ele procurava bater pouco no filho, ou mesmo, ser mais tolerante e não bater. Se o pai não conversava, o entrevistado manifestava preocupação em conversar muito com os filhos. Dois exemplos:

"...Agora, com filhos ele era uma pessoa muito, assim, eu acho que ele era uma pessoa que tenha passado dos limites um pouco mais nos castigos, né? Ele batia na gente! Hoje eu até bato no meu filho, mas é aquela base de uma palmada no bumbum bem devagarinho pra perder o medo - se fizer eu bato! - então, pra que ele saiba que eu vou bater realmente, pra que eu não diga que eu vou bater várias vezes e nunca bato e ele leve isso na brincadeira, então eu bato..".

"...Ah, presente é uma rotina. (...) Porque eu acho que eu não tive, eu mesmo procurava fazer os meus, aí presente lá em casa é uma rotina. Tem as datas comemoráveis como aniversário, dia da criança, como natal, mas se eu for comparar, se eu for dar esses presentes só nessas datas, eu acho que todo mês eu dou um presente aos meninos ...basta a gente ir no shopping passear " painho eu quero isso" ... Dentro das posses, dentro dos limites".

Conforme o que já foi discutido no capítulo III, um acontecimento bastante recorrente para os entrevistados foi a experiência vivida pela ausência paterna na família de origem que era sentida como negativa, sendo uma preocupação atual estar mais presentes, ter maior convivência com os filhos. Essa ausência paterna tem sido tratada por diversos estudiosos, principalmente os psicanalistas. Chodorow (1978), Aberastury & Salas (1991), Wallerstein & Blakeslee (1991) e Cyrulnik⁴⁸, por exemplo, ressaltam a importância da figura paterna para o rompimento da ligação narcísica entre mãe e filho e, por isso preocupam-se, cada um à sua maneira, com a forte presença da maternidade e a forte ausência da paternidade que vêm caracterizando as relações sociais.

Segundo Nolasco, em diferentes abordagens sobre a paternidade, análises psicanalíticas, sociopolíticas e mitológicas concordam em um ponto: "a ausência do pai desestabiliza o desenvolvimento e a forma de engajamento social do filho" (Nolasco, 1993: 159).

É possível que a atual preocupação paterna em conviver com o filho, estando mais próximo e presente, ou seja, exercendo uma prática cotidiana mais efetiva, seja o indício de uma real mudança da paternidade e na relação do casamento. Nesse sentido, observei que, por exemplo, quando eram mais próximas as relações com os filhos, eram mais próximas as relações entre marido e esposa.

O segundo aspecto, que diz respeito à idéia corrente da existência de uma identificação maior entre o pai e o filho e entre a mãe e a filha, foi observado em dois momentos. No primeiro, quando os entrevistados falavam de sua família de origem, na qual percebi que a maior referência deles era o pai, conforme foi discutido no capítulo III, no item **INFÂNCIA, PATERNIDADE E MATERNIDADE**, mesmo

⁴⁸ Boris Cyrulnic (1995) trabalha no campo da etiologia clínica humana e seus estudos permitem aprofundar o conhecimento dos problemas relacionais. Para ele, a ausência paterna prejudica o desenvolvimento da afetividade da criança e está associada ao desencadeamento do crescimento populacional e urbano, associados a um estilo de vida anônimo e individual em busca de uma autonomia.

quando havia uma forte identificação com a mãe, eram mais enfatizados os sentimentos e percepções referentes ao pai. O segundo momento, quando falavam da família de procriação, achavam que a maior ou menor proximidade, e mesmo cumplicidade, que existia entre eles e os filhos dependia do fato de serem meninos ou meninas. Existia uma maior cumplicidade entre ele e os filhos meninos porque ambos eram homens. Um dos entrevistados chegou a verbalizar que sua esposa deveria se afastar do filho quando este fosse adolescente, abrindo assim mais espaço para o exercício da paternidade. A seguir a palavra do entrevistado:

"...Eu não sei, mas se eu tivesse uma filha mulher, tinha questões, entendeu? eu imagino que eu possa até ter uma filha mulher ainda, entendeu? Mas, eu teria questões, entendeu? Ela seria mais próxima de minha esposa, mais de sutileza de mulher prá mulher. Mas eu respeitaria isso, sabe, eu daria um tempo, assim. Espero que ela também, entendeu? compreenda essa coisa, assim, do mundo masculino. Então eu acho que passa por aí também, sabe?..."

Quanto ao terceiro, que consiste na crença de que o filho de pouca idade deve ficar junto com a mãe, independentemente do sexo, foi constatado quando os entrevistados falavam sobre separação. A ligação entre casa e maternidade é muito forte. Segundo Nolasco, isto advém independentemente da tradição ou não, de um certo biologismo⁴⁹ presente na representação da paternidade, como se a reprodução humana fosse similar a de qualquer outro animal. Os homens não se vêem como parte do processo de gestação, o que os deixa numa situação de observador, numa situação em que ele não sabe agir e nem se situar inteiramente (Cf. Nolasco, 1993: 161). Essa situação, por sua vez, se prolonga aos primeiros anos de vida da criança. Por outro lado, sua função de provedor e protetor fora da casa, reforça o vínculo entre mulher e casa, já que ele se comporta como observador das transformações físicas e psíquicas que ocorrem com a mulher na gestação, parto e maternidade, deixando para ela a ação na casa e com os filhos, ficando com a ação no trabalho, fora da casa (Cf. Nolasco: 1993).

Tanto o segundo como o terceiro pontos aqui abordados são concepções correntes para os entrevistados e também para a psicologia e a psicanálise. Assim, os mecanismos de reprodução social encontram suas bases em várias instituições. A psicologia e a psicanálise, embora preocupadas com a

⁴⁹ Nolasco (1993: 160) compara esse conteúdo biológico na representação da paternidade como similar ao nascimento da barba no adolescente.

ausência paterna, defendem mecanismos de reprodução social que reforçam noções tradicionais, construídas com base nessa mesma ausência. Existem, contudo, autores dentro dessas áreas, como Nolasco (1993) e Chodorow (1978) que procuram abordar os problemas em outros aspectos, apontando para ligações entre relações familiares e relações sociais, e colocando a necessidade de reformulação de alguns conceitos e práticas familiares.

Chodorow (1978) defende a divisão igualitária dos cuidados primários com os filhos entre o pai e a mãe, colocando que a organização do cuidado infantil atual separa os filhos dos homens e que esta organização está vinculada a uma dominância masculina e gera esta dominância. Para a autora a organização social do cuidados com os filhos produz desigualdade entre os sexos, e não apenas diferenciação de papéis. A autora aponta ainda para as necessidades políticas, sociais e econômicas de mudar essa organização.

Nolasco defende que o impasse mais importante, vivido pelos homens atualmente, não se dá somente a nível de uma revisão ideológica do que é masculino, nem das práticas sexuais, mas no esforço em integrar esses dois aspectos a um terceiro, que não é valorizado por eles: os afetos (Cf. Nolasco, 1993:177). Para o autor não se trata de mostrar que o homem descobriu o prazer das atividades domésticas, e que isto está sendo "vendido" como uma revolução nos costumes masculinos, o que considera perigoso.

Ele evidencia os caminhos dos afetos, como os mais importantes para solucionar impasses masculinos inclusive na revisão ideológica do que é masculino e feminino. Não se trata, entretanto, de pregar que o homem descobriu o prazer das atividades domésticas, mas de verificar como se dá o mecanismo da produção e reprodução social. A sedução pelo "novo", a valorização do trabalho profissional, em detrimento das atividades domésticas, e as necessidades econômicas fizeram com que a mulher ingressasse no mercado de trabalho e enfrentasse a dupla jornada de trabalho. Se o caminho dos homens passa fundamentalmente pelo afetivo, a prática das mulheres passa pela dupla jornada de trabalho. Portanto, trata-se de mecanismos de manutenção de injustiças sociais que devem passar não somente por uma busca masculina e feminina, mas pelo desvendamento de questões que levem a compreender relações de dominação. A questão que aqui se colocou foi: porque a divisão do trabalho sobrecarrega menos o homem?

Nesse sentido, Bruschini (1994: 179-199) observa que existem mecanismos de dominação semelhantes no trabalho doméstico e no remunerado, que continuam mediados por relações de poder

que mantém as mulheres em ocupações mal remuneradas e segregadas na esfera pública e na prestação de serviços domésticos gratuitos aos homens da família, devido ao seu papel de mãe.

As representações da paternidade e maternidade ora estudadas parecem fortalecer a indissociabilidade entre produção e reprodução, vida material e vida afetiva, defendida por Saffioti (1992: 183-215). Senão, como explicar a vivência diferenciada de uma situação na qual a posição social do marido e da esposa, tomados isoladamente, é por demais semelhante, como a da população aqui analisada? Entretanto, vale ressaltar que apesar de identificar uma vivência diferenciada por gênero, também encontrou-se uma vivência que se diferenciava, no cotidiano, quanto à participação masculina.

A legislação sobre o casamento também tem forte influência sobre representações da maternidade e paternidade. Na análise das entrevistas era forte a referência ao fato de que, na separação, o filho ficaria com a mãe, mas essa certeza também se dava pelo amparo legal dessa afirmação. Nesse sentido, a mulher é tida como ente encarregado pela perpetuação da história da família e existe base legal para que isso aconteça. Um dos entrevistados chegou a afirmar que, na separação, o homem perde tudo: a casa, os filhos e a mulher. Assim, ele tem que manter o casamento para ficar junto de seus filhos.

A lei fragmenta o casal, como afirma Nolasco (1993: 169), tanto na licença paternidade quanto na legislação do casamento. A lei da separação contribui para a distância entre os casais, dentro de casa. A função materna se sobrepõe à vida afetiva do casal, ocorrendo, como analisou Nolasco, a dessexualização da vida conjugal.

A partir da situação legal⁵⁰ e de seus paralelos com a vida cotidiana dos entrevistados, pode-se ter uma idéia ainda mais clara de como a "nova paternidade" é mais ideal que real. A nível social, político e econômico, na relação do casal e na relação do pai com os filhos, a representação da paternidade que não leva em conta direitos ao afeto e ao amor é a mesma que não leva em conta critérios de igualdade quanto ao trabalho social de homens e mulheres, é a mesma que desconsidera que o valor do trabalho doméstico e de criação dos filhos é semelhante ao valor do trabalho profissional.

Em resumo, tanto os homens quanto as mulheres possuem poderes através dos quais são valorizados socialmente, mas esses poderes estão postos numa relação desigual expressos através

⁵⁰ Uma das questões que pode ser levantada é como uma licença paternidade de cinco dias pode proporcionar o estabelecimento de uma relação de proximidade entre pai e filho. Outra questão foi a maneira jocosa com que os parlamentares trataram a licença paternidade (Nolasco, 1993 e Whitaker, 1988).

de representações nas quais o discurso ainda está distante da prática da nova paternidade, enquanto fenômeno que vise mudar a relação entre trabalho produtivo e reprodutivo. A supervalorização da mãe e as perdas que sofrem os homens na separação conjugal fazem parte desse contexto desigual. A questão da guarda dos filhos, constitui apenas um dos vetores por onde se sente a incongruência desse sistema de produção e reprodução social. São exceções os homens sensíveis a essa problemática e que implementam mudanças no seu cotidiano tendo em vista a maior equidade e felicidade de homens e mulheres, mesmo em se tratando de pais que mantêm seus filhos em uma escola alternativa.

A nova paternidade é prática alternativa ao sistema sexual dominante. Ao longo desta investigação pude perceber como dentro da própria relação conjugal, para não falar em vizinhos ou meios de comunicação, o estabelecimento de uma prática desse tipo leva a conflitos e, ao mesmo tempo, maior proximidade entre o homem e a mulher. Entretanto, os conflitos vivenciados me levaram a concluir que ainda falta muito para que os casais que se permitem vivenciar a nova paternidade experimentem uma modificação na relação entre o produtivo e o reprodutivo.

Para mim, a nova paternidade implica em mudança da participação paterna e materna nas atividades cotidianas como um todo, não podendo circunscrever-se apenas aos cuidados com os filhos. Isso não depende, evidentemente, dos casais de maneira isolada mas da sociedade como um todo. Nesse sentido, talvez passaria a deixar de ser prática alternativa e dependeria de mudanças em outros setores da sociedade.

As representações dos entrevistados permitem concluir que a vivência da nova paternidade diferencia os homens mais participativos em vários aspectos da vida cotidiana, embora em outros aspectos eles permaneçam parecidos com aqueles menos participativos. Essencialmente, a maior diferenciação encontrada foi a existência da relação de poder equânime, que estava ligada à ocorrência de muita proximidade e afinidade entre o casal e entre pais que praticam a nova paternidade e seus filhos. Dentro dessas representações masculinas, há uma vida mais harmônica entre aqueles que praticam esse novo modo de vida. Mas a maioria dos pais da amostra estudada participava pouco do cotidiano familiar, possuía relações conjugais assimétricas, conflituosas e era mais distante da esposa e dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A*s inquietações que me levaram à investigação das representações masculinas no cotidiano doméstico fazem parte dos desdobramentos recentes dos estudos sobre mulher no Brasil que culminaram com a valorização e desenvolvimento teórico da categoria de gênero, através da qual procurou-se aprofundar quais os fundamentos da relação entre patriarcado e capitalismo.

A partir da inserção feminina na esfera do trabalho profissional, da valorização da ideologia individualista que tem como idéias centrais a liberdade e igualdade pessoal e familiar, da ocorrência de acontecimentos como a contracultura, a indústria cultural, a invenção e comercialização da pílula anticoncepcional, divulgação e fortalecimento do ideário feminista, banalização da psicologia e psicanálise, entre outros, foi possível exacerbar a situação paradoxal em que vivem homens e

mulheres na realidade brasileira pois as idéias e tentativas de práticas de igualdade correm paralelas à permanência da dupla moral sexual, dupla jornada de trabalho feminina, violência contra a mulher, discriminação salarial e ascensional da mulher no trabalho.

Dentro dessa situação paradoxal, o desenvolvimento de estudos sobre a trajetória das mulheres no trabalho e na vida familiar levaram à necessidade da exploração das representações masculinas, até agora pouco enfocadas, principalmente quando relacionadas ao trabalho doméstico.

Através da abordagem antropológica explorei procedimentos quantitativos e qualitativos em uma amostra de pequena escala que, apesar de não permitir a generalização dos resultados encontrados, proporcionaram a pesquisa microsocia de diferentes estilos de vida (Bourdieu, 1983b) que tornaram visíveis diferenças na maneira de pensar e agir dos homens das camadas médias recifenses que mantinham seus filhos matriculados em uma escola alternativa, considerada experiência sintetizadora.

Os resultados aqui encontrados não pretendem ser conclusivos mas levantar questões que proporcionem caminhos para novas investigações sobre camadas médias e também, sobre relações familiares e trabalho doméstico. Nesse sentido, houve uma preocupação em contextualizar a amostra com a intenção de tornar mais comparáveis (Cf. R. P. Scott, 1888: 45-56; 1993) os dados desta dissertação. A revisão da literatura sobre camadas médias recifenses mostrou já ser possível o desenvolvimento de estudos comparativos sobre as relações familiares nesses estratos de nossa cidade.

Foram analisados e comparados dados acerca da infância e adolescência, trajetória profissional, formação da família de procriação e cotidiano atual das relações familiares de homens pertencentes às camadas médias recifenses com vistas à observação das manifestações de igualdade conjugal e nova paternidade.

Os resultados sugerem que, na família de origem, ambiente no qual os entrevistados foram socializados, as representações da maternidade e paternidade são tradicionais, existindo uma separação marcante entre papéis, qualidades e espaços de poder, atrelados a relações assimétricas com dominância masculina.

A configuração da trajetória profissional e afetiva dos entrevistados proporcionou o conhecimento de dados acerca do processo de formação da família de procriação que permitiram evidenciar a permanência de representações relacionadas à família de origem nas ligações feitas entre ser mãe e cuidar da casa e dos filhos, e entre ser pai e trabalhar fora para prover economicamente o lar.

Entretanto foi possível encontrar representações modernizantes na co-responsabilidade quanto à reprodução biológica, na associação feita entre sexo e afetividade, na desvalorização do duplo padrão de moral sexual e na maior proximidade física entre pais e filhos.

A paternidade, de maneira geral, aparece como fenômeno que reforça o vínculo entre escolha profissional e casamento, ligando casa e escolha da esposa, percebida como a responsável pela perpetuação da história daquela família que estava sendo formada, através da maternidade. Essas ligações, "amarradas" pela escolha masculina e ratificadas na legislação vigente, aparecem associando a posse da casa à paternidade e a administração da casa à maternidade. Essa administração, por sua vez, possibilita à mulher o exercício de poderes relacionados à unidade doméstica e à própria maternidade que reforçam as relações patriarcais existentes.

A exploração de atividades cotidianas relacionadas à unidade doméstica proporcionou a verificação da existência de pais mais e menos participativos. Os pais mais participativos, considerados verdadeiras exceções, eram aqueles que exerciam a nova paternidade.

A diferença fundamental entre a paternidade tradicional e a nova paternidade reside na maneira como o pai/marido se relaciona com a mãe/esposa e os seus filhos. Enquanto os pais menos participativos pareciam mostrar a paternidade, o casamento e a casa como **resolvidos**, os pais mais participativos demonstravam **estar resolvendo-os** cotidianamente.

As relações de poder vividas pelos casais nos quais os pais eram mais participativos foram caracterizadas como **equânimes** posto que resultantes de ponderações e prudência, associadas a uma proximidade maior entre o casal e entre pais e filhos.

Já as relações de poder vividas pelos casais nos quais os pais eram menos participativos foram caracterizadas como sendo **assimétricas** posto que as atividades desempenhadas no lar eram feitas diante de certas condições por eles determinadas e existia maior distância em relação aos filhos e à esposa, acompanhada de maiores conflitos no casamento.

Entretanto, um exame mais detalhado da participação paterna no trabalho doméstico possibilitou visualizar que existem preferências semelhantes quanto às atividades que pais mais e menos participativos exerciam. Todos preferiam atividades de criação de filhos e, dentro destas, aquelas que proporcionassem maior contato físico, emocional ou intelectual, com as crianças.

Os pais mais participativos se distinguem dos menos participativos pela co-responsabilidade nos cuidados com os filhos e pela relação de poder estabelecida entre o casal, mas se assemelhavam

aos últimos em termos de outros espaços de poder, papéis e das qualidades associadas à maternidade e à paternidade. Estas, por sua vez, eram semelhantes às aquelas encontradas na família de origem.

Nesse contexto, eram as esposas e as empregadas as maiores responsáveis respectivamente pela administração e execução das atividades domésticas e as responsabilidades das primeiras para com os filhos aumentavam ou diminuía conforme os maridos fossem menos ou mais participativos.

As razões apontadas pelos pais da amostra para que a distribuição das responsabilidades com o trabalho doméstico sobrecarregasse mais a mãe que o pai foram falta de tempo e questões de preferência, gosto, habilidade e competência, ou seja, operadores práticos do *habitus*, mesmo em se tratando de casais nos quais a mulher trabalha profissionalmente fora do lar, é co-provedora e está ausente desse lar por tempo maior (entrevistas) ou semelhante (questionários) ao do marido.

Assim, havia uma associação entre a questão temporal e o *habitus* de gênero, já que a temporalidade feminina estava subordinada ao tempo do exercício da maternidade, enquanto a temporalidade masculina dependia mais do tempo do exercício de outras atividades de trabalho, lazer, terapia, higiene pessoal, etc.

Entretanto, o tempo da nova paternidade parecia conciliar mais o exercício da paternidade às outras atividades, pois todas as atividades tinham igual importância nas representações dos entrevistados mais participativos. Já o tempo da paternidade tradicional estava condicionado a fatores delimitados pelos entrevistados menos participativos e o tempo dedicado a outras atividades (trabalho, lazer, terapia, higiene pessoal) tinha mais importância que aquele dedicado à criação dos filhos.

Isso tudo permite concluir que a nova paternidade está atrelada a mecanismos de dominância masculina que, mesmo sendo reconhecidos e problematizados pelos pais mais participativos, são difíceis de se transpor individualmente e na relação conjugal. Portanto, a consciência dos problemas que levam à sobrecarga feminina, a maior proximidade conjugal e entre pai e filho(s), a postura de estar resolvendo cotidianamente a paternidade, o casamento e a casa, não são suficientes para que não haja essa sobrecarga e, também, não se reproduzam preferências paternas e maternas embasadas na tradicional divisão do trabalho.

Assim, a consciência crítica das relações assimétricas vividas na família de origem, quando incorporada na construção de um projeto - a nova paternidade - está associada a uma mudança da relação de poder vivida entre o casal. Porém, essa nova relação está fortemente atrelada ao *habitus* tradicional, incorporado na família de origem dos entrevistados, mesmo nos casos nos quais essa

experiência foi redimensionada sob parâmetros distintos daqueles existentes para os pais menos participativos.

A nova paternidade significa uma alteração qualitativamente profunda das relações de gênero vividas, quando relacionadas ao trabalho doméstico. Porém, como o alcance prático é mínimo e introduz velhas hierarquizações nas atividades cotidianas dando-lhes uma nova roupagem, pode-se dizer que a **nova paternidade** funciona mais a nível de idéias que da prática. Quando colocado em prática, enquanto fenômeno que proporciona uma nova distribuição do trabalho doméstico, gera atritos entre o casal e ocorre um enquadramento social que reduz a esfera de ação paterna à criação dos filhos, ou seja, há um estranhamento da sociedade em relação à nova paternidade.

Ainda foi possível observar que, no cotidiano, a paternidade está mais ligada a atividades periódicas, já a maternidade está ligada tanto a atividades diárias quanto periódicas.

Por outro lado, para os pais menos participativos, os conflitos no casamento estão mais relacionados aos problemas econômicos, a regras educacionais implementadas pela esposa e associados a uma distância entre os cônjuges, havendo uma percepção desses entrevistados de que as falhas estão nas esposas (fazem gastos indevidos; não são econômicas; não se dedicam à criação dos filhos). Já para os pais mais participativos, os conflitos são vividos quanto aos critérios de divisão do trabalho doméstico e associados a uma proximidade entre os cônjuges.

Existe forte influência das representações associadas à família de origem para a delimitação da identidade paterna e cobranças dos papéis maternos das esposas. As relações de gênero encontradas remetem a uma identidade feminina que, nas representações da maternidade, está associada à sutileza, ao detalhismo, à percepção aguçada. A identidade masculina está associada a representações da paternidade em que existe rigidez, falta de paciência e compreensão para com os filhos.

Em resumo, os dados ora pesquisados apontam para uma mudança social que se manifesta, numa minoria de pais de alunos de uma escola alternativa do Recife, mais a nível das idéias que da prática. A **nova paternidade** problematiza a participação masculina no trabalho doméstico e parece significar uma mudança na dimensão afetiva masculina, além de representar uma requisição do mundo moderno, onde a mulher participa cada vez mais do mundo do trabalho (fora de casa).

Os achados se restringem às camadas médias modernas de uma escola alternativa do Recife. São necessários novos estudos que venham ampliar a pesquisa da participação masculina no trabalho doméstico para outras camadas sociais, bem como incluam a percepção feminina do trabalho

profissional e das atividades cotidianas (vide nota 2, capítulo VI) e, também, as representações infantis sobre a maternidade e a paternidade. Estas últimas, apresentam-se como área ainda pouco explorada mas sua relevância é fundamental.

Também existem outros matizes para o estudo deste fenômeno. A menor participação masculina na esfera doméstica e a preferência masculina por atividades de criação de filhos - que aparece como área menos problemática para mudanças, na presente dissertação - são conclusões convergentes desse e de outros estudos, direta ou indiretamente relacionados ao tema da nova paternidade. Essas conclusões não invalidam, ao contrário, reforçam a existência de diferenças quanto ao grau de participação masculina no trabalho doméstico e, também, quanto às razões e justificativas masculinas para a sua menor participação nesse trabalho que remetem a questões regionais, econômicas, profissionais, de local de moradia. Portanto, essas diferenças merecem ser exploradas para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Apesar de ter me pautado na maior proximidade física entre pais e filhos como sinônimo de uma melhora na qualidade da relação paternal, só seria possível constatar sua real existência se fossem explorados aspectos relacionados à questão da educação dos filhos, pois "o simples fato de passarem um certo tempo juntos não garante um bom relacionamento entre pais e filhos, assim como o fato de colocar-se um homem e uma mulher para viver na mesma casa e dormir na mesma cama também não garante um bom casamento. O que importa é o modo como as pessoas se relacionam" (Wallerstein & Blakeslee, 1991: 364). Assim, esta área, ou seja, a relação que se estabelece entre pais e filhos, surge como um campo de investigação necessário.

Também ficou patente uma ligação entre novas práticas masculinas e mudanças de padrões afetivos vivenciados na infância e adolescência, mas os dados obtidos não permitem chegar a muitas conclusões a esse respeito.

Foi interessante verificar que o processo de preparação das festas de aniversário parece atualizar imagens de representações paternas e maternas que estão descontextualizadas da prática cotidiana, envolvendo uma rede familiar ampla, além do pai e da mãe. Por isso, a preparação de festas de aniversários apareceu como outro campo fértil para futuras investigações sobre mecanismos de reprodução social.

Isso também é válido para a questão dos brinquedos e brincadeiras infantis que apareceram como importantes mecanismos de atualização das representações tradicionais, devido à manipulação de objetos e o estabelecimento de regras por gênero.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABERASTURY & SALAS. 1991. **A Paternidade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 3^a. ed.
- ABREU FILHO. 1982. "Parentesco e identidade social". **Anuário Antropológico/80**. Fortaleza / Rio de Janeiro, Editora da UFCE (Universidade Federal do Ceará)/Tempo Brasileiro, pp. 95 - 118.
- ADORNO, T. W. e HOKHEIMER, M. 1987. "Sociologia da família". In: CANEVACCI, M. **Dialética da família**. São Paulo, Brasiliense, pp.213-222.
- AGUIAR, N. 1981a. "A Mulher na força de trabalho: um balanço de perspectivas". In: RODRIGUES, Leôncio Martins e outros. **Trabalho e cultura no Brasil**. Brasília, ANPPCS/CNPq (coordenação editorial), pp. 135-155.
- _____. 1981b. "Guia exploratório para a compreensão do trabalho feminino". In: RODRIGUES, Leôncio Martins e outros. **Trabalho e cultura no Brasil**, Brasília, ANPPCS/CNPq (coordenação editorial), pp. 228-242.

- ALBERNAZ, L. S. F. 1994. **Sindicalismo e gênero**. Recife, mimeo, Trabalho de Conclusão da Disciplina "Sociologia do Trabalho I: Sindicalismo e Sociedade no Brasil", Mestrado em Antropologia - UFPE(Universidade Federal de Pernambuco).
- ALMEIDA, M. C. L. 1988. **Em Busca da igualdade**: um estudo de casais de camadas médias urbanas no Recife. Recife, Tese de Mestrado em Antropologia Cultural - UFPE.
- ALMEIDA, M. I. M. 1987. "A "Nova maternidade": uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família". In: FIGUEIRA, S. A. **Uma nova família?**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, pp.55 - 67.
- ARAÚJO, K. M. 1994. **Família e espaço Público**: organização doméstica e conflito na reprodução de grupos pertencentes às camadas médias recifenses. Recife, Tese de Mestrado em Antropologia Cultural - UFPE.
- ARIÈS, P. 1981. **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.
- ARRUDA, A. M. S. 1984. "Livre Escolha da Maternidade: Pressões e Representações". **Ciência e Cultura**, supl. Resumos da SBPC, 36(7).
- BADINTER, E. 1986a. **Um amor conquistado**: o Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 5^a ed.
- _____. 1986b. **Um é o outro**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BARBOZA, H. H. 1993. **A filiação em face da inseminação artificial e da fertilização "in vitro"**. Rio de Janeiro, Renovar.
- BERGER e LUCKMANN. 1993. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 10^a. edição.
- BOTT, E. 1976. **Família e rede social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BOURDIEU, P. 1983a. "O campo científico". In: Ortiz, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo, Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, n^o. 39, pp. 122-155.
- _____. 1983b. "Esboço de uma teoria da prática". In: Ortiz, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo, Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, n^o. 39, pp. 46-81.
- _____. 1983c. "Gostos de classe e estilos de vida". In: Ortiz, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo, Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, n^o. 39, pp. 82-121.
- _____. 1993. "*À propos de la famille comme catégorie réalisée*". **Actes de la recherche en sciences sociales**. N^o. 100, decembre: 32-36.
- BRUSCHINI, M. C. A. 1990. **Mulher, casa e família**. São Paulo, Vértice/ Editora Revista dos Tribunais.

- _____. 1992. "O Uso das abordagens quantitativas em pesquisas sobre relações de gênero". In: COSTA, O. C. e BRUSCHINI, C. **Uma Questão de gênero**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas, pp. 289-309.
- _____. 1994. "O Trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes". In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, nº. especial, jul/dez: 179-199.
- CAPRA, F. 1995. **O Ponto de mutação**. São Paulo, Cultrix, 17ª ed.
- CASTRO, M. G. 1992. "O conceito de gênero e a análise sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos". **Caderno CRH**(17): 80-105, Salvador.
- CHODOROW, N. 1978. **Psicanálise da maternidade**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- CICOUREL, A. 1990. "Teoria e método em pesquisa de campo". In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (seleção, introdução e revisão técnica). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 3ª ed., pp. 87-121.
- CORREIA, M. 1988. **Rural, Urbano, Tribal: antropologia e família**. Mimeo, Trabalho apresentado no (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), Águas de São Pedro.
- CYRULNIK, B. 1995. **Os Alimentos do afeto**. São Paulo, Ática.
- DAUSTER, T. 1987. "A Invenção do amor: amor, sexo e família em camadas medias urbanas". In: FIGUEIRA, S. **Uma Nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, pp. 99 - 112.
- _____. 1988. "A Experiência obrigatória. Uma Interpretação sobre a maternidade fora do casamento em camadas médias urbanas". **Boletim do Museu Nacional**, nº 59, Rio de Janeiro.
- _____. 1992. Sangue e amor: metáforas instituintes da família em camadas médias urbanas. **Comunicações PPGAS**, nº 1: 99 - 107, Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- DEMO, P. 1995. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo, Atlas, 3ª ed.
- DIAS, M. O. L. S. 1992. "Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano". In: BRUSCHINI, C. e COSTA, A. O. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro / São Paulo, Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas, pp. 39-53.
- DONZELOT, J. 1986. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro, Graal, segunda edição.
- DURHAM, E. R. 1983. "Família e reprodução humana". In: FRANCHETTO, B., CAVALCANTI, M. L. V. C., HEILBORN, M. L. **Perspectivas antropológicas da mulher**. V. 3, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 13 - 44.

- _____. 1988. "A Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, R. (org.). **A Aventura antropológica**. São Paulo, Paz e Terra, pp. 17-37.
- ECO, H. 1988. **Como se faz uma tese**, São Paulo, Perspectiva.
- FELDMAN-BIANCO, B. 1987. Introdução. In: FELDMAN-BIANCO, B. (introdução e org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo, Global, pp. 7-45.
- FERRAND, M. 1989a. **Reflexões metodológicas sobre uma abordagem em termos de relações sociais de sexo**. Mimeo, GT Mulher na Força de Trabalho, XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú.
- _____. 1989b. **Relações sociais de sexo, maternidade e paternidade**. Mimeo, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero.
- FIGUEIRA, S. A. 1985. "Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil". In : FIGUEIRA, S. A. e cols. **Cultura da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, pp. 142 -146.
- _____. 1987. "O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social". In: FIGUEIRA (org.). **Uma Nova família?** o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 11-30.
- FOUCAULT, M. 1990. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 9ª ed.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. 1994. "Forma de Família e Socialização: novos desafios". **Estudos feministas**. Rio de Janeiro, nº especial, jul/dez: 336-346.
- FRAISSE, G. 1995. "Entre igualdade e liberdade". **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, vol. 3, nº 1, jan/jun: 164-161.
- GADOTTI, M. 1989. **Dialética do amor paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças**. São Paulo, Cortez\ Autores Associados, 5ª ed.
- GEERTZ, C. 1978. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar.
- GUEDES, L. C. C. 1991. **O que os homens fazem e pensam sobre sexo** (um estudo sociológico sobre a influência da idade e do estrato social na sexualidade do homem recifense). Recife, Tese de Mestrado em Sociologia - UFPE.
- GIULIANI, P. C. 1984. Condição de trabalho industrial e direito à maternidade. **Ciência e Cultura**. supl. Resumos da SBPC, 36 (7).
- GODELIER, M. 1981. "A Parte Ideal do Real". In: CARVALHO, E. A. **Godelier: antropologia**. São Paulo, Ática, pp. 185-203.
- GOFFMAN, N. E. 1989. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes.

- GOLDANI, A. M. 1993. As Famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Cadernos Pagu**. São Paulo, UNICAMP (Universidade de Campinas-SP), Nº. 1.
- _____. 1994. "Retratos de família em tempos de crise". **Estudos feministas**. Rio de Janeiro, nº especial, jul/dez: 303-335.
- GOLDEMBERG, M. 1991. **Ser Homem, ser mulher**. Dentro e Fora do Casamento. Rio de Janeiro, Reran.
- GOODE, W. J. & HATT, P. K. 1979. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, ed. Nacional.
- HAGUETTE, T. M. F. 1987. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes.
- HEILBORN, M. L. 1992. "Fazendo gênero? a antropologia da mulher no Brasil". In: BRUSCHINI, C. e COSTA, A. O. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro\ São Paulo, Rosa dos Tempos \ Fundação Carlos Chagas, pp. 93-126.
- HELLER, A. 1992. **O Cotidiano e a história**. São Paulo, Paz e Terra, 4ª ed.
- HOFFNAGEL, J. C. 1988. "Linguagem, família e relações de poder". In: MOTTA, Alda Britto da; HOFFNAGEL, Judith Chambliss e outros. **Seminário Nordeste, O Que Há de Novo?** Natal, pp. 25-32.
- JELIN, E. 1995. "*Família y género: notas para el debate*". **Estudos feministas**. Rio de Janeiro, vol. 3, nº 2, jul/dez: 394-403.
- LEVI-STRAUSS, C. 1972. "A Família", in: SHAPIRO, H. (org.). **Homem, cultura e sociedade**. Lisboa-Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 2ª ed., pp. 308-333.
- _____. 1976. **As Estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis/São Paulo, Vozes / Editora da USP.
- LISBOA, M. R. A. 1988. **A Sagrada família**: um estudo sobre o significado do gênero em casais católicos de camadas médias. Boletim de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, nº 49: 01-20.
- LO BIANCO, A. C. 1985. "A Psicologização do feto". In: FIGUEIRA, S. A. e Cols. **Cultura da Psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, pp. 94 - 115.
- LUZ, M. T. O. 1982. "Lar e a maternidade: instituições políticas". In: LUZ, M. T. e Cols. **O Lugar da mulher**. Rio de Janeiro, Graal, pp. 9 - 31.
- MAGNANI, J. G. C. 1988. "Discurso e representação, ou de como os Baloma de Keriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas". In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura Antropológica**. São Paulo, Paz e Terra, 2a. ed., pp. 127 - 140.

- MALINOWSKI, B. 1990. "Objeto, método e alcance desta pesquisa". In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (seleção, introdução e revisão técnica). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 3ª ed., pp. 87-121.
- MAYER, A. C. 1987. "A Importância dos quase-grupos no estudo das sociedades complexas". In: FELDMAN-BIANCO, B. (introdução e org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo, Global, pp. 127-158.
- MEILLASSOUX, C. 1976. **Mulheres, celeiros e capitais**. Porto, Afrontamento.
- MENDES-LEITE, R. 1993. "Des Vicissitudes d'etre um Authentique Macho". **Cahiers de L'imaginaire**. 9, nº 9:23 - 38 - *Les frontieres de l'imaginaire*, Paris, l'Harmattan.
- MORGAN, D. H. 1992. **Discovering Men**. London and New York, Routledge.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. "Mal estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos". In: FIGUEIRA, S. A. et al. **Cultura da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 147 - 168.
- NOGUEIRA, Ma. Aparecida L. 1993. **A Questão de gênero e a antropologia do imaginário**. Mimeo, Recife, UFPE.
- NOLASCO, S. 1993. **O Mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, Rocco.
- NOVELINO, A. M. 1988. "Maternidade: um perfil idealizado". **Cadernos de Pesquisa**. Nº 65, São Paulo, maio: 21 - 29.
- OLIVEN, R. G. 1985. **A Antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, Vozes.
- ORTIZ, R. "Introdução". In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo, Ática, col. Grandes Cientistas Sociais, nº 39, pp. 7-36.
- PARSONS, T. 1967. **Ensayos de la teoria sociológica**. Buenos Aires, Ed. Paidós.
- QUADROS, M. T. 1990. **Mãe solteira: vivências**. Recife, Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais - UFPE.
- ROAZZI, A.; TEIXEIRA, A. C. e CORDEIRO, C. J. A. 1995. **A representação da participação masculina no âmbito doméstico: investigação sobre a distribuição de atividades domésticas entre casais em famílias de nível sócio-econômico baixo**. Trabalho apresentado na XXV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, 25 a 29 de outubro.
- RODRIGUES, A. M. 1989. "Práticas e representações de pequenos funcionários públicos de São Paulo". **RCBS** (Revista Brasileira de Ciências Sociais), nº 4, outubro: 85-103.
- RODRIGUES, G. C. 1993. **O Dilema da maternidade**. São Paulo, Tese de Doutorado em Ciências Sociais - PUC (Pontifícia Universidade Católica).

- ROMANELLI, G. 1991. "Mudanças e transição em famílias de camadas médias". **Travessia**. janeiro-abril: 32 - 34.
- ROMANO, J. O. 1987. As Mediações na produção das práticas. In: RIBEIRO, I. **Família e valores**. São Paulo, Loyola, pp. 43 - 84.
- RUBIN, G. 1993. **O Tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política do sexo. Recife, S.O. S. Corpo.
- SAFFIOTI, H. I. B. 1979. **A Mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 2^a ed.
- _____. 1987. **O Poder do macho**. São Paulo, Moderna.
- _____. 1992. "Rearticulando gênero e classe social". In: BRUSCHINI, C. e COSTA, A. O. **Uma Questão de gênero**, Rio de Janeiro/ São Paulo, Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas, pp. 183 - 215.
- _____. 1994. "Violência de gênero no Brasil contemporâneo". In: SAFFIOTI, H. I. B & MUÑOZ-VARGAS, M.(orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro/Brasília, Rosa dos Tempos/ NIPAS/ UNICEF, pp. 151-186.
- SALEM, T. A. 1980. **O Velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes.
- _____. 1981. "MULHERES FAVELADAS: com a venda nos olhos". In: FRANCHETTO, B., CAVALCANTI, M. L. V. C., HEILBORN, M. L. (diretoras da coleção). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro, Zahar, n^o 1, pp. 49 a 99.
- _____. 1985a. "A Trajetória do casal grávido: de sua constituição à revisão de seu projeto". In: FIGUEIRA, S. A. **Cultura da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, pp. 35 - 61.
- _____. 1985b. "Família de camadas médias: uma revisão da literatura recente". **Boletim do Museu Nacional**, n^o 54, Rio de Janeiro.
- SALOMON, D. V. 19979. **Como fazer uma monografia**: elementos de metodologia do trabalho científico. Belo Horizonte, Interlivros, 6^a ed.
- SCAVONE, L. 1985. "As Múltiplas faces da maternidade". **Cadernos de pesquisa**. N^o 54, São Paulo, agosto:37 - 49.
- SCHUTZ, A. 1972. **Fenomenologia del mundo social**. Buenos Aires, Editorial Paidós.
- SCOTT, J. 1993. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Recife, S.O.S. Corpo.
- SCOTT, R. P. 1988. "Comparáveis ou incomparáveis? família de trabalhadores rurais, pobres urbanos e classe média". In: MOTTA, Alda Britto da; HOFFNAGEL, Judith Chambliss e outros. **Seminário Nordeste, O Que Há de Novo?** Natal, pp. 45 - 56.

- _____. 1990. "O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico". **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Cortez/ Fundação Carlos Chagas, nº 73, maio: 38 - 47.
- _____. 1993. **A Etnografia da família de camadas médias urbanas e pobres urbanos: trabalho, poder e a inversão do público e do privado**. Trabalho Apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxias do Sul.
- SEVERINO, A. J. 1986. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 14ª ed. rev. e ampl.
- SIQUEIRA, D. e BANDEIRA, L. 1988. "A Construção do tempo feminino: a (im)possibilidade do extraordinário". In: MOTTA, Alda Britto da; HOFFNAGEL, Judith Chambliss e outros. **Seminário Nordeste, O Que Há de Novo?** Natal, pp. 135 - 146.
- SOARES, B. M. 1989. "Novas perspectivas no relacionamento amoroso". **Ciência hoje**. V. 10, nº 58, Rio de Janeiro, outubro: 62 - 65.
- SORJ, B. 1992. "O Feminismo na encruzilhada da modernidade". In: BRUSCHINI, C. e COSTA, A. O. **Uma Questão de gênero**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas, pp. 15-23.
- VAINFAS, R. 1986a. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo, Ática.
- _____. 1986b. **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, pp. 41-66.
- VELHO, G. 1985. "A Busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas". In: FIGUEIRA, S. (org.). **Cultura da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, pp. 169-177.
- _____. 1986. **Subjetividade e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. 1987. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2ª ed.
- VIGOTSKY, L. S. s/d. **A Formação social da mente**.
- WALLERSTEIN, J. S. & BLAKESLEE, S. 1991. **Sonhos e realidade no divórcio**. São Paulo, Saraiva.
- WHITAKER, D. 1990. **Mulher & homem: o mito da desigualdade**. São Paulo, Moderna, 4ª ed., Coleção Polêmica.
- ZAGORY, T. 1993. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. Rio de Janeiro, Record.

ANEXOS

ANEXO 1:
QUESTIONÁRIO

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA*

Recife, outubro de 1994.

Prezado Sr.

Gostaria de contar com a sua colaboração para o preenchimento deste questionário. É a primeira fase da pesquisa que estou realizando para a dissertação de mestrado.

O objetivo central é verificar o que o pai e a mãe desenvolvem como atividades cotidianas com relação a criação dos filhos, na faixa de idade de 2 a 7 anos. Nesse sentido, peço que o questionário seja preenchido individualmente pelo pai.

Tendo em vista o número de responsabilidades diárias que o pai e a mãe possuem fora de casa no desempenho de atividades profissionais, tanto em casais que estão juntos quanto entre os separados, este tema torna-se importante, principalmente no que se refere a esta faixa de idade específica.

Este questionário possui 4 seções. Ao todo, possui 30 questões e você irá responder, no mínimo, 20 questões ou, no máximo, todas elas. O tempo médio de preenchimento é de 40 minutos.

As perguntas versam sobre situação conjugal, atividades domésticas e de criação dos filhos. São perguntas de respostas simples e diretas. Nas perguntas quantitativas (quanto?; qual a quantidade?; etc), se a resposta for nenhum ou nenhuma, por favor escreva o número "0" ou coloque um traço em cima da linha (----), pois se você deixar em branco não vou saber se leu a pergunta.

As informações contidas neste questionário são confidenciais e não será divulgado, no resultado da pesquisa, dado algum que possa lhe identificar.

É importante que você preencha o questionário sozinho, sem ajuda de sua esposa ou companheira ou qualquer outra pessoa.

Ao terminar o preenchimento, por gentileza, coloque o questionário no envelope e lacre com a etiqueta auto-adesiva azul com o nome "CONFIDENCIAL", que segue acima.

OS QUESTIONÁRIOS PREENCHIDOS DEVERÃO SER LACRADOS E ENVIADOS NOVAMENTE PARA A PROFESSORA DE SEU(SUA) FILHO(A) NO PRAZO MÁXIMO DE UMA SEMANA OU ENTREGUES A MIM NO HORÁRIO DE CHEGADA E SAÍDA DA ESCOLA.

Qualquer observação ou comentário sobre este formulário será bem vinda.

ATENÇÃO - Após preencher o questionário, por favor, responda:

VOCÊ TEM DISPONIBILIDADE PARA SER ENTREVISTADO? () NÃO () SIM.

QUAL O TELEFONE PARA CONTATO? _____

(As entrevistas têm uma hora de duração, em média)

Agradeço antecipadamente a sua colaboração,

Marion Teodósio de Quadros,
Mestranda em Antropologia.

SEÇÃO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.

1 - Nome: _____ 2 -
Idade: _____

3 - Você se considera: () Negro () Branco () Mestiço

4 - Quantas ocupações ou trabalhos remunerados você exerce? _____

5 - Destes, quantos você exerce em sua própria residência? _____

6 - Quanto tempo, em horas, em média você despende por dia para o exercício de trabalho remunerado fora de sua residência? _____

7 - qual o último grau de instrução que você completou? () 1° grau () 3° grau
() 2° grau () Mestrado
() 2° grau com formação técnica () Doutorado

8 - Em que curso(s) profissional(s) você formou-se? _____

9 - Qual a sua renda mensal média em salários mínimos? () Até 3 SM () De 10,1 a 20 SM
() De 3,1 a 5 SM () Mais de 20 SM
() De 5,1 a 10 SM

10 - Atualmente, quantas pessoas moram com você na mesma residência e qual o grau de parentesco de cada uma delas em relação a sua pessoa?

() Esposa

() Filho(s) com idade menor que 2 anos. Quantos? _____

() Filho(s) com idade maior que 7 anos. Quantos? _____

() Filho(s) com idade entre 2 e 7 anos. Quantos? _____

() Outros parentes. Quais? _____

11 - Quantas empregadas domésticas existem em sua residência? _____

12 - Existe empregada doméstica que dorme em sua residência? () Não () Sim

SEÇÃO 2: PARA TODAS AS PESSOAS. QUESTÕES 13 A 16.

<i>Orientar como e o que cozinhar</i>	()	()	()	()	()	()	()
<i>Arrumar a casa</i>	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar a arrumação da casa</i>	()	()	()	()	()	()	()

<i>ATIVIDADES:</i>	PESSOA:							
	EMPREGADA				OUTRO: _____ (PARENTESCO)			
	FREQUÊNCIA:				FREQUÊNCIA:			
	TODOS OS DIAS:	FINS DE SEMANA:	ÀS VEZES	NUNCA:	TODOS OS DIAS:	FINS DE SEMANA:	À S VEZES:	NUNCA:
<i>Dar o banho</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Trocar a roupa</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar a roupa que deve vestir</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Preparar as refeições</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar o que deve comer</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Transportar para a escola</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar os estudos</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Fazer atividades de lazer</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Colocar para dormir</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Lavar ou colocar as roupas na máquina</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar como lavar as roupas</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Cozinhar ou preparar alimentos</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar como e o que cozinhar</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Arrumar a casa</i>	()	()	()	()	()	()	()	()
<i>Orientar a arrumação da casa</i>	()	()	()	()	()	()	()	()

TABELA 3: esta tabela contém atividades referentes às crianças (itens 1 a 9). **Você irá preenchê-la de acordo com as atividades desempenhadas pelo seu filho mais novo, acima de 2 anos e que reside com você.**

<i>ATIVIDADES:</i>	PESSOA:			
	A PRÓPRIA CRIANÇA			
	FREQUÊNCIA:			
	TODOS OS DIAS:	FINS DE SEMANA:	ÀS VEZES	NUNCA:

<i>1. Dar o banho</i>	()	()	()	()
<i>2. Trocar a roupa</i>	()	()	()	()
<i>3. Orientar a roupa que deve vestir</i>	()	()	()	()
<i>4. Preparar as refeições</i>	()	()	()	()
<i>5. Orientar o que deve comer</i>	()	()	()	()
<i>6. Transportar para a escola</i>	()	()	()	()
<i>7. Orientar os estudos</i>	()	()	()	()
<i>8. Fazer atividades de lazer</i>	()	()	()	()
<i>9. Colocar para dormir</i>	()	()	()	()

V - A criança a que se refere nesta questão desempenha alguma(s) das atividades contidas nos itens 10 a 15? () Não; () Sim.

VI - Se sim, quais e com que frequência (todos os dias, fins de semana, às vezes, nunca)?

VII - Você poderia escrever algo sobre como vocês decidem quem faz o que nas atividades domésticas e referentes à(s) criança(s)?

14 - Se você possui filho(s) que tenha(am) de 2 a 7 anos e não resida(am) com com você, poderia escrever um pouco sobre a rotina que vocês têm quando estão juntos (veja as atividades contidas nos itens 1 a 15 da tabels anterior e responda baseando-se nelas) ?

15 - Preencha os retângulos da tabela abaixo com o número correspondente ao grau de parentesco da(s) pessoa(s) que desempenha(m) as atribuições contidas na mesma. Os retângulos devem ser preenchidos com mais de um número caso haja mais de uma pessoa desempenhando a atribuição. Se a mesma pessoa desempenha as duas atribuições coloque o número correspondente ao grau de parentesco dela em ambas. Caso haja alguma(s) pessoa(s) envolvida(s) nessas atribuições cujo grau de parentesco não conste nos números 1 a 12, preencha as linhas 13 e 14.

PESSOAS (segundo o grau de parentesco)

---1-PAI(EGO)
2 - MÃE
3 - AVÔ MATERNO
4 - AVÓ MATERNA
5 - AVÔ PATERNO
6 - AVÓ PATERNA
7 - TIO- irmão da mãe
8 -TIA - irmã da mãe
9 - TIO - irmão do pai
10 -TIA- irmã do pai
11 - PADRINHO
12 - MADRINHA
13
- _____
14
- _____

	ATRIBUIÇÕES:	
	Pessoa(s) que faz(em) os pagamentos	Pessoa(s) que dá(ão) o dinheiro
MENSALIDADES:		
Contas de luz/água		
Aluguel/prestação da residência		
Escola das crianças		
Transporte da(s) criança(s)		

	Pessoa(s) que faz(em) as compras	Pessoa(s) que dá(ão) o dinheiro
COMPRAS:		
Alimentação		
Roupas e calçados das crianças		
Compra de roupas de cama/mesa/banho		

Se você deseja acrescentar algo sobre as responsabilidades financeiras utilize as linhas abaixo:

16 - Quais as atividades de lazer (passeios, jogos, histórias, brincadeiras, etc.), de alimentação, de higiene, de esporte ou mesmo de dever de casa que você mais gosta de fazer com seus filhos? Quais os locais preferidos das atividades citadas? Por que gosta?

ATIVIDADES:	LOCAL:	POR QUE GOSTA?
1 - _____ _____	_____	_____
_____	_____	_____
2 - _____ _____	_____	_____
3 - _____ _____	_____	_____

SEÇÃO 3: SE VOCÊ ESTÁ VIVENDO COM ESPOSA OU COMPANHEIRA RESPONDA AS QUESTÕES

17 A 27.

17 - Sua esposa ou companheira é considerada: () Negra () Branca () Mestiça

18 - Quantas ocupações ou trabalhos remunerados sua esposa exerce? _____

29. B - Quais as idades deles(as)?

29. C - Quantos dias por mês estes filhos passam na casa de sua(s) mãe(s)?

29. D - Quais são estes dias na semana?

30. A - Quantos filhos de união(ões) conjugal (is) desfeita(s) ou fora dela(s) moram com a(s) mãe(s)? _____

Se nenhum mora com a mãe, você acabou de responder este questionário. Obrigada.

Se algum mora com a mãe, responda os itens B a D. Obrigada.

30. B - Quais as idades deles(as)?

30. C - Quantos dias por mês estes filhos passam na sua casa?

30. D - Quais são estes dias na semana?

ANEXO 2:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados sócio-econômicos:

Ocupação: Como se deu a escolha profissional;

Quando formou-se (se) estava casado, noivo, namorando com a mãe dos seus filhos;

Situação conjugal e o nascimento dos filhos: como se deu a decisão do casamento, existência de outro (s) casamento (s), planejou ou não, ter filhos;

Casa:

Como é sua casa;

O que se costuma fazer na rotina com os filhos;

Atividades domésticas e de criação dos Filhos:

Como é a rotina de um dia útil, da semana;

Como é a rotina de um dia de fim de semana;

Quais os procedimentos básicos das atividades de rotina (se não tiver elucidado nos pontos levantados acima);

Responsabilidades financeiras e consumo:

Quem faz as compras e que compras (alimentação, roupa da casa e das pessoas, etc);:

Como administram:

- presentes infantis,
- o uso da televisão pelas crianças,
- festas de aniversário,
- livros;

Relacionamento:

Como é o relacionamento pai/filho e mãe/filho?

Você consegue estabelecer diferenças?

Quais as semelhanças e as diferenças que você vê entre pai e mãe?

O que você deseja para o futuro do seu filho?

Lembre de algum fato ou acontecimento marcante em relação ao seu filho(s) ;

Infância do pai:

Lembranças da rotina da casa dos pais e da criação dos filhos, quando era criança;
Um pouco da história dos pais em relação a:

Como vê a criação que eles lhe deram?

Vida profissional, casamento e filhos dos genitores;

Algum fato marcante relacionado a sua mãe;

Algum fato marcante relacionado ao seu pai;

Separação:

Se você fosse separado, como imagina que administraria o cotidiano dos filhos?

Você tem amigos ou amigas separadas?

Como você vê a administração que eles fazem do cotidiano dos filhos?